

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNO VINÍCIUS NASCIMENTO DE OLIVEIRA

“A MESOPOTÂMIA ENCANTADA”: UM DISCURSO SOBRE FOZ DO IGUAÇU E
SUA COMUNIDADE ÁRABE NO PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001

CURITIBA
2015

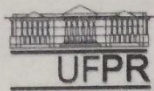
BRUNO VINÍCIUS NASCIMENTO DE OLIVEIRA

“A MESOPOTÂMIA ENCANTADA”: UM DISCURSO SOBRE FOZ DO IGUAÇU E
SUA COMUNIDADE ÁRABE NO PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Sociologia, no
Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes
Co-orientador: Prof. Dr. Márcio S. B. S. de Oliveira

CURITIBA
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após argüir o candidato **Bruno Vinícius Nascimento de Oliveira**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "A MESOPOTÂMIA ENCANTADA: UM DISCURSO SOBRE FOZ DO IGUAÇU E SUA COMUNIDADE ÁRABE NO PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001" é de parecer favorável à Aprovação da acadêmica, habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa linha de pesquisa "Cidadania e Estado" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 30 de março de 2015.

Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira

Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno

Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes
Orientador e presidente da banca examinadora

Dedico este trabalho especialmente àquele que meus passos já os acompanha de longe, Antônio, meu pai e meu modelo de conduta;

Também o dedico à minha mãe, Rita, a flor que perfuma minha vida e colore meus dias, cujo riso fácil foi a força que moveu meus pés;

Ao meu irmão, Marcos, cuja capacidade de silenciar e, ainda assim, dizer tudo, sempre me foram motivos da mais terna admiração;

E à irmã do coração, Leila, pelo ombro amigo sempre disponível e pela incrível capacidade de segurar minha mão e me fazer sentir forte.

AGRADECIMENTOS

É com a garganta embargada por um choro que teima em sair que inicio meus agradecimentos, talvez a parte que eu mais tenha esperado de todo este trabalho – o momento em que, mesmo que por meio de palavras que ficarão guardadas em uma biblioteca, poderei expressar minha gratidão a todos aqueles que participaram deste momento tão singular e tão importante de minha vida.

Sei que muitos torcerão o nariz ao ler o que vem a seguir, mas meu primeiro agradecimento se dirige a Deus. Acredito que Deus não é somente uma crença, mas aquilo que perseguimos e seguimos durante toda nossa vida. Para alguns, é a ciência; para outros, o amor. Para outros tantos, talvez o dinheiro. Ao meu, que em meu íntimo me faz sentir a completude, agradeço as oportunidades e os caminhos abertos, bem como a capacidade de poder aceitar os desafios que tanto me fizeram crescer. Mas, além disso tudo, agradeço por fazer desabrochar em meu peito o amor que me põe em marcha.

Agradeço também ao homem que, em sua simplicidade e singeleza, provou-se sempre de uma grandeza e de um caráter que encontrei em poucos que cruzaram meu caminho. Agradeço àquele cujas mãos quase mágicas – e eu acho que de fato havia certa magia – preparava os mais deliciosos e requintados pratos que serviam às mais opulentas e privilegiadas pessoas, mas que nunca deixou de voltar ao lar para comer o simples arroz e feijão nosso de cada dia. Que preferia, em lugar das trufas e risotos e o que mais viesse de muito longe, ao alcance de seus dedos e de sua boca, nada mais e nada menos que uma boa comida caseira, simples e bem temperada. Pai, se estou aqui hoje, o principal responsável é você. Obrigado do lugar mais profundo do meu coração!

Também não posso deixar de agradecer à mulher que segurou-me no colo há muitos dias atrás, e hoje mantém firme minha mão. A quem beijo a fronte na esperança de transmitir o que dentro de mim grita: “Te amo mais profundamente e mais que tudo em toda a minha vida!”. A quem, sem dizer, olho e cuido com zelo e esmero, por saber que o mesmo fez por mim, e faria de novo se fosse possível. Mãe, você é a pessoa mais incrível que conheço, e eu te admiro por sua força e honestidade. Obrigado por, ao lado de meu pai, ter me proporcionado todas as oportunidades com que hoje me deparo.

Ao meu irmão, Marcos, meu amigo de todas as horas, a quem sempre olho com o carinho e o sentimento de proteção típico dos que nasceram antes. Obrigado por ter sido meu companheiro nas horas que mais necessitei. Obrigado por saber ouvir minhas palavras, compreender minhas diferenças, e ainda assim abraçar-me como se nada mais existisse ao redor. De todas as suas qualidades, a que mais admiro é o respeito e a tolerância. Obrigado pelo prazer de compartilhar minha vida e minhas vitórias.

À querida irmã de coração, Leila, que nos momentos em que mais necessitei, segurou minha mão e disse: “Estou contigo”. Que, quando um grito unânime julgava conhecer-me, equivocando-se, olhou em meus olhos e reconheceu o que de mais profundo e mais sincero havia em minha alma. Por esse olhar

perspicaz, por essa doçura e por esse companheirismo, eu te admiro e reservo um local muito especial em meu coração. Saiba que nunca vou esquecer seus gestos de carinho. Muitíssimo obrigado!

Aos professores Pedro Rodolfo Bodê de Moraes e Marcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira, por me proporcionarem a oportunidade do estudo e abrirem as portas da instituição para que eu pudesse desenvolver um projeto de pesquisa sob suas orientações. Aos dois, devo meus mais sinceros agradecimentos no que se refere ao auxílio na condução da pesquisa e na orientação dos pensamentos que muitas vezes voam soltos.

Ao professor Douglas de Toledo Piza, sem cujo concurso nada disso seria possível. Obrigado por ter sido a mão que me estendeu ajuda em meus primeiros passos em direção aos meus sonhos. Se estou aqui hoje, boa parte da culpa é sua! Obrigado por acreditar em meu potencial e na minha capacidade!

À professora Patrícia Regina Cenci Queiroz, por todas as oportunidades oferecidas e pelo criterioso olho que prestou auxílio a este iniciante na arte de pensar. Muito obrigado por me incentivar nessa jornada que vai chegando ao seu fim, serei eternamente grato por tudo que já fez por mim!

Ao senhor Rosalvo Tavares, diretor do Jornal *A Gazeta do Iguaçu*, pela gentileza de haver disponibilizado o espaço e o acesso aos arquivos do periódico.

Aos amigos e colegas Felipe Cordeiro de Almeida e Lucas Mesquita, cuja colaboração neste trabalho foi a de justamente promover os momentos em que o autor podia deixar a escrita de lado e aproveitar alguns dos pequenos prazeres da vida. Obrigado pelo carinho e pelas lembranças que, na verdade, moram mais em *Cuba* que no Brasil, *Libre* que nos faz a todos os fronteiros iguais em nossos defeitos.

À queridíssima amiga Carolina Cravero, cuja capacidade de enxergar o belo onde muitos julgam haver somente sombras eu aprendi a admirar. Obrigado, Caro, por ter feito parte deste momento de minha vida, dois recém-chegados que éramos à terra do “puts, que frio faz nessa cidade!”. E não agradeço somente a você, agradeço à vida por ter feito com que nossos caminhos se cruzassem. Se algo valeu a pena dentro de tudo o que foi meu mestrado, esse algo foi ter te conhecido. Obrigado por existir!

À também estimada amiga Tabata Soldan, com quem compartilhei excelentes momentos de risadas e de desconstrução de mim mesmo. Obrigado por me fazer refletir não somente sobre o que eu sou, mas sobre o que as outras pessoas significam. Obrigado pelos inúmeros momentos de descontração, de revolta, de 5 à Seco, de lembranças gostosas às quais sempre retorno para matar as saudades. Obrigado por também existir e por fazer de minha passagem por sua terra um passeio doce e suave!

Aos amigos Viviane Darif, Felipe Amaral Bueno, Camila Muhl, Sandra Parra, Rolando Silva, Natalia Meza Ramírez, Ramiro Garcia e Paulo Silveira: vocês todos fizeram da minha passagem por Curitiba um caminho leve e tranquilo, mesmo nos

momentos mais pesados. Todos e cada um de vocês me fizeram valorizar cada vez mais o companheirismo e a gentileza, e eu sou muito grato por tê-los conhecido!

Aos queridos amigos intercambistas, que em um sopro de viagem, tornaram tudo mais interessante – e muito mais engraçado! Obrigado Florencia Aramburu, Alvaro Campuzano, Paula Fangio e Sergio Roskopf! Foi um prazer enorme conhecê-los!

Aos colegas de turma, que, cada um a sua maneira, foram acolhedores e gentis em todos os momentos. Muito sucesso em suas jornadas, também foi ótimo compartilhar esta trilha do mestrado com vocês!

E a todos aqueles que, por ventura, eu tenha esquecido, agradeço por terem participado deste importante momento de minha vida! Se me falha a memória, é porque o relógio já avança às cinco da manhã e o cérebro começa a faltar em suas competências essenciais – por isso também peço minhas desculpas pela grande indelicadeza!

“(…)

Contudo, o que em vós escapa ao tempo sabe que a vida também escapa ao tempo.

E sabe que ontem é, apenas, a recordação de hoje e amanhã, o sonho de hoje.

E aquilo que canta e medita em vós continua a morar dentro daquele primeiro momento em que as estrelas foram semeadas no espaço.

(…)

E não é o tempo, exatamente como o amor, indivisível e insondável?

Contudo, se em vossos pensamentos deveis dividir o tempo em estações, que cada estação envolva todas as outras estações,

E que vosso presente abrace o passado com nostalgia e o futuro com ânsia e carinho.”

O tempo

Gibran Khalil Gibran

RESUMO

A presente dissertação tem como foco compreender a maneira pela qual a comunidade árabe de Foz do Iguaçu foi retratada pelo diário local A Gazeta do Iguaçu, no período subsequente aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Como hipótese inicial, acreditava-se que os argumentos veiculados pelo meio de comunicação seriam direcionados à defesa da comunidade, isentando-a de acusações de vinculação ao financiamento do terrorismo internacional. No contexto ao qual nos detivemos, criou-se a partir dos Estados Unidos uma imagem específica da região da Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai como propícia ao crime e ao terrorismo. Tal ponto de vista foi difundido por meios de comunicação hegemônicos e internacionais, gerando diversas repercussões na zona fronteiriça, e em especial na cidade brasileira, o que motivou a análise do discurso do diário como uma resposta articulada politicamente. Com uma migração de origem árabe, e majoritariamente libanesa, que remonta à década de 1960 do século passado, a região viu-se palco de acusações e movimentos que foram extensamente noticiados pelo jornal. Chegou-se à conclusão de que não somente elaborou-se um discurso que serviu de defesa à comunidade, mas que principalmente visava isentar a cidade de qualquer acusação que pudesse prejudicá-la política e economicamente. Para tanto, primeiramente realizamos um traçado histórico da imigração árabe para a região. Em um segundo momento, ainda no viés de contextualização, remontamos o momento dos atentados, e principalmente sobre como a Tríplice Fronteira foi inserida na agenda de segurança dos Estados Unidos e como este fato se refletiu em sua reprodução enquanto notícia. Neste sentido, procedeu-se com uma revisão de literatura a partir de autores especializados nas temáticas em questão. Posteriormente, realizou-se uma análise de discurso de uma amostra de reportagens selecionadas, a partir das quais levantou-se categorias que pudessem responder ao problema de pesquisa central. Por fim, após a apreciação do material, foi realizada uma análise teórica a luz das contribuições de Mary Douglas e Reinhart Koselleck, além de outros autores como Edward Said e Erving Goffman.

Palavras-chave: Terrorismo, Foz do Iguaçu, Análise de discurso, Migração árabe.

RESÚMEN

La presente tesis tiene como objeto comprender la manera por la cual la comunidad árabe de Foz do Iguaçu fue retratada por el diario local A Gazeta do Iguaçu, en el periodo subsecuente a los atentados terroristas de 11 de septiembre del 2001. Como hipótesis inicial, se creía que los argumentos difundidos por el medio de comunicación serían direccionados a la defensa de la comunidad, eximiéndola de acusaciones de vinculación al financiamiento del terrorismo internacional. En el contexto sobre el cual nos detuvimos, se ha creado desde Estados Unidos una imagen específica de la región de la Triple Frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay como propicia al crimen y al terrorismo. Dicho punto de vista fué difundido por medios de comunicación hegemónicos e internacionales, generando una serie de repercusiones en la zona fronteriza, especialmente en la ciudad brasileña, lo que ha motivado el análisis de discurso del diario como una respuesta articulada políticamente. Con una migración de origen árabe, mayoritariamente libanesa, que remonta a la década de 1960 del siglo pasado, la región se deparó con acusaciones y movimientos que fueron extensamente noticiados por la publicación. La conclusión a que se llega es que no solamente se ha elaborado un discurso en defensa de la comunidad, sino que principalmente objetivaba exentar la ciudad de cualquier acusación que la pudiera perjudicar política y económicamente. Para alcanzar tal resultado, en primer lugar realizamos un trazado histórico de la inmigración árabe hacia la región. En un segundo momento, todavía en el esfuerzo de contextualización, remontamos el momento de los atentados, pero principalmente sobre como la Triple Frontera fue insertada en la agenda de seguridad de los Estados Unidos y como este hecho se reflejó en su reproducción en cuanto noticia. En este sentido, se ha procedido una revisión de literatura a partir de autores especializados en las temáticas en cuestión. En seguida, se ha realizado un análisis de discurso de una muestra de reportajes seleccionados, desde los cuales se ha buscado categorías que pudieran contestar al problema central de esta investigación. Por fin, después de haber apreciado el material, fue realizado un análisis teórico a la luz de las contribuciones de Mary Douglas e Reinhart Koselleck, además de otros autores Edward Said y Erving Goffman.

Palabras clave: terrorismo, Foz do Iguaçu, Análisis de discurso, Migración Árabe

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - REFERÊNCIA À CRIANÇA	64
FIGURA 2 - “COMUNIDADE ADOTOU O BRASIL PELA TOLERÂNCIA RACIAL”	108

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - <i>CORPUS</i> DE REPORTAGENS CLASSIFICADO POR CATEGORIA E MARCOS TEMPORAIS	60
TABELA 2 - AMOSTRA FINAL DE REPORTAGENS CLASSIFICADA POR TÓPICOS E MARCOS TEMPORAIS	61
TABELA 3 - CATEGORIAS LEVANTADAS A PARTIR DA ANÁLISE DAS REPORTAGENS.....	146

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	21
2.1 AS SAÍDAS DE CASA E AS CHEGADAS AO BRASIL	21
2.1.1 A imigração árabe para o Brasil	21
2.1.2 A imigração árabe para foz do iguaçu	30
2.1.3 Do pós-11 de setembro aos dias atuais	36
2.2 11 DE SETEMBRO, SEGURANÇA NACIONAL E MÍDIA: DOS ESTADOS UNIDOS PARA A TRÍPLICE FRONTEIRA	39
2.2.1 A Tríplice Fronteira na agenda de segurança norte-americana	39
2.2.2 Difusão midiática e respostas locais	47
2.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	52
3 O DISCURSO SOBRE A COMUNIDADE NA GAZETA DO IGUAÇU A PARTIR DE 11 DE SETEMBRO DE 2001	54
3.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	54
3.1.1 A Análise de discurso	54
3.1.2 Amostragem	58
3.2 ANÁLISE DAS REPORTAGENS	63
3.2.1 “Árabes rezam por vítimas do terror”, 15 de setembro de 2001	65
3.2.2 “Cerca de 40 mil pedem paz”, 12 de novembro de 2001	79
3.2.3 “Foz do iguaçu de todas as crenças”, “Dois ingleses e o oriente médio” e “A intolerância religiosa”, 16 de dezembro de 2001	86
3.2.4 “Comunidade islâmica ameniza fome em foz”, 14 e 15 de dezembro de 2002	102
3.2.5 “Árabes já se integraram aos costumes brasileiros”, 24 de dezembro de 2002	109
3.2.6 “Manifesto pela paz reúne 500 pessoas em foz”, 17 de fevereiro de 2003....	122
3.2.7 “Mil pessoas reúnem-se em abraço pela paz”, 09 de abril de 2003.....	130
3.2.8 “Um diálogo sobre a paz”, 09 de abril de 2003	137
3.2.9 “Hospitalidade da colônia árabe impressiona o ministro hariri”, 12 de junho de 2003.....	139

3.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	143
4O DISCURSO COMO RESPOSTA: ANÁLISE DAS CATEGORIAS LEVANTADAS A PARTIR DAS REPORTAGENS	145
4.1 O DISCURSO E SUAS ORIENTAÇÕES TEMPORAIS	148
4.2 O DISCURSO COMO SISTEMA DE SIGNIFICADOS	155
4.3 O DISCURSO COMO RESPOSTA	164
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS.....	175
APÊNDICES	181
ANEXOS	184

1 INTRODUÇÃO

A frase que dá título ao presente trabalho inspira-se em uma reportagem do diário A Gazeta do Iguaçu, de 16 de dezembro de 2001, que descreve Foz do Iguaçu como:

(...) Terra das Cataratas, este santuário ecológico e espiritual, de tantos contrastes e onde o mal às vezes é tão eloquente quanto o bem. (...) Terra de Todas as Gentes, de todas as etnias, um cadinho etnológico singular com as nossas belezas naturais, esta mesopotâmia encantada é onde as pessoas de todas as plagas se encontram. (C.A., 2001, p. 10)

Sob a inspiração da expressão “mesopotâmia encantada”, o presente trabalho pretende analisar a maneira pela qual foi retratada a comunidade árabe da Tríplice Fronteira no jornal acima citado, à época dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. A publicação, principal da cidade, foi envolvida em um movimento político pela defesa da região quando o governo norte-americano começou a divulgar uma série de declarações, por diversos meios, alegando que a região estaria abrigando indivíduos envolvidos com o financiamento de grupos tidos como terroristas.

A hipótese inicial de trabalho é que o discurso veiculado pelo periódico visava defender a comunidade, alegando sua inocência. Para além disso, chegou-se à conclusão de que foi elaborada uma narrativa complexa que permeia todo o material analisado, não somente alegando isenção da comunidade na questão, mas também utilizando-a como meio para afastar a cidade de Foz do Iguaçu de rótulos relacionados àquele momento, como, por exemplo, ser propícia à realização de atividades ilícitas.

Para tanto, realizou-se uma análise de discurso de dez reportagens, selecionadas de um *corpus* que totalizava 120 matérias coletadas nos arquivos do jornal, cujo acesso foi concedido por sua diretoria.

Assim sendo, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro trata-se de uma contextualização histórica realizada em duas partes. Inicialmente, tecemos um histórico da chegada dos migrantes de origem árabe à Tríplice Fronteira, compreendendo como se deram os fluxos migratórios para a região e o papel da comunidade em seu crescimento e expansão. Posteriormente, trata-se da inserção da região na agenda de segurança dos Estados Unidos, bem como da difusão por

meios de comunicação internacionais de sua imagem vinculada ao terrorismo internacional e as respostas locais a esse contexto.

Na sequência, o segundo capítulo dedica-se a analisar o discurso contido das reportagens selecionadas na amostra, a partir dos quais levantaram-se algumas categorias de análise, problematizadas teoricamente no terceiro capítulo.

O primeiro está ancorado em contribuições de autores das Ciências Sociais e das Relações Internacionais, bem como aqueles de áreas afins que se dedicaram a estudar a Tríplice Fronteira, especialmente no âmbito do Observatório da Tríplice Fronteira¹. Entre estes últimos, destacamos o trabalho de Montenegro e Béliveau (2006), Rabossi (2007), Macagno (2011) e Pinheiro-Machado (2010).

Além disso, recorre-se a consultas pontuais a fontes primárias e secundárias, como documentos oficiais e reportagens. Com relação aos documentos, destaca-se aqueles publicados pelo governo norte-americano, como, por exemplo, o *Counter Report on Terrorism* (DEPARTMENT OF STATE, 2004; DEPARTMENT OF STATE, 2012; DEPARTMENT OF STATE, 2014), divulgado anualmente pelo Departamento de Estado.

Apesar de que nos deteremos sobre todas essas questões ao longo do trabalho, cabe saber que Foz do Iguaçu localiza-se na região fronteira ao lado de Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Abrigando as Cataratas do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, a cidade é um dos principais destinos turísticos do país.

Além disso, o centro comercial na cidade paraguaia e a vida noturna do lado argentino fazem parte dos atrativos locais, o que torna ambas as fronteiras (Brasil-Argentina e Brasil-Paraguai, uma vez que Puerto Iguazú e Ciudad del Este não têm ligação direta) portadoras de grande fluxo de pessoas, mercadorias e capitais.

Os primeiros imigrantes, que viriam a compor a população árabe que hoje reside em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, chegaram à região em meados do século XX, atraídos pelas oportunidades comerciais do então inexplorado campo aberto entre Brasil e Paraguai. Se em um primeiro momento montam-se exportadoras de produtos brasileiros em Foz, posteriormente o fluxo laboral dirige-se

¹ O OTF foi criado a partir da iniciativa e interesse de pesquisadores argentinos e brasileiros nas questões relacionadas à Tríplice Fronteira, na área das ciências sociais e afins. Em sua página (<https://www.observatoriof.com/>) é possível encontrar a vinculação institucional dos pesquisadores que o compõem, temas de pesquisa e trabalhos publicados.

a Ciudad del Este, cujo principal mote eram os produtos importados da Europa e Estados Unidos.

Concomitante a essa chegada, vemos a construção da Usina de Itaipu e um crescimento demográfico expressivo na região. Se nos anos anteriores o plano de ligação entre Assunção e o Porto de Paranaguá (que fomentou a construção da BR-277) e os incentivos do governo Stroessner ao comércio em Ciudad del Este eram os grandes motores regionais, com Itaipu a cidade brasileira passa por um rápido desenvolvimento.

No Líbano a situação política era instável. A criação do Estado de Israel e os posteriores conflitos, tanto civis quanto contra as forças israelenses, foram os grandes desencadeadores dos fluxos emigratórios. As ondas migratórias que daí seguiram, cada qual com seu perfil de emigrado, viriam a alterar o perfil da comunidade em Foz do Iguaçu.

Com o auge comercial de Ciudad del Este nos anos 1980 e 1990, cada vez mais imigrados chegavam à região, trazidos, sobretudo, por conta de uma rede de contatos pré-estabelecida, característica que marca não somente a imigração para a Tríplice Fronteira, como para o Brasil como um todo.

Nesse momento, os Estados Unidos já tornavam público seu posicionamento quanto ao mundo árabe e seus grupos denominados terroristas. Entretanto, tais posicionamentos não podem ser comparados àqueles observados quando dos ataques de 11 de setembro.

Em 1992 ocorre um ataque terrorista à embaixada israelense em Buenos Aires, na Argentina. Dois anos depois, o alvo seria a AMIA (*Asociación Mutual Israelita Argentina*). A partir de então, o governo argentino, sob o comando de Carlos Saúl Menem, passa a acreditar que a entrada dos responsáveis teria se dado pela Tríplice Fronteira, começando a envolver a imagem da comunidade ao terrorismo.

Tais acusações, entretanto, não teriam a força daquelas divulgadas após os ataques ao Pentágono e às Torres Gêmeas do World Trade Center, em 2001. A partir de então, sob liderança de George W. Bush, o governo norte-americano envolve-se mais profundamente com o assunto, afirmando veementemente que a comunidade estaria vinculada ao financiamento de grupos terroristas.

Em um processo de retroalimentação, os meios de comunicação internacionais divulgavam notícias sobre a Tríplice Fronteira, algumas delas forjadas, com base nos documentos norte-americanos. Os documentos, por sua vez,

tinham como fonte as reportagens sobre a região, de modo que os argumentos giravam em torno de si mesmos, mas nunca com fontes concretas. Discorreremos melhor sobre esse assunto no primeiro capítulo.

Resumidamente, o que se pode observar é a convergência de uma série de acontecimentos que viriam a deflagrar uma verdadeira campanha pela defesa da comunidade na Tríplice Fronteira, com apoio de autoridades e imprensa locais e até mesmo do governo do estado do Paraná.

Passados quatorze anos desde o acontecimento, é interessante voltar ao passado e explorar a maneira como foi construído, naquele momento, um discurso em resposta a um contexto tão delicado e cheio de nuances e sutilezas quanto o que se dedica a explorar neste trabalho.

Nossa pesquisa se insere no marco qualitativo, uma vez que lidamos com dados coletados que não são necessariamente passíveis de medição por meios quantitativos, não se conformam ao modelo de pesquisa de base estatística e não são mensuráveis numericamente (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008, p. 147). Portanto, por mais que se faça um esforço de quantificar o *corpus* de reportagens, com o fim de obter uma amostra mais fidedigna, a análise que se faz é primariamente qualitativa.

A proposta inicial deste trabalho era, além de considerar os discursos realizados pelo periódico, contrastá-los com o que foi coletado em entrevistas realizadas com membros da comunidade, a fim de analisar de que forma o que foi veiculado pelo jornal poderia ou não restar no imaginário social deste grupo, e como isso poderia ou não influenciar de alguma forma suas identidades.

Entretanto, alguns fatores inviabilizaram tal empreitada. O primeiro deles situa-se no fato de que a análise das reportagens mostrou-se mais produtiva e rica do que se esperava inicialmente, tomando, conseqüentemente, mais tempo do que havia sido planejado. A segunda razão, que de uma certa forma não deixa de fazer parte da primeira, diz respeito às possibilidades temporais inerentes a um trabalho desta natureza.

Por fim, o que também colaborou para a postergação da proposta foi a dificuldade de acesso ao campo, que resultou em uma quantidade insuficiente de reportagens com que se pudesse trabalhar satisfatoriamente, apesar de seu caráter também qualitativo.

Nesse sentido, Lenoir (1998, p. 105) afirma que a maior dificuldade que se pode encontrar em um processo de pesquisa é o próprio campo, ou seja, os agentes que administram o problema social estudado, ou que têm determinada influência no processo de sua construção. Assim as categorias que encontram-se na base da construção do problema social derivam de lutas, adquirindo formas diversas, isto é, que o embate travado para legitimar diferentes visões de mundo é que condiciona a realidade social enquanto tal.

Esse não deixa de ser o caso da Tríplice Fronteira. Silva (2008, p. 359) alerta-nos sobre alguns problemas que enfrentou durante sua pesquisa de campo com a comunidade árabe local. O primeiro se refere à desconfiança com relação ao entrevistador, o que geralmente é esperado quando se propõe realizar uma pesquisa empírica com técnicas de entrevista, especialmente em um ambiente mais hostil ou em que as pessoas não podem falar sobre determinados temas abertamente.

Nesse particular, podemos afirmar que encontramos a mesma dificuldade em campo. Nossa experiência, entretanto, nos leva a crer que, além da desconfiança gerada pelo momento da entrevista, que de fato ocorria, o principal desencadeador da ressalva entre os entrevistados era o assunto “terrorismo”, sempre gerador de desconforto.

Nesse sentido, a autora afirma que o segundo problema é ideia de que o espaço da Tríplice Fronteira, e a comunidade, por sua vez, “aparecem publicamente como ponto altamente crítico” (SILVA, 2008, p. 359), devido tanto à sua imagem associada aos conflitos nos países do Oriente Médio e a grupos extremistas islâmicos, quanto às práticas de contrabando, lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e pirataria de patentes. Nos parece que esses elementos estão associados ao contexto e imagem de Ciudad del Este, onde muitos membros da comunidade trabalham como comerciantes autônomos.

De fato, desde experiências anteriores pudemos notar que existe uma certa resistência quando a palavra “entrevista” é proferida. Em uma visita que fizemos à mesquita sunita da cidade, uma das primeiras coisas ressaltadas pelo então *shayk* era que desde a última reportagem divulgada pela revista Veja, a mesquita exigia a assinatura de um termo de compromisso no qual o signatário deveria comprometer-se a não alterar o conteúdo do que fosse dito ou experiência equivalente.

Entretanto, compreendemos a importância de dar voz àqueles que compõem o campo, a fim de promover a reflexão acerca da formação de suas identidades e dos processos que lhe são cabíveis, das negociações e fronteiras que podem se formar ao longo do tempo e, como objeto central deste trabalho, como discursos políticos podem influenciá-las.

Por todas as razões elencadas, o presente trabalho é visto como um esforço inicial no sentido de compreender um campo tão rico e amplo como o que nos dedicamos a analisar, e ao mesmo tempo tão delicado e profundo. Antes de tratar-se de um “abandono”, se é que se pode utilizar tal termo sem que sua força interfira em nossa intenção, tentou-se abordar de maneira mais atenta e cuidadosa uma análise da qual se pôde colher frutos inesperados e muito bem-vindos.

Esta escolha, por fim, implicou em uma mudança epistemológica, uma vez que se trabalhava sobre um referencial interacionista, e voltou-se para uma análise de cunho linguístico. Deixamos, então, aberta a futuras análises, a possibilidade de complementar o presente esforço a partir de outros ângulos, de modo a prosseguir com o trabalho de interpretação que ora construímos no presente trabalho.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 AS SAÍDAS DE CASA E AS CHEGADAS AO BRASIL

2.1.1 A IMIGRAÇÃO ÁRABE PARA O BRASIL

Para compreender a chegada dos migrantes sírio-libaneses² ao Brasil, é necessário ter em mente que não houve somente um momento de imigração, mas vários. E que entre essas diversas partidas e chegadas, a interação entre os primeiros, seus descendentes e os que foram somando-se posteriormente foi inevitável – e necessária.

Gattaz (2012), autor que dedicou-se a estudar a chegada de imigrantes sírios e libaneses ao Brasil, e em especial do segundo grupo, afirma que houve quatro fases de emigração libanesa entre 1880 e 2000. A primeira compreenderia o período de domínio do império turco-otomano, de 1880 a 1920. Com a desarticulação do império e o fim da Primeira Guerra Mundial, iniciaria-se a segunda fase, finalizada no ano de 1940, período no qual o Líbano esteve sob o regime de protetorado francês. Nos trinta e cinco anos seguintes, até 1975, compreenderia-se a fase do Líbano independente. Desse ano a 2000, durante a Guerra do Líbano, mais um contingente de emigrantes deixa o país.

É importante ressaltar que adotamos essa classificação no presente trabalho por conta de sua abrangência temporal, e que outras poderiam ser utilizadas para explicar o mesmo fenômeno, como é o caso da obra de Claude Fahd Hajjar (1985), que divide o processo em dois ciclos de três etapas cada um, de 1860 a 1985.

Nos dois primeiros períodos, ou seja, de 1880 a 1940, um grande movimento foi observado rumo à América, África, outras partes do Oriente Médio e Austrália. A movimentação foi iniciada com o estourar de conflitos comunais nas décadas de 1850 e 1860, aumentando significativamente na década de 1880, e cujo ápice verificou-se na década de 1910. Após esse período, a quantidade de emigrantes

² Apesar da Tríplice Fronteira abrigar migrantes de origem árabe de diversas localidades, majoritariamente os fluxos de origem partem do Líbano. Durante o trabalho, nos referiremos preferencialmente a esses fluxos como “migração árabe”, inclusive porque o próprio grupo se denomina como “comunidade árabe”. Entretanto, isso não significa que desconsideremos a importância histórica da migração “sírio-libanesa” ou somente “libanesa”, podendo utilizar também utilizar os termos ao longo do texto.

decrece e se mantém regular até o início da Segunda Guerra Mundial (GATTAZ, 2012, p. 24). Esta fase pode ser dividida em duas, diferentes por conta dos motivos e sujeitos emigrantes. O ano de 1920 é o marco entre os dois períodos, quando ocorre a queda do império turco-otomano e a ascensão do poderio francês sobre o território libanês.

A segunda metade do século XIX e as três primeiras décadas do século XX foram períodos claramente diaspóricos, atingindo a grande maioria das cidades e aldeias do Líbano e, em menor medida, da Síria (KNOWLTON, 1960, p. 17). As estimativas sobre a quantidade de emigrados não são precisas, mas, segundo o autor, é possível afirmar que mais libaneses que sírios e mais cristãos que não-cristãos deixaram suas terras.

Dos navios que traziam imigrantes para o Brasil não desembarcavam somente aqueles de origem árabe. Italianos, espanhóis e outras nacionalidades os acompanhavam. Apesar de todos os casos tratarem-se de imigração econômica, nem todos contavam com as facilidades que acordos entre países emissores e o Brasil poderiam proporcionar.

A imigração árabe desse período, e durante um longo tempo, será caracterizada por ser espontânea e livre, impulsionada pela vontade pessoal e voluntária, sem o amparo estatal que os europeus e japoneses contavam quando deixavam seus lares rumo ao novo país (HAJJAR, 1985, p. 89). Isso é especialmente importante quando pensamos nas redes de conterrâneos que paulatinamente vão se formando, cujo intermédio era, talvez, a única segurança que o imigrante poderia encontrar no novo país de residência.

Aqueles que chegavam até o início do século XX, seja pelos portos do Rio de Janeiro ou de Santos, dirigiam-se para três principais pontos, de acordo com os ciclos econômicos da então ainda jovem nação brasileira: norte, por conta do ciclo da borracha; planalto central e Minas Gerais, pelo ciclo dos minérios; e em direção aos atuais estados de São Paulo e da região sul, atraídos pelos ciclos do café (HAJJAR, 1985, p. 90).

No primeiro caso, durante o período a borracha era extremamente lucrativa. Isto leva à emergência de um imaginário de progresso na região amazônica, para a qual o imigrante árabe é atraído por conta da demanda das populações mais afastadas dos centros brasileiros (HAJJAR, 1985, p. 91). Mascateando, a presença árabe na região explica-se pela florescência econômica que ora se observava.

No segundo caso, desde o período do fim do século XVII e início do século XVIII, observa-se a criação de povoados e arraiais a partir das descobertas dos bandeirantes paulistas. O ouro, principal atrativo, foi o sonho de descoberta de muitas pessoas que aí se fixaram, o que criou uma espécie de mito inspirado naquele do Eldorado (HAJJAR, 1985, p. 93). A partir da segunda metade do século XIX, as regiões que antes atraíam trabalhadores pelo ouro voltam a ser associadas à riqueza e fortuna fáceis. Desta vez, entretanto, eram os diamantes e pedras preciosas os protagonistas.

A expansão da Estrada de Ferro D. Pedro II, durante o Segundo Reinado, posteriormente nomeada Central do Brasil, coincide com os primeiros passos da imigração árabe no Brasil (HAJJAR, 1985, p. 93). Ligando as províncias de São Paulo e Rio de Janeiro a Minas Gerais, o acesso proporcionado pelas linhas de ferro leva os imigrantes às regiões das minas, onde se instalam como comerciantes, hoteleiros, mascates ou padeiros. Pelo planalto central, também pôde-se notar imigrantes que atuavam na criação de gado e na agricultura, no comércio de cereais e na produção de laticínios em geral, bem como em transações que envolviam os metais preciosos.

Nas zonas mais ao sul do país, o ciclo do café atrairia principalmente mascates, que apesar de uma competição inicial com italianos e portugueses, viriam a fixar-se como provedores das necessidades de fazendas e povoadas que encontravam ao longo de suas jornadas (HAJJAR, 1985, p. 94). O interior das províncias de São Paulo e Paraná seriam as regiões de principal presença árabe no sul do país de então.

Gattaz (2012, p. 24-25) aponta que, segundo dados esparsos colhidos por Charles Issawi, em 1850, 5.000 camponeses cristãos-maronitas deixaram suas aldeias por conta de conflitos comunais, o que provavelmente continuou ocorrendo devido à magnitude do embate entre drusos e maronitas. No ano de 1900, 120.000 indivíduos partem da Grande Síria³, especialmente da região que hoje compreende o Líbano, para os Estados Unidos, Brasil e outros países da América Latina. Em 1914, os saldos eram de 15.000 a 20.000 partidas anuais desde o Monte Líbano, e

³ Designação da região que fazia parte do Império Turco-Otomano no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Incluía em suas fronteiras os atuais Síria, Líbano, Israel, Jordânia e territórios palestinos.

as estimativas indicam que nos primeiros catorze anos do século XX, 1/4 da população libanesa teria deixado o país.

Knowlton (1960, p. 38), por sua vez, falando sobre as entradas no Brasil, afirma que entre 1882 a 1902, a imigração incrementou-se vagarosamente até 1895. Há um aumento em 1898 e 1899, somando 1.131 e 2.110 entradas, respectivamente. Após esse espaço de tempo, a quantidade de chegadas foi diminuindo até atingir 431 em 1902. Com a liberalização das leis contra a imigração, as estatísticas sobem expressivamente: de 1903 a 1915 são registradas 43.442 pessoas. Desse total, aproximadamente 1.000 entraram anualmente até 1908, quando em 1909 os dados apontam 4.000 entradas. Em 1910 há outro aumento, para aproximadamente 6.000, ao passo que em 1913 a quantidade de imigrantes ingressantes em território brasileiro já atingia a marca de 11.101 – a maior quantidade de todos os anos.

A motivação da maior parte dos que chegaram ao Brasil foi a precária condição econômica em que se encontrava seu local de origem e a inferioridade social e religiosa a que eram submetidos enquanto cristãos (TRUZZI, 1997, p. 20). Vale ressaltar que, nesse primeiro período que vai de 1880 a 1920, se encontravam em uma sociedade majoritariamente islâmica, em uma região que à época fazia parte dos domínios otomanos.

Os primeiros chegados ao Brasil não viam o país como primeiro destino, cujo posto ocupava os Estados Unidos. Os que não conseguiam o visto, ou que tinham a entrada recusada nos vizinhos do norte, eram então mandados de volta à terra de origem. As companhias de navegação os traziam então à América do Sul, afirmando que aqui “também era América” (KNOWLTON, 1960, p. 34). Outros foram enganados, chegando ao Rio de Janeiro ou Santos acreditando estar pisando em solo norte-americano.

Com a Primeira Guerra Mundial, os elevados índices diminuem, pois eram poucos os que conseguiam sair da Síria e do Líbano. No período entre-Guerras, todavia, a depressão, as conturbações causadas pelo recém-terminado conflito e as condições do Levante tornaram as taxas de evasão do território sírio-libanês tão altas quanto outrora. De 1920 a 1930, a imigração atingiu patamares anuais de uma a cinco mil entradas, sendo o pico em 1926, com 7.308 novos imigrantes.

Além disso, o rechaço à dominação otomana observado entre os séculos XVII a XIX contribuiu para o movimento emigratório sírio-libanês. As tensões entre

cristãos e muçulmanos, especialmente maronitas e drusos, observadas nesse intervalo de tempo, acirram-se no início do século XX, motivadas por uma série de acontecimentos relacionados a decisões políticas otomanas (GATTAZ, 2012, p. 27).

Entre estes, destaca-se a proibição do livre-pensamento nas províncias do império, cuja repressão à produção cultural libanesa ocasionou o exílio de muitos de seus intelectuais. Em 1903, o governo turco instituiu o alistamento militar dos cristãos libaneses com o fim de servirem nas guerras dos Bálcãs, de cuja obrigação eram até então dispensados. O fato forçou inúmeros jovens a emigrar para evitar o recrutamento.

Para os cristãos libaneses, o recrutamento, além de complicar a vida econômica da família e o desenvolvimento pessoal do indivíduo, significava verdadeiros riscos físicos, além de simbolizar uma submissão total e humilhante aos dominadores otomanos. (GATTAZ, 2012, p. 27)

Com o fim da I Guerra Mundial e o início do protetorado francês, em 1920, a constituição elaborada para a República do Líbano privilegia as anseios nacionais árabe-cristãos, fomentando conflitos religiosos que até hoje ocorrem no país (GATTAZ, 2012, p. 31). Emerge então uma nova elite, partidária dos interesses franceses e majoritariamente maronita.

Nos vinte anos seguintes, o embate entre as comunidades cristãs, que tinham apoio da França, contra sunitas e greco-ortodoxos aumenta, por conta da incorporação ou não do Líbano a outros Estados árabes maiores. Alguns setores dentro desses grupos serão decisivos na independência libanesa, em 1943.

A dominação francesa foi pautada por medidas que visavam o “afrancesamento” e cristianização do Líbano, sendo implementado o francês ao lado do árabe como língua oficial e um sistema educacional que correspondia aos moldes do país europeu (GATTAZ, 2012, p. 34). A interferência na vida da juventude libanesa da época é então inevitável. Não à toa, a nova onda de imigração era agora composta em sua maioria por muçulmanos, insatisfeitos com o decorrer do mandato francês.

Outros fatores são apontados como motivadores de saída no período, como a falta de possibilidades econômicas para as populações urbanas, mais qualificadas por conta do incremento no sistema educacional do país, mas sobretudo a manutenção do prestígio da família.

Para além das motivações pessoais, políticas e econômicas, o apoio das famílias foi fundamental para a saída de jovens das mais diversas aldeias, que cada vez mais testemunhavam o esvaziamento de sua população. Isso porque, em meio às adversas condições a que era entregue o país, julgava-se necessário defender o prestígio da família perante a sociedade local. Enviando os filhos à “América”, que depois de pouco tempo de trabalho remetiam quantidades elevadas de dinheiro para o contexto local, os pais mantinham suas posições sociais nas aldeias (TRUZZI, 1997, p. 28).

A essa altura, boa parte dos imigrantes residentes no Brasil já consideravam o país como sua residência permanente, deixando de lado o ideal de fazer dinheiro e retornar a sua terra natal (KNOWLTON, 1960, p. 48). O fato deve-se talvez por muitos já se terem estabelecido comercialmente no país, mas também por conta dos relatos dos novos chegados.

Depois de mascatear e iniciar-se no ramo comercial, conscientes do sucesso de suas empreitadas, era comum que diversos membros das comunidades estabelecidas incentivassem a vinda de parentes e amigos para a nova terra (TRUZZI, 1997, p. 45). Os recém-chegados eram auxiliados com mercadorias concedidas por patrícios já estabelecidos, cuja dívida era paga posteriormente.

Em uma sociedade a caminho da urbanização, a opção por atividades comerciais e os frequentes contatos entre patrícios possibilitou a criação de uma “corrente orientada de imigrantes”. É importante notar, como ressalta Gattaz (2012, p. 39), que essa rede afetou especialmente pessoas que tinham um estabelecimento econômico favorável, e não tanto pessoas das classes mais baixas da população libanesa.

A vinda dos camponeses que viram suas vidas assoladas pelas tragédias do período do entre-Guerras, assim como pela peste, foi, entretanto, menos impactante que a daqueles chegados outrora (HAJJAR, 1985, p. 106). A maioria tinha familiares no Brasil, e as estruturas assistenciais para recepção e auxílio também já começavam a surgir. Se os períodos anteriores caracterizavam-se por migrantes alfabetizados e de certa preparação intelectual, os recém-chegados eram majoritariamente analfabetos, motivo pelo qual diversas escolas são fundadas. Uma das mais conhecidas entre elas foi o Colégio Sírio-Libanês, de São Paulo.

Antes de 1929, poucos eram aqueles que possuíam propriedades, pois tinham em mente adquirirem-nas na terra natal, ou enviavam os montantes aos

parentes que pudessem comprá-las (HAJJAR, 1985, p. 107). Com a crise do sistema cafeeiro e o progresso da indústria nacional, aqueles imigrantes mais abastados, distanciando-se da ideia de voltar à aldeia de origem, voltam sua atenção para o comércio e a indústria, fundando estabelecimentos e fábricas que os levariam à dominação de certos nichos de mercado.

Adquirindo residências e propriedades mais distantes dos centros comerciais, em especial em São Paulo e no Rio de Janeiro, muitas famílias fixam-se em bairros luxuosos. Naquele momento, já se podiam observar duas ou três gerações de imigrantes, políticos de origem árabe e perspectivas de permanência para muitos dos que aqui já se haviam fixado.

É então que, sob a direção de Getúlio Vargas, o governo brasileiro adota o sistema de quotas⁴, que ocasionou na entrada de 100 a 500 indivíduos na década de 1930 (KNOWLTON, 1960, p. 38). Na sequência, a Segunda Guerra Mundial diminuiu ainda mais a quantidade de imigrantes.

Em 1943 o Líbano torna-se independente por meio de um acordo entre as elites muçulmana, de Beirute, e maronita, do Monte Líbano, conhecido como “Pacto Nacional”. Adotou-se um sistema confessional, ou seja, em que haveria a representação de entidades protonacionais baseadas na religião, congregadas sob a mesma constituição e com representação política nas esferas da administração estatal.

O Pacto Nacional afeta diretamente as populações islâmicas do Vale do Bekaa e da região sul do Líbano, que veem “seus anseios de realização, progresso e desenvolvimento truncados” (HAJJAR, 1985, p. 119). A identidade nacional que surge do Pacto não agrada aos muçulmanos, que passam a identificar o novo país ao cristianismo e ao Ocidente. O ideal de unidade árabe é então afastado, e grandes tensões são criadas no recém-nascido Estado.

Em um contexto em que emergia o nacionalismo pan-arábe, em um país fundado sobretudo em símbolos que marcavam a diferença, além do aumento da população muçulmana, em 1958 inicia-se uma guerra civil que dura aproximadamente dois meses, de abril a julho daquele ano. Some-se a isso o fato de que a criação do Estado de Israel, em 1948, foi envolvendo a política libanesa até

⁴ O sistema consistia em uma emenda à Constituição de 1934 sobre a imigração, que a partir de então regeria a entrada de estrangeiros no país. Estabeleceu-se uma quota anual de 2% do número de imigrantes de cada país que haviam chegado nos cinquenta anos predecessores, conferindo tratamento especial a agricultores.

o ponto em que, a fins da década de 1960, o Líbano já estava mergulhado no conflito entre palestinos e israelenses.

Entre 1946 e 1956, chega ao Brasil grande quantidade de novos imigrantes, originários do Vale do Bekaa, sul do Líbano e Palestina. Note-se que é nesse período que se inicia a instalação da população libanesa em Foz do Iguaçu. Segundo Hajjar (1985, p. 121), o deslocamento as pessoas que chegam no período imediatamente subsequente à Segunda Guerra Mundial ocorre por conta de 32 insurreições e revoluções contra França nos territórios libanês e sírio, e contra a Inglaterra, em solo palestino.

Até o início da década de 1970, muitos imigrantes árabes optarão por dirigir-se à África, América Latina (e, em especial, ao Brasil) e Austrália, tendo o acesso dificultado nos Estados Unidos devido às leis imigratórias cada vez mais exigentes (HAJJAR, 1985, p. 122). Aqueles que conseguem ingressar na América do Norte o fazem por conta de bolsas de estudo, que mesmo assim dependiam do contato com conhecidos que pudessem facilitar o processo de concessão e documentação. Nesse sentido, a segunda opção eram os centros de formação europeus, também alcançáveis por meio de bolsas.

Há um contingente que também opta pelos países do Golfo, devido ao enorme fluxo de petrodólares e a necessidade de mão-de-obra especializada e semi-especializada de que necessitavam tais Estados. Daí depreende-se que aqueles que se dirigiam aos continentes africano e latino-americano, e à Austrália, eram os que contavam com menor especialização, que enxergavam nas oportunidades comerciais a possibilidade de lucro rápido e seguro.

O final da década de 1960 e o início da posterior é um momento de bastante agitação social no Oriente Médio. A Guerra dos Seis Dias, em 1967, e o Setembro Negro, de 1970, quando exércitos jordanianos e da Organização para a Libertação da Palestina se enfrentam, provocam novos deslocamentos. Grande quantidade de palestinos vem ao Brasil, estabelecendo-se no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além do estado do Mato Grosso e os municípios de Belém e Manaus (HAJJAR, 1985, p. 127).

Com leis cada vez mais restritivas, aqueles que se dirigiam ao Brasil muitas vezes entravam como turistas para posteriormente solicitar a residência permanente. Com as dificuldades de acesso cada vez maiores, muitos dirigiam-se ao Paraguai, para adentrar o solo brasileiro por Foz do Iguaçu.

Em 1973, novamente vê-se o início de conflitos intensos no Líbano. Entre 1975 e 2006, iniciam-se diversos embates no território, entre eles a Guerra Civil Libanesa (1975-1991), a Primeira Guerra do Líbano (1982) e a Segunda Guerra do Líbano (2006). Tais conjunturas despertam novas ondas emigratórias.

Apesar de que em 1976 chegou-se a acreditar que os conflitos estavam em sua derrocada, entre 1978 e 1982 a presença síria e israelense desfaz a esperança (GATTAZ, 2012, p. 50). Desde então a região vive sob constante conflito. No momento de escrita da obra, em maio de 2005, o autor aponta que o saldo de um período tão conflitivo para o país era de 144.240 mortos, 197.506 feridos, 17.415 desaparecidos, 950.000 pessoas que tiveram que deixar o país e 800.000 deslocados internos.

Enquanto os deslocamentos internos atingiam basicamente as pessoas com menores possibilidades econômicas, o movimento emigratório motivado pela Guerra do Líbano foi realizado, com poucas exceções, por aqueles que dispunham de meios para deixar o país (GATTAZ, 2012, p. 60).

Durante as décadas de 1950 e 1960, a maioria dos jovens emigrantes era muçulmana, provenientes de zonas periféricas do Líbano, o que por um lado se explica devido ao incremento populacional do grupo e à menor urbanização em comparação com as regiões cristãs, e por outro pelo maior envolvimento nos conflitos nas fronteiras com a Síria e Israel. A falta de perspectiva econômica e a ainda viva imagem de um Brasil de oportunidades também colaboraram, assim como nos outros períodos, para a evasão de cidadãos.

Por fim, temos o último período de emigração elencado por Gattaz (2012), que se refere aos anos de 1975 a 2000, e cuja principal característica seria o deslocamento forçado devido à intensificação dos conflitos regionais. Neste sentido, a intenção dos imigrantes não seria a de fixar-se no Brasil, mas somente permanecer certo tempo até que as condições do Líbano melhorassem. Isso é evidenciado em Foz do Iguaçu, cuja maioria da imigração árabe recente é de libaneses xiitas.

Essa emigração, portanto, em parte teve características de deslocamento forçado, com o exílio temporário de jovens militantes que se viam ameaçados pelas rixas sectárias ou de pessoas não militantes que residiam nas áreas mais atingidas pelos combates. Estes imigrantes, que nunca tiveram em mente permanecer definitivamente no Brasil, de fato têm retornado às suas cidades de origem após a relativa pacificação do início dos anos 1990 e a desocupação israelense do sul do Líbano em maio de

2000. Isto é bem visível em Foz do Iguaçu, onde a grande comunidade árabe é representada especialmente por libaneses sunitas e xiitas do Vale do Bekaa e do sul do Líbano, que vieram para o Brasil devido às ocupações síria e israelense de suas regiões e que nos últimos anos retornaram em grande número ao Líbano (GATTAZ, 2012, p. 65-66).

A Guerra desempenhou um papel importante na diáspora verificada na época. Entretanto, foi mais significativa no sentido das condições econômicas e sociais que os conflitos criaram, do que da eminência de uma ameaça típica de um estado de guerra, como sequestros, bombardeios, perseguições etc. Muitos dos que vieram permaneceram no país. A grande exceção, como já mencionado, verifica-se em Foz do Iguaçu, da qual um contingente de estrangeiros voltou à terra natal por conta da desocupação de Israel na “Faixa de Segurança”.

2.1.2 A IMIGRAÇÃO ÁRABE PARA FOZ DO IGUAÇU

A chegada de populações de origem árabe à região da Tríplice Fronteira parece coincidir com os períodos elencados anteriormente. Montenegro (2013, p. 11) indica que é possível dividir a chegadas dos imigrados em duas fases. A primeira, na década de 1950 e nos primeiros anos da década seguinte, majoritariamente composta por sunitas e cristãos, e outra posterior, a partir de meados dos anos 1980, cujo contingente de xiitas equilibrou o número da população com relação aos sunitas.

Segundo a autora, os momentos de chegada geram diferenciações entre os indivíduos que pertencem à comunidade, que se identificam como “pioneiros” ou “de antes”, ou como “os de recentemente, os de hoje”. Entretanto, esse tipo de identificação não nos parece suficiente para afirmar que exista uma configuração de tipo “estabelecidos-outsiders”, como discorre Norbert Elias (2000) em seu livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, já discutido anteriormente neste trabalho.

O trabalho do autor gira em torno de sua experiência de pesquisa na comunidade de Winston Parva, na Inglaterra. Sua argumentação traz reflexões a respeito da divisão que se estabeleceu nesse meio social entre aqueles que já se haviam estabelecido na cidade em décadas anteriores e aqueles que chegaram posteriormente ao local. Os segundos eram tratados pelos primeiros como pessoas de valor humano inferior, o que criava dinâmicas de exclusão e estigmatização.

Essa diferenciações eram geradas por conta de relações de poder entre os dois grupos, pois classificações desse tipo só podem acontecer quando o grupo que se julga superior está bem instalado em posições de poder (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23). Entretanto, segundo o autor, as divisões sociais que se estabeleceram ocorreram também por conta dos estabelecidos conhecerem-se de longa data, ao passo que os *outsiders* não conheciam os mais antigos, e tampouco haviam tido contato entre si.

(...) Como passamos gradativamente a reconhecer em Winston Parva, estes últimos, sobretudo os diferenciais do grau de coesão interna e de controle comunitário, podem desempenhar um papel decisivo na relação de forças entre um grupo e outro – como se pode ver, aliás, em inúmeros casos. Naquela pequena comunidade, a superioridade de forças do grupo estabelecido desde longa data era desse tipo, em grande medida. Baseava-se no alto grau de coesão de famílias **que se conheciam havia duas ou três gerações, em contraste com os recém-chegados, que eram estranhos não apenas para os antigos residentes como também entre si.** (...) (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 21-22. *Grifo nosso.*)

Como se pode notar, o grau de coesão dos grupos é o responsável direto pelo poder que pode ou estigmatizar o outro grupo, ou, no caso do estigmatizado, se contrapor à exclusão. O fato das famílias mais antigas manterem um contato de longa data é fundamental para entender a coesão existente em seu grupo, ao passo que os *outsiders* eram menos coesos por não terem os mesmos vínculos, o que não lhes permitiu ter o poder necessário para contrapor-se à essa lógica.

Nesse sentido, não é possível afirmar, sem uma pesquisa mais profunda, se o mesmo ocorre na comunidade a que nos dedicamos estudar neste trabalho. Um dos motivos pelos quais defendemos essa posição é a forma como muitos dos imigrantes árabes chegaram ao Brasil. Segundo Truzzi (1997, p. 34), a maioria das pessoas que imigraram não se dispuseram a fazê-lo sozinhas, mas tinham o apoio de uma base familiar ou uma rede de conterrâneos já fixados no país.

A argumentação de Rabossi (2007) também vai nesse sentido. Segundo o autor, o estabelecimento dos migrantes que chegaram à Tríplice Fronteira, especialmente no ramo comercial, ocorre tanto por conta de uma rede de contatos pré-estabelecida quanto por conta do rápido retorno que a atividade dava aos recém-chegados.

(...) muitos dos que se dedicaram ao comércio em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este não tinham uma experiência comercial nos seus lugares de origem. As razões para essa inserção no comércio são várias. Por um lado, através de parentes, conhecidos ou por contatos ocasionais com outros patrícios,

na sua chegada ao Brasil **ingressaram numa rede de relações com aqueles já estabelecidos que tinham o comércio como sua atividade central**. Por outro lado (...) o comércio foi uma atividade que abria a possibilidade de um rápido retorno (...) (RABOSSI, 2007, p. 294. *Grifo nosso.*)

Assim, não se pode afirmar que uma relação de poder de tipo “estabelecidos-outsiders”, tal qual traz Elias em seu trabalho, tenha se consolidado no âmbito da comunidade por conta da época de chegada, ou seja, em termos de “pioneiros/de antes” e “os de recentemente/os de hoje”. Isso porque para o autor, como vimos, as pessoas que chegavam à Winston Parva não se conheciam e nem conheciam os já estabelecidos. A (não) inserção dos outsiders, nesse caso, dava-se tanto por conta da coesão do primeiro grupo, quanto pela falta deste elemento em sua composição.

No caso da comunidade árabe da Tríplice Fronteira, “os de hoje” chegaram à região justamente pelas redes de contato pré-estabelecidas com os que ali já se haviam instalado, e portanto as referências anteriores entre ambos já existiam. Com uma rede de contatos desse tipo, não é possível afirmar que a dinâmica identitária relacionada à época de chegada seja um fator de exclusão intra-comunidade.

Recorrendo a essa história, pode-se notar que antes da fundação de Puerto Presidente Stroessner, atual Ciudad del Este, em 1957, os fluxos que estruturavam a região se davam entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, envolvendo tanto trocas comerciais como esquemas de circulação de pessoas (RABOSSI, 2007, p. 291). Com a materialização da ligação entre o centro do Paraguai ao litoral brasileiro por meio da nova cidade, o volume desses fluxos se altera e muda de direção. Se antes o principal eixo era Puerto Iguazú-Foz do Iguaçu, dali em diante Puerto Presidente Stroessner ocuparia o lugar da primeira cidade.

A inauguração da Ponte da Amizade, em 1965, marca o início do processo que viria a consolidar Ciudad del Este como um centro comercial da região. Em 1969 ocorre a construção da BR-277, interligação entre a fronteira paraguaia e o interior do estado do Paraná. Na década seguinte, vê-se um aumento demográfico por conta da construção represa que viria a ser a base para a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Em Foz do Iguaçu, pode-se citar a criação de bairros e acessos, escolas, hospitais, reforma e ampliação do aeroporto, melhoria dos meios de comunicação, entre outros.

A chegada das primeiras famílias vindas de países árabes a Foz do Iguaçu data desse período. A primeira cidade da fronteira a recebê-los foi a brasileira, atraídos pelas oportunidades abertas pelo mercado ainda inexplorado (RABOSSI, 2007, p. 292). Foram esses primeiros comerciantes que tiveram papel fundamental na mudança do eixo entre as cidades, uma vez que, a princípio, exportavam produtos brasileiros para o Paraguai.

O roteiro para chegar a Foz parece repetir-se entre os imigrados mais ou menos nos mesmos moldes: o desembarque do navio que os trazia dos países de origem acontecia no Porto de Santos, no estado de São Paulo. Permaneciam provisoriamente na capital paulista, onde aconteciam os primeiros contatos com outros patrícios (parentes ou conhecidos de mesma origem), que lhes auxiliavam até começarem a trabalhar como mascates (comerciantes ambulantes) pela região sul do Brasil (SILVA, 2008, p. 360). No Paraná, o maior fluxo se dá no norte do estado até chegarem à cidade fronteiriça na qual viriam a fixar residência.

Em 1962 é criado o Clube União Árabe, que, segundo Rabossi (2007, p. 292), é “a primeira marca institucional dessa presença em Foz do Iguaçu”. Ele reflete a realidade que se construía na região: os primeiros imigrantes árabes estabeleceram-se primeiramente na cidade brasileira, nos bairros vizinhos à Ponte da Amizade (Jardim Jupira e Vila Portes). O fato tanto marca o crescimento do centro comercial da cidade, quanto o papel dos imigrantes em seu desenvolvimento.

Uma vez que o estabelecimento em Foz do Iguaçu se consolidou, já no fim anos 1960, alguns desses comerciantes abrem as primeiras importadoras e lojas em Ciudad del Este, incentivados pelo regime de Alfredo Stroessner, então presidente do Paraguai, que proporcionava “facilidades” para que os comerciantes pudessem estabelecer-se vendendo produtos importados na faixa da fronteira. O foco de atração agora era o mercado turístico que passava pela fronteira, então fornecedora de produtos estrangeiros a um vantajoso custo-benefício.

Com a consolidação comercial da região na década seguinte, mais uma vez torna-se atrativa a novos imigrantes provindos do Líbano, Palestina e de outros países árabes que chegam à região, especialmente por conta da Guerra Civil Libanesa, que se iniciou em 1975 (RABOSSI, 2007, p. 297). Durante todo o período do conflito, até 1990, esse espaço de relações que foram construídas dos dois lados da fronteira será o grande atrativo para diversos imigrantes libaneses.

É interessante notar que os imigrantes de origem libanesa que chegam à região por volta da metade do século XX eram majoritariamente sunitas das aldeias de Baloul e Lala, no Vale do Bekaa; os que vieram na década de 1970, em sua maioria do sul do país, eram xiitas (KARAM, 2011, p. 210)⁵. Tal configuração trará características específicas à comunidade se comparada às demais instaladas no resto do território nacional, como veremos mais adiante: enquanto geralmente os xiitas são minorias em boa parte dos casos, em Foz do Iguaçu sua quantidade quase se equipara à de sunitas.

A construção da primeira mesquita, denominada Omar Ibn Al-Khatib, data de 1983, e a princípio congregava todos os membros islâmicos da comunidade. Alguns anos depois é fundada a Sociedade Beneficente Islâmica, que passa a congrega os membros xiitas de Foz do Iguaçu (SILVA, 2008, p. 361-362). Não é possível afirmar, antes de uma cuidadosa pesquisa, qual foi o motivo da divisão religiosa entre as duas entidades. Entretanto, observando o período, justamente aquele que se intensificam os conflitos no Líbano, somos levados a crer que talvez tenha sido motivada pela reprodução das tensões que se consolidavam no país de origem por meio da identidade. Afirmá-lo, contudo, seria arriscado, e deixamos a hipótese para um futuro trabalho.

Os grupos imigrados nas décadas de 1980 e 1990 são atraídos principalmente pela expansão do comércio regional. O fluxo migratório somente se desacelera poucos anos antes da virada do século, concomitantemente à baixa comercial registrada no período. Além disso, no mesmo período vê-se o fim dos conflitos no Líbano e aos ataques de 11 de setembro.

A expansão se explica por um movimento observado durante o período. Rabossi (2007, p. 298-299) afirma que, anteriormente, os produtos vindos da Europa e Estados Unidos eram enviados diretamente a Puerto Presidente Stroessner, enquanto os asiáticos passavam por portos de triangulação, dentre os quais Miami era o principal. A partir dos anos 1980, os produtos originários de Japão, Coreia, China e Taiwan ou passam a ser despachados diretamente à agora Ciudad del Este, ou eram enviados por outros portos de triangulação, como o Panamá – apesar de que Miami não perde importância nesses fluxos.

⁵ Ver mapa do Líbano no Anexo 2.

A expansão comercial observada durante a década de 1980 consolida a cidade brasileira como centro de exportação de produtos nacionais, enquanto a paraguaia assume o posto de mercado de produtos importados de diversas partes do mundo (RABOSSI, 2007, p. 298). Esse é um momento de consolidação de conexões internacionais que alimentam a região.

O que decorre daí é que a imigração asiática aumenta expressivamente para a fronteira e os chineses chegam a ser o maior grupo proprietário de estabelecimentos comerciais. Com novas rotas comerciais e produtos ainda mais diversificados, a Tríplice Fronteira vê-se em pleno aquecimento comercial. Na sequência, o autor afirma que, segundo o Banco Central do Paraguai, em 1998, o imigrados árabes representavam 24% dos comerciantes da região, enquanto os paraguaios 28%, os brasileiros 11% e os asiáticos 27%.

Entretanto, no início do século XXI, ocorre um acirramento do controle de autoridades brasileiras para contenção do comércio entre as cidades vizinhas, como já exposto. O objetivo era impedir o contrabando por meio de uma nova política de fiscalização que atingiu em cheio os chamados “sacoleiros” (PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 104), responsáveis pela compra de boa parte das mercadorias vendidas em Ciudad del Este.

É possível visualizar, portanto, a importância e representatividade dos comerciantes de origem libanesa na formação de Foz do Iguaçu e de Ciudad del Este. Isso não quer dizer que a única atividade desempenhada por seus membros seja o comércio, ou que queiramos com isso reproduzir o estereótipo que relaciona as atividades comerciais com as populações árabes.

Entretanto, em uma região cujo comércio é expressivo e um dos motores da economia local, não é possível ignorar o papel de destaque que muitos dos imigrantes tiveram no desenvolvimento local. Seja no comércio ou em outras atividades, participam ativamente do desenvolvimento da região, com a diferença de que há na Tríplice Fronteira uma concentração xiita bem mais expressiva que em outras cidades brasileiras.

Uma hipótese para este fato é que a saída de xiitas do sul do país nas décadas finais do século XX coincide com o aquecimento do mercado de Ciudad del Este, que vivia seu ápice tanto em termos de movimentação de pessoas e mercadorias, como de capitais. Chegados por meio das redes de contato entre patrícios já estabelecidas, a Tríplice Fronteira parece ter sido uma excelente

oportunidade para quem buscava uma nova casa, com trabalho disponível e retorno financeiro rápido.

2.1.3 DO PÓS-11 DE SETEMBRO AOS DIAS ATUAIS

Apesar de a bibliografia existente sobre a imigração árabe na região não ser muito extensa, foi possível traçar um breve histórico da chegada de grupos libaneses à região da Tríplice Fronteira. Além disso, os dados disponíveis permitem somente aproximações, não existindo, por exemplo, um número oficial da população árabe residente atualmente.

Em 1996, o número de árabes que residiam na região era de 12.000 pessoas, 95% dos quais eram muçulmanos – 40% sunitas e 50% xiitas (RABOSSA, 2007, p. 302). Desse total, 80% era proveniente do Líbano, especialmente do Vale do Bekaa, no sul do país, 15% da Palestina e o restante dividia-se entre Síria, Egito e outros países da região. O autor afirma que após os ataques de 11/09, muitos deixaram a região, cuja monta não é possível determinar com precisão devido às disparidades entre diferentes fontes.

O autor afirma que em 1999, segundo o Sistema Internacional de Estrangeiros da Polícia Federal do Brasil, a quantidade de libaneses residentes na cidade de Foz do Iguaçu era de 2.939 indivíduos⁸. Entretanto, é enfático ao afirmar que os dados dos anos 1990 podem não valer mais para a atualidade, considerando a evasão de muitos comerciantes com o declínio comercial de Ciudad del Este.

A quantidade de palestinos é um exemplo disso. Na década de 1990, contabilizava-se 1.800 pessoas, ao passo que em 2001, segundo o presidente da Sociedade Árabe Palestina-Brasileira, não passavam de 300 pessoas (RABOSSA, 2007, p. 303). Apesar de haver consenso sobre a saída de contingentes da população árabe da Tríplice Fronteira após os atentados de 11 de setembro, a imprecisão dos dados não permite apontar com exatidão a quantidade de pessoas que deixaram a região, podendo-se dizer com muitas ressalvas a quantidade seria de 10.000 a 30.000 pessoas.

Pinto (2011, p. 183), por sua vez, afirma que exista entre 12.000 e 18.000 muçulmanos em Foz do Iguaçu, majoritariamente sunitas e xiitas com uma pequena

quantidade de Druzos. A comunidade de Ciudad del Este seria composta por cerca de 9.000 pessoas, a maior parte das quais é xiita. O autor faz referência, em nota de rodapé, a uma pesquisa de Silvia Montenegro, que aponta a existência de 10.000 árabes e descendentes na província do Alto Paraná, Paraguai, na qual se encontra a cidade fronteiriça.

Teríamos um panorama, então, no qual a comunidade de Foz do Iguaçu representaria algo em torno de 7% da população, levando-se em conta o último senso realizado, no qual a população da cidade foi contada em 256.088 habitantes em 2010, com uma estimativa de 263.647 para 2014 (CENSO 2010b). No total, de acordo com os dados que tivemos acesso, a comunidade da Tríplice Fronteira contaria com aproximadamente 30.000 indivíduos.

Em termos religiosos, o último censo realizado no Brasil aponta que a população residente de religião islâmica na cidade de Foz do Iguaçu era de 5.599 (CENSO 2010). Não existem dados no documento que apontem a quantidade de imigrantes árabes atualmente residentes na Tríplice Fronteira, sobretudo porque a pesquisa não diferencia os residentes estrangeiros por nacionalidade⁶.

Lima (2012, p. 4), em reportagem redigida para o Jornal A Gazeta do Iguaçu do dia 23 de outubro de 2012, pertencente à cidade brasileira, afirma que a Delegacia de Polícia Federal do município tinha até então registrados legalmente em sua base de dados 4.077 pessoas de origem libanesa⁷. É consenso, contudo, apesar da disparidade das estatísticas, que a comunidade Foz do Iguaçu é a segunda maior do Brasil, perdendo somente para a de São Paulo.

Quanto à sua inserção comercial atualmente, nota-se que é possível encontrar pequenos estabelecimentos comerciais nos lados brasileiro e paraguaio da fronteira, como supermercados, restaurantes *fast food*, lojas de calçados e roupa, e cadeias de lojas de informática e eletrônicos, shoppings e galerias comerciais na cidade paraguaia (MONTENEGRO, 2013, p. 14). É interessante notar que as

⁶ É necessário levar em consideração que na categoria “migração”, o censo demográfico não distingue as nacionalidades de estrangeiros residentes, classificando as pessoas por nacionalidade quando são “brasileiras natas”, “brasileiras naturalizadas” e “estrangeiras” (IBGE, 2010, p. 28). Com referência a essa última, analisa-se “Naturalizados brasileiros e estrangeiros, por grupos de anos em que fixaram residência no país, segundo o sexo e os grupos de idade - Brasil – 2010” (IBGE, 2010, p.9). Os parâmetros “sexo” e “idade” são os únicos levados em conta, e a ênfase recai sobre a migração interna entre unidades da federação e da imigração e emigração de brasileiros.

⁷ Esse dado leva em conta somente pessoas em regime de residência, não contabilizando turistas, naturalizados ou aqueles que não regularizam sua situação perante as autoridades brasileiras.

escolas criadas e mantidas pela comunidade servem também como local de inserção de jovens nos nichos em que representantes da comunidade atuam.

Em termos de representação política, desde que o empresário Fouad Fakih esteve à frente da Associação Comercial de Foz do Iguaçu no cargo da presidência, entre 1974 e 1980, outros membros da comunidade passam a destacar-se na vida pública da cidade (RABOSSI, 2007, p. 299-300). Além de estar entre conselhos comunaes e muitas das instituições locais, representantes da comunidade concorreram para cargos de vereador, deputado estadual e federal nas eleições de 2014⁸.

A construção das mesquitas e escolas árabes data da segunda fase. Como já havíamos mencionado no decorrer deste trabalho, as comunidades sunita e xiita encontram-se institucionalmente representadas de forma independente (MONTENEGRO, 2013, p. 12). Com a criação do Centro Cultural Beneficente Islâmico no final da década de 1970, em 1981 é iniciada a construção da mesquita Omar Ibn Al-Khatib, inaugurada em 1983 e cuja vinculação atualmente é sunita. No terreno da mesquita funciona a Escola Árabe Brasileira, que conta com 400 alunos, majoritariamente filhos de libaneses.

Em 1985, a Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu é criada pela comunidade xiita, em cujo edifício, finalizado em 1993, funciona a mesquita Hussayniah Imam Al-Khomeine. A Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu, que congrega mais de 700 alunos está vinculada a essa associação, porém localizada em outro ponto da cidade.

Em Ciudad del Este encontra-se a *Mezquita del Profeta Muhammad*, inaugurada em 1994, pouco antes da *Asociación Beneficiente del Alto Paraná*, estabelecida no mesmo ano. Como nas outras duas, a associação também tem seu instituto de educação, o *Colegio Libanés*, que conta com aproximadamente 370 alunos. No mês de abril de 2012, o *Centro Árabe Islâmico Paraguayo* colocou a pedra fundamental do que a autora chama de “o empreendimento mais ambicioso da comunidade islâmica da Tríplice Fronteira” (MONTENEGRO, 2013, p. 12). Com previsão de finalização para 2014, a cidade abrigará mais uma mesquita, cujo nome será Alkhaulafa Al-Rashdeen.

⁸ Pode-se citar como exemplo o caso da vereadora Anice Gazzaoui, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), que concorreu ao cargo de deputada estadual, recebendo 13.829 votos (Fonte: Tribunal Superior Eleitoral).

Além dessas, outras associações também compõem o rol de instituições vinculadas à comunidade, como a Associação Cultural Sírio-Libanesa, a Sociedade Árabe Palestina-Brasileira, a Associação Cultural Sanaud e a Associação dos Jovens Muçulmanos de Foz do Iguaçu (RABOSSI, 2007, 301). Ressaltamos também a recente criação da União Jovem Árabe-Brasileira, que objetiva a “integração dos jovens árabes-brasileiros e a preservação de sua identidade”⁹ e com cujos organizadores tivemos contato recentemente. Além disso, verifica-se a inauguração, em 2014, do Centro Cultural Islâmico *Ahlul Bayt*, de orientação xiita.

2.2 11 DE SETEMBRO, SEGURANÇA NACIONAL E MÍDIA: DOS ESTADOS UNIDOS PARA A TRÍPLICE FRONTEIRA

2.2.1 A TRÍPLICE FRONTEIRA NA AGENDA DE SEGURANÇA NORTE-AMERICANA

Se nos pedissem para apontar um fato que consideramos um marco na primeira década do século XXI, com muita segurança destacaríamos os ataques terroristas às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Washington, no dia 11 de setembro de 2001. Se agendas foram redefinidas no âmbito internacional após os ataques, muito mais impacto causaram na formulação de políticas domésticas de inúmeros países.

Evidentemente, os impactos políticos e ao imaginário social nos Estados Unidos foram imediatos. O país havia sido atacado que pela primeira vez em seus mais visíveis símbolos econômico-financeiros e militar – as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, e a ala oeste do Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, no condado de Arlington, estado da Virgínia. O evento gerou uma percepção de insegurança nas elites responsáveis pela condução do país, com uma sensação de fragilidade do mundo globalizado pós-Guerra Fria. Se isso é certo, o terrorismo – e o que a ele foi associado – cumpre o papel de quebra com as normas estabelecidas no imaginário norte-americano, ou pelo menos de alguns grupos influentes que dirigem o país.

⁹ É possível conhecer a União Jovem Árabe brasileira por meio da página <https://www.facebook.com/UniaoJAB>.

Isso porque os atentados “representam o fim dos ‘felizes anos 90’ iniciados com a queda do Muro de Berlim, da era Clinton e da ideia de ‘fim da história’” (CUNHA, 2009, p. 21). Há, neste momento, uma percepção de que o mundo está vulnerável e que há uma ameaça a ser combatida. Um exemplo disso é o discurso proferido por George W. Bush no Congresso dos Estados Unidos, quando dos ataques, no dia 20 de setembro de 2001 (AMARAL, 2010, p. 83). O então presidente declara o início da “Guerra ao Terror”, anunciando uma polêmica divisão que seria feita na comunidade internacional: a partir de então, os países deveriam escolher entre alinhar-se aos Estados Unidos ou apoiar os inimigos terroristas.

Amaral (2010) aborda a questão da Tríplice Fronteira relacionada à Guerra ao Terror, fazendo uma análise de política externa sob o ponto de vista do conceito de securitização, desenvolvido por Barry Buzan e Ole Waever. Ambos estão entre os principais autores da Escola de Copenhague (Copenhague Peace Research Institute – COPRI), que surge na Europa em meados da década de 90, com o objetivo de promover estudos para a paz e a reinserção da Europa na ordem internacional no mundo pós-Guerra Fria (TANNO, 2003, p. 48). Os estudos relacionados fazem parte da vertente construtivista das Relações Internacionais, e os autores são responsáveis pela reinterpretação dos estudos sobre segurança internacional na área.

Descrevendo em poucas linhas o conceito de securitização, diríamos que é um ato político que visa – e por vezes, consegue – inserir qualquer questão que não diga respeito à agenda de segurança de um Estado nos quadros de sua política de segurança – entendendo “segurança” como a agenda política de um Estado que visa protegê-lo de ameaças¹⁰. A segurança seria, dessa forma, articulada de um lugar específico e com voz institucional.

In this usage, security is not of interest as a sign that refers to something more real; **the utterance itself is the act**. By saying it, **something is done** (...). By uttering "security," a state-representative moves a particular development into a specific area, and thereby claims a special right to use

¹⁰ O debate sobre segurança internacional passa por uma mudança de foco após o aporte teórico de Barry Buzan. Se antes era encarada somente como a defesa militar do Estado, com a contribuição do autor, passa a englobar outras quatro áreas, a saber: política, econômica, societal e ambiental. Temas nessas quatro áreas, portanto, poderiam afetar o Estado em seu interior. Para maiores informações sobre o tema, consultar BUZAN, Barry. *New patterns of global security in the twenty-first century*. International Affairs (Royal Institute of International Affairs 1944), v. 67, n. 3, p. 431-451. [S.l.]: 1991. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/21842315/132824106/name/%EE%80%80BUZAN%EE%80%81-1991.pdf>>.

whatever means are necessary to block it. (WAEVER, 1998, p. 45. *Grifo nosso*)¹¹.

Securitização, portanto, é agregar a qualquer tema maior relevância, ou ao menos assim considerá-lo momentaneamente, como pauta da agenda governamental ou internacional que supostamente ameaça o bem-estar da população. Isso se dá por meio de atos de fala, que podem ser qualquer ato que manifeste a transmissão de ideias, seja oralmente, seja por meio de documentos escritos, ou de quaisquer outras formas de comunicação.

É importante ressaltar que um tema securitizado proporciona ao Estado um direito especial de atuação, facilitando o manejo da máquina estatal para minimizar ou acabar com os perigos e ameaças que se proponha combater.

Dessa maneira, o tema securitizado sairá da esfera política normal e passará para a esfera política emergencial. Por conseguinte, “a securitização pode ser vista como uma versão extrema da politização” (BUZAN et al., 1998, p. 23). Nesse sentido, a securitização e a politização possuem um *continuum* de temas, desde não politizados, ou seja, aqueles que não fazem parte das políticas de Estado e nem de debates políticos; aos politizados, os quais fazem parte das políticas públicas; e aos securitizados, os quais são apresentados como uma ameaça à existência, o que ocasiona a necessidade de medidas emergenciais, para assim justificar as ações realizadas fora das fronteiras.

Entender esse conceito nos permite acessar o problema e a pesquisa de Amaral com mais facilidade, além de auxiliar na explicação de por que esse referencial é importante para o presente estudo. O problema de pesquisa que o autor se propõe a solucionar é entender como a Tríplice Fronteira foi inserida pelo governo dos Estados Unidos em sua agenda de segurança (AMARAL, 2010, p. 42). Para tanto, tenta analisar também qual foi o resultado final dessa dinâmica. A primeira diz respeito ao modo de inserção, a segunda ao método. O modo seria por meio da representação da Tríplice Fronteira como ameaça; o método, defende o autor, seria o de inseri-la como prioridade estratégica.

Nesse sentido, Amaral afirma que não houve uma securitização plena da região, pois, se bem tivesse sido securitizada nos Estados Unidos, era necessário

¹¹ “Nestes termos, a segurança não é de interesse como um sinal que se refere a algo mais real; o proferimento em si é o ato. Ao dizer isso, algo é feito (...) Ao proferir “segurança”, um representante do Estado engendra um desenvolvimento particular em uma área específica e, assim, reivindica um direito especial para usar todos os meios necessários para bloqueá-lo.” (*Tradução nossa.*)

convencer Argentina, Brasil e Paraguai a fazê-lo também. Ou seja, mesmo que a região tivesse sido incluída em sua agenda de segurança, não necessariamente os países componentes da fronteira deveriam atuar da mesma forma – o que, de fato, não se concretizou.

Em um primeiro momento, o papel de securitizador da fronteira era exercido por Buenos Aires, após os incidentes de 1992 e 1994. Os EUA nesse momento agiam secundariamente, dando mais um apoio retórico e material do que se envolvendo no problema. Paraguai e Brasil mostravam-se mais reticentes, evitando discursos que pudessem comprometer a imagem da fronteira.

Ao longo dessa década, entretanto, o governo norte-americano envolve-se mais profundamente com a questão da Tríplice Fronteira, iniciando “um claro processo de produção política de um espaço de ameaça” (AMARAL, 2010, p. 250). Neste momento, vincula-se a região a uma presença terrorista de fato, com indivíduos que potencialmente poderiam realizar atentados, em grande parte por conta das especulações que rondavam os ataques na capital argentina.

Após o 11/09, o papel dos atores estatais na região se altera. A Argentina, agora sob o comando de Fernando de la Rúa, que antes ocupava um papel discursivo predominante, cede lugar a Washington, que se torna então o principal agente securitizador. O Paraguai, prevendo vantagens na cooperação com os norte-americanos, aproxima-se mais dos vizinhos do norte, enquanto o Brasil apresenta maior resistência em tornar a Tríplice Fronteira um tópico de sua política de segurança – Márcio Buzanelli, por exemplo, ex-Diretor da Agência Brasileira de Inteligência, manifesta-se dizendo que essas seriam tentativa de “demonizar a região”, podendo essas atitudes do governo norte-americano serem consideradas como “islamofobia” (AMARAL, 2010, p. 253).

Durante o governo George W. Bush, os Estados Unidos entraram no Grupo de Segurança da Área da Tríplice Fronteira, criado para consulta diplomática acerca dos desafios relacionados à criminalidade na região. Conhecido também como “Grupo 3+1” (Argentina, Brasil e Paraguai + Estados Unidos), seu objetivo era fortalecer o diálogo entre os países para combater o crime na Tríplice Fronteira, a lavagem de dinheiro e o potencial apoio ao terrorismo, cooperando na área de inteligência e realizando encontros periódicos para troca de dados e informações que afetasse as questões de segurança dos quatro países (FERREIRA, 2010, p. 133-134). Amaral, na sequência, ressalta que o Brasil via de maneira positiva o

desenvolvimento da comissão, por considerar que tinha a utilidade pragmática de obrigar os EUA a alinhar sua postura oficial com a dos outros três países.

Durante o governo Bush, os discursos securitizantes, ou atos de fala, foram sendo promovidos por diferentes órgãos da burocracia norte-americana (AMARAL, 2010, p. 254). No campo discursivo, então, passa-se a fazer uma ligação entre crime e terror, enquadrando a Colômbia e a Tríplice Fronteira numa mescla de Guerra às Drogas e Guerra ao Terror, o que era extremamente conveniente às forças civis e militares dos Estados Unidos.

Os três países da fronteira se opuseram a essa visão, cada um a seu modo: Brasil e Paraguai posicionaram-se mais firmemente; a Argentina, por conta de suas experiências anteriores, foi mais reticente, mantendo-se mais preocupada com os possíveis vínculos terroristas na região, mas ainda assim, o tema restou secundário em sua agenda de segurança.

Ferreira (2010, p. 169) também discute a questão da Tríplice Fronteira e a formação das políticas de segurança nesse sentido. O autor nos adverte que é necessário levar em consideração as disputas internas dos diferentes órgãos que compõem o governo norte-americano, e como cada um se posiciona com relação ao tema. Entre os mais significativos, destaca o Departamento de Estado, Departamento de Defesa, órgãos vinculados à inteligência (categoria em que se encontra a CIA), Casa Branca, Congresso e Departamento de Segurança Interna.

O que esses diversos órgãos têm em comum, segundo o autor, é a ideia de que a Tríplice Fronteira seria um *safe haven* (refúgio seguro), ou seja, um local seguro onde o terrorismo pode atuar livremente, pois pressupõe um lugar onde a lei não consegue ser aplicada eficazmente. O estudo do autor é antes de tudo uma análise da construção desse ponto da política externa norte-americana.

Essas visões abordadas pelos autores, entretanto, só se difundiram com eficácia por conta do alcance midiático proporcionado à questão. É imprescindível notar que a maioria do que se veiculou nos meios de comunicação, e em especial os norte-americanos, tinham como base a visão oficial do governo dos Estados Unidos. A visão de medo com relação a minorias, perceptível por parâmetros que demonstram claramente uma dicotomia “bem/mal”, foi construída discursivamente e transmitida por meios que reproduziam essa lógica.

Argentina también son disueltos en el discurso que construye a la TF como no perteneciente a ninguno de los tres países. La cita de fuentes es fundamental en el campo periodístico, **las notas que aquí analizamos casi sin excepción, presentaron fuentes oficiales para otorgar credibilidad a lo que afirmaban**. Un racconto de las mismas revela un número limitado que se repite a lo largo de las notas, incluyendo distintas instancias gubernamentales (...). Algunas de las fuentes mencionadas son de una gran vaguedad significativa y sólo se las cita para enmarcar detalles puntuales, como las cifras vinculadas al lavado de dinero o al narcotráfico. Al mismo tiempo, los artículos de la *Military Review*, así como el informe sobre la TF elaborado por la Federal Research Division citaron como fuente a la prensa, en un feedback que homogeneizó la mirada sobre ese espacio. (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 63. *Grifo nosso*)¹².

Pode-se perceber, então, que as visões oficiais do Estado norte-americano foram adotadas pela mídia, e distribuídas internacionalmente. Tais perspectivas, em muitos casos, são apropriados ou parcialmente repelidas por jornais dos três países da fronteira (Ibid., p. 43). Cabe notar também que em muitos casos fontes oficiais utilizaram reportagens para basear suas notas. Essa retroalimentação condicionou uma homogeneização da visão que foi transmitida sobre a fronteira – e seus habitantes árabes, tenha-se claro – e que talvez perdure até hoje.

Pode-se perceber, então, que as visões oficiais do Estado norte-americano foram adotadas pela mídia, e distribuídas internacionalmente. Tais perspectivas, em muitos casos, são apropriadas ou parcialmente repelidas por jornais dos três países da fronteira (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 43). Cabe notar também que, em muitos casos, fontes oficiais utilizaram reportagens para basear suas notas. Essa retroalimentação condicionou uma homogeneização da visão que foi transmitida sobre a fronteira – e seus habitantes árabes, tenha-se claro – e que talvez perdure até hoje.

É também importante ressaltar o interesse norte-americano pela questão. Essa visão não está distanciada do que propõe, por exemplo, o Departamento de Estado norte-americano a respeito da Tríplice Fronteira. Como é possível observar em trechos dos relatórios *Patterns on Global Terrorism* e *Counter Report on*

¹² “As especificidades culturais, políticas e econômicas, as assimetrias demográficas e os contextos nacionais diferentes do Paraguai, Brasil e Argentina também são dissolvidos no discurso que constrói a TF como não pertencente a nenhum dos três países. A citação de fontes é fundamental no campo jornalístico, **as notas que aqui analisamos quase sem exceção, apresentaram fontes oficiais para outorgar credibilidade ao que afirmavam**. Um relato das mesmas revela um número limitado que se repete ao longo das notas, incluindo distintas instâncias governamentais (...). Algumas das fontes mencionadas são muito vagas significativamente e somente as citamos para enquadrar detalhes pontuais, como as cifras vinculadas à lavagem de dinheiro ou ao narcotráfico. Ao mesmo tempo, os artigos da *Military Review*, assim como o informe sobre a TF elaborado pela *Federal Research Division* citaram como fonte a imprensa, em um *feedback* que homogeneizou o olhar sobre esse espaço” (*Tradução nossa*).

Terrorism, divulgados pelo citado órgão referente ao terrorismo (o primeiro até 2003, e o segundo a partir de 2004), os elementos associados à região são os mesmos que se pode encontrar nos diferentes materiais produzidos pela mídia.

Apesar de todas as acusações, entretanto, nunca foi possível provar se de fato ocorre o financiamento a grupos terroristas por parte da comunidade árabe local. Como exemplos, reproduzimos os seguintes excertos, referente aos anos de 2002, 2003, 2011 e 2013¹³:

The Triborder area (TBA) — where Argentina, Brazil, and Paraguay converge— has long been characterized as a regional hub for Hizballah and HAMAS fundraising activities, but it is also used for arms and drug trafficking, contraband smuggling, document and currency fraud, money laundering, and the manufacture and movement of pirated goods. Although there were numerous media reports in 2002 of an al-Qaida presence in the TBA, these reports remained uncorroborated by intelligence and law-enforcement officials (DEPARTMENT OF STATE, 2003, p. 70).¹⁴

The Triborder area (TBA)—where Argentina, Brazil, and Paraguay converge—has long been characterized as a regional hub for Hizballah and HAMAS fundraising activities, but it is also used for arms and drug trafficking, contraband smuggling, document and currency fraud, money laundering, and the manufacture and movement of pirated goods. Although there continued to be reports in 2003 of an al-Qaida presence in the TBA, these reports remained uncorroborated by intelligence and law-enforcement officials. (DEPARTMENT OF STATE, 2004, p. 70)¹⁵

No credible information showed that Hizballah, HAMAS, or other Islamist extremist groups used the Tri-Border Area for terrorist training or other operational activity, but the United States remained concerned that these groups used the region to raise funds from local supporters (DEPARTMENT OF STATE, 2012, p. 184).¹⁶

There were no known operational cells of either al-Qa'ida or Hizballah in the hemisphere, although ideological sympathizers in South America and the Caribbean continued to provide financial and ideological support to those and other terrorist groups in the Middle East and South Asia. The Tri-Border area of Argentina, Brazil, and Paraguay continued to be an important

¹³ O texto que se refere à Tríplice fronteira no *Counter Report On Terrorism 2012* é exatamente o mesmo que o do ano posterior, motivo pelo qual decidimos por citá-lo somente uma vez nesta passagem.

¹⁴ “A Área da Tríplice Fronteira (TF) – onde Argentina, Brasil e Paraguai se encontram – tem sido desde há muito caracterizada como um eixo regional para o levantamento de fundos de atividades do Hizballah e HAMAS, mas também é utilizada para tráfico de drogas e de armas, contrabando, falsificação de dinheiro e documentos, lavagem de dinheiro, e a fabricação e circulação de bens piratas. Mesmo com os numerosos relatórios midiático em 2002 a respeito de uma presença na TF, esses relatórios não corroborados por oficiais da inteligência e aplicação da lei.” (*Tradução nossa*).

¹⁵ “A área da Tríplice Fronteira (TF) – onde Argentina, Brasil e Paraguai se encontram – tem sido desde há muito caracterizada como um eixo regional para o levantamento de fundos de atividades do Hizballah e HAMAS, mas também é utilizada para mas também é utilizada para tráfico de drogas e de armas, contrabando, falsificação de dinheiro e documentos, lavagem de dinheiro, e a fabricação e circulação de bens piratas. Ainda que relatos de uma presença da al-Qaida na TF foram verificados em 2003, esses relatos continuam não corroborados por oficiais da inteligência e aplicação da lei.” (*Tradução nossa*)

¹⁶ “Nenhuma informação confiável mostrou que o Hizbollah, Hamas ou outros grupos islâmicos extremistas utilizaram a Região da Tríplice Fronteira para treinamento terrorista ou outra atividade operacional, mas os Estados Unidos continuam preocupados em se esses grupos terroristas utilizaram a região para levantar fundos por meio de um patrocinador local” (*Tradução nossa*).

regional nexus of arms, narcotics, and human trafficking; counterfeiting; pirated goods; and money laundering – all potential funding sources for terrorist organizations (DEPARTMENT OF STATE, 2014, p. 18).¹⁷

Nota-se o interesse do governo na região, bem como sua associação ao tráfico de drogas e armas, lavagem de dinheiro e envolvimento com produtos pirateados. Referem-se à falta de provas com relação ao veiculado pela mídia, mas o relatório de 2011, apesar de admiti-lo, também deixa claro que os Estados Unidos continuam convencidos de que grupos terroristas podem estar atuando na região. O documento de 2013 prossegue, ainda que de maneira mais sutil, com as acusações anteriores.

Após a divulgação do relatório referente a 2011, uma comissão de parlamentares visitou a Tríplice Fronteira no mês de agosto de 2012, ano de publicação do documento.

Sigilosos ao extremo, o grupo de cinco parlamentares norte-americanos continua hoje a visita por países da América do Sul, um dia depois de terem deixado a Tríplice Fronteira, onde passaram por Ciudad del Este e Foz do Iguaçu. Eles estiveram na aduana paraguaia e percorreram a Ponte da Amizade, que liga Foz do Iguaçu a Ciudad del Este.

Um assessor do republicano Michael McCaul, um dos integrantes do grupo, disse à Folha de S.Paulo que um dos temas a serem tratados na viagem são os laços do Irã e do grupo libanês Hizbollah na fronteira entre os três países.

Os norte-americanos são da Câmara de Representantes do Congresso Norte-Americano e integram o Subcomitê de Supervisão e Investigação do Comitê de Segurança Doméstica. Eles percorrem alguns países da região para levantar informações sobre crimes transnacionais.

A intensa atividade comercial na fronteira do Brasil e Paraguai chamou atenção dos parlamentares. Os outros políticos da equipe de parlamentares são Henry Cuellar, Jeff Duncan, Robert Turner e Tom Graves. A viagem acontece uma semana depois da divulgação do Relatório sobre Terrorismo nos Países em 2011, feito pelo Departamento de Estado americano (PARO, 2012).

Algum tempo depois, Christine Folch, em reportagem publicada na revista *Foreign Affairs* e traduzida na íntegra pelo jornal “O Estado de São Paulo”, afirma que

Após o 11 de Setembro, funcionários americanos apareceram rapidamente no local para combater o crime e melhorar o serviço de inteligência. Mas

¹⁷ “Não houve conhecimento de células operacionais da al-Qa’ida ou Hizballah no hemisfério, embora simpatizantes ideológicos na América do Sul e Caribe continuem a providenciar apoio financeiro e ideológico para estes e outros grupos terroristas no Oriente Médio e região sul da Ásia. A região da Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai continuam a ser um importante nexo de armas, narcóticos e tráfico humano; falsificação; bens pirateados; e lavagem de dinheiro – todos potenciais fontes de financiamento para grupos terroristas” (*Tradução nossa*).

não se depararam com nenhum terrorista. Na verdade, as intervenções contribuíram pouco para reduzir a ilegalidade na região (...) (FOLCH, 2012).

Os pequenos exemplos como os acima citados demonstram a preocupação e vigilância que as autoridades norte-americanas, vinculadas às diversas esferas de poder dentro do governo, mantinham – e talvez ainda mantenham – sobre a região¹⁸. Os dados nesse sentido são poucos e ainda é muito difícil afirmar se a Tríplice Fronteira está em escala menor sob a “vigilância” dos Estados Unidos.

Isso não descarta que a visão de uma “Tríplice Fronteira perigosa” persiste. O que nos interessa analisar por ora são os elementos aos quais a região é associada nessas práticas discursivas e como estes apareceram na produção midiática internacional.

2.2.2 DIFUSÃO MIDIÁTICA E RESPOSTAS LOCAIS

A imagem que se veiculou da Tríplice Fronteira nos meios de comunicação de alcance internacional não estava muito distante de como o governo norte-americano caracterizava a região. Segundo esse argumento, a principal característica de sua dinâmica de funcionamento seria justamente a falta de uma dinâmica regulada, o que demonstraria sua fragilidade.

Há também a visão de uma região unificada e independente das lógicas nacionais dos três territórios que a compõem – uma espécie de reificação que torna a Tríplice Fronteira não mais somente o encontro de três países, mas uma entidade única dotada de características próprias.

La forma en que la prensa se refiere a la TF supone la existencia de un ámbito con características propias, irreductibles a las lógicas culturales, legales, económicas o políticas de cada uno de los tres países. En la visión reificada por algunos medios, una de las reglas de la dinámica de la TF consistiría justamente en carecer de una dinámica reglada. En tanto “tierra sin ley”, la zona es retratada como concentrando la suma total de atributos negativos de los tres países: corrupción, lavado de dinero, tráfico de influencias, dimisión del estado, arbitrariedad, situación permanente de crisis, inseguridad y riesgo. (MONTENEGRO; BELIVÉAU, 2006, p. 43)¹⁹

¹⁸ Os relatórios são publicados anualmente pelo Departamento de Estado; Michael McCaul, por sua vez, é deputado eleito pelo 10º Distrito do Texas para a Câmara dos Representantes (câmara inferior) pelo Partido Republicano.

¹⁹ A forma pela qual a imprensa se refere à TF supõe a existência de um âmbito com características próprias, irreduzíveis às lógicas culturais, legais, econômicas ou políticas de cada um dos três países. Na visão reificada por alguns meios, uma das regras da dinâmica da TF consistiria justamente em

Os elementos que definem a região são os mesmos que os evocados pelos relatórios anteriormente citados: lavagem de dinheiro, tráfico de drogas, entre outros; ilicitudes que teriam como plano de fundo um ambiente propício a sua realização e no qual os Estados envolvidos não logram um controle eficaz.

As primeiras notícias sobre a região referiam-se à suspeita do envolvimento de “árabes residentes na zona” com os ataques à Embaixada de Israel em Buenos Aires, em 1992, e à sede da *Asociación de Mutuales Israelitas Argentinas*, em 1994 (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 15). É nesse momento que começam a se evidenciar, ainda que de maneira mais sutil que posteriormente, os primeiros discursos mais enfáticos vinculando a fronteira a alguma forma de terrorismo.

As autoras fornecem uma sucinta lista sobre a difusão desses conteúdos internacionalmente. As reportagens publicadas a partir de 2001 são, em sua maioria, da autoria de meios de comunicação norte-americanos, como *The Washington Post*, *The Washington Times*, *The New York Times*, *CNN*, bem como na britânica *BBC*. A *Military Review*, periódico especializado em estudos sobre estratégias militares, a *The Middle East*, especializada em conflitos no Oriente Médio, e outras, também abordaram o assunto da fronteira (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 47). Os relatórios oficiais do Departamento de Estado dos Estados Unidos também figuram na lista dos documentos que refletem a preocupação de tratar a Tríplice Fronteira como pauta da agenda de segurança de seu país, como é possível observar nas citações anteriores.

Segundo Montenegro e Béliveau (2006, p. 51), no decorrer do ano de 2002, as notas publicadas no *The New York Times* e *The Washington Times* estavam totalmente de acordo com o ponto de vista do Departamento de Estado sobre o assunto. Ressaltam que, no final do ano de 2001, Francis Taylor, coordenador para antiterrorismo da burocracia, dirigiu-se pessoalmente à região para a realização de um seminário chamado “Prevenção do terrorismo internacional e do crime organizado na zona da Tríplice Fronteira”.

Nos anos seguintes, as publicações do órgão traziam Argentina, Brasil e Paraguai sob o título “Tri-border Area”, citando reportagens jornalísticas e

carecer de uma dinâmica regulada. Enquanto “terra sem lei”, a zona é retratada como concentrando a soma total dos atributos negativos dos três países: corrupção, lavagem de dinheiro, tráfico de influências, demissão do Estado, arbitrariedade, situação permanente de crise, insegurança e risco. (Tradução nossa.)

evidenciando o fato de que não havia provas dos organismos de inteligência que corroborassem o argumento.

Em suma, a inclusão da Tríplice Fronteira como tópico de noticiários e periódicos construiu-se sobre uma gama de pressupostos e hipóteses que acabou por formular um discurso homogêneo difundido por um considerável número de meios de comunicação de alcance internacional, como já referenciado.

La construcción de la TF [Triple Frontera] en tanto noticia implicó la puesta en relación de eventos distantes con circunstancias locales, tejiéndose una densa trama de supuestos e hipótesis sobre la realidad de la región. En los últimos años, la mirada “externa” sobre la TF se plasmó en una matriz de discurso homogéneo y recurrente que comenzó a ser contestado por los argumentos de otros medios internacionales o locales alternativos opuestos a esa mirada. (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 45)²⁰

Podemos elencar como exemplo de análise dessa contestação do ponto de vista hegemônico circulado sobre a região o trabalho de Karam (2011, p. 203-204). O autor relaciona como respostas a esses fluxos midiáticos hegemônicos o movimento “Paz Sem Fronteiras”, realizado logo após os atentados; o processo aberto por parte da Prefeitura de Foz do Iguaçu contra a rede CNN por danos à imagem da Tríplice Fronteira, em 2002; e em 2003, a campanha publicitária que utilizou a imagem de Osama Bin Laden para satirizar sua suposta visita à cidade – à época, os meios de comunicação afirmavam que o líder da organização fundamentalista Al-Qaeda teria ido a Foz do Iguaçu.

Segundo o autor, o movimento de 2001 teria reunido 45 mil pessoas no Gramadão da Itaipu Binacional, espécie de praça que se localiza no bairro “Vila A” de Foz do Iguaçu. Esse dado teria sido divulgado pela Polícia Militar. Em reportagem circulada pelo jornal Folha de São Paulo (AGÊNCIA FOLHA, 2011) fala-se de aproximadamente 15 mil pessoas, devido ao chuveiro que atingia a região no dia da realização do evento – este dado também teria sido divulgado pela Polícia Militar.

A manifestação tinha como objetivo “responder às suspeitas acerca da existência de operações terroristas na Tríplice Fronteira” (KARAM, 2011, p. 211), de modo a lograr, por meio de uma possível difusão em meios de comunicação de maior alcance, uma cobertura ampla do posicionamento de seus organizadores.

²⁰ “A construção da TF [Tríplice Fronteira] enquanto notícia implicou na ascensão da relação de eventos distantes com circunstâncias locais, tecendo uma densa trama de pressupostos e hipóteses sobre a realidade da região. Nos últimos anos, o olhar “externo” sobre a TF plasmou-se em uma matriz de discurso homogêneo e recorrente que começou a ser contestado pelos argumentos de outros meios internacionais ou locais alternativos opostos a esse olhar” (*Tradução nossa.*)

Apesar disso, não foi bem sucedida em seu objetivo, mesmo tendo sido noticiada por algumas grandes redes²¹.

Tanto os líderes quanto a base do movimento não eram necessariamente de origem “árabe”, e tanto é assim que recebeu apoio maciço das autoridades e meios de comunicação local (KARAM, 2011, p. 211-212). A diretoria do movimento compunha-se de cinco árabe-brasileiros, uma cristã maronita e quatro muçulmanos sunitas.

Pouco antes da realização do movimento Paz sem Fronteiras, no dia 08 de novembro de 2001, a rede CNN de televisão divulgou uma reportagem assinada por Harris Whitbeck e Ingrid Anerson, argumentando que a fronteira estava servindo de refúgio para terroristas e abastecimento de movimentos radicais. (KARAM, 2011, p. 216). A reportagem causou incômodo, segundo o autor, não somente a membros e integrantes da comunidade árabe, mas também em representantes da imprensa e do governo de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu.

Na semana seguinte, outra reportagem é divulgada pela rede de televisão. Nesta²², a correspondente internacional veterana Christiane Amanpour encontra uma fotografia, pendurada em um recinto, que afirma veementemente ser das Cataratas do Iguaçu, em meio a uma ação das forças armadas dos Estados Unidos em Cabul, no Afeganistão. Posteriormente, provou-se que o retrato era de outro lugar.

Exatamente um ano após a primeira reportagem, no dia 08 de novembro de 2002, outra matéria é divulgada com a assinatura de Mike Boettcher, alegando a realização de uma reunião terrorista em Ciudad del Este (KARAM, 2011, p. 220). No mesmo dia, relata o autor, tanto o prefeito de Foz do Iguaçu à época, Sâmis da Silva, quanto a Câmara dos Vereadores do município, realizaram movimentações políticas no sentido de rechaçar tais pontos de vista.

O primeiro, além de utilizar os meios de comunicação locais para enquadrar as ações da CNN também como “terrorismo”, tornou público o fato de que os departamentos de comunicação e informações institucionais da Prefeitura

²¹Entre eles, o autor cita Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, entre outros (Brasil); e *Última Hora*, *Diário ABC Color*, e *La Nación* (Paraguai).

²²No processo de elaboração do projeto que deu origem a esta pesquisa, em meados de 2012, tive acesso ao vídeo em questão por meio do *website Youtube*. Em nova busca, no primeiro semestre de 2014, o conteúdo não foi mais localizado.

monitorariam a mídia. Por outro lado, a Câmara moveu uma moção de repúdio às reportagens, evidenciando o movimento político em torno das acusações.

A Procuradoria-Geral do Ministério Público da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu abriu então um processo contra a CNN na 2ª Vara Cível do Fórum de Justiça, por danos morais (KARAM, 2011, p. 220-222). A primeira audiência, em 2004, resultou infrutífera. A rede Turner International do Brasil Ltda alegou que o conteúdo circulado era de responsabilidade da matriz em Atlanta, Estados Unidos, e que, portanto, o processo deveria ser aberto na cidade norte-americana. Desse modo, o caso foi arquivado.

Não obstante, o jornalista Rogério Bonato, então editor-chefe d'A Gazeta do Iguaçu, principal periódico local, encabeçou uma campanha publicitária que teria resultados mais efetivos. À época, várias agências de notícia veicularam que Osama Bin Laden teria passado pela Tríplice Fronteira em 1990. Utilizando-se desse elemento, criou peças publicitárias cujo *slogan* era: "Se Bin Laden teria arriscado o pescoço para visitar Foz do Iguaçu, é porque vale a pena! Foz, todo mundo quer ver"; outra peça dizia o seguinte: "Quando não está detonando o mundo, ele passa horas agradáveis em Foz. Venha você também"²³.

Com financiamento do Governo do Estado do Paraná à divulgação, a série de cartazes foi veiculada em aproximadamente 170 meios de imprensa e publicidade em diversos países (KARAM, 2011, p. 222-226). Rendeu, inclusive, uma reportagem no *The Washington Post*, que até então era um dos grandes divulgadores da "má fama" da fronteira, e uma entrevista no Programa do Jô com Bonato²⁴, transmitido pela Rede Globo de Televisão.

É interessante notar o envolvimento de órgãos e figuras públicas que não necessariamente mantinham um vínculo étnico com a comunidade árabe. Ou seja, o esforço por refutar tais argumentos tinha por detrás de si, também, interesses políticos. Independentemente de quais teriam sido, resulta que, como mostrou o autor, o jornal serviu como contraponto a pontos de vistas exteriores à Tríplice Fronteira e que não atendiam aos interesses dos que se envolveram no processo comentado acima.

²³ Para verificar algumas das peças publicitárias, ver ANEXOS 2, 3 e 4, nas páginas 184, 185 e 186.

²⁴ "Rogério Bonato no Programa do Jô.". Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=XD73zDqhjn0>>. Acesso em: 30/01/2015.

Os movimentos elencados pelo autor não foram os únicos, mas são aqueles que apresentaram maior relevância e alcance. Durante o levantamento das reportagens, pudemos notar a realização do “Primeiro Encontro Aberto de Terroristas Internacionais”, talvez em resposta àquela reportagem assinada por Whitbeck e Arnerson.

Realizada no Hotel Carimã no dia 14 de dezembro de 2001 (LIMA, 2001, P. 3, p. 3), a festa visava ironizar tanto a presença terrorista na fronteira quanto a de Osama Bin Laden que, segundo consta na reportagem, “como era de se esperar, (...) não compareceu ao evento”. Entretanto, não foram encontrados registros do evento em outros meios de comunicação ou na literatura consultada.

2.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Neste capítulo, vimos que o início dos fluxos migratórios para Foz do Iguaçu data da década de 1960, concomitantes ao desenvolvimento da região. Aproveitando as oportunidades comerciais oferecidas pelo então inexplorado comércio da fronteira, seja do lado brasileiro ou paraguaio, muitos imigrantes fixaram-se na cidade.

Inseridos dentro de uma rede de contatos com o local de origem, outras ondas migratórias posteriores podem ser notadas para a região, tornando a comunidade expressiva frente a outros grupos que iam se formando pelo país. Isso torna a comunidade heterogênea tanto no que se refere às religiões professadas, quanto ao momento de chegada na região, cada um condicionado não somente pelas condições socioeconômicas da Tríplice Fronteira, mas também do local de origem.

Por outro lado, foi possível notar que o rótulo que liga a Tríplice Fronteira ao terrorismo internacional foi reforçado e amplificado politicamente pelo governo dos Estados Unidos e por meios de comunicação internacional, amparados em antecedentes regionais anteriores, como os ataques terroristas a Buenos Aires.

Tais argumentos são frutos de declarações oficiais do governo norte-americano, que circularam mundialmente por meios de cadeias de comunicação de expressão, entre elas a CNN. Os documentos, entretanto, não contavam com uma fonte segura, e muitas vezes utilizavam-se das próprias reportagens para corroborar

seus argumentos, gerando um “círculo vicioso” de argumentos no que se refere à região.

Esses movimentos midiáticos provocaram uma reação na Tríplice Fronteira, e em especial em Foz do Iguaçu, mobilizando não somente representantes da comunidade árabe, mas também a imprensa e autoridades locais. Essas respostas extrapolaram os limites étnicos e tornaram-se uma questão política, haja vista, inclusive, um processo movido pela Prefeitura da cidade contra a rede de televisão CNN.

Diante deste quadro, no próximo capítulo passaremos à análise de reportagens veiculadas nessa época, especialmente no diário “A Gazeta do Iguaçu”, com o objetivo de traçar a forma como a comunidade e os movimentos de repúdio e pela paz foram retratados.

3 O DISCURSO SOBRE A COMUNIDADE NA GAZETA DO IGUAÇU A PARTIR DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

3.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1.1 A ANÁLISE DE DISCURSO

O presente capítulo, como já mencionado na Introdução, tem como objetivo identificar e analisar os argumentos adotados pelo jornal A Gazeta do Iguaçu a partir de 2001, tanto no que se refere à forma como a comunidade passou a ser retratada, como à repercussão que os atentados tiveram na zona fronteira. Para tanto, realizou-se uma análise de discurso de reportagens coletadas dos arquivos do referido jornal. Detalhes sobre a amostragem serão relacionados na próxima seção.

No que se refere à análise de discurso, Gill (2003, p. 244) afirma que não existe somente um tipo de “análise de discurso”, mas uma série de abordagens que visam a análise de textos, advindas de tradições teóricas distintas e com enfoques diversos em várias áreas de estudo. Entretanto, todas compartilham do pressuposto de que a linguagem e o discurso são centrais na construção da vida social.

Esse tipo de metodologia pode ser nomeado como sócio-construcionista, construcionista, ou construtivista, e pressupõe que as categorias que são utilizadas para interpretar o mundo são construídas através de “processos sociais” (COYLES, 2010, p. 365). Esses processos ocorrem por meio de “interações linguísticas”, e, portanto, estão localizados historicamente e culturalmente. As categorias que são utilizadas para dar sentido ao mundo, desse modo, não correspondem necessariamente a uma “realidade” dada e objetiva – são bem mais fruto desses processos que se manejam por meio da linguagem.

Isso não implica na afirmação de que não exista uma “realidade”, mas leva a crer que as interpretações dessa realidade é que são construídas por meio da linguagem. Quem se utiliza da linguagem produz “versões” dos acontecimentos, formuladas a partir dos aparatos linguísticos de que dispõe.

A ênfase sobre a linguagem como um instrumento construtivo é uma das principais pressuposições da análise do discurso. O usuário da linguagem é visto como que selecionando a partir de uma variedade de recursos linguísticos disponíveis e usando esses recursos para construir uma versão dos eventos, embora não necessariamente de um modo intencional. A

peessoa pode não ser capaz de articular o processo construtivo no qual ele ou ela está engajado, mas isso não significa que ele não exista. Ele simplesmente ilumina a extensão na qual o uso construtivo da linguagem é um aspecto fundamental, convencionado, da vida social. (COYLES, 2010, p. 365)

Portanto, o método não tem como objetivo chegar à realidade social, mas às suas interpretações construídas por meio da linguagem, averiguando a maneira como os indivíduos utilizam-se desses recursos linguísticos para elaborá-las e o que se consegue a partir dessas construções.

Gill (2003, p. 246) afirma que existam pelo menos 57 variantes do que se convencionou chamar “análise de discurso”, entre as quais não é possível somente definir um método, mas assumir uma postura epistemológica. Nesse sentido, com o objetivo de abranger de forma geral as principais diferenças entre elas, relaciona-as dentro três tradições teóricas mais amplas.

A primeira tradição, dentro da qual é possível encontrar uma gama de posicionamentos, tem um viés mais semiótico e está mais próxima da área da linguística. O núcleo geral deste grupo consiste em trabalhar a partir da concepção de que o significado de uma palavra surge do sistema de oposições em que está inserido, e não de uma estrutura advinda da relação entre significado e significante.

A segunda, por sua vez, que sofreu influência da teoria do ato da fala, da etnometodologia e da análise da conversação, dá ênfase à orientação funcional de que são dotados os discursos. Isto equivale a dizer que buscam desvendar o objetivo para o qual as narrativas foram desenvolvidas, dando ênfase à organização da interação social.

Por fim, elenca-se aquela que foi bastante influenciada pelo pós-estruturalismo, cuja principal característica é afastar-se da noção de sujeito unificado coerente, rejeitando as noções realistas da linguagem. Destacando o trabalho de Michel Foucault (GILL, 2003, p. 247), a autora afirma que sua produção não se interessa nos detalhes dos textos, seja eles falados ou escritos, mas sim em olhar os discursos de um ponto de vista histórico .

Apesar de convergir em muitos pontos com Gill (2003) no que se refere ao delineamento do que viria a ser o método, Coyles (2010, p. 364), que faz menção às mesmas correntes citadas, é enfático ao afirmar que somente é possível expor características comuns das abordagens de análise de discurso de forma bastante

ampla, uma vez que há uma gama de abordagens teóricas de análise que se baseiam em diferentes pressupostos e têm diferentes objetivos.

Ainda assim, a autora afirma que o enfoque a ser abordado desde sua perspectiva inspira-se em concepções das tradições que elenca, além do campo da análise da retórica (GILL, 2003, p. 247). A análise do discurso teria então quatro temas principais, sendo o primeiro uma atenção ao discurso em si próprio. Neste caso, utilizar o método significa preocupar-se em analisar o discurso e seus argumentos, e não chegar a uma realidade específica a partir dele.

Com “discurso”, a autora refere-se a “todas as formas de fala e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas, ou textos escritos de todo tipo” (GILL, 2003, p. 247). A definição é bastante abrangente e refere-se basicamente ao material recolhido para análise.

Coyles, por exemplo, afirma que

(...) os discursos podem ser definidos como conjuntos de material linguístico que tem um grau de coerência em seu conteúdo e organização e que desempenham funções construtivas em contextos sociais amplamente definidos. Diferentes discursos podem ser invocados para a construção de qualquer objeto, pessoa, evento ou situação, e de diferentes modos. (COYLES, 2010, p. 366)

Neste caso, a ênfase está nos significados manejados pela linguagem e em suas funções no discurso, abrangendo também a influência do contexto na atribuição de sentido à realidade.

Outro exemplo que se pode elencar é o de Fairclough (2001), cuja ênfase na qualificação do discurso recai sobre a prática.

(...) O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Aqui, o discurso constrói os significados que se atribui ao mundo, sendo uma prática porque molda, modifica ou mantém esse conjunto de símbolos a partir do qual aquele que utiliza a linguagem articula seu pensamento.

Outra definição possível é aquela que associa o discurso ao poder.

(...) Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – com a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2004, p. 10)

Neste trecho, pode-se depreender que o discurso é inerente às relações políticas em um sentido amplo, em que comunicar-se, utilizar a linguagem, é estar em uma posição privilegiada.

Em um sentido abrangente, as nuances de cada um desses pontos de vista podem ser percebidas na esquematização de Gill (2003, p. 247). Se o primeiro tema da análise de discurso diz respeito à preocupação com o discurso em si, o segundo o expõe a linguagem como construtiva. Além de ser forjado a partir de um conjunto linguístico pré-existente, elaborar um discurso requer fazer escolhas entre inúmeras possibilidades, e a partir dessas decisões sedimentar uma narrativa com sentido. Por último, diferentes narrativas fazem parte da construção de nossas visões sobre a realidade, formando um constructo que pode se modificar e ser modificado com o tempo.

A autora também elenca como importante em uma análise de discurso a “orientação da função do discurso” (GILL, 2003, p. 248), ou seja, como prática social. Sendo os indivíduos atores sociais, orientam-se por seu contexto interpretativo para construir discursos que o harmonizem ao contexto. Essa prática, porém, é concebida em termos culturais, e não individuais, ou seja, argumenta-se que todo discurso é circunstancial. Portanto, analisar um discurso é também analisar um contexto interpretativo.

Por último, a autora afirma que analisar discursos é ter em mente que existe uma organização retórica na forma em como é articulada a linguagem. A vida social, nesta última característica, é identificada como conflituosa, em vários sentidos. Assim, uma parte do discurso está engajada em elaborar uma narrativa da realidade frente a outras, em um contexto de competição. Portanto, a persuasão é o objetivo da organização retórica do texto, como uma tentativa de tornar dada versão do mundo convincente e “mais real” do que outras – trata-se de uma relação de poder.

Resumidamente, a análise de discurso requer a análise do texto sem a pretensão de alcançar uma realidade única, mas analisar um ponto de vista sobre

dado assunto, e, mais além, a forma como é construído. Além disso, orienta-se a partir dos pressupostos de que o discurso constrói versões da realidade e consiste em prática social. Por fim, que os discursos têm objetivos de tornarem-se persuasivos, de chegarem a um lugar privilegiado entre as narrativas existentes.

3.1.2 AMOSTRAGEM

Como já mencionado anteriormente, o periódico escolhido para a análise foi A Gazeta do Iguaçu, em cujos arquivos foram coletadas as reportagens que compõem o conjunto analisado nesta dissertação. Os períodos selecionados compreendem-se entre os anos de 2001 a 2003, cujo montante final foi de 120 artigos, dos quais 10 foram selecionados para análise – a maneira como se chegou a essa amostra final será explicitada na sequência.

A escolha pelo diário baseou-se nas referências de Coyles (2010, p. 369), segundo quem “se reportagens de jornal de um evento particular forem usadas, não é necessário coletar as reportagens de todos os jornais sobre esse evento”. Priorizou-se textos em formato de reportagem, de qualquer tamanho, excluindo o material visual e colunas de opinião por uma questão de tempo e das possibilidades da investigação, uma vez que o material coletado aumentaria em pelo menos 50%.

Por outro lado, como o marco temporal utilizado inicia-se com os atentados de 11 de setembro de 2001, levou-se em consideração que as matérias posteriores viriam a ser influenciadas pelo evento. Portanto, a segunda questão levantada quando da escolha de se trabalhar com o referido diário relacionou-se o período específico que seria analisado.

Para tanto, levou-se em consideração a obra de Karam (2011, p. 204), já referenciada anteriormente. A hipótese do autor é que os “árabes, ao colaborarem com órgãos do governo e de imprensa no Brasil e no Paraguai, atravessaram fronteiras étnicas e nacionais para contrariar a ‘guerra ao terror’ norte-americana”. Isso ocorreu por meio de movimentações da população, autoridades e mídia local – no caso, A Gazeta do Iguaçu.

Nesse sentido, houve a organização do movimento “Paz sem Fronteiras”, no fim de 2001; o processo jurídico iniciado pela Prefeitura de Foz do Iguaçu contra a CNN, no fim de 2002; e a elaboração da campanha publicitária que satirizou a

suposta presença de Osama Bin Laden na fronteira. Cada um desses “marcos” tem um fator desencadeador, mesmo não sendo as únicas ocorrências no período.

O movimento “Paz sem Fronteiras” foi realizado no dia 11 de novembro de 2001, exatamente dois meses após os atentados. O processo contra a rede CNN foi aberto após uma onda de reações a uma reportagem publicada no dia 08 de novembro de 2002 por Mike Boettcher. E, por fim, a campanha publicitária foi concebida em março de 2003, após alegações por meios de comunicação norte-americanos da suposta presença de Bin Laden na Tríplice Fronteira.

Coyles (2010, p. 369-340) afirma que a etapa de análise dos dados qualitativos é mais dispendiosa e longa que a dos dados estruturados e, portanto, é necessário ter o cuidado de não reunir uma quantidade excessiva de dados não estruturados. O autor enfatiza que o importante é reunir uma quantidade de texto que seja o suficiente para compreender as diversas formas discursivas que servem de material para a investigação.

Assim, tomamos como ponto de partida os três “marcos” elencados acima, coletando todas as reportagens dos quatro meses posteriores, período que foi avaliado como extenso o suficiente para se ter uma ideia da repercussão dos acontecimentos, mas não tão longo que sobrecarregasse o trabalho posterior. Portanto, foram colhidos textos do dia 12 de setembro de 2001 e dos quatro meses seguintes, seguindo a mesma lógica a partir do dia 09 de novembro de 2002 e do mês de março de 2003.

Ao iniciar o levantamento de material, notou-se que os artigos referentes aos eventos subsequentes aos atentados dividiam-se basicamente em duas “categorias”, como chamarei esses dois aspectos desse conjunto de publicações. Primeiramente, havia aqueles que se referiam aos atentados em si e aos acontecimentos que vieram a resultar nas guerras levadas a cabo pelos Estados Unidos, ou seja, matérias relacionadas a eventos internacionais e “distantes” da realidade da comunidade – coloco o termo “distante” entre aspas pois, como demonstrado no capítulo anterior, essa distância era somente física.

Por outro lado, um outro conjunto de textos referia-se aos reflexos dos atentados no cotidiano e na vida política da região, sob os mais diversos aspectos, como detalharei mais adiante - foi sobre esse segundo conjunto da produção jornalística analisada que nos detivemos. A escolha foi guiada pelo fato de que as

referências diretas à comunidade como um todo ou a membros específicos aconteciam no segundo grupo.

A partir disso, os critérios de escolha das reportagens colhidas foram: 1º) quaisquer referências diretas à comunidade árabe ou islâmica²⁵, relacionadas explicitamente ou não aos atentados; 2º) referências a reflexos dos atentados na região, não necessariamente relacionados à comunidade; 3º) referências a ambos, comunidade e atentados, na mesma reportagem. A grande maioria das reportagens concentra-se no primeiro e nos últimos critérios.

O *corpus* final de reportagens contava com 120 artigos. Optei por levar a linha editorial do jornal como uma mesma matriz discursiva, da qual vários outros discursos se desprendiam. A escolha se deve ao fato de que todas as matérias devem passar pelo crivo de um editor-chefe, que seleciona de acordo com seus critérios quais mensagens devem ou não levar o nome do jornal.

Nesse sentido, Fairclough (2001, p. 281) afirma que o investigador pode optar por codificar todo o *corpus* ou somente uma parte dele, podendo resumir o discurso ou classificá-lo por tópicos, além de outras maneiras. Optei por codificar o *corpus* em tópicos, pois após a leitura de todas as reportagens, notei que elas poderiam ser classificadas de acordo com o tema da reportagem e a aparente função discursiva que representava.

Assim, cheguei a seis tópicos básicos, que elucidarei individualmente na sequência e cuja nomenclatura atribuída foi a seguinte: 1) Comunidade; 2) Segurança; 3) Movimentos e atos públicos; 4) Declarações políticas; 5) Prisões e investigações; e 6) Mídia.

O primeiro diz respeito a quaisquer referências diretas ou indiretas à comunidade árabe e à cidade, relacionadas explicitamente ou não aos atentados. Como exemplo desta primeira, destacamos a reportagem: “Comunidade islâmica ameniza a fome em Foz” (GESING, 2002, P. 36), de 14 e 15 de dezembro de 2002.

O segundo refere-se à cooperação política internacional relacionada à segurança das fronteiras da região e biossegurança e, por conseguinte, às movimentações por parte dos Estados componentes da Tríplice Fronteira, nas figuras das Forças Armadas, da Presidência da República, da Diplomacia e da

²⁵ A diferenciação aqui deve-se ao fato de que, nas reportagens, ora referem-se à “comunidade árabe”, ora à “comunidade islâmica”.

Polícia Federal, exemplificada na seguinte matéria: “Treinamento envolve 150 reservistas” (BEVERVANSO, 2001b, p. 32), de 20 de outubro de 2001.

O terceiro engloba artigos cujo tema se relacione a movimentos e eventos promovidos em defesa da comunidade ou pela paz em geral e atos públicos no mesmo sentido, especialmente na Câmara dos Vereadores. Como exemplo, citamos: “Fronteira inicia mobilização pela paz” (VENDRAME, 2001a, p. 11), de 20 de outubro de 2001.

O quarto permeia declarações, palestras e entrevistas com políticos, acadêmicos e porta-vozes da comunidade cujo destaque é central na matéria, como o exemplo da reportagem de 25 de outubro de 2001 com a manchete: “Barakat condena perseguição a árabes” (SOUZA, 2001, P. 11, p. 11).

O quinto reúne as matérias que fazem menção a prisões e investigações de cidadãos libaneses ou de origem árabe, relacionadas a terrorismo ou não. Elencamos como exemplo a reportagem “Comerciantes árabes têm contas bloqueadas” (BEVERVANSO, 2001a, p. 27), datada de 10 de outubro de 2001.

Por fim, o sexto relaciona-se a todo material que diga respeito a outros meios de comunicação nacionais ou internacionais em relação direta ao tema “terrorismo” e em alusão à Tríplice Fronteira. Exemplificamos com a matéria “Folha destaca campanha alternativa de Foz” (PIMENTEL, 2003, P. 07, p. 07), de 25 de março de 2003.

Com a codificação acima realizada, chegamos ao seguinte quadro (TABELA 1), o qual especifica a quantidade de reportagens recolhidas por marco temporal e por tópico²⁶:

TABELA 1 – CORPUS DE REPORTAGENS CLASSIFICADO POR TÓPICOS E MARCOS TEMPORAIS

TÓPICOS	MARCOS TEMPORAIS			TOTAL POR TÓPICO	PERCENTUAL POR TÓPICO
	Set. a Dez./01	Nov/02 a Fev/03	Mar. a Jun./03		
Comunidade	4	7	3	15	12,5%
Segurança	22	6	2	30	25%
Movimentos e atos públicos	19	5	10	33	27,5%
Declarações políticas	10	5	7	22	18,3%

²⁶ Para verificar o quadro de reportagens recolhidas por tópicos, marcos temporais e meses, consultar o APÊNDICE 1, na página 180.

Prisões e investigações	10	3	2	15	12,5%
Mídia	2	1	2	5	4,2%
TOTAL POR MARCO TEMPORAL	67	27	26	120	100%
PERCENTUAL POR MARCO TEMPORAL	55,8%	22,5%	21,6%	100%	***

FONTE: O AUTOR (2015)

Disso depreende-se que a um pouco mais da metade das reportagens foram publicadas no período imediatamente posterior aos atentados (55,8%), seguindo a mesma proporção no que tange aos tópicos, concentrando-se em reportagens sobre segurança (25%) e movimentos e atos públicos (27,5%). Se se tratasse de uma amostra mais proporcional, pouco mais da metade das reportagens da amostra final estariam concentradas nesses moldes.

Ambos, segurança e movimentos e atos públicos, somam 52,5% do total do corpus, enquanto os outros (comunidade, 12,5%; declarações políticas, 18,3%; prisões e investigações, 12,5%; mídia, 4,2%) somam 47,5%. Entretanto, como se trata de uma pesquisa qualitativa, levou-se em consideração que outras reportagens de outros tópicos e períodos seriam de elevada importância para a análise final, e seriam obrigatoriamente descartadas caso se optasse por uma amostra proporcional.

Por outro lado, em alguns tópicos as referências à comunidade eram mais explícitas, como naquele intitulado “comunidade” (12,5%), com elementos que aparentemente eram mais acessíveis à análise.

Levando em consideração o que foi argumentando, escolheu-se por utilizar como objeto de análise as reportagens dos tópicos “Comunidade” e “Movimentos e atos públicos”. Teve-se em conta também o conteúdo e a forma como a reportagem havia sido elaborada dentro do contexto em questão. Assim, cada tópico tem ao menos três reportagens coletadas nos doze meses, com ao menos uma selecionada por marco temporal, como pode ser visto no quadro a seguir (TABELA 2)²⁷:

TABELA 2 – AMOSTRA FINAL DE REPORTAGENS CLASSIFICADA POR TÓPICOS E MARCOS TEMPORAIS

TÓPICOS	MARCOS TEMPORAIS			TOTAL POR TÓPICO	PERCENTUAL POR TÓPICO
	Set. a	Nov/02 a	Mar. a		

²⁷ Para verificar a lista completa de reportagens selecionadas, consultar APÊNDICE 2, na página 181.

	Dez./01	Fev/03	Jun./03		
Comunidade	3	2	2	7	70%
Movimentos e atos públicos	1	1	1	3	30%
TOTAL POR MARCO TEMPORAL	4	3	3	10	100%
PERCENTUAL POR MARCO TEMPORAL	40%	30%	30%	100%	***

Na amostra final, portanto, temos 40% das reportagens selecionadas no marco temporal de setembro a dezembro de 2001, enquanto os dois seguintes, novembro de 2002 a fevereiro de 2003 e março de 2003 a junho de 2003, concentram cada um 30% dos textos. No que se refere aos tópicos, 70% das reportagens da amostra estão enquadradas como “Comunidade”, enquanto os 30% restantes localizam-se na classificação “Movimentos e atos públicos”.

Assim, o intuito ao selecionar a amostra dessa forma foi conseguir que fosse tão representativa quanto possível, dentro das possibilidades da pesquisa, sem desconsiderar o caráter qualitativo do método escolhido para a análise dos dados.

3.2 ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Gill (2003, p. 250) refere-se ao fato de que não há uma maneira exata de elaborar uma análise de discurso. Segundo a autora, “em algum lugar entre a ‘transcrição’ e a ‘elaboração do material’, a essência do que seja fazer uma análise de discurso parece escapar: sempre indefinível.”. É uma forma de análise do material que não pode ser reproduzida em esquemas analíticos fixos e imutáveis, cabendo ao pesquisador elaborá-la da maneira que lhe pareça mais clara e coerente.

Desse modo, a presente seção será dedicada à apreciação de cada uma das reportagens escolhidas na amostra, para posteriormente discutir as categorias que surgem em seu conteúdo e de sua argumentação. Ressalta-se que, tratando-se de uma das possíveis versões da realidade que existiram sobre o evento, os textos podem ser vistos como uma resposta a outras visões de mundo do contexto em questão.

Outra estratégia analítica que pode ser útil é examinar um texto de um modo situado, atento a qual versão dos eventos ele possa estar destinado a

contrariar. Qualquer versão dos eventos não é senão uma de uma série de possíveis versões e, portanto, deve ser construída de maneira mais persuasiva do que as versões alternativas, se ela deve prevalecer. Às vezes, as versões alternativas serão explicitamente mencionadas e contrariadas em um texto, mas, em outras ocasiões, elas podem ficar implícitas. Se os analistas são sensíveis à questão de saber quais possam ser essas versões alternativas, eles podem estar bem situados a fim de analisar como o texto cumpre a função de legitimar a versão construída. (COYLES, 2010, p. 371)

Nesse sentido, Montenegro e Béliveau (2006, p. 47) afirmam que a Tríplice Fronteira foi retratada por meios de comunicação norte-americanos como uma “terra sem lei”, uma zona longínqua e diferente, sobre a qual os países que a compõem não quiseram ou não puderam impor nenhuma espécie de ordenamento ou controle. A partir dos atentados, esses argumentos tentaram legitimar sua relação com a região, enfatizando a alta quantidade de imigrantes de origem árabe e os problemas de controle fronteiriço por parte dos Estados.

Assim, as reportagens que seguem devem ser vistas dentro de um contexto em que a Tríplice Fronteira está sendo diretamente associada ao financiamento do terrorismo internacional não somente em um momento, e nem tampouco por um único meio. Seus argumentos, segundo a perspectiva que se propõe, seriam uma tentativa de legitimar uma visão de mundo distante daquela que se veiculava, desfavorável à região. Portanto, os elementos de persuasão devem ser direcionados não somente à comunidade árabe, mas à cidade como um todo.

É importante ressaltar que, ao levantar o material de análise e tendo em vista as considerações acima elaboradas, chamava a atenção nos arquivos consultados a quantidade de referências a crianças e jovens, fossem escritas ou em forma de imagens, fosse destacando a presença “juvenil” no mesmo patamar de importância das “autoridades”.

Apesar de que neste trabalho não se analisa diretamente o conteúdo visual da amostra, não há como negar seu papel dentro do argumento. A imagem a seguir, que introduzimos para exemplificar a inquietação que surgiu durante o processo de pesquisa, ilustra de maneira clara e precisa o tom que se adotava ao trazer a criança como elemento discursivo (FIGURA 1):



FIGURA 1 – REFERÊNCIA À CRIANÇA –
FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: A GAZETA DO IGUAÇU(2001)

A figura acima trata-se da capa da edição de 11 de novembro de 2001, publicada poucas horas antes do evento Paz sem Fronteiras ser realizado. Este foi um elemento central na análise em que se detém esta dissertação desde seu início, e serviu, de certa forma, como a “costura” da interpretação realizada sobre os textos.

As reportagens que seguem foram organizadas por data de publicação e por tópico, sendo o primeiro a ser analisado o intitulado “Comunidade”, e posteriormente discorrer à respeito do grupo rotulado “Movimentos e atos públicos”.

3.2.1 “ÁRABES REZAM POR VÍTIMAS DO TERROR”, 15 DE SETEMBRO DE 2001²⁸

O primeiro elemento a ser ressaltado nesta reportagem é forma como se utiliza dos textos na página. Ao lado direito da reportagem principal, que ocupa a página inteira, há uma pequena nota de dois parágrafos intitulada “Prédio da Itaipu sob ameaça de bombas”, cuja fonte é de tamanho menor ao do resto da página, ao passo que na parte inferior esquerda do texto principal há outra nota, também de

²⁸ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 5, na página 187.

dois parágrafos mas aparente maior que a primeira, com mesmo tamanho de fonte da reportagem principal, cujo título é “Campanha pela paz”.

As próprias palavras utilizadas na primeira nota demonstram seu caráter atenuador do evento, passando a mensagem de que tudo estava sob controle.

O prédio da Itaipu Binacional, em Assunção, parou por alguns momentos por causa de duas ameaças anônimas de bomba. Tudo não passou de especulação. Mesmo assim, por precaução, a segurança foi reforçada no prédio, temendo ações terroristas. Desde o atentado, a direção da Binacional decidiu suspender as visitas à usina por medida de segurança. Por causa das ameaças, o prédio foi rastreado pela polícia paraguaia, a pedido do diretor paraguaio da usina, Frederico Zayas. Um atentado contra a represa, construída por Brasil e Paraguai, na região entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu, teria consequências inimagináveis, indicaram especialistas. Após uma minuciosa inspeção no local por agentes especializados da polícia, a rotina voltou ao normal. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

Na primeira frase, a informação “por alguns momentos” atenua a mensagem que vem a seguir, que indica que a paralização deveu-se à ameaça de bombas no prédio da Usina. O edifício parou suas atividades, mas por pouco tempo. A frase seguinte corrobora a mensagem da primeira, ao destacar em um período isolado que a ameaça “não passou de especulação”. Ou seja, apesar da bomba e da ameaça que ela representou, não se tratava de nada real.

Após passar uma imagem de tranquilidade, adiciona a informação de que apesar da ameaça não ser real, a segurança foi reforçada do prédio. Nota-se que “por precaução” foi destacada do período principal. “Precaução” indica a ideia de cuidado, prevenção (FERREIRA, 1999, p. 1623), e também é atenuada pelas informações anteriores. Por fim, o parágrafo é encerrado com a informação do fechamento da usina desde os atentados, que poderia ter um impacto maior na argumentação não fosse a maneira como a nota foi iniciada.

Portanto, o primeiro parágrafo visa não deslegitimar o que aconteceu no prédio da Itaipu, pois admite o fato como real, mas descaracterizar a ameaça como um perigo iminente, ainda que a empresa tenha tomado as medidas cabíveis por questões de segurança.

O segundo parágrafo traz especificações sobre as ações da empresa e das consequências de um possível atentado, qualificadas como “inimagináveis”. A palavra parece valorizar as consequências, indicando a importância da ação da diretoria da empresa, e é legitimada com o período seguinte: “indicaram especialistas”, apesar de não citar nomes.

Entretanto, é no último período que está mensagem principal do parágrafo. A primeira informação é que foi feita uma “minuciosa inspeção”, passando a ideia de que todos os detalhes possíveis foram investigados. Mas essa inspeção, para ser minuciosa, não pode ter sido feita por qualquer um. Então adiciona-se a informação que foram agentes da polícia que realizaram o trabalho, mas não quaisquer agentes: estes em específico eram “especializados”. A palavra cumpre a função tanto de dar legitimidade ao trabalho dos policiais e à inspeção, quanto legitimar toda a argumentação do primeiro parágrafo.

A frase que encerra a nota diz que depois de todo o cuidado tomado por parte da empresa, a rotina se normalizou. O termo “normal” indica habitualidade, naturalidade, que está nas normas (FERREIRA, 1999, p. 1415), e cumpre o papel de dizer que, apesar do ocorrido, tudo voltou a ser como antes, como era antes do evento: a norma da tranquilidade, da não-ameaça.

Esta nota foi analisada primeiramente pois a reportagem principal e a nota que lhe sucede parecem estar relacionadas ao seu conteúdo, mais especificamente para distanciar a comunidade árabe do ocorrido no prédio de Itaipu.

O texto principal é iniciado com o seguinte parágrafo:

A comunidade árabe de Foz do Iguaçu rezou ontem pelas vítimas da maior ação terrorista de todos os tempos. O presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico, Ali Said Rahal, condenou o atentado aos Estados Unidos e fez orações pedindo pela paz no mundo. A cidade, que faz fronteira com o Paraguai e a Argentina, carrega o rótulo de triângulo do terror por abrigar a segunda maior colônia árabe do Brasil, com cerca de 12 mil integrantes. Desde a tragédia em Nova Iorque, a região voltou a ser alvo de especulações. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

O texto é aberto com a informação de que a comunidade não está indiferente ao ocorrido com as vítimas “da maior ação terrorista de todos os tempos”. O trecho final da primeira frase valoriza o alcance a profundidade dos atentados, ao passo que também agrega valor à ação da comunidade em rezar pelas vítimas, pois não é uma oração qualquer, mas direcionada a um acontecimento nunca antes visto. Após, inclui a condenação de um porta-voz da comunidade, corroborando o trecho anterior e enfatizando o fato de que a comunidade não compactua com os atentados. Neste sentido, a palavra “condenou” é que dá o tom de distanciamento que se espera com o argumento.

No período seguinte há uma aparente contradição. Diz-se que a cidade, que faz fronteira com outros dois países, carrega o rótulo de “triângulo do terror”. Mas

sendo uma única cidade que carrega o rótulo, não há como ser um triângulo. É importante notar que se destacou a relação fronteira com Paraguai e Argentina, mas segundo o argumento, o rótulo recai sobre Foz do Iguaçu. Portanto, a cidade não seria somente uma componente da classificação “triângulo do terror”, mas sua própria origem, pois é sobre ela que recai a nomenclatura.

Em seguida, a continuação indica que o “rótulo” é colocado sobre a região por conta da “segunda maior comunidade árabe do Brasil”, especificando o número de membros. O trecho valoriza o tamanho da comunidade, enquadrando-a no nível nacional.

Encerra-se o parágrafo afirmando que o ocorrido em Nova Iorque foi uma “tragédia”, o que demonstra a tristeza do ocorrido, e que a “região” voltou então “a ser alvo de especulações”, não indicando quem especula. Aqui, não é mais a cidade que recebe as especulações, mas a região como um todo, o que confirma a informação anterior, de que Foz do Iguaçu seria a origem do “rótulo”

Este parágrafo destina-se a informar que existe uma imagem que se passa da região, associada aos atentados e cujo principal fator é a comunidade de Foz do Iguaçu. Entretanto, essa comunidade não está indiferente ao ocorrido, e é contra o que aconteceu.

O segundo parágrafo tende a negar a vinculação dos imigrantes da fronteira com a violência, apesar de apoio que dão à causa palestina, de acordo com o texto.

As suspeitas, que recaem sobre os árabes como autores do atentado terrorista nos Estados Unidos, preocupam libaneses e palestinos que vivem na região de fronteira. A maior parte mora em Foz e tem negócios no Paraguai. A colônia apoia a causa palestina, mas se manifesta contra a violência. Cerca de 90% dos árabes e descendentes da região têm parentes no Líbano, onde Israel mantém sob controle um território denominado Sabáa. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

O período é iniciado com a informação de que as suspeitas “recaem sobre os árabes”, diferenciando-os dos “libaneses e palestinos que vivem na região de fronteira”. Neste trecho, é possível notar que as suspeitas preocupam os locais por conta da aparente vinculação, mas que são diferentes dos árabes no geral. Isso será corroborado pelos trechos seguintes.

Destaca-se que dos libaneses e palestinos que habitam a Tríplice Fronteira, muitos moram em Foz e têm negócios no Paraguai. Gill (2003, p. 252) enfatiza que, no processo de leitura, é preciso desconsiderar a crença de que os argumentos

apresentados em um texto devem ser tomados como algo dado. Neste caso, o fato de se destacar a informação de que muitos membros da comunidade moram em Foz do Iguaçu e trabalham no lado paraguaio da fronteira não é levantado ao acaso. Ele destaca que a região é utilizada por essas pessoas como local de moradia e trabalho, e não para outros fins.

Esse período é importante para corroborar a informação que é trazida em seguida. Afirma-se que a colônia apoia a causa palestina, “mas” é contra a violência. “Mas” é uma conjunção coordenativa adversativa, que segundo Bechara (2009, p. 321) cria uma ligação entre duas unidades de texto marcando uma oposição entre elas. No caso da conjunção em questão, a oposição é acentuada. Nesse sentido, o elemento parece, em primeiro lugar, associar a causa palestina à violência, e em segundo lugar, distanciar a colônia dessa violência.

Até o presente ponto temos dois elementos de contraposição: os árabes da fronteira e os árabes no geral, e o apoio da colônia à causa palestina e o distanciamento da violência apesar deste apoio. Aparentemente, desenha-se a imagem de um árabe fronteiriço que é contra a violência, e um “árabe distante”, dos quais os fronteiriços se distinguem por não apoiarem a violência.

O parágrafo é finalizado com a informação de que a maioria dos árabes e descendentes da região têm família no Líbano, onde Israel tem um território sob controle. Este ponto é elencando como mais uma razão para que os libaneses e palestinos da fronteira não queiram a guerra, corroborando todas as informações anteriores.

No trecho seguinte, é possível notar referências à prosperidade da comunidade, ainda fazendo alusão à Palestina, e trazendo à argumentação o papel da Organização das Nações Unidas e Brasil na criação do Estado de Israel.

Os primeiros imigrantes chegaram à região ainda na década de 1950, quando Foz não passava de um pequeno vilarejo. Hoje, ao lado dos chineses, os árabes dominam a maior parte do comércio paraguaio da fronteira. Líderes da comunidade argumentam que a Palestina é uma região esquecida pela Organização das Nações Unidas, que teria dividido o País a partir de critérios racistas. Os árabes de Foz lamentam que o Estado de Israel tenha sido criado pela ONU, no dia 15 de maio de 1948, com o voto do brasileiro Oswaldo Aranha. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

A primeira informação fornecida com relação à chegada dos imigrantes à região serve como contraste à informação da oração seguinte. Se na primeira deprecia-se o caráter da cidade com a expressão “não passava de um pequeno

vilarejo”, na segunda valoriza-se a presença dos imigrantes árabes, que dominam a maior parte do comércio em Ciudad del Este. Destaca-se também a informação que esse domínio ocorre ao lado dos chineses, como uma mostra de tolerância da comunidade com outras etnias, refutando qualquer possível alegação de intolerância.

Subitamente, o assunto do parágrafo é modificado com a adição da condição política da região palestina, acusando a Organização das Nações Unidas de racismo em seu processo de divisão. O Brasil é colocado ao lado da Organização como culpado pelo acontecimento que a comunidade lamenta, e que naquele momento, como visto no parágrafo anterior, prejudica os familiares da comunidade que vivem no Líbano.

Resta saber porque iniciar o parágrafo trazendo o argumento dos primeiros imigrantes. Nesse sentido, os árabes prosperaram na cidade apesar dos feitos de Israel com relação à Palestina, amparado pela Organização internacional e pelo Brasil, que seriam racistas. Ali a comunidade prosperou sem racismo, visto que dividem o comércio de Ciudad del Este com os imigrantes chineses. Ou seja, como na cidade não há racismo e tampouco interferências de instituições internacionais, diferentes etnias prosperam entre si sem quaisquer atritos ou impasses.

Entretanto, resta saber qual o motivo da inserção de Israel como elemento argumentativo nesta narrativa, visto que sua manchete refere-se à oração que membros da comunidade realizaram pelas vítimas dos atentados. A resposta parece desenhar-se nos dois próximos parágrafos.

O líder árabe disse que repudia e está chocado com o atentado terrorista sofrido pelos Estados Unidos. Ele lamentou ainda que a região e a comunidade sejam apontadas como suspeitas de abrigar integrantes de grupos radicais. “Nossa colônia existe em Foz há mais de 50 anos e nunca tivemos problema”, ressaltou. Rahal lembrou ainda que a maior parte da comunidade é nacionalizada brasileira e ajudou a construir o progresso da região. Desde o episódio, os árabes temem ser alvo de xenofobia.

O presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico explica que há um equívoco quando se fala em aumentar a segurança na região por causa da grande presença árabe. Um dia antes, o ministro de Relações Exteriores do Brasil, Celso Lafer, disse em Brasília (DF) que essa região merece cuidados especiais no setor de segurança. A declaração teria sido feita por causa das suspeitas de existência de células terroristas na região. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

Mais uma vez, o parágrafo é iniciado com a refutação de vinculações da comunidade ao atentado, apesar de não citar a fonte desses argumentos. Em

seguida, a declaração de Rahal, que segundo a reportagem era presidente do Centro Beneficente Islâmico à época, é utilizada para enquadrar o argumento de que a comunidade estabeleceu-se em Foz há um tempo considerável, e que durante esse tempo, nenhum problema surgiu, desqualificando o argumento de vinculação da frase anterior.

Na frase seguinte, ressalta-se o fato da maior parte da comunidade ser nacionalizada brasileira. Essa informação complementa a da frase anterior, que por sua vez dá mais força ao período seguinte. A comunidade já está na região há mais de cinquenta anos, com boa parte de seus membros nacionalizada. Logo, a comunidade também é brasileira.

Complementa-se o parágrafo dizendo-se que, além disso, ajudou a construir o “progresso da região”. Esta informação dá sentido àquela colocada no parágrafo anterior, segundo a qual a cidade “não passava de um vilarejo” quando da chegada dos imigrantes. Assim, o argumento até aqui é que, mesmo com uma comunidade que já é brasileira e que habita a região desde longa data, inclusive colaborando para seu crescimento, há um temor de que seja vítima de preconceito. E isso fica claro na conclusão do parágrafo, quando se refere ao temor da xenofobia por parte “dos árabes”.

No trecho seguinte, o que marca seu início é a abertura destacando o cargo de presidente e o verbo “explica”, que confere autoridade ao argumento trazido, qual seja, o erro que se comete em aumentar a segurança regional por conta da “grande presença árabe”. Este período é contraposto ao seguinte, no qual se faz referência à declaração do então ministro de Relações Exteriores, Celso Lafer, de que a região “merece cuidados especiais no setor de segurança”.

Aparentemente, é a essa declaração do ministro que o texto por inteiro se contrapõe. Isso explicaria a referência ao Brasil com relação à causa palestina, colocado como corresponsável pela criação do Estado de Israel, causador de sofrimento à comunidade. O Brasil, neste caso, não estaria autorizado a falar sobre segurança na Tríplice Fronteira, uma vez que já votou a favor daqueles que submetem o povo da palestina. Por outro lado, o Brasil estaria sendo injusto com brasileiros que ajudaram a construir o progresso de uma importante região brasileira.

O último parágrafo conclui a narrativa afastando a comunidade de suspeitas com relação ao terrorismo, dando ênfase à falta de provas que corroborem as acusações.

Os árabes de Foz e Ciudad del Este refutam as insinuações de que estariam apoiando grupos radicais. As suspeitas, que nunca passaram disso, de que célula do Hezbollah e do Hamas estejam infiltradas na tríplice fronteira cresceram desde os dois atentados contra entidades judaicas em Buenos Aires, em 1992 e 1994, que deixaram 140 mortos. A região seria propícia para abrigar lideranças terroristas porque suas fronteiras são vulneráveis à penetração clandestina de agentes, armas e explosivos. Contudo, nunca houve na região fatos associados ao terrorismo. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

O trecho é iniciado com, mais uma vez, a recusa da população imigrante com relação às acusações, ressaltando-se mais uma vez o fato de serem de “Foz e Ciudad del Este”. No período seguinte, o destaque para a oração “que nunca passaram disso” desqualifica as “insinuações” da frase anterior e as próximas que seguem, legitimando o ponto de vista da comunidade. É então que se explicita quais são as suspeitas, quase no fim do texto, para que todo o conteúdo até então elaborado possa também servir para diminuir a força da acusação.

Nota-se também que a conjugação verbal em “seria propícia” contrasta com outras utilizadas durante o texto, especialmente nas declarações e defesa do argumento da comunidade, como por exemplo: “O presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico explica (...)”, no quinto parágrafo; “Líderes da comunidade argumentam”, no terceiro; “O líder da comunidade disse que repudia e está chocado (...)”, no início do quarto parágrafo. Nestes casos, os fatos descritos são tomados como certos, enquanto o tempo verbal de “seria propícia”, no futuro do pretérito, indica incerteza, e logo, também visa deslegitimar o argumento.

O fechamento da reportagem se dá com a frase: “Contudo, nunca houve na região fatos associados ao terrorismo”. Também conjunção adversativa, “contudo” contrapõe um ponto de vista àqueles todos que já foram apresentados. “Nunca”, advérbio de tempo que se refere ao verbo “houve”, logo adiante, reforça as informações anteriores de falta de provas contra a comunidade.

É interessante notar também que o termo “árabe”, seja para designar aqueles da fronteira, seja para designar os de outros lugares, é constante no texto. Especialmente quando se fala da causa palestina, ou que os “árabes” estariam sob suspeita por conta dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Neste sentido, parece tratar-se de uma reificação do que é ser árabe, seja na fronteira, seja fora dela. Parece indicar um certo orientalismo ao tratar da questão.

Said (2007) argumenta que a visão essencializada do Oriente tem raízes históricas e está pautada em interesses políticos de diversas potências ao longo dos

séculos, em especial a partir do décimo oitavo. Analisando a forma como eruditos descreviam e estudavam o “outro” ao longo do tempo, traça uma argumentação que leva às discussões pós-coloniais de dominação e hegemonia.

Destacando sua argumentação sobre o tema no século XX, o autor chama a atenção para o fato de que, no que chama de “mundo pós-moderno”, houve um recrudescimento de estereótipos relativos ao Oriente (SAID, 2007, p. 58). As concepções em torno da região geográfica e simbólica, originárias do século XIX, teriam sido fortalecidas pela padronização e estereótipos culturais, como, por exemplo, as produções televisivas, cinematográficas e midiáticas em geral, criadoras de moldes sobre aquilo que se denomina oriental.

Essas visões do Oriente, que transformariam os debates e pontos de vista relacionados aos árabes e ao islã em questões altamente politizadas e latentes, podem ser explicadas por três fatores (SAID, 2007, p. 58). Em primeiro lugar, o preconceito popular ocidental contra árabes e o islã registrado historicamente, que influencia a história do Orientalismo. Mais especificamente sobre a cultura norte-americana, refere-se às tensões entre os árabes e o sionismo de Israel, cujos reflexos podem ser percebidos tanto sobre os judeus americanos, quanto sobre a cultura liberal e a população como um todo. Por último, indica uma posição cultural quase inexistente, que poderia viabilizar um estudo sobre o oriente imparcial ou ao menos alguma forma de identificação com os árabes e o islã.

Entretanto, se voltamos às suas raízes históricas, percebemos sua gênese no pensamento europeu, em especial na França e na Inglaterra (SAID, 2007, p. 28). Para o autor, o oriente não foi somente uma região do globo com a qual o velho continente manteve relações próximas, mas também onde teve suas maiores colônias, onde se originaram suas civilização e língua, e o mais importante, que era visto como seu maior rival cultural e “outro” mais profundamente internalizado.

Nesse sentido, o Orientalismo pode ser descrito como um modo de pensar que se estrutura na dicotomia Ocidente-Oriente (SAID, 2007, p. 29). Ainda que não mantenha as mesmas características dos séculos anteriores, o estilo de pensamento continua vivo. Contudo, não podemos pensá-lo como simples forma de concepção da realidade, mas devemos enxergá-lo ancorado em lógicas de poder, especialmente o político, que lhe dão os traços característicos.

Assim, pode-se afirmar que é a “instituição autorizada a lidar com o Oriente” (SAID, 2007, p. 29), fazendo descrições e declarações a seu respeito, em lógicas

coloniais e de domínio. O Orientalismo, portanto, seria esse modo de dominar, reorganizar e manter uma autoridade sobre o Oriente.

Nessa lógica de poder, o orientalista classificava o oriental como entendia que ele fosse, e não necessariamente como era na realidade. Isso era possível pois havia uma situação de força do ocidental com relação ao oriental que permitia que o primeiro falasse sobre e em nome do segundo. Ou seja, os trabalhos orientalistas não eram de orientais falando sobre si, mas de ocidentais falando sobre o que era ser oriental.

Como vimos durante análise da presente reportagem, apesar da tentativa de desviar os argumentos de cunho negativo da comunidade, em certos momentos há referências que denotam as lógicas do orientalismo, mesmo que em referência à comunidade, como em “As suspeitas, que recaem sobre os árabes (...) (IUNOVICH, 2001, P. 29). Mais adiante, serão vistos outros exemplos como estes.

Em suas raízes históricas, pode-se apontar o contato entre França e Inglaterra com a região da Índias e dos territórios que compunham as narrativas bíblicas até o começo do século XIX como a gênese desse tipo de pensamento. Posteriormente, até o fim da Segunda Guerra Mundial, desenvolve-se o pensamento orientalista sobre a égide das duas potências quando do domínio do Oriente Médio. Por fim, desde 1945, os Estados Unidos assumem a posição de domínio sobre o Oriente, interpelando-o como seus antecessores o fizeram (SAID, 2007, p. 30-31).

O Oriente, portanto, não era (e tampouco continua sendo) somente uma ideia, mas tinha (e tem) uma realidade por trás de si que muitas vezes não era retratada pelos orientalistas. Said acredita que não se pode desconsiderar a lógica de poder que envolve tal classificação e a força que as ideias, culturas e histórias desempenham no processo de qualificação desta “entidade geográfica e cultural”, a que se convencionou chamar “Oriente”.

Desse modo, é possível perceber que o Orientalismo transcende o que seria um simples modo de pensar condensado na produção de uma série de autores ao longo do tempo. Antes disso, é o reflexo de um momento histórico, cuja principal característica são as lógicas de poder e de dominação que o condicionam. Ao fim e ao cabo, reflete uma configuração (ou um conjunto delas), cujo arcabouço simbólico pode ser percebido por essa porção da realidade.

(...) as ideias, as culturas e as histórias não podem ser seriamente compreendidas ou estudadas sem que sua força ou, mais precisamente,

suas configurações de poder também sejam estudadas. Seria incorreto acreditar que o Oriente foi criado – ou, como digo, “orientalizado” – e acreditar que tais coisas acontecem simplesmente como uma necessidade da imaginação. A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa (...). O Oriente não foi orientalizado só porque se descobriu que era “oriental” em todos aqueles aspectos considerados lugares comuns por um europeu comum do século XIX, mas também porque *poderia* ser – isto é, submeteu-se a ser – *transformado em* oriental. (...) (SAID, 2007, p. 32-33)

Portanto, entender de que forma o orientalismo influencia o discurso analisado significa um esforço na compreensão do contexto em que é escrita. Em termos conceituais, a primeira afirmação que Elias (2006, p. 25) faz com relação ao significado de “configuração” (ou “figuração”), é que se trata de um conceito que abrange os seres humanos, diferentemente de muitos outros encontrados nas Ciências Sociais.

Os seres humanos seriam os únicos capazes de formar configurações entre si, de modo que sua vida em grupos, grandes ou pequenos, é particular e sempre co-determinada pela transferência de conhecimento entre as gerações sucessivas. Essa transmissão geracional permite a inclusão do indivíduo em um dado universo simbólico de uma configuração de indivíduos já existente.

O diferencial da espécie humana com qualquer outro objeto de estudo inanimado ou irracional é que, no caso em questão, existe uma dimensão singular que lhe é própria: a apreensão de símbolos pela via social. Isso quer dizer que existe o compartilhamento e a apreensão de significados que dão sentido à vida desses indivíduos, que orientam seu mundo e permitem que possam se comunicar, perpetuando essa dinâmica.

Para o autor, “socialização” e “individualização” são designações diferentes para o mesmo processo (ELIAS, 2006, p. 26). Assim, o indivíduo passa por uma dinâmica de autodefinição e de administração de seus impulsos e pulsões que caminha conjuntamente com a incorporação dos processos sociais que ocorrem a sua volta. No limite, o ser humano só pode ser denominado “humano” se vive em contexto de interação.

As pessoas, por conta dessa “interdependência fundamental” mútua, se orientam sob os contornos de configurações específicas (ELIAS, 2006, p. 26). A configuração, portanto, sugere que as sociedades humanas são mais que um conglomerado de pessoas. E assim, o convívio humano sempre tem uma forma determinada, ainda que a desordem e a desintegração social façam-se presentes.

A interdependência entre os indivíduos resulta de um tecido social básico, produto de inúmeros planos e ações isolados, correspondente a de uma ordem social constituída por impulsos e desejos humanos entrelaçados (ELIAS, 1993, p. 194). Esse tecido pode originar transformações e padrões que nenhum indivíduo isolado planejou ou concebeu, uma ordem que é, nas palavras do autor, “mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem”.

E o mais importante que se deve notar, quando se fala em configurações sociais, é a noção de poder. Nesse particular, Elias (2008, p. 80) afirma que o equilíbrio de poder está presente em todas as relações humanas, e não somente àquelas entre Estados, como é mais comum que se discuta.

Sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o seu equilíbrio sempre está presente onde haja uma interdependência funcional entre indivíduos (ELIAS, 2008, p. 81). O autor exemplifica dizendo que uma criança, ao nascer, desempenha poder sobre os pais, *desde que estes lhe atribuam algum tipo de valor*. Pois em outro caso, se a primeira chorar muito e isso incomodar os progenitores, estes podem abandoná-la. Ou então poderiam deixar de alimentá-la, legando-a à morte, caso a criança não lhes desempenhasse nenhuma função.

Vê-se, então, que o poder associado às relações humanas é composto por uma relação de valor, uma relação de importância que se não é atribuída pelos próprios indivíduos, pelo menos é reproduzida como tal. Vê-se, portanto, que se há uma mudança de valor, de parâmetro, de formas de enxergar o mundo em detrimento de outras, as relações de poder entre os indivíduos se modificam, o que gera ou altera configurações.

Portanto, é a essas teias de relações que envolvem os indivíduos, formando ligações entre eles em diversas instâncias que se sobrepõem, se cruzam, e que podem modificar-se, que Elias dá o nome de “configuração”, formando um verdadeiro tecido social.

E, como já esclarecido anteriormente, o discurso também é poder, é possível afirmar que é produzido no contexto de uma configuração social específica, neste caso, em uma configuração ainda influenciada pelas ideias orientalistas e recém-influenciada pelo momento histórico dos atentados de 11 de setembro.

No sentido da persistência do Orientalismo, Said (2007) acredita que o orientalismo é mais uma estrutura de mentiras ou mitos, tendo validade como um

sinal do poder europeu-atlântico sobre o Oriente, do que um discurso que se comprometesse com a realidade, destacando a persistência desses conceitos no imaginário ocidental.

Ainda assim, o que devemos respeitar e tentar compreender é a pura força consolidada no discurso orientalista, seus laços muito próximos com as instituições de poder político e socioeconômico persistência formidável. Afinal, qualquer sistema de ideias capaz de permanecer imutável como conhecimento passível de ser ensinado (em academias, livros, congressos, universidades, institutos de relações exteriores) desde a época de Ernest Renan, no final da década de 1840, até o presente nos Estados Unidos deve ser algo mais formidável do que uma simples coletânea de mentiras. O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material (SAID, 2007, p. 33.)

Assim sendo, o autor se preocupa com a persistência do estereótipo que ainda grassa nas classificações e concepções atuais em torno do Oriente, como se no âmbito ocidental a imagem do oriental continuasse sendo criada baseada em seus próprios conceitos culturais e históricos, e, indo mais a fundo, como essa imagem condiciona políticas referentes ao que diz respeito ao Oriente.

Para o autor, a responsabilidade pela durabilidade e força com que as ideias orientalistas persistem recaem sobre a hegemonia de alguns Estados em um período de tempo específico, ou ainda aos resultados da hegemonia cultural em seu curso (SAID, 2007, p. 34). É a dominação política que dá subsídio a uma ampla gama de conteúdos simbólicos que persistem ao longo do tempo e do espaço com tanto vigor.

Assim, o fato de se realizar uma diferenciação entre os “árabes da fronteira” e aqueles “de outros lugares” é o primeiro ponto que chama atenção nessa reportagem. Por outro lado, nos textos que seguirão, é recorrente encontrar referências àqueles imigrantes que chegaram na década de cinquenta em Foz. Outro ponto que parece desenvolver-se ao longo do tempo é o argumento referente à paz, que pouco aparece na sequência até agora analisada.

Para concluir, é necessário analisar a segunda nota que compõe a página, intitulada “Campanha pela Paz”.

Há cerca de três semanas, os árabes lançaram em Foz do Iguaçu uma campanha pela paz no Oriente Médio. Eles espalharam outdoors por toda a cidade, com mensagens pedindo o fim dos conflitos étnicos. As placas de propaganda serão mantidas por um mês, a um custo de R\$ 6 mil para o empresário Kamal Osman. A comunidade gostou da iniciativa e se

prontificou a pagar metade das despesas. As placas publicitárias revelam que palestinos e israelenses optaram pelo caminho da harmonia em Foz do Iguaçu.

Kamal acredita que os árabes da Palestina e os israelenses ainda podem chegar a um acordo de paz. “Afim, árabes e judeus são da mesma raiz”, lembra. Para ele, o Brasil é a melhor prova de que povos diferentes podem viver em harmonia. A família dele e do amigo, o empresário Roberto Apelbaun, chegaram na mesma época a Foz do Iguaçu, no início da década de 50. “Não há motivo para que nossos povos tenham divergência, há lugar e oportunidade para todos”, salienta. Simpatizante da causa palestina, a colônia vem fazendo orações por um cessar-fogo definitivo na terra sagrada. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

O marco temporal que inicia o parágrafo demonstra que a iniciativa foi tomada anteriormente ao atentado, visto que se trata de uma publicação de 15 de setembro de 2001. Isso pode ser um indício de que o argumento se direciona no sentido de afirmar que, independentemente dos atentados, a comunidade estava e continuaria se esforçando pela promoção da paz.

Explicitar o custo parece ser uma estratégia para corroborar esse esforço, que, segundo a argumentação, agradou a comunidade a ponto de se comprometer a pagar a metade do valor. O que não fica claro, entretanto, é quem na comunidade pagará, tratando-a como um todo homogêneo.

Por outro lado, a frase que afirma que “palestinos e israelenses optaram pelo caminho da harmonia em Foz do Iguaçu”, insere a ideia de uma Foz do Iguaçu que permite a convivência pacífica entre partes que, a princípio, seriam conflitantes. Este ponto já havia sido discutido por Montenegro e Béliveau (2006), ressaltando que o argumento ocorre havendo ou não judeus (ou israelenses) na fronteira:

Las representaciones de Foz como una región de convivencia entre pueblos idílica y pacífica se sostiene en el contraejemplo de los dos pueblos contruidos como acérrimos enemigos en la escena mundial, árabes y judíos. El hecho de que incluso ellos vivan en paz aquí (independientemente del hecho de que haya o no judíos en Foz), se convierte en prueba fáctica de que todas las comunidades lo hacen, sugiere la construcción identitaria. (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p.141)²⁹

No parágrafo seguinte, atribui-se ao Brasil o caráter de “prova” de tão pacífica convivência. Para corroborar o argumento, cita-se o fato de sua família e do amigo terem chegado juntas à região, deixando em aberto o fato de o amigo ser ou

²⁹ “As representações de Foz como uma região de convivência entre povos utópica e pacífica se sustenta no contraexemplo dos dois povos contruídos como obstinados inimigos na cena mundial, árabes e judeus. O fato de que inclusive eles vivam em paz aqui (independentemente do fato de que haja ou não judeus em Foz), se converte na prova fátual de que todas as comunidades o fazem, sugere a construção identitária.” (Tradução do autor)

não israelense. A declaração seguinte, que também não exhibe com clareza quem é o autor, deixa implícito que Apelbaun poderia ser israelense, mas a contradição permanece sem esclarecimento. Como conclusão, adiciona-se a informação de que a comunidade vem fazendo orações pelo cessar-fogo, que conecta o trecho à reportagem principal da página.

A nota parece desempenhar uma dupla função na construção total: primeiramente, de corroborar o ativismo da comunidade árabe de Foz na manutenção da paz, e, por outro lado, ressaltar a boa convivência que a cidade proporciona. Tomado como um todo, o texto da página parece distanciar a comunidade de qualquer suspeita, ao mesmo tempo que responde a demandas que cita em seu próprio corpo, seja a declaração do ministro de Relações Exteriores do Brasil, seja o incidente no prédio da Itaipu Binacional.

3.2.2 “CERCA DE 40 MIL PEDEM PAZ”, 12 DE NOVEMBRO DE 2001³⁰

A reportagem que segue refere-se à realização do evento “Paz sem fronteiras”, realizado exatamente dois meses depois dos atentados de setembro de 2001, no dia 11 de novembro. O primeiro parágrafo da reportagem tenta passar a ideia de união da região, ressaltando a participação dos grupos que a compõem, a “unidade” e a “integração”:

Mais que um gesto de cidadania, o manifesto pela paz realizado ontem abriu o caminho para uma missão de unidade e integração entre Brasil, Paraguai e Argentina. Ao se encontrarem no gramadão da Itaipu por mais de três horas, cerca de 40 mil pessoas entre brasileiros, argentinos, paraguaios, chineses, árabes, uruguaios, enfim, as mais de 65 etnias fizeram um único compromisso: “uma prece pela paz”. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Em “caminho para uma missão de unidade e integração (...)”, coloca-se a unidade como missão, algo a se alcançar no futuro, que ainda não foi realizado, mas cujo primeiro passo foi dado com o evento. A mensagem é apoiada pela frase anterior, que coloca o manifesto como “mais que um gesto de cidadania”. Ela reforça o fato de que a manifestação vai além do dever cívico do cidadão, mas que dedica-se à união dos três países da fronteira, com apoio da população.

³⁰ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 6, na página 188.

Mais adiante, o trecho “(...) por mais de três horas” visa aumentar a dimensão temporal do evento, tornando-o mais longo na narrativa. Ressaltar a quantidade de pessoas e as “65 etnias” também cumpre um papel no dimensionamento do tamanho do ato, transmitindo uma ideia de grandeza e, mais além, de unidade, haja em vista a menção às diversas etnias que compareceram ao evento.

A mensagem parece ser clara: o evento foi grande, contou com adesão de vários setores da população, mas especialmente pôde provar o quanto a Tríplice Fronteira foi capaz de fomentar a união entre as 65 etnias que se reuniram em torno de “um único compromisso: ‘uma prece pela paz’”.

O parágrafo seguinte repete a estratégia discursiva do anterior, tentando legitimar por meio da enumeração das atividades realizadas o tamanho e importância da manifestação:

O primeiro passo de um grande gesto foi marcado por música, apresentações, soltura de balões e pronunciamentos de repúdio à guerra e pedidos de unidade. O evento, o maior de todos os tempos, também foi marcado pela assinatura do convênio trinacional para o desenvolvimento turístico da fronteira (ver matéria na página 5), e show do conjunto nacional Roupas Nova. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

No sentido de enfatizar as dimensões da manifestação, pode-se notar que “O primeiro passo de um grande gesto” e “(...) o maior de todos os tempos (...)” colocam o Paz sem Fronteiras como o maior evento já realizado, o maior “gesto” que a comunidade da Tríplice Fronteira já pôde presenciar. É retratado como um marco, como se após sua realização, a realidade pudesse ser dividida entre um “antes” e um “depois”.

Todos os fatos elencados, e em especial a assinatura do convênio trinacional, atuam como autorizações ao discurso de grandeza, que demonstra não ser somente o encontro de pessoas, mas a concretização de desejos políticos que colaborarão para desenvolver a região. Aqui a ideia de “progresso”, vista na reportagem anterior, aparece implicitamente, como se aquele fosse um momento em que esse “desenvolvimento” pudesse ser posto em prática.

A primeira frase do parágrafo seguinte também ressalta a magnitude do “gesto”, uma vez que até o maior dos astros do sistema solar pôde ter a oportunidade de testemunhar o que ocorria na cidade:

A comunhão mostrada pelos moradores acabou sendo testemunhada também pelo sol fator decisivo para levar ao gramadão que [sic] ainda temia pela chuva do final de semana. “Vim para mostrar que Foz tem futuro”, resumiu o casal de namorados, Cristina Martins, 16, e Eder Freitas, 19. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Na sequência, aparece a primeira referência à juventude da reportagem, associada à declaração de que a cidade “tem futuro”. Além da ideia da juventude, também transmite uma ideia de “unidade” que representa essa opinião, visto que não foi nenhum dos dois que veio “mostrar que Foz tem futuro”, mas o casal enquanto um ente. O verbo conjugado na primeira pessoa do singular “vim”, em vez da primeira pessoa do plural “viemos”, corrobora a ideia que se quer passar. O destaque à idade também é importante, visto que demonstra a pouca idade do casal e sua vontade e engajamento com relação à cidade.

Em seguida, vemos mais uma referência ao fator “unidade”, e, implicitamente, à “juventude”:

A mesma força pelo compromisso de cultivar a paz era visível tanto nas autoridades que chegavam dos três países: Brasil, Argentina e Paraguai, como na massa humana que ocupou todos os espaços à frente da concha acústica. “Isso mostra que a cidade é uma terra de paz e não a cidade que estão falando”, reforçou o casal Domingos Ferreira, 59, e Iracema Ferreira, 50. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

A referência à juventude ocorre logo nas primeiras palavras, em “A mesma força pelo compromisso (...)”. O adjetivo “mesma” exprime igualdade, e está relacionado ao substantivo “força”. Portanto, a força dos jovens do parágrafo anterior também podia ser vista nas autoridades e na “massa humana” que aí estavam. Esse primeiro trecho do período corrobora a força atribuída à juventude no parágrafo anterior.

Interessante notar também o emprego da expressão “massa humana”. Além de indicar grandeza, também passa a imagem de que havia tanta gente no local, que não se distinguem as individualidades, ou seja, eram uma coisa só. O argumento pode ser confirmado com a frase seguinte, também atribuída a um casal: “Isso mostra que a cidade é uma terra de paz (...)”. Ou seja, o fato de se haver formado uma “massa humana” na qual não se pode distinguir as individualidades prova que a cidade é uma terra de paz, porque é capaz de produzir a união.

E isso é dito por pessoas mais experientes, visto o destaque às idades do casal: 59 e 50. Elas estão autorizadas a falar que a cidade não é aquela “que estão falando”, o que acaba por transmitir credibilidade a todo o discurso do parágrafo.

O trecho posterior, por sua vez, reforça tanto a magnitude do evento, quanto sua duração e a presença da juventude:

Quando os primeiros corais subiram ao palco, a cidade recebia as primeiras sombras da noite. A música ecoava e ganhava o coro de vozes de cerca de 40 mil pessoas – segundo estimativa da Polícia Militar. “Desde o início até agora, às 20h40, já passaram 40 mil”, estimou um policial. “Estive com toda a família e já levei as crianças para casa e voltei”, atestava o comerciante Márcio Francisco, 36. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

A duração do evento é reforçada com “recebia as primeiras sombras da noite”. Além disso, pode-se supor que o fato de se utilizar elementos da natureza, como o sol e a noite, na forma de narrar os fatos dê um ar romântico e literário ao evento, passando a ideia de tratar-se de um momento histórico. Isso pode ser confirmado na frase seguinte, em que se afirma: “A música ecoava (...)”. A construção exprime movimento e profundidade à música que era apresentada pelos corais.

Seguidos pelo “coro de vozes”, que já aponta para as dimensões do evento, conclui-se a frase repetindo a quantidade de pessoas que compareceram ao ato. Dessa vez, entretanto, adiciona-se a informação de que essa era uma estimativa da Polícia Militar, o que dá autoridade e legitimidade ao número, que não saiu de qualquer fonte. Adiante, repete-se exatamente a mesma informação, adicionando somente que o dado tratava da quantidade de pessoas até as 20h40. Ou seja, após aquele horário, mais pessoas poderiam juntar-se à causa, sendo esta mais uma referência ao tamanho da manifestação.

Na sequência, a estratégia argumentativa é voltada à autorização da declaração do governador do estado, que foi vaiado pela “massa humana”:

Os pronunciamentos das autoridades foram de repúdio à hipótese de a fronteira estar abrigando terroristas. “Podemos ser acusados de uma única coisa, de trabalharmos”, disse o governador de Alto Paraná, Jotvino Urunaga (PC). O governador do Paraná, Jaime Lerner (PFL), foi recebido com vaias. Apesar do constrangimento ele também repudiou o processo de retaliações, ele assegurou que a unidade da fronteira “é mais forte do que qualquer tentativa de estigma”. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

A primeira frase demonstra que as autoridades também são contrárias aos rumores de presença terrorista na fronteira, referendando o argumento até então

desenvolvido durante o texto. No período seguinte, a declaração do prefeito faz referência ao trabalho, elemento repetido em vários momentos por outras reportagens. Dentro de um contexto maior, o trabalho parece referir-se à construção e ao progresso.

Com relação às vaías ao governador, que são introduzidas logo em seguida, o texto justifica que “apesar do constrangimento ele também repudiou (...)”. As vaías não são colocadas como manifestações legítimas da massa humana, assim como o gesto de paz, mas como um constrangimento à autoridade que ora havia tomado a palavra. “Apesar” tem o papel de desautorizar as vaías e dar legitimidade à fala do governador, que se pronuncia contrariamente às suspeitas e, além disso, evoca a unidade da fronteira como um elemento de força da região.

Ainda justificando a declaração do parágrafo anterior, o texto prossegue com as justificativas do governador:

Em entrevista, o governador disse não poder entender o motivo das vaías e deduziu que o protesto teria tido como autores “descontentes com a greve no setor da educação”. O prefeito de Foz do Iguaçu, Sâmis da Silva (PMDB), foi taxativo. “Nesta terra o único sentimento é o de paz.” A mensagem foi reiterada pelos seus colegas vizinhos, os prefeitos, Timóteo Llera, de Puerto Iguazú, e Alcício Martines, de Ciudad del Este. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Na primeira frase, atribui-se as vaías à greve no setor de educação, para não desautorizar a declaração anterior do governador. Outro fator importante é que a narração do episódio foi dividida em dois parágrafos diferentes, não tornando-a a discussão central de nenhum dos dois.

Com relação à declaração do então prefeito de Foz do Iguaçu, é interessante notar a utilização do adjetivo “taxativo”, que transmite a ideia de limitação ou restrição, a partir do qual não se admite resposta ou contestação (FERREIRA, 1999, p. 1932). Neste sentido, a única versão que se aceita é que a Tríplice Fronteira é uma terra de paz. Para dar força ao argumento, adiciona-se que os prefeitos vizinhos corroboraram seu ponto de vista, mais uma vez reforçando a imagem da unidade.

Após as declarações de autoridades, introduz-se os posicionamentos dos representantes religiosos:

As proclamações mais claras e diretas contra a guerra e injustiças sociais vieram dos representantes das 23 religiões. Eles foram unânimes em recriminar o ataque dos Estados Unidos contra o Afeganistão.

Consideraram que o processo de represália aos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono deveriam ter como critério de sanção, a justiça e não as armas. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Na primeira frase, nota-se que há a quantificação das “religiões” presentes no ato, assim como a quantidade de participantes e de etnias. Aqui, o intuito é tanto realçar a magnitude do evento, quanto transmitir a ideia de unidade de ideias entre as mais diversas crenças, visto que todas declaram-se contra “a guerra e injustiças sociais”. A seguir, mais uma vez reforça-se a unidade com o fato de que “foram unânimes em recriar (...)”, destacando a desaprovação com o processo de sanção norte-americano, qualificando-o como injusto e violento. Aqui forma-se uma imagem específica sobre os Estados Unidos como promotor de guerras e injustiças sociais.

No parágrafo que sucede, nota-se o emprego do termo “chacina”, que corrobora a informação do anterior com relação à violência norte-americana:

Como ato de solidariedade às vítimas da chacina foi realizado um minuto de silêncio. Como gesto para os mais de cinco mil mortos, todos os presentes rezaram a oração do “Pai Nosso”. Era possível ouvir entre a multidão a prece sendo rezado em diversas línguas. Foz, considerada berço das etnias, abriga 65 nacionalidades. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Mais uma vez, a quantidade de mortos é realçada pela expressão “os mais de”, que apesar de apontar uma quantidade específica, torna o número maior. Uma vez que “cinco mil mortos” não foi o limite de vítimas, poderia haver a possibilidade da soma ser maior, o que potencializa esta quantidade.

Importante também é notar o emprego repetido da palavra “gesto”, que, segundo Ferreira (1999, p. 986), pode significar tanto movimentos corporais que exprimem ideias ou sentimentos, quanto ações e atos que geralmente são brilhantes. A palavra parece tanto realçar o tom romantizado com o qual o evento é narrado, quanto transmitir nobreza ou grandeza ao que estava sendo feito durante sua realização.

A prece do Pai Nosso, por sua vez, apesar de ser originalmente cristã, era rezada por todos. Aqui cabem duas interpretações: ou que a “todos os presentes” havia se reunido em torno do paradigma cristão, ou foi utilizado como elemento para enfatizar a quantidade de línguas que se podia ouvir “entre a multidão”.

Por fim, o parágrafo é finalizado com a repetição da informação de que a cidade abriga 65 nacionalidades, destacando o fato de ser “considerada berço das

etnias”. Uma primeira consideração a esse respeito é que não se diz quem confere o *status* de “berço das etnias” a Foz do Iguaçu. Por outro lado, aqui já temos algumas pistas a respeito do argumento que se constrói em torno da cidade.

Em toda a reportagem há referências à paz e à unidade, evidenciando a quantidade de diferenças que há dentro desse “berço”. Diferenças essas que se diluem no todo, que legitimam argumentos como: “Nesta terra o único sentimento é o de paz”. Referências a esses elementos poderão ser encontradas nas reportagens que seguirão, e em especial naquela intitulada “Foz do Iguaçu de todas as crenças” (C.A., 2001, P. 10), abordada na sequência.

Em seguida, notam-se mais imagens que fazem alusão à ideia de unidade:

Elas foram mostradas através dos trajes típicos e das bandeiras de cada país. Os símbolos desfilaram até o palco principal, trazidos por seus representantes. Como demonstração de unidade, uma bandeira de mais de 12 metros quadrados – símbolo do “Paz Sem Fronteiras” – foi hasteada no palco. No bico do pombo, folhas nas cores das bandeiras do [sic] três países. (VENDRAME, 2001b, p. 03)

“Elas foram mostradas” demonstra que não somente estavam presentes as 65 etnias, como tinha espaço na celebração. A ideia de levar de que os “símbolos desfilaram até o palco” demonstra o acolhimento que as próprias etnias recebiam naquele momento. Por fim, as folhas que representam os três países no bico do pombo trazem a ideia de que a paz carrega a Tríplice Fronteira, e merece destaque central quando se fala da unidade.

Como estilo de escrita, a “demonstração de unidade” ressalta-se pelo tamanho da bandeira, utilizando a tática “de mais de” que é recorrente no texto, evidenciando a grandeza daquela unidade. A estratégia para realçar o tamanho da informação é repetida no parágrafo seguinte:

A festa, de mais de três horas, emocionou o público. O choro era um sentimento partilhado por muitos diante do espetáculo de cores provocado pelos fogos das ginastas que vieram especialmente de Toledo para colorir o encerramento com o canto “Amigos Para Sempre”, orquestrado pelo corais da Itaipu brasileira e paraguaia. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Aqui, não evidencia-se somente a duração, mas o sentido do evento, que não somente teve uma duração satisfatória, mas que demonstra pelas emoções dos participantes sua qualidade e profundidade. Isso é confirmado na frase seguinte, que afirma ser o choro “um sentimento partilhado por muitos” frente aos “espetáculos” então apresentados para o encerramento.

No último parágrafo, encerra-se a narrativa evidenciando o caráter permanente do evento e sua força em perdurar e ser reproduzido nos anos seguintes:

“Iniciamos um grande passo para um gesto permanente”, resumiu o coordenador do movimento “Paz Sem Fronteiras”, empresário Faissal Saleh. O movimento já ganhou força, podendo ser repetido todos os anos. “Uma ideia nasceu e ganhou adesão permanente. O poder de mobilização da fronteira tem sido maior que as críticas e acusações feita sobre a fronteiras [sic]”, estimou Saleh. (VENDRAME, 2001B, p. 03)

Na frase inicial, retoma-se a ideia do gesto ressaltando sua magnitude, reforçada pela frase seguinte, que aponta sua força e o fato de que pode ser repetido todos os anos. O emprego de “já” para evidenciar o ganho de potencial indica uma ideia de rapidez, e também poderá ser visto em outras reportagens, transmitindo a mesma ideia. A finalização, no geral, aponta para a permanência e coesão do evento, fechando a narrativa com a transmissão da ideia de credibilidade pautada na ideia de força.

Na presente reportagem pôde-se notar as primeiras referências às ideias de unidade e de paz, bem como à juventude. Os posicionamentos dos Estados Unidos aparecem como injustos e violentos, ao mesmo tempo que a Tríplice Fronteira é retratada como um conjunto de pessoas que têm a capacidade de se unir contra ameaças e que juntas têm força suficiente para mobilizar-se em torno de um mesmo ideal.

3.2.3 “FOZ DO IGUAÇU DE TODAS AS CRENÇAS”, “DOIS INGLESES E O ORIENTE MÉDIO” E “A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA”, 16 DE DEZEMBRO DE 2001³¹

As duas reportagens que seguem, publicadas no dia 16 de dezembro de 2001, foram publicadas em conjunto, complementando seus conteúdos explicitamente. Na página 10 daquela edição d'A Gazeta do Iguaçu, encontra-se o texto intitulado “Foz do Iguaçu de todas as crenças”, cuja autoria é designada a “C.A.”, em sua conclusão. É seguido de uma nota de dois parágrafos, assinada por Rodrigo Cavalcante, cujo título é “Dois ingleses e Oriente Médio”.

³¹ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXOS 7 e 8, nas páginas 189 e 190.

Na página seguinte encontramos o artigo “A intolerância religiosa”, que se dedica a traçar uma discussão sobre o que seria Deus e sobre a tolerância. Em ambas as páginas há fotografias de diversos templos religiosos da cidade.

O subtítulo da primeira já dá o tom em que a mensagem será transmitida, comunicando: “Um singelo tributo à Terra das Cataratas, santuário ecológico e espiritual, de tantos contrastes” (C.A., 2001, P. 10). A chamada “Terra das Cataratas” é vista como um santuário, não somente ecológico, haja vista as Cataratas do Iguaçu, mas também espiritual. Trata-se claramente de uma metáfora que atribui um sentido específico à Tríplice Fronteira.

Apesar de tratar-se de três notas, analiso-as em conjunto uma vez que o próprio texto da primeira reportagem menciona as outras duas como “complementos” à sua argumentação. Aqui ficará claro, dentro da narrativa que se monta dentro do âmbito do Jornal, a imagem que foi criada com relação à Tríplice Fronteira.

É importante ressaltar que o primeiro texto é narrado em primeira pessoa, e não tem como objetivo descrever um fato específico, mas transmitir ao leitor uma ideia específica sobre a região. Tampouco trata-se de uma coluna de opinião, uma vez que não está editada neste formato e foi inserida na seção “Cidade”, destinada ao informe dos acontecimentos locais.

“Não existem guerras santas nem santos guerreiros”. Se alguém disse isso antes de mim, juro que não foi meu plágio e sim um feliz paralelismo temporal. Pensei e escrevi isso há muito tempo, jovem ainda, e até hoje me confundo. (C.A., 2001, p. 10)

O pequeno texto é iniciado com a citação de uma máxima de tom filosófico, cuja autoria é atribuída ao próprio autor. Seu intuito é dar prestígio e brilhantismo à citação, uma vez que trata possíveis reproduções de sua frase em tempos anteriores como “um feliz paralelismo temporal”. Havendo conferido o tom de superioridade da primeira frase, o autor reforça sua autoria dizendo que foi escrito quando era ainda jovem, como se confidenciasse algo pessoal ao leitor.

Por outro lado, o fato de destacar que a escrita foi elaborada em outro momento de maturidade, evidencia o brilhantismo que o autor pleiteia a si mesmo, ao mesmo tempo que utiliza a ambiguidade da imaturidade para depreciar o que havia dito, como se quisesse passar uma imagem de inteligência, que lhe confira autoridade para falar sobre o assunto, mas não de arrogância, que possa afastar o

leitor. O trecho final confirma esta hipótese, uma vez que afirma “(...) e até hoje me confundo”, evidenciando que apesar de sua inteligência e autoridade, a própria genialidade da frase o confunde, tornando-o não menos inteligente que quem o lerá.

Por último, esse último trecho pode gerar uma interpretação paralela. A confusão pode se dar também pelo autor não saber se a frase foi escrita por si próprio ou por alguém que o antecedeu, uma vez que foi forjada há um tempo considerável. De qualquer forma, implicitamente admite a superioridade da afirmação, e a utiliza para angariar autoridade para discorrer sobre “santuário ecológico e espiritual”.

Após conferir legitimidade a sua própria palavra, o segundo parágrafo tem a intenção de desautorizar uma determinada categoria de interlocutores:

Uma coisa, eu sinto de verdade: os que lutam e matam em nome de suas crenças e seus deuses são uns idiotas, tal qual os católicos e protestantes da Irlanda, os islamitas e os sionistas do Oriente Médio. (C.A., 2001, p. 10)

Com “(...) eu sinto de verdade”, o argumento pretende dar legitimidade ao que vem a seguir, mas não por sua inteligência demonstrada anteriormente, mas pela sinceridade de seu sentimento. Com isso, apesar ter buscado conferir a validade às próprias ideias, suas alegações virão de algo mais profundo: de seus sentimentos, de sua experiência.

A palavra “idiotas” invalida a ação daqueles que “lutam e matam em nome de suas crenças e seus deuses”, demonstrando um juízo de valor que afasta essa atitude daquele que escreve o texto. Em seguida, cita católicos e protestantes da Irlanda e islamitas e sionistas do Oriente Médio, enquadrando-os todos na categoria “idiotas”. A característica implícita em todos eles é a violência, da qual o autor não partilha.

No parágrafo seguinte é revelador quanto à imagem que se está tentando construir durante o texto:

Eu queria, neste domingo, prestar um singelo tributo à gente da Terra das Cataratas, este santuário ecológico e espiritual, de tantos contrastes e onde o mal às vezes é tão eloquente quanto o bem. Eu queria mostrar que somos a Terra de Todas as Gentes, de todas as etnias, um cadinho etnológico singular com as nossas belezas naturais, esta mesopotâmia encantada é onde as pessoas de todas as plagas se encontram. (C.A., 2001, p. 10)

Após enaltecer-se, o autor diminui-se diante da “gente da Terra das Cataratas”, prestando-lhes um “singelo tributo”. Essa homenagem evidencia o papel

de grandeza que essa “Terra” carrega, haja visto que se presta tributos a pessoas ou instituições de elevada importância.

Quanto à “terra” de que fala, classifica-a como “santuário ecológico e espiritual”, denominação já destacada no subtítulo da reportagem. Dentre os diversos significados da palavra, “santuário” pode significar “lugar consagrado pela religião, lugar santo; (...) sacrário, relicário (...)” (FERREIRA, 1999, p. 1812). Sendo assim, a “Terra das Cataratas” abriga uma religião própria, e pode também guardar riquezas ou relíquias, não somente materiais, mas também “espirituais”. Por ser “santuário”, local consagrado a divindades superiores, é intocável, mais puro e sagrado que outros.

A “Terra das Cataratas” também é plena de “contrastes”, que não retiram o mérito divino do local. O “santuário”, entretanto, sofre ameaças, uma vez que “o mal às vezes é tão eloquente quanto o bem”. O “bem” existe no local, mas em algumas ocasiões a voz do “mal” pode ser escutada, e isso é um perigo para o santuário, que deveria ser respeitado.

O autor, então, demonstra sua vontade em “mostrar”, ou seja, trazer à luz uma realidade específica que ele próprio tem a capacidade e autoridade de dizer qual é. Essa realidade é que a “Terra das Cataratas” é também a “Terra de Todas as Gentes”, na qual se inclui com o verbo “somos”, conjugado no plural. E não somente de todas as gentes, mas também de “todas as etnias”. Inclui-se aqui não somente “gentes” não somente como seres humanos, mas como indivíduos com ligações étnicas específicas.

Em seguida, expressa-se de fato como se concebe a “Terra das Cataratas”. O autor a nomeia como “cadinho etnológico”, cuja característica é ser “singular” e possuir “belezas naturais”. Classificando-a como “mesopotâmia encantada”, o autor faz uma analogia com a região da Mesopotâmia, banhada pelos rios Tigres e Eufrates, por ser a Tríplice Fronteira banhada também pelos rios Paraná e Iguaçu. Mas é diferente da Mesopotâmia original, pois está é “encantada”, tem uma aura especial e única que não se pode encontrar em outros lugares. Este local que guarda uma riqueza sem igual, “é onde pessoas de todas as plagas se encontram”.

Com relação ao “cadinho etnológico”, cabe ressaltar que a primeira palavra também pode ser chamada de crisol, e faz referência a um recipiente, geralmente metálico, usado para operações químicas com alta temperatura, com o objetivo de

fundir determinados tipos de material (FERREIRA, 1999, p. 360). Em seu sentido figurado, faz referência a um local onde as coisas se fundem, se mesclam.

Ora, se a Terra das Cataratas é um santuário, e ao mesmo tempo um cadinho, cuja principal característica é ser “etnológico”, então o material que se funde aí é sua “gente”, ou melhor, suas etnias. Essa ideia, entretanto, não é nova e tem sua gênese nos estudos assimilacionistas da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, sob o conceito de “*melting pot*”.

O que se convencionou chamar “Escola de Chicago” nas Ciências Sociais foi constituído entre o início da I Guerra Mundial e os anos da Grande Depressão de 1929. Como principais temas de estudo e contribuições teóricas, destacam-se a ecologia humana, sociologia da estrutura urbana, relações raciais, psicologia social e culturas urbanas.

Estes tópicos constituem a centralidade do período em que a Escola predominou como a “primeira corrente teórica própria e madura” da sociologia norte-americana (EUFRÁSIO, 1999, p. 44), apesar de Becker (2006, p. 179) afirmar que o que se convencionou chamar “Escola de Chicago” seria mais uma “escola de atividade” que uma “escola de pensamento”. Isso equivale dizer que foi muito mais um grupo de pesquisadores que tralhavam em conjunto, e que não obrigatoriamente compartilhavam da mesma teoria.

Nessa época, desenvolvia-se nos Estados Unidos a propaganda nativista, que valorizava a “anglo-conformidade” dos americanos nascidos no país e era hostil a novas migrações que se distanciassem desse modelo, o que levou à adoção de uma política migratória restritiva (REA; TRIPIER, 2003, p. 8). A “anglo-conformidade”, como veremos mais adiante, é um modelo de análise das dinâmicas de integração de grupos imigrantes, no qual estes se assimilam totalmente aos moldes do país receptor, não sendo possível perceber quaisquer traços da cultura original após o processo.

É importante lembrar que o termo “assimilação” remonta a uma ideia que surgia dos principais debates públicos do início do século XX, e não propriamente de um vocabulário científico específico criado para comportar determinada informação referente à realidade (CHAPOULIE, 2002, p. 3). Este referia-se à “americanização” dos imigrantes ou, mais genericamente, ao destino dos imigrantes europeus e asiáticos, e após os anos 1920, à população negra advinda do sul dos Estados

Unidos. Com o tempo e o desenvolvimento dos debates acadêmicos, o termo foi ganhando nuances e passando por diversas reinterpretações.

Nos Estados Unidos da década de 1960, Milton Gordon propõe sete tipos de assimilação possíveis: cultural (aculturação), estrutural, marital (amalgamação), identificacional, atitude-receptiva (quando não há mais preconceito), comportamental-receptiva (quando não há mais discriminação) e cívica (ausência de valor e conflito de poder) (HIRSCHMAN, 1983, p. 402). Todas são forma de inserção do imigrante na sociedade receptora.

A primeira diz respeito à obtenção de padrões linguísticos, sociais, rituais e culturais da sociedade receptora, permitindo a manutenção de certo sentido de alteridade. A segunda, por sua vez, é a “porta de entrada” em clubes e instituições e até casamentos cruzados, o que levaria à dissipação de quaisquer particularismos (GREEN, 2008, p. 24). Além disso, Gordon cunha uma tipologia com três teorias básicas referentes à assimilação em território norte-americano, relativas a períodos históricos diferentes, a saber: angloconformidade, *melting pot* e pluralismo cultural.

A partir dessa contribuição, William Newman propõe uma visão mais sistematizada da assimilação nos anos 1970, numa tentativa de “cientificizar” a interpretação do processo por meio de fórmulas matemáticas, levantando também padrões de assimilação ao longo da história (GREEN, 2008, p. 25). Dentro dessas categorias pode-se encontrar uma definição básica do que seria o termo *melting pot*.

A ideia de assimilação, igualmente expressa como “angloconformidade”, seria expressa pela fórmula “ $A+B+C=A$ ”, sendo “A” a cultura receptora. Nesse caso, os imigrantes se adaptariam totalmente à sociedade hospedeira, não preservando traços de sua cultura original. Esse ponto de vista teria sido resultado do período de imigração das massas europeias em direção aos países americanos entre 1860 e 1940, e refletiria o ponto de vista da maioria das pessoas da época.

A noção de *melting pot*, por sua vez, seria representada pela fórmula “ $A+B+C=D$ ”, sendo “D” o resultado do contato entre os grupos imigrantes e os grupos hospedeiros, gerando um padrão cultural diferente do anterior. O conceito seria uma reação à ideologia da assimilação, advindo de “minorias”, na primeira década do século XX. É nesses termos, por exemplo, que o sociólogo italiano Gino Germani (1962) interpreta a influência das populações imigrantes europeias na formação da Argentina:

Porque el resultado de la inmigración masiva no fue la absorción de una masa extranjera que llegó a asimilarse, es decir, a parecerse e identificarse con la población nativa. (...) en la Argentina este proceso implicó la virtual desaparición (en las regiones y centros de inmigración) del tipo social nativo preexistente, y la contemporánea destrucción de parte de la estructura social que la correspondía. En su lugar emergió un nuevo tipo, todavía no bien definido, según algunos, y una nueva estructura. (GERMANI, 1962, p. 200)³²

No caso argentino, segundo o autor, as populações imigrantes não teriam sido assimiladas à população nativa anterior a sua chegada, mas teriam proporcionado condições para a criação de um novo “tipo social nativo”, que não era nem o nativo e nem o imigrante, sendo possível notar a influência do conceito no pensamento de Germani.

Por último, Green (2008, p. 25) afirma que Nathan Glazer e Daniel Patrick Moynihan avançam a discussão do ponto de vista da minoria em *Beyond the Melting Pot*, em que se propõe o modelo “ $A+B+C=A1+ B1+C1$ ”, do pluralismo cultural, em que o contato entre diferentes grupos nem os assimila indiscriminadamente à sociedade de recepção, nem cria uma outra identidade distinta da anterior, mas antes modifica cada grupo em si, sem que percam suas características - a autora afirma que essa é uma posição criticada por Newman.

Mesmo para Hirschman (1983, p. 401), que argumentava nos anos 1980 que as divisões étnicas e a identidade étnica estavam mais salientes do que nunca, apesar das deficiências da conceituação da assimilação, a perspectiva teria sido útil para organizar o campo e incentivar uma grande quantidade de estudos empíricos.

A perspectiva do autor é que o *melting pot* se transformou um símbolo da visão liberal e radical da sociedade norte-americana, utilizado politicamente para reforçar e legitimar a ideologia da América como uma terra de oportunidade onde raça, religião e origem nacional não constituiriam barreiras para a mobilidade social (HIRSCHMAN, 1983, p. 398). Argumenta que existe uma outra interpretação para o *melting pot*, em que se enfatizaria a “americanização” dos imigrantes na virada do século XX. Em suma, o autor problematiza as correntes de pensamento que pensaram a assimilação.

³² “Porque o resultado da imigração massiva não foi a *absorção* de uma massa estrangeira que chegou a *assimilar-se*, ou seja, a parecer-se e identificar-se com a população nativa. (...) na Argentina esse processo implicou no *desaparecimento virtual* (nas regiões e nos centros de imigração) do tipo social nativo pré-existente, e a contemporânea destruição de parte da estrutura social que lhe correspondia. Em seu lugar emergiu um novo tipo, ainda não bem definido, segundo alguns, e uma nova estrutura.” (*Tradução do autor*)

Aqui parece estar a explicação do “cadinho etnológico” (C.A., 2001, p. 10) que forja a riqueza desse santuário: “a gente da Terra das Cataratas”. Interpretações semelhantes a essa, sobre o caráter de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira, já haviam sido debatidas por outros autores, como Macagno (2011, p. 21-25), que afirma que a Tríplice Fronteira geralmente é evocada por meio de seus “porta-vozes ‘autorizados’”, como um “mosaico étnico e de convivência cultural”, exemplar para outras localidades.

O autor ressalta o perigo dessa abordagem, destacando que é necessário atentar-se a esse detalhe para não incorrer, durante a pesquisa, no que chama de “tentação etnicista”, ou seja, uma pré-noção essencializada do que é a região e de como as pessoas aí interagem. Por outro lado, afirma que é preciso levar em consideração que além do discurso multiculturalista que sempre envolve os argumentos mais otimistas com relação à fronteira, existe outro que vê tal realidade por outro prisma: o da separação e do controle fronteiriço.

Resumidamente, enquanto o que se veicula por alguns meios é a imagem de uma fronteira associada ao tráfico de drogas e de pessoas, terrorismo e a vários tipos de ilicitude – dos quais é preciso precaver-se e proteger-se –, outros se preocupam em transmitir uma imagem de tolerância, diversidade e multiculturalidade. Essa caracterização dúbia ocorre simultaneamente sem que nenhum dos dois pontos de vista se excluam reciprocamente.

Nesse sentido, o que se notará na amostra, durante a presente análise, é um discurso próximo ao primeiro elencado pelo autor, dentro dos moldes do *melting pot*, como explicitado na presente reportagem. Imagens de tolerância, unidade e paz serão constantes nas argumentações.

O quarto parágrafo do texto também faz uso, assim como o anterior, de uma linguagem mágica e romantizada sobre a Foz do Iguaçu, evocando elementos religiosos na narrativa:

Eu queria mostrar singelamente, também, que além dos duendes, das fadas e dos entes celestiais, que habitam o Vale Encantado das Cataratas, outros deuses, santos e anjos habitam nossos templos e ouvem as nossas preces e orações. E assim, fomos buscar imagens de alguns das centenas de templos religiosos espalhados pela nossa cidade. Mostrar a imagem serena de suas arquiteturas na esperança que elas nos estimulem a orar pela paz sem fronteiras, pela ocupação deste espaço, hoje dividido com entes obscuros, por poetas, cantadores, loucos e sonhadores, gente da paz e do amor. (C.A., 2001, p. 10)

Repetindo sua estratégia anterior, o autor mais uma vez trata sua demonstração como uma “singeleza”, demonstrando sua deferência à Terra das Cataratas, enaltecendo-a. Ressalta o caráter mágico do “Vale Encantado das Cataratas” evidenciando a presença de duendes, fadas e entes celestiais, como se estivesse a dizer que o lugar torna possível aquilo que muitos creem não existir. Para confirmar essa interpretação, refere-se em seguida a “outros deuses, santos e anjos” que moram nos templos da cidade. Essa referência remete à tolerância, como se estivesse a dizer que em poucos lugares seria possível que tantos deuses, santos e anjos convivessem em harmonia.

Fazendo menção às imagens que ilustram a página, ressalta tratarem-se de algumas entre as “centenas de templos religiosos espalhados pela nossa cidade”. Mais uma vez, o argumento corrobora a interpretação anterior, ao afirmar que as divindades que habitam os templos da cidade não são somente diferentes, como também são muitas.

Referindo-se à “imagem serena” dos templos, o autor remete-os mais uma vez à paz, assim como Foz também é um santuário. Utiliza em seguida o nome do evento “Paz Sem Fronteiras” não como o nome próprio de uma iniciativa, mas como um substantivo simples que simboliza um ideal a ser alcançado.

Em seguida, referindo-se ainda à oração que é inspirada pelos templos, refere-se à “ocupação deste espaço”, como se ele estivesse parcialmente ocupado ou que sequer houvesse ocupação. Para delimitar o grau dessa tomada de território e as partes que o ocupam, menciona “entes obscuros” e “poetas, cantadores, loucos e sonhadores, gente da paz e do amor”.

Logo, os “entes obscuros” estariam tomando o lugar dos habitantes por direito do “santuário”, afetando a principal riqueza de Foz do Iguaçu: sua gente, mergulhada no “cadinho etnológico” e que, por conta desses entes malignos, não mais se misturam como antes se misturavam. A paz, então, é sinônimo de união, unidade, e qualquer coisa que se desintegre essa ideia é contrária à paz e, portanto, é “obscura”.

Por fim, o autor sugere a leitura de dois outros textos, que completam o ponto de vista que quer transmitir:

Para me completar, fui buscar um artigo do amigo Carlos Eduardo de Santi – A intolerância religiosa – e uma recomendação de Rodrigo Cavalcante, da revista “Super Interessante”, para dois livros formidáveis sobre a história e a religião do Oriente Médio – Dois ingleses e o Oriente Médio. Com este

“reforço” deixo vocês com algumas reflexões nesta véspera do primeiro Natal do 3º Milênio, de tantas inquietudes e tantas lições para aprender. (C.A., 2001, p. 10)

O autor admite que sua explicação ainda está incompleta, motivo pelo qual necessitou recorrer a dois outros para que ela estivesse em seu todo. Com relação ao primeiro, refere-se a ele como “amigo”, passando uma noção de confiança e proximidade, ratificando assim esse primeiro texto.

Sobre o segundo, indica que não é da redação do jornal, mas da revista “Super Interessante”, como que a lhe dar credibilidade pela edição na qual desempenha seu trabalho. Além disso, classifica suas indicações como “formidáveis”, citando pela primeira vez fatos concretos: “história e religião do Oriente Médio”. Portanto, o texto tem relação direta com uma inquietação com relação à região, e logo, seus reflexos na fronteira.

Por fim, passa a conclusão ao leitor, uma vez que o artigo acaba, mas o autor afirma que deixa os leitores – “(...) deixo vocês (...)” – com reflexões a respeito do tema, induzindo-os a realiza-las na véspera de um natal muito específico, no qual há “tantas lições para aprender”.

A nota que segue na mesma página não deve, entretanto, ser analisada como escrita dentro do contexto que o autor anterior se encontra. Deve sim ser abordada como elemento que corrobora algum argumento do texto principal, ou que contém artifícios que cumprem tal função.

Albert Hourani e Karen Armstrong são ingleses que conhecem como ninguém a história e a religião dos povos do Oriente Médio. Hourani, um historiador filho de imigrantes libaneses, é autor do clássico “Uma História dos Povos Árabes” (Companhia das Letras) – uma das obras mais ambiciosas e completas sobre os povos da região. Trata-se de uma espécie de história do mundo tendo os árabes – e não os europeus – como protagonistas. Não que Hourani seja um intelectual antiocidente. Ao contrário: foi um típico professor da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, até morrer, em 1993. O resultado é um texto equilibrado e preciso sobre a história do mundo antes e depois de Maomé até os conflitos entre Israel e Palestina na segunda metade do século XX. E transmitido numa prosa escorreita.

Karen Armstrong, ex-freira católica e uma das maiores especialistas mundiais em religião, é autora de “Em Nome de Deus: O Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo” (Companhia das Letras), uma bela e exhaustiva pesquisa sobre a origem do fundamentalismo não somente no Islamismo, mas também no Cristianismo e no Judaísmo. A estudiosa inglesa lembra que o fundamentalismo como o conhecemos não é uma herança do Islã, mas um fenômeno que remonta ao início do século XX – quando grupos de evangélicos norte-americanos começaram a reivindicar uma leitura mais literal dos textos religiosos, uma volta aos “fundamentos”

da

religião.

Depois de ler os dois livros, talvez você nem ache tão difícil montar o quebra-cabeça dos conflitos políticos e religiosos de boa parte do mundo. (CAVALCANTE, 2001, p. 10)

Em termos gerais, a nota fala sobre dois pesquisadores que se dedicam a estudar história e religião dos povos do Oriente Médio, sendo o historiador Albert Hourani descendente de libaneses. Ressalta-se a história que conta como um ponto de vista alternativo daquele dos europeus, ressaltando que o autor não é antiocidental. Sua produção é qualificada como “equilibrada”, o que leva a crer que as versões ocidentais podem pender para algum dos “lados” da história.

Com relação à obra de Karen Armstrong, ressalta-se, primeiramente, o fato de ser “uma das maiores especialistas mundiais em religião” e que trabalha com fundamentalismo no islamismo, judaísmo e cristianismo, afirmando que não somente no primeiro pode ocorrer esse tipo de dinâmica. Ressalta também que o fenômeno do fundamentalismo iniciou-se nos Estados Unidos, entre evangélicos que tinham determinadas perspectiva sobre a religião.

Dentro do contexto da reportagem anterior, no sentido de que esta nota o complementa, é possível indicar que seu papel dentro da narrativa maior é tanto destacar como elemento que a maneira ocidental de narrar os fatos pode não ser imparcial, como distanciar o fundamentalismo do islamismo, classificando-o como uma invenção norte-americana.

Em um contexto em que se fala sobre “entes obscuros” que afetam a vida do “santuário”, pode-se afirmar que esses entes sejam ou estejam de alguma forma relacionados aos Estados Unidos e seus pontos de vista, influência esta que acaba por descaracterizar o que a “Terra da Cataratas” tem de mais precioso: sua gente.

A reportagem seguinte, “A intolerância religiosa” (SANTI, 2001, p. 11), também serve de complemento à primeira, e dedica-se a discutir o papel de uma divindade superior que guia todas as religiões, motivo pelo qual a intolerância não pode ser justificada.

Dentre os maiores tabus da humanidade, a religião é, sem dúvida, a que suscita maior discussão, reflexão e expectativa. Quem nunca quis saber o que acontece com as pessoas após a morte? Ou, quando será o dia do juízo final? Ou, ainda, se é possível comunicar-se com os mortos e reencarnar? (SANTI, 2001, p. 11)

O texto é aberto colocando-se a religião como um dos “maiores tabus da humanidade”, evidenciando-a como um fator de tensão, visto que gera “discussões, reflexão e expectativa”. Nas frases seguintes são feitas perguntas que, em primeiro lugar, não têm respostas cientificamente comprovadas. Por outro lado, incluem o leitor no questionamento, uma vez que “quem”, no sentido que é empregado, transmite a ideia de um questionamento que é unânime. É possível também que este parágrafo tenha sido escrito como forma de despertar a curiosidade de quem lê, pois, sendo perguntas que não têm resposta, algum argumento posterior no texto pode aclará-las.

Na sequência, um argumento religioso é incorporado para responder as perguntas, destacando o papel de “Deus”:

Na verdade, a respostas a essas e outras perguntas somente a Deus pertence. A fé é o alicerce que nutre de esperança e devoção o culto aos dogmas eclesiásticos. (SANTI, 2001, p. 11)

Na tentativa de fornecer uma réplica aos questionamentos que são propostos no início do texto, este trecho é iniciado com “Na verdade”, que evidencia que uma realidade será apresentada, negando outras possíveis explicações. O esclarecimento, então, é fornecido na figura de “Deus”, único detentor das repostas que podem tornar factíveis quaisquer elucidações sobre o que foi proposto. Portanto, o texto se afasta da possibilidade de trazer repostas aos questionamentos anteriores, evidenciando a divindade “Deus” como superior, por possuir respostas que não são dadas aos homens.

Elencando a “fé” como “alicerce” do “culto aos dogmas eclesiásticos”, o autor o autor confere à crença a base da religião, e logo, de Deus. “Acreditar”, nesse sentido, é o sustentáculo que legitima as repostas às perguntas colocadas no primeiro parágrafo, sendo este o único meio de atingi-las. Este é um parágrafo de caráter bastante religioso e interior, uma vez que não fala somente de Deus, mas de processos que, segundo se argumenta, também são subjetivos, como a “fé”.

Os alimentos que movem o culto aos dogmas seriam a “esperança” e a “devoção”, que se encontram na “fé”. A primeira palavra refere-se à espera de algo que se deseja (FERREIRA, 1999, p. 814), enquanto a segunda ao “ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou entidade” (FERREIRA, 1999, p. 672). Desse modo, ter fé, no sentido que se coloca, é esperar por algo, mas além disso, dedicar-se a isto, de modo que tais perguntas possam ser respondidas satisfatoriamente.

Portanto, pertencendo a “Deus” a “verdade”, é necessário que o indivíduo espere e se dedique à divindade, de modo a sanar sua curiosidade por saber as respostas às perguntas elencadas no primeiro parágrafo.

O terceiro, por sua vez, adota um tom mais científico e de conhecimento de fatos históricos, buscando uma solução para o surgimento da religião cristã:

Se voltarmos no tempo e analisarmos a conjuntura geopolítica da Idade Antiga, veremos que havia pouca inter-relação dos povos mais distantes. Assim, suas culturas se limitavam a áreas geográficas restritas. O Império Romano, por exemplo, deu origem ao que chamamos de “história da cultura ocidental”, ocupou “apenas” parte da Europa e do Oriente Médio, além de regiões do norte da África. Na visão do Ocidente, os costumes, as crenças, são todos baseados na linhagem romana, da qual surgiu o Cristianismo. (SANTI, 2001, p. 11)

Nota-se, primeiramente, a utilização de um registro diferente de linguagem, que destoa dos excertos anteriores, como “conjuntura geopolítica” e “inter-relação dos povos”. Se antes o tom era mais sentimental e interior, evidenciando o caráter superior de “Deus”, agora o temos uma escrita mais rebuscada e histórica. Em ambos os casos, o objetivo é legitimar algum tipo de informação.

Naquele primeiro caso, o foco é “Deus”, portador das repostas às perguntas do primeiro parágrafo. Como não há evidência científica de sua existência, optou-se no texto por dar autoridade ao argumento por meio da “fé”, que, segundo se coloca, alimenta o culto aos dogmas religiosos. Neste caso, entretanto, tenta-se explicar o surgimento da religião cristã, colocado como fenômeno histórico e influenciado pela “linhagem romana”.

O primeiro argumento que se elenca é que na Idade Antiga os povos pouco se relacionavam, devido a fatores que ultrapassavam simplesmente a distância, mas sua distribuição sobre dado território, que não é delimitado. Para explicar a “história da cultura ocidental”, evoca-se o Império Romano. A linguagem mais próxima à científica é um meio de dar autoridade ao argumento, tornando-o persuasivo.

No que tange às informações relacionadas ao Império, a palavra “apenas”, colocada entre aspas, denota ironia, no sentido de valorizar sua extensão e força. Os territórios citados também corroboram o argumento, evidenciando sua grandeza e imponência. Ao falar do Ocidente, “costumes” e “crenças” são atribuídos à raiz romana, assim como o Cristianismo, e não são associados diretamente ao primeiro, uma vez que não há nenhum conectivo que exerça essa função. Neste caso, não é

possível saber a quem se referem os “costumes” e “crenças”, somente que surgem da “linhagem romana”.

O parágrafo seguinte dedica-se a falar de outras religiões e outros locais do mundo:

Mas em outros cantos do mundo, como no sul da Ásia, na China ou na África Subsaariana, haviam culturas totalmente distintas, monoteístas (que cultuavam um único deus) como os judaístas e os muçulmanos, ou politeístas (que acreditavam em vários deuses) como os xintoístas, hinduístas e budistas, além das diversas tribos africanas, indígenas (Américas) e aborígenes (Oceania e Ásia Menor). (SANTI, 2001, p. 11)

De modo geral, o parágrafo traz três grupos diferentes: “monoteístas”, “politeístas” e as “tribos”. A elas, atribui-se o caráter de “totalmente distintas”, cuja ênfase imposta por “totalmente” denota não haver nenhum traço em comum com o “Cristianismo” de raiz romana. Mesmo aos “judaístas”, cujos princípios religiosos, de início, deram as bases ao que se chama cristianismo, não se lhes confere qualquer grau de semelhança. Claramente, o parágrafo parece tratar de uma relação “nós/outros”.

Para Laraia (2001, p. 72-73), essa diferenciação entre “nós” e aqueles que se enquadram na categoria de “outros” faz parte da dinâmica do etnocentrismo. Ou seja, segundo o autor, denota uma reação àqueles que se considera, em dado grupo, como estrangeiros, diferentes. O etnocentrismo seria, então, o fenômeno em que um grupo considera sua maneira de viver como a mais correta e a mais natural, tendo como ponto de referência sua própria cultura. Essa crença, diz o autor, é uma ocorrência universal, sendo comum que um grupo coloque sua sociedade como o centro da humanidade, ou mesmo como única expressão de humanidade possível.

Nesse sentido, pode-se explicar a classificação feita no texto. O que se nomeia como “outros cantos do mundo” (Sul da Ásia, China e África Subsaariana) delimita uma área considerada inferior ou, ao menos, que não faz parte do núcleo desde onde se fala. Aparentemente, o que compõe o “Ocidente” é a cristandade, criada a partir das heranças do Império Romano. Tudo que foge à herança é, então, considerado distante e exterior.

É interessante destacar também as classificações quanto aos “tipos” de religiões elencados. Primeiramente temos as monoteístas, que mesmo aparentemente mais próximas do cristianismo, são elencadas como diferentes. Depois, considera-se as politeístas, um tanto mais distantes da herança romana. Por

último, temos as crenças tribais. Independentemente de serem mono ou politeístas, são colocadas em um mesmo grupo e por último, diferença essa marcada pela organização do texto. A inferioridade do último grupo com relação aos outros é evidenciada no parágrafo seguinte:

Como na época não havia intercâmbio cultural, era impossível os índios americanos tomarem conhecimento dos milagres de Cristo ou dos aborígenes australianos seguirem os mandamentos de Moisés. (SANTI, 2001, p. 11)

Fazendo referência à “Idade Antiga”, adiciona-se a informação de que não havia intercâmbio cultural. Assim, admite-se que naquela época as culturas estavam isoladas e não influenciavam umas às outras. Por este motivo, os povos tribais não podiam saber sobre os feitos das divindades de religiões monoteístas, como Cristo ou Moisés. Os “milagres” são tomados como realidade, assim como os “mandamentos” como regras legitimadas, referendadas por seus portadores. Aparentemente, a inferioridade se dá não pela maldade ou falta de vontade, mas pelo isolamento, que não possibilitou aos tribais inserir-se no sistema ocidental, admitindo-se que o teriam feito caso houvesse a possibilidade.

O parágrafo seguinte volta ao estilo discursivo do início do texto, associando novamente a ideia de “Deus” à da na narrativa de uma “verdade”, com a intenção de esclarecendo o leitor a esse respeito:

Na realidade, Deus enviou aos diversos e diferentes povos instrumentos para que cada um deles pudesse chegar até Ele. Desde os profetas, mensageiros da palavra de Deus – sempre as melhores pessoas de sua comunidade, moral e intelectualmente –, até elementos da natureza que retratam dádivas divinas nas religiões politeístas, o fundamento essencial da crença é venerar o criador acima de tudo. (SANTI, 2001, p. 11)

A primeira frase passa a ideia de que “Deus” não abandonou nenhum dos povos tão distantes e diferentes do planeta, cuja forma de alcançá-lo seriam os “instrumentos” disponibilizados pela divindade. A segunda frase, mais uma vez parece estabelecer uma escala, mas dessa vez entre os “instrumentos”. Os termos utilizados para estabelecer tal comparação são “desde” e “até”, transmitindo uma ideia de início e fim, como se fosse um caminho.

Os “profetas”, aqueles que carregam a palavra do próprio “Deus”, são declaradamente as pessoas mais elevadas dentre aqueles a quem se destina sua mensagem, tanto “moral” quanto “intelectualmente”. Às religiões politeístas, “Deus”

disponibilizou os “elementos da natureza”, não individualidades. Por fim, encerra-se o parágrafo dizendo que o que há em comum entre ambos é que “Deus” deve ser objeto de veneração acima de tudo. Apesar de todas as diferenças entre ambos os tipos de religião, “o Criador” simboliza sua união, seu ponto comum, mesmo sendo único, mesmo sendo a divindade dos monoteístas.

O elemento “Deus”, nessa reportagem, faz referência à ideia de unidade, a ideia de um único elemento capaz de congrega diferenças tão nítidas e que, a princípio, distanciava a todos, assim como a cidade de Foz do Iguaçu. Mesmo que esse “Deus” seja o cristão, mesmo que seja o “Deus” ocidental – “Ocidente” esse já diferente por conta de sua história e raízes.

É a divindade que, única, não faz diferença nem entre aqueles que não creem nele, que não os abandona: “Deus, como Pai supremo do Universo, não privilegiaria um determinado povo em detrimento dos outros.” (SANTI, 2001, p. 11). Neste penúltimo parágrafo, o mais curto de todos, está a ideia central do texto. “Deus”, aquele na figura de “Pai supremo”, provê igualdade aos seus filhos, todos irmãos. E como “Pai”, ele dá a um irmão aquilo que dá ao outro, ainda que a compreensão de ambos quanto a sua natureza seja diferente. A união, então, se dá, entre aqueles que recebem tanto os melhores, quanto aqueles que dispõem dos “elementos da natureza”.

O último trecho fecha o texto reforçando a ideia de unicidade de Deus:

Assim, independentemente da religião na qual acreditamos e seguimos, mais importante é ter maturidade o suficiente para entender que o Deus todo-poderoso é único, onisciente e onipresente, e respeitar todas as religiões e seus seguidores. Em nenhuma delas pregam-se guerras ou perseguições, mas o amor ao próximo e a paz entre os povos. (SANTI, 2001, p. 11)

A “maturidade” é destacada como requisito para a compreensão que de “Deus” tem todo o poder existente, sendo único, conhecendo tudo e estando em todos os lugares. Aqueles que não o entendem dessa forma, são imaturos. E, além de ser importante ter “maturidade”, também o é o respeito às mais diversas designações. Isso leva a crer que aquelas que crêem em mais de uma divindade são imaturas, mas ainda assim, em todas a mensagem é de paz e “amor ao próximo”.

Muito além da religião, esse trecho conduz à interpretação de que aqueles que não creem na unidade, simbolizado por “Deus”, são imaturos, e ainda assim

deve-se respeitá-los. Talvez não fosse essa a intenção do autor ao escrevê-lo, mas dentro do contexto em que é publicado, há uma gama de sentidos que ligam a ideia de Deus à ideia de unidade, associada ao “santuário” das Cataratas, onde todos se misturam no cadinho etnológico. Além disso, este texto é explicitamente classificado como “complemento”, o que corrobora o argumento.

Da análise deste conjunto, podem-se destacar duas ideias principais: a primeira é de que em Foz do Iguaçu existe uma unidade que está ameaçada, este lugar que guarda uma riqueza e tem o potencial de forjar algo novo; por outro lado, esta ideia de unidade esbarra na de “superioridade”, se levarmos em consideração os argumentos etnocêntricos do último texto.

Nos dois primeiros é apresentado um inimigo, que ameaça a unidade, enquanto no terceiro a incompreensão desta unidade é classificada como “imatura”. No segundo, aponta-se os norte-americanos como criadores do fundamentalismo, a partir de seus evangélicos, e destaca-se a possibilidade da história ocidental ter um ponto de vista não tão imparcial. Associando tais ideias, pode-se chegar à conclusão que a ameaça, ou a imaturidade, se condensa na figura dos Estados Unidos ou de algo que de lá parte para desintegrar o “cadinho etnológico”, cujas propriedades mágicas permitem um santuário como Foz do Iguaçu.

3.2.4 “COMUNIDADE ISLÂMICA AMENIZA FOME EM FOZ”, 14 E 15 DE DEZEMBRO DE 2002³³

Está foi a primeira reportagem analisada do segundo marco temporal proposto na pesquisa, após o processo jurídico movido pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu contra a rede de televisão CNN. Publicada proximamente às festividades do Natal daquele ano, dedica-se a retratar as doações realizadas pela comunidade a “famílias pobres” (GESING, 2002, p. 36).

É importante ressaltar também que, dentro deste marco temporal, foi o mês de dezembro que apresentou o maior número de publicações dentro dos parâmetros estabelecidos nesta pesquisa, somando 14 reportagens. Novembro de 2002 e janeiro e fevereiro de 2003 totalizam juntos 13 publicações. Outro pico como este se verificará somente no próximo marco temporal, no mês de março de 2003, com 17

³³ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 9, na página 191.

reportagens. Os outros meses do terceiro marco – abril, maio e junho de 2003 – somam em conjunto 9 textos³⁴.

Presume-se, portanto, a partir destes dados, que no mês em que esta reportagem foi publicada o debate acerca do tema terrorismo estava em alta, visto a discrepância na quantidade de reportagens entre os meses em questão.

O cabeçalho da matéria é elucidativo, uma vez que pode-se visualizar a maneira como a reportagem será conduzida como um todo:

* Ajuda Humanitária

Comunidade Islâmica ameniza fome em Foz

18 entidades e 250 famílias pobres receberam cestas básicas; foram distribuídas 10 toneladas de alimentos. (GESING, 2002, p. 36)

Dentro da seção “Cidade”, a reportagem é enquadrada no tópico “Ajuda Humanitária”. Isto já denota que a ação da “comunidade islâmica” não é somente caritativa ou segue apenas de acordo com os preceitos da religião – neste caso, trata-se de uma ajuda à pessoa humana, que vai além de crenças ou particularidades.

O título também é esclarecedor: “ameniza fome” revela que a atitude não foi somente de doação de alimentos, mas de diminuir uma sensação negativa de que padeciam as pessoas que passavam fome. “Amenizar”, segundo o dicionário Novo Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 120), carrega o sentido de tornar algo mais ameno, mais branco, podendo mesmo mitigá-lo. Também pode significar fazer algo menos árduo ou difícil, abrandando-o.

Nesse sentido, o esforço da comunidade não seria apenas de distribuir os alimentos, mas de tornar a “fome” mais leve. Era uma atividade cujo resultado era muito mais interior e profundo do que uma simples distribuição de alimentos. O subtítulo reforça a intenção do verbo ao adicionar dados quantitativos relativos a distribuição, evidenciando a qualidade de “pobres” das famílias que recebiam o auxílio.

O primeiro parágrafo abre o texto no mesmo sentido, destacando o papel da comunidade no esforço contra a fome:

A situação de miséria e fome hoje no País é preocupante e depende da ajuda de entidades não-governamentais, através da organização da sociedade civil. Contribuindo para eliminar o grande flagelo mundial, a

³⁴ Para verificar dados relativos à quantidade de reportagens coletadas por marco temporal, consultar APÊNDICE 1, na página 180.

comunidade islâmica de Foz do Iguaçu doou ontem, por 18 entidades da cidade, mais de dez toneladas de alimentos. As milhares de cestas básicas ajudarão também 25 famílias pobres a passar o Natal mais alegre e sem fome. (GESING, 2002, p. 36)

A primeira frase desloca o problema da fome de Foz do Iguaçu para o nível nacional, qualificando-o como “preocupante”. Essa estratégia amplifica o problema, mas também transmite a ideia de que o esforço da comunidade auxilia uma realidade muito maior que não somente a da cidade. Ou seja, antes de estar colaborando com o município, a comunidade auxilia o país.

Em seguida, enfatiza-se o papel da “sociedade civil”, que articulada em torno de “entidades não-governamentais”, realizam o trabalho que torna o problema dependente de seu esforço. Deste modo, a fome não é somente algo “preocupante”: só pode ser sanada com a ajuda das pessoas por meio de tais “entidades”, uma vez que a vinculação entre o problema e o agente que tenta solucioná-lo é de dependência.

Na frase seguinte, o alcance da “fome” é aumentado ainda mais, pois agora é classificado como “flagelo mundial”. A comunidade, além de auxiliar o país, estaria auxiliando o mundo na “eliminação” da mazela, que no próprio movimento do texto cresce cada vez mais. Nesse sentido, a doação é uma contribuição nesse esforço coletivo e mundial.

A quantidade de entidades beneficiadas e de comida doada aparece no mesmo intuito do subtítulo: qualificar a doação e reforçar seu caráter grandioso por meio dos dados. Percebe-se aqui uma estratégia utilizada em outros textos: “mais de dez toneladas”, aumentando a grandeza do peso em questão.

Por fim, o parágrafo é encerrado dando destaque novamente ao caráter “pobre” das “25 famílias” que “também” foram auxiliadas. Este “também” pode demonstrar o modo abrangente da ação da comunidade, uma vez que não se restringiu às entidades, e colaborou diretamente com famílias que, não se sabe pois não está explícito, poderiam não estar vinculadas a esses organismos.

Por outro lado, pôr em evidência a data comemorativa de outra religião, o Natal, demonstra tolerância e compreensão por parte da comunidade, que nesta reportagem não é descrita como “árabe”, mas sim “islâmica”. E, finalmente, dizer que esta data será “mais alegre e sem fome” reforça o título da reportagem, cujo objetivo era dar um caráter mais profundo e pessoal à “ajuda humanitária”. E tanto tem esse

caráter, que ultrapassa a barreira das religiões e traz sentimentos positivos àqueles que não comungam da mesma fé.

O parágrafo seguinte, por sua vez, visa reforçar o papel da ação da comunidade, inserindo-a dentro de um contexto de “coletividade”:

Através da entrega de alimentos para pessoas carentes, a comunidade islâmica mostra que é parte de uma coletividade e que não se isenta do seu papel social para que as mudanças aconteçam na sociedade. As cestas doadas já são tradição anual dos árabes e muçulmanos que vivem na fronteira e acontece há mais de 18 anos. (GESING, 2002, p. 36)

Destacar que a comunidade “é parte de uma coletividade” visa mostrar que ela não está isolada, e faz parte de um todo maior, com o qual colabora e no qual cumpre seu “papel social”, a partir do que “mudanças” podem ocorrer. Nesse sentido, evidencia-se que cada pessoa tem uma função, um objetivo na vida social, e que a comunidade tem o compromisso com aquilo que seria a sua contribuição. Dentro da construção de um mundo melhor, está fazendo sua parte.

A expressão “há mais de” reforça e amplifica a extensão do tempo “18 anos”, evidenciando na frase. Porém, neste momento, tem como alvo reforçar a “tradição anual dos árabes e muçulmanos que vivem na fronteira”. Ora, se é tradição, independe dos acontecimentos que ocorrem no momento em que se leva a cabo ações como essa. Nesse sentido, também demonstra que a atitude de auxílio e construção de um mundo com menos fome não ocorre apenas por conta dos atentados de 11 de setembro, mas era anterior ao acontecimento. Isto deve mostrar que a doação de alimentos é algo mais genuíno e profundo que uma simples resposta a acusações injustas.

O parágrafo seguinte corrobora o anterior, enfatizando o trabalho dos membros da comunidade:

Durante o mês de jejum (Ramadã), árabes e muçulmanos fazem diversas doações espontâneas. O Centro Cultural Islâmico, por sua vez, organiza a ação para alcançar o maior número possível de famílias em situação de extrema miséria na cidade. (GESING, 2002, p. 36)

No primeiro período é interessante notar que as doações são qualificadas como “espontâneas”. Isso equivale dizer que, mesmo não havendo uma obrigação de que a doação aconteça, ela é feita de boa vontade pelos seguidores do Islã. O “Centro Cultural Islâmico” cumpre seu papel de articulador dos atos, proporcionando a chegada dos alimentos às “famílias em situação de extrema miséria na cidade”.

Ele seria, portanto, somente uma ponte. A verdadeira ação vem dos membros da comunidade, que participam das doações mesmo sem haver uma obrigação nesse sentido.

Outro aspecto que se verifica é a adjetivação dada às famílias auxiliadas, retratadas como estando “em situação de extrema miséria”. Além de potencializar a “fome”, este trecho também encorpa a ação coletiva da comunidade, pois amenizar a fome não é somente sanar uma necessidade humana que provoca dor, mas colaborar no abrandamento de uma situação que é muito mais penosa e martirizante que aquele desconforto provocado pela fisiologia do corpo; muito mais indigna e injusta que a reação do corpo à falta de alimentos: a “miséria”, cuja principal característica é degradar e desgastar a dignidade humana.

A força da palavra é um reflexo de todo o estilo desta narrativa, e somente corrobora o que já se vinha desenhando no decorrer do texto. Por outro lado, recorrer à palavra “miséria”, e qualificá-la como “extrema”, também inclui Foz do Iguaçu na condição em que se encontra o mundo, como descrito no começo da reportagem. Portanto, aliviar a “miséria” em Foz do Iguaçu é também colaborar para um contexto mais amplo que padece do mesmo problema.

Na sequência, o próximo parágrafo relata o esforço e a melhoria que a data do Ramadã representa para seus praticantes:

Segundo a autoridade máxima, *sheikh* Taleb Jomaa – representante do *mufty* da República Libanesa no Brasil –, depois de passar 30 dias de jejum fazendo esforço e sacrifício, abstando-se de qualquer conforto ou coisas supérfluas, vem a bonança espiritual e o homem se torna mais humanitário. (GESING, 2002, p. 36)

Para legitimar o argumento que vem a seguir, o “*sheikh* Taleb Jomaa” é qualificado como “autoridade máxima”. Ele não é somente autorizado a falar sobre o assunto, como também, entre todos aqueles que portam tal autorização, é o que mais tem condições de expressá-lo. Após corroborar a informação explicitando o cargo que ocupa no Brasil, é inserido o argumento que se atribui à sua autoria. O “jejum”, que representa o “esforço” e o “sacrifício”, traz a quem o pratica “bonança espiritual”, tornando-lhe mais “humanitário”.

Nesse sentido, aquele que é “humanitário” não somente auxilia, como também sente na própria pele as penúrias da privação. A “abstenção de qualquer conforto” e as “coisas supérfluas” fazem parte desse processo que torna o “homem”

mais humanitário. Descrever, entretanto, este procedimento, também é uma oportunidade de autorizar aqueles que participam do “sacrifício” enquanto seres “humanitários”, que, nesse sentido, são aqueles que não somente auxiliam, mas ajudam porque vivem a mesma dor do outro. Essa vivência, entretanto, é voluntária, o que prova por fim a boa vontade daqueles que se colocam no lugar do outro até as últimas consequências.

Este argumento proposto é corroborado pelo parágrafo seguinte, no qual se exprime o caráter das doações realizadas:

“A comunidade islâmica faz doações por amor e solidariedade. Mais do que qualquer palavra, as ações falam por si”, declarou o *sheikh* Jomaa. Para a diretora da entidade Bom Pastor, Elizabete Mendes, o presente de Natal veio em boa hora. “Fazemos o possível para atender mais 50 famílias. Mas mais de 200 nos procuram, por isso a iniciativa do Centro Islâmico é um exemplo.” (GESING, 2002, p. 36)

Na primeira frase, reforça-se o caráter voluntário da ação, que não é feita por obrigação, mas “por amor e solidariedade”. A segunda, por sua vez, evidencia a prática da ajuda, que “fala por si” só, sem necessitar de palavras para transmitir a mensagem. Também não é preciso nenhuma palavra para defender a comunidade de quaisquer acusações. Nesse sentido, a ênfase é posta sobre o exemplo que transmite, muito mais do que as palavras que possam ser ditas.

Após a declaração do “*sheikh*”, autorizada pelo parágrafo anterior, transcreve-se o posicionamento de uma das entidades beneficiadas, claramente cristã, na figura de “Elizabete Mendes”. O primeiro ponto que se destaca é colocar as doações como “presente[s] de Natal”. Essa seria mais uma evidência do caráter humanitário, de pessoas de uma religião que presenteiam os de outra em suas datas comemorativas – é uma demonstração de tolerância.

Em sua declaração, a representante da entidade qualifica a “iniciativa do Centro Islâmico” como “exemplo”, reforçando os argumentos suscitados nos parágrafos anteriores. Além disso, também destaca a insuficiência na capacidade de atendimento da entidade, explicitando a importância da iniciativa da comunidade.

Outra passagem que reforça o que foi dito em toda a reportagem é a que vem no próximo parágrafo:

Outra entidade que também recebeu ajuda foi a Nosso canto, que trabalha hoje com 125 crianças, a maioria carente. Segundo a representante Eneide Avelar Gusbert, a data próxima ao Natal desperta o espírito de solidariedade nas pessoas e isso deve ser seguido para que todos tenham

direito a um Natal mais justo, sem fome e em paz. “Só quem sente na pele a fome vivida nos bolsões de pobreza é que sabe o quanto fará diferença esta ajuda. As famílias sem dúvida agradecem. (GESING, 2002, p. 36)

Além das famílias que receberam a ajuda, o parágrafo demonstra que entidades que acolhem “(...) crianças, a maioria carente” também foram atendidas. Mais uma vez, destacar a qualidade de “carente” daqueles que são atendidos reforça o caráter da ajuda. Na sequência, mais uma porta-voz, representando as crianças, dá sua declaração sobre o ato da comunidade.

Segundo o depoimento, é ao Natal que se deve o “espírito de solidariedade” que surgiu naquele momento, o que “deve ser seguido” para que “todos” tenham um “Natal mais justo, sem fome e em paz”. E essa justiça é colocada como um “direito”, algo inerente a “todos”. Por se tratar de uma situação injusta, muitos passam fome e não são guarnecidos com os benefícios da “lei” que outorga tais direitos.

Aqui, o incentivo à ação não é colocado em função da prática islâmica do período do Ramadã, que até é citada no decorrer do texto. Entretanto, quando se trata de levantar as causas da ação, o mérito é do “espírito de solidariedade” natalino, não do Ramadã. No primeiro parágrafo reforça-se a ideia de unidade quando se diz que a comunidade “é parte de uma coletividade e que não se isenta do seu papel social (...)”, mas no final o texto a unidade é reforçada pelo caráter cristão do incentivo.

A unidade, mais uma vez, é proporcionada pelo caráter cristão, e está associada à ideia de um “Deus” único que provê a todos os seus filhos, cujo exemplo é seguido mesmo em outras religiões.

Por fim, a declaração final reforça a vivência do “sacrifício” feito pela comunidade, uma vez que “só quem sente na pele a fome vivida nos bolsões de pobreza sabe o quanto fará diferença esta ajuda”. A comunidade, como explicitado anteriormente, sente a fome na pele no período do Ramadã, e isso a autoriza e coloca em condições de prestar ajuda humanitária, muito mais profunda que o simples auxílio.

Essa ajuda é inspirada pelo espírito do Natal e, além disso, serve de exemplo, uma vez que as atitudes valem mais do que palavras. E se há alguém que dúvida de sua boa vontade, é pelo exemplo que quaisquer acusações serão refutadas. Esta reportagem, na verdade, reforça as categorias levantadas nas anteriores, e seu conteúdo de significados parece não se alterar muito.

3.2.5 “ÁRABES JÁ SE INTEGRARAM AOS COSTUMES BRASILEIROS”, 24 DE DEZEMBRO DE 2002³⁵

A reportagem que segue foi publicada dez dias depois da anterior, tratando-se do mesmo mês em que há um pico de publicações referentes à temática dentro deste marco temporal. Cabe ressaltar a importância deste texto dentro do conjunto analisado, pois é nele que fica explícito o caráter da “juventude” enquanto elemento da narrativa mais ampla.

Aqui as noções de “cadinho etnológico” e de “santuário” também são postas em evidência, tratando-se de uma versão da história tanto sobre o que é Foz do Iguaçu, como qual é o papel da comunidade árabe nesta “coletividade”.

Outro fator que interessa à análise é a fotografia utilizada para ilustrar a integração de “árabes” aos “costumes brasileiros”. Não se trata de uma imagem que retrate a relação entre “brasileiros” e “árabes”, ou que retrate de alguma forma essa “integração” – ao menos de maneira direta. O que se observa é a cena de uma mãe islâmica carregando em seu colo uma criança, provavelmente sua filha ou filho.



FIGURA 2 – “COMUNIDADE ADOTOU O BRASIL PELA TOLERÂNCIA RACIAL” – FÓZ DO IGUAÇU – PR

Fonte: A GAZETA DO IGUAÇU(2002)

se trata, neste caso, de analisar como a narrativa é construída pela imagem, o que

³⁵ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 10, na página 192.

também seria possível. Mas o que tentamos exemplificar com a fotografia é a forma que a narrativa é condensada na imagem, mais como um resultado que como uma produção.

A legenda correspondente intriga mais ainda: “Comunidade adotou o Brasil pela tolerância racial” (FONTANELLA, 2002, p. 20). Ora, se a narrativa corresponde à tolerância, porque não condensá-la com uma imagem que mostre as diferenças que são toleradas? Qual, então, será o papel da criança ou do jovem, que tanto destaque ganharam durante as muitas páginas em que houve publicações referentes às acusações de vinculação ao terrorismo contra a comunidade?

Assim como na reportagem que a antecede, o título é esclarecedor: “Árabes já se integraram aos costumes brasileiros”. “Já”, advérbio de tempo, transmite tanto a ideia de rapidez quanto de passado, no sentido de dizer que tal integração foi facilitada. Quanto aos “costumes brasileiros”, estes abarcaram, aparentemente, as diferenças culturais que poderiam surgir.

No subtítulo observa-se: “Imigrantes e descendentes que ficaram em Foz após a crise já absorvem cultura brasileira; paixão pelo país nasceu do respeito às diferenças” (FONTANELLA, 2002, p. 20). Dentro da amostra selecionada, esta é a segunda vez que se nomeia os membros da comunidade explicitamente como imigrantes. A primeira registra-se na reportagem “Árabes rezam por vítimas do terror” (IUNOVICH, 2001, p. 29). Mas estes não são quaisquer imigrantes, são aqueles que permaneceram na cidade “após a crise”.

Nesse sentido, é importante lembrar que todo imigrante é sempre um emigrante. Segundo Sayad (1998, p. 14), o que se convém chamar de “imigração” em uma sociedade, em outra chama-se “emigração”. O fenômeno de dois nomes, a depender do ponto de vista, revela que toda pessoa que migra traz ou leva consigo uma bagagem de produções histórico-sociais, e, por conta deste aporte, acaba por ser classificado, tanto juridicamente quanto politicamente, como não pertencente ao grupo que o recebe, pois pauta-se por códigos e valores externos aos do receptor.

Portanto, destaca-se que a construção da imagem do migrante se dá sobre todo o aporte que traz de seus elementos identitários ligados ao local de origem, sobrepostos com outros que eventualmente o atravessam, como a confissão religiosa, pertença étnica ou militância política.

Identificar a importância do processo de migração na construção da visão que se tem do migrante é essencial para compreender como as construções em

torno de si. Assim, nota-se sempre, nas referências aos migrantes de origem árabe residentes em Foz do Iguaçu, uma alusão àqueles que chegaram na cidade na década de 1950 e ajudaram a construir o “progresso” do local (IUNOVICH, 2001, p. 29).

Por outro lado, são retratados como havendo “absorvido” a “cultura brasileira”, como se estivessem abrindo mão da própria identidade em prol da “paixão” nutrida pelo país por conta do “respeito às diferenças”. É interessante notar esse registro, em um momento em que muitos autores referem-se à lógica contrária, ou seja, o privilégio da identidade local em detrimento da nacional.

Segundo Hall (2005, p. 73), esses autores afirmam que haveria tanto uma distensão nas vinculações identitárias com as culturas nacionais, quanto um reforço de outros tipos de ligação e lealdades culturais, em vários níveis da realidade que não necessariamente correspondem ao Estado-nação. Não que as identidades nacionais tenham perdido sua força, mas aquelas locais, regionais ou comunais estariam se tornando cada vez mais relevantes, podendo deslocar – e inclusive apagar – as identidades nacionais.

Assim, o movimento que se estaria observando seria o contrário do que se argumenta na reportagem. Se nesta os imigrantes “absorvem” o nacional, de acordo com outros pontos de vista a tendência seria a contrária: a rejeição, ou, ao menos, o afastamento de vinculações nacionais.

Assim, atribuir o caráter de “imigrantes” à comunidade pode servir para corroborar o teor da narrativa do “cadinho etnológico”, no qual o primeiro é submetido à “mistura” inerente ao conceito. Considerar os afastamentos identitários como os que defendem os pós-modernos poderia desestruturar o conteúdo do “santuário”. Note-se, entretanto, a adoção do conceito “imigrante” nos termos de Sayad (1998): vê-se o migrante *somente* como aquele que chega de outro lugar, talvez desconsiderando sua “bagagem histórico-cultural” anterior.

O primeiro parágrafo, dentro desta lógica, refere-se à relação dos “imigrantes” com o Brasil, avaliada de maneira positiva:

Para os imigrantes de origem árabe em Foz do Iguaçu, o respeito às diferenças e tolerância do brasileiro é uma riqueza do país. A colônia viu centenas de pessoas saírem [sic] da fronteira em busca de melhores oportunidades de negócios, a maior parte deles ainda está no Brasil. Este comportamento é, segundo as lideranças, uma prova de que a nação conquistou o coração dos imigrantes. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

A primeiro núcleo da frase inicial especifica com detalhes aquele de quem se fala: “imigrante”, “de origem árabe” e “em Foz do Iguaçu”. A delimitação, que à primeira vista pode parecer irrisória, na verdade desempenha um papel importante durante a argumentação, uma vez que se poderá notar, no decorrer do texto, uma certa diferenciação entre aqueles que permaneceram em Foz “após a crise”, e aqueles que se foram.

O segundo núcleo, por sua vez, discorre a respeito do que esses “imigrantes” valorizam no Brasil: o “respeito às diferenças” e a “tolerância”, as “riquezas do país”. Neste ponto, resgata-se a ideia de “riqueza”, que, como nos outros casos, é muito mais simbólica que material. Essas qualidades são atribuídas ao “brasileiro”; portanto, o próprio brasileiro seria, ou portaria, o que de mais precioso existe em seu país.

Em seguida, o assunto desloca-se para aqueles que deixaram a “fronteira em busca de melhores oportunidades”, ressaltando que a maioria não deixou o Brasil. A frase, apesar de parecer desconexa, na verdade corrobora a anterior. Uma vez que o Brasil é “rico” por seu povo, aqueles que deixaram a cidade não conseguiram abandonar o que a “nação” oferecia de melhor.

O “comportamento”, de não deixar a condição de imigrante, mesmo tendo a oportunidade, é a prova de que ela não somente abrigou esses que vieram de fora, mas conseguiu conquistá-los. Desse modo, o vínculo não é somente material, mas também sentimental. Por fim, destacar esse relato como sendo de autoria das “lideranças” serve como autorização para que seja válido, pois foram as próprias pessoas que “administram” a comunidade que chegaram a essa conclusão.

O segundo parágrafo traz mais um depoimento que sustenta o que foi dito no trecho anterior:

De acordo com Mohamed Ismail, presidente da Associação Árabe Brasileira e diretor da Assoportes, as pessoas que ficaram em Foz do Iguaçu depois da crise não querem sair do Brasil. Por isso, ainda que a quantidade de famílias a deixar a cidade este ano tenha sido grande, aquelas que ficaram já adotaram a região da fronteira como residências permanente. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

Inicialmente, a estratégia adotada para referendar a voz do depoente é a mesma: citar cargos para dar-lhe autoridade. Em seguida, introduz-se seu argumento: quem permaneceu na cidade não quer sair do Brasil. Isso demonstra que, aqueles que decidiram por manter suas residências no local, estão vinculados

ao Brasil. Este período parece cumprir o objetivo de justificar a alta quantidade de saídas do município, uma vez que, ao citar o evento, utiliza-se a expressão “ainda que”, transmitindo uma ideia de exclusão. Portanto, excluindo-se o fato de que muitos foram embora, aqueles que restam tomam a fronteira como a própria casa. E não somente “própria”, mas também “permanente”.

Talvez aqui tenhamos a primeira diferenciação entre os “imigrantes”. Todos são “apaixonados” pelo Brasil. Para o argumento, isso é fato, tanto que mesmo os ausentes permanecem no país. Entretanto, há aqueles que são mais “apaixonados” ainda – estes, além de não terem deixado a cidade, já a escolheram para seguir a vida pelo resto de seus dias. E não somente fizeram essa escolha, como ela também foi rápida, visto a adoção repetida do advérbio “já”, empregado também para falar da absorção da cultura brasileira.

O argumento apresentado só faz sentido se analisado em conjunto com o que é exposto na sequência:

“Nós escolhemos esta terra para a próxima geração, investimos aqui. Hoje, há uma grande expectativa em relação à fronteira. Hoje, estamos nós [sic] reerguendo e, se pudermos contar com o apoio do poder público, em breve vamos colher os frutos deste esforço coletivo”. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

A continuação é um parágrafo inteiro sem comentários, somente com a fala do que parece ser o seguimento da fala de Mohamad Ismail. Aqui, a “terra” não é escolhida para si mesmos, mas para aqueles que os sucederão. Não se pensa em Foz, então, para o presente, mas para o futuro. As duas frases seguintes começam com mais um advérbio de tempo, “Hoje”, que indica que esse está conectado com ações tomadas a partir do agora.

A primeira fala da “grande expectativa com relação à fronteira”. Se há “expectativa”, isso quer dizer que espera-se algo desse futuro, um retorno aos investimentos que naquele momento eram feitos em prol da geração futura. A segunda, em seu momento, fala de um processo de “reerguimento”. Neste sentido, todo “reerguimento” exige a existência de uma favorável situação anterior, com um período intermediário de declínio. Dessa “queda”, aparentemente a “crise”, se reconstrói uma nova realidade, com novos investimentos, cujo fruto será colhido no futuro.

Tal processo, entretanto, deve contar com “apoio do poder público”, e se isto acontecer, os resultados virão em pouco tempo. Essa expressão é ambígua, não se

sabe se trata-se do poder do Estado, ou se poder do público, enquanto o apoio de outros cidadãos à causa em que se milita. Independentemente disso, o fato é este investimento, somado ao “apoio”, são qualificados como “esforço coletivo”. E, neste ponto, recobra-se de novo a ideia de “unidade”.

É possível fazer uma conexão desta ideia de “reerguimento” com aquela de “entes obscuros” (C.A. 2001, p. 10). Se na segunda, elaborada em momento anterior, a ameaça é iminente, a que ora se analisa refere-se a algo que já passou. Se antes a ameaça era iminente, agora ela está em processo de superação. Obviamente, não é possível fazer uma conexão direta entre ambos argumentos, uma vez que, até agora não se deixa explícito de que crise se trata.

Ainda assim, o fato é que há uma modificação, mesmo que mínima, do caráter da narrativa. A primeira tinha um tom de defesa, por elencar uma ameaça. A segunda, de resistência e reconstrução, por olhar para a construção de um futuro. Em ambas há algo negativo, e por mais que haja diferenças superficiais, é possível notar um núcleo que dialoga sobre noções de um “passado” e um “futuro” bastante próximas.

Nesse sentido, Koselleck (2006) tece uma discussão sobre o passado e o futuro, ou, em suas palavras, “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, que constituem o que ele chama de “tempo histórico”, conceito que se formula na tensão entre ambos.

Segundo o autor, não é possível que haja expectativa sem experiência, nem tampouco experiência sem expectativa (KOSELLECK, 2006, p. 307) – ambas se complementam. Desse modo, não é possível estabelecer uma hierarquia entre os conceitos, pois é na articulação entre ambos que se encontra a experiência histórica e a constituição do presente.

Assim, os conceitos não visariam delinear condições de histórias possíveis, não a história em si (KOSELLECK, 2006, p. 306). Neste caso, temos que nos atentar a como a bagagem de experiências modifica o que se espera do futuro, e como o que se espera do futuro pode modificar as experiências selecionadas para a constituição do presente. Não se trata, portanto, de investigar a história em si, mas as versões da história que são projetadas e selecionadas como “passado” e “futuro”.

O conceito de experiência consiste na lembrança do passado selecionada no presente, não do passado em si. Portanto, é o próprio indivíduo ou grupo que tornam determinada lembrança ou experiência parte do presente. Tampouco é

necessário que essa bagagem tenha uma sincronicidade dada, uma vez que a seleção pode ser feita de forma aleatória. Por outro lado, a experiência sempre tem algo de coletivo, pois uma parte dela é transmitida entre as gerações, ou ao menos por outras pessoas e instituições.

(...) A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é concebida como conhecimento de experiências alheias. (KOSELLECK, 2006, 309-310)

Desse modo, atua como uma versão do passado que auxilia na construção do presente. Da mesma forma, a expectativa refere-se a aquilo que ainda não aconteceu, em que os sentimentos e a razão se misturam para criar uma versão do futuro que possa ser perseguida.

Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também é ela ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2006, 310)

Nas narrativas que analisamos até agora, é clara essa presença de ambos os tempos na construção de seus argumentos. Por um lado, há um passado de pioneiros que construíram e colaboraram para o crescimento da cidade, que já não são mais estrangeiros por suas trajetórias. Por outro, fazem parte do processo que está criando o futuro da cidade. Um futuro de paz, da mistura de todas as etnias, cujo resultado trará uma contribuição que poucos lugares podem fornecer.

O presente, desse modo, constitui-se no “cadinho etnológico”, este “santuário” que guarda uma relíquia preciosa e que está trabalhando no sentido de formar algo novo. Experiência e expectativa se encontram nesta versão sobre a “Terra das Cataratas”, formulando uma narrativa que responde a uma “ameaça”, a “entes obscuros” que ameaçam a pureza deste santuário.

Neste particular, Gill (2003, p. 254) afirma que uma maneira eficaz de analisar discursos é considerar o modo como o que está sendo dito pode estar direcionado a potenciais soluções de problemas. Neste caso, o investigador deve

ser verificar tanto o problema quanto o discurso como constituidor de uma solução para o primeiro.

Como visto no primeiro capítulo deste trabalho, o alcance da versão do governo norte-americano sobre a Tríplice Fronteira foi possibilitado pela sua difusão nos meios de comunicação internacionais. Tal contexto despertou reações na região, desde manifestações públicas e midiáticas até um processo judicial, nos quais colaboradores do periódico que ora analisamos estavam envolvidos.

Em paralelo, o capítulo também tenta reconstruir a chegadas dos migrantes de origem árabe, e especialmente libanesa, à região, como a detalhar as especificidades de sua inserção local.

Isso não quer dizer que o objetivo seja atingir a realidade a partir das narrativas, mas desenhar o próprio contexto em que estavam inseridas. Se por um lado isso atende à questão de saber qual problema a versão do periódico tenta responder, por outro ajuda a entender melhor a visão de passado que perpassa suas páginas.

É interessante notar, que, até agora, independentemente de se tratar de “entes obscuros” ou de uma “crise”, sempre há algo incômodo na argumentação. Em algum lugar do texto, por mais que se evidencie a paz e a unidade, há algo molesto, algo que traz algum tipo de distúrbio, algo a ser refutado ou combatido.

Nesta reportagem, aparece na figura da “crise”, que levou muitos, mas depois da qual outros tantos reafirmaram sua certeza pela permanência. O “reerguimento” que se verifica neste texto apresenta-se como imediato. Não é algo que se apresenta para o futuro, ele acontece agora, e já vislumbra resultados possíveis dadas as condições necessárias.

Concluindo, se este parágrafo refere-se ao futuro para explicar uma ação presente, o seguinte elenca as ações passadas que também propiciam ao presente uma justificativa para a escolha de Foz do Iguaçu:

Desde o início dos conflitos na Palestina, os pioneiros de origem árabe e seus descendentes assistem à violência à distância. As atrocidades da guerra, levam a comunidade às lágrimas. Esse é mais um motivo para que aqueles que vieram há duas, três décadas, terem escolhido Foz do Iguaçu como segundo lar. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

Voltar no tempo, especificamente ao “início dos conflitos na Palestina”, é também uma estratégia para distanciar a comunidade da violência dos conflitos

históricos, uma vez que desde seu início, os pioneiros e descendentes já estavam em Foz, e não fizeram parte daquilo. É um passado que descarta a possibilidade de envolvimento da comunidade com qualquer conflito exterior ao local onde se fixaram.

Isso se justifica na frase seguinte, em que se defende que a comunidade vai “às lágrimas” ante os acontecimentos da guerra. Eles não somente não se envolveram na guerra, como esta também lhes provoca sofrimento, e, portanto, oposição às suas “atrocidades”

O jogo entre passado e futuro aqui serve para legitimar a ideia de um presente pacífico, cuja raiz e continuação são de esforço e construção. Um passado que se manifesta injuriado pelas acusações do presente, ao mesmo tempo que um futuro esperançoso em processo de construção dissipa todos os males. E o que possibilita tal dinâmica é o “santuário” em que “todas as gentes” se encontram.

Como afirmado anteriormente, o parágrafo é encerrado com essa justificativa de um passado que legitima a decisão de, naquele presente, permanecer em Foz do Iguaçu.

A continuação da reportagem é enquadrada dentro do tópico nomeado “Escolhas”, cujo primeiro parágrafo diz:

O empresário Abdul Rahal nasceu no Líbano, mas vive em Foz do Iguaçu há 42 anos. Ele reconhece que em seu país de origem há muitas diferenças culturais. Por isso, ainda que o Brasil tenha enfrentado crises econômicas graves, ele prefere ficar e apostar na região. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

Este trecho serve como introdução e contextualização do que vem a seguir, a declaração do próprio Abdul Rahal. Aqui, ressalta-se o fato de ter nascido no Líbano, com longo período de vivência em Foz do Iguaçu. A informação central, entretanto, é inserida a seguir. Em um período separado, o que dá destaque à informação, afirma-se que ele “reconhece” que no Líbano “há muitas diferenças culturais”. O verbo “reconhece”, neste contexto, coloca seu local de origem em demérito com relação ao Brasil, uma vez que no período conclusivo é destacado que “ele prefere ficar no Brasil e apostar na região”.

Um indício sobre a “crise”, que se nomeia ao longo do texto, aqui é revelado: fala-se de “crises econômicas” enfrentadas pelo Brasil, que com todas as dificuldades que se presume enfrentar em um Estado nesta situação, ainda assim é melhor que estar no Líbano. Neste sentido, mesmo com suas penúrias, Foz do

Iguaçu ainda é melhor que o Líbano no sentido de que aí as diferenças culturais não são tão evidentes como no seu local de partida, e, portanto, vale a pena “apostar na região”.

“Aqui existe respeito às diferenças culturais, por mais nítidas que seja. No Brasil fazemos negócios com judeus, italianos, gente de várias etnias. Nosso povo vem em busca de riqueza e encontra uma gente preciosa. Agora que há dificuldades, investimos mais ainda, porque essa é a nossa terra também”, disse. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

A primeira frase corrobora o que foi dito na introdução do parágrafo anterior, no que se refere às diferenças culturais. A segunda, por sua vez, elenca os elementos étnicos, atribuindo ao Brasil a possibilidade do contato com diferentes etnias, como “judeus, italianos, (...)”. “Judeus”, apesar de tratar-se de um adjetivo que refere-se a um grupo religioso, e não uma nacionalidade, é colocado com o objetivo de justificar a pacificidade que se percebe no país.

Na sequência, afirma que aqueles que vêm à procura de “riqueza” a encontram, na figura da “gente preciosa” do lugar. Outra vez, a imagem de que Foz do Iguaçu, e o Brasil, como “relicários”, que carregam em seu seio uma riqueza que não se encontra em outro lugar.

Por fim, ao ressaltar um momento de crise, afirma que os investimentos são maiores, pois se sentem pertencentes à terra que os acolhe. Nesse sentido, volta-se à ideia daquele futuro promissor, o fator que torna a cidade atrativa e pela qual vale a pena esforçar-se e investir. A referência à terra parece estar ligada à ideia de “cadinho etnológico”, também relacionada ao futuro, na qual todos podem ser congregados.

O parágrafo posterior leva o foco às novas gerações e seu papel na permanência das famílias em Foz do Iguaçu:

A integração está acontecendo de forma rápida, as novas gerações já incorporaram valores locais, sem perder a referências de suas origens. Este é um dos aspectos que segundo o empresário Fouad Mohamad Fakih está promovendo a permanência das famílias em Foz. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

No primeiro período se evoca a velocidade em que está ocorrendo a “integração”. Por um lado, evidencia que o processo é algo presente, mas por outro, ao destacar a rapidez, também pode levar à interpretação de que é algo que acontece com facilidade, visto não haver barreiras que a impeçam. Em seguida,

discorre sobre a incorporação dos “valores locais” pelas “novas gerações”. O advérbio “já”, utilizado não somente nesta reportagem, cumpre o papel de efetivar o imediatismo com o qual ocorre a ação.

Ainda assim, essas “novas gerações” conservam algo de suas origens. Para dar autoridade às informações do parágrafo, coloca-se o referendo de um empresário local afirmando que este seria um fator que promoveria a fixação das famílias em Foz. O mesmo empresário tem uma foto destacada no corpo da reportagem, com a legenda: “Fouad: ‘Não somos mais estrangeiros’”. O destaque à fala e ao seu conteúdo evidencia o fato de que os “imigrantes” estão deixando de sê-lo e que o processo ocorre com velocidade.

No trecho seguinte, uma aparente contradição traz alguns elementos que podem ser enquadrados na categoria do “cadinho etnológico”:

Ele acredita que a mudança acontece silenciosamente, ano a ano. Assim como a globalização, o processo é inevitável e trará contribuição para os dois lados. Um exemplo seria a adoção de costumes de outros povos. Por exemplo, unir a hospitalidade árabe, à cordialidade brasileira e à diplomacia chinesa. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

A ideia de que a “mudança” é “silenciosa” e que ocorre “ano a ano” parece contradizer todo o argumento do texto. Se em toda a narrativa ela é retratada como algo rápido, que está em processo ou “já” se realizou, aqui ela não aparece, pois acontece no silêncio. Nesse sentido, todo o resto do parágrafo é elaborado para ressignificar este período.

No seguinte, a “silenciosa” transformação é comparada à globalização. Além de trazer a ideia da velocidade e da modificação constante, também é qualificada como “inevitável”, ou seja, algo que está fora do alcance de qualquer indivíduo impedir. Em sua finalização, afirma que as “contribuições” afetarão “os dois lados”. Aqui não fica claro quais são os dois lados, uma vez que na frase seguinte são expostas “características” de três grupos. A única forma de compreender a questão é enquadrando-a na categoria de “nós/outros”, em que “brasileiros” são influenciados pela presença “imigrante” e vice-versa. Assim como em reportagens anteriores, fica claro neste ponto que se constrói do “imigrante”.

Os períodos seguintes são destinados a “exemplificar” como essas mudanças que podem ser comparadas à “globalização” operam na prática. Fala-se, então, da adoção de costumes de “outros povos”, corroborando a interpretação dada

à frase que antecede. E então, resgatando implicitamente a noção do “cadinho etnológico”, atribui-se os “caracteres” positivos de cada “povo” que podem ser condensados na mistura feita no “santuário”.

Com relação à “cordialidade brasileira”, Sérgio Buarque de Holanda (1995) descreve-a, quase no mesmo sentido como exposto na reportagem, como uma “contribuição brasileira para a civilização”:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. (HOLANDA, 1995, p. 146-147)

Atribui-se ao “brasileiro” um caráter intrínseco que lhe diferencia daquele “estrangeiro”, a quem as “virtudes” do primeiro causam-lhe boa impressão. Aqui confirma-se a narrativa que ronda quase todas as reportagens: que o “povo brasileiro” é precioso em seu trato, por sua “lhaneza”, convertidos nas expressões que falam de tolerância. Por outro lado, constrói-se na fronteira outro tipo de riqueza, em um “santuário” único onde “pessoas de todas as plagas se encontram” (C.A., 2001, p. 10), e que surge em boa parte desse “homem cordial” que o Brasil abriga.

Referências a chineses e árabes também se encontram em outros pontos, como em: “Hoje, ao lado dos chineses, os árabes dominam a maior parte do comércio paraguaio da fronteira” (IUNOVICH, 2001, p. 29). Apesar de sempre se evidenciar as “mais de 65 etnias” que compõem a fronteira, mais uma vez – e especialmente nesta, quando se fala das contribuições de cada uma delas – destaca-se “árabes” e “chineses” ao lado de “brasileiros”. Aqui, é como se fosse traçado um “desenho básico” de um “homem iguaçuense”, que congregaria as melhores qualidades das etnias: “cordialidade brasileira”, “hospitalidade árabe” e “diplomacia chinesa”.

Com relação à “hospitalidade árabe”, na amostra selecionada há outra referência em reportagem futura – “Hospitalidade da colônia árabe impressiona o ministro Hariri” (ASSESSORIA, 2003, p. 6). Sobre o conteúdo do que viria a ser este “homem iguaçuense” é possível ter somente pistas, sendo necessárias mais evidências e uma investigação mais profunda, inclusive para saber se este foi um

artifício narrativo na época dos atentados, ou se foi cristalizado nos discursos posteriores.

Por outro lado, é possível evidenciá-lo como produto do cadinho etnológico, especialmente a partir das informações do parágrafo final da reportagem, que dá sentido a toda a narrativa desenvolvida até o momento:

Tudo isso hoje se mescla, mas daqui a dez, quinze anos, serão aspectos de uma cultura própria da gente de Foz do Iguaçu. Os patrícios que ficaram, não sentem-se mais estrangeiros. “Somos um povo só”, concluiu. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

Com “tudo isso hoje se mescla”, passa-se a ideia de que o produto do cadinho está sendo fundido, mas que o resultado virá no futuro. Mais uma vez, faz-se referência a um destino com o qual as partes se comprometem em cumprir. Ora, se cadinho etnológico mescla as “etnias”, dadas as condições especiais do “santuário”, é que algo novo está sendo produzido.

Mesmo admitindo que o produto ainda não se encontra finalizado, argumenta-se que no futuro estará. Isto é visível na continuação, em “daqui a dez, quinze anos”. E este “algo novo” trará consigo os “aspectos de uma cultura própria da gente de Foz do Iguaçu”. Logo, assim que o produto estiver consolidado, Foz do Iguaçu terá sua própria cultura, congregando, ao menos, “hospitalidade”, “diplomacia” e “cordialidade”.

Se o “cadinho” é composto pela “gente da Terra das Cataratas”, a mistura não pode se dar por outro material que não seja essa própria gente. A mistura dessas pessoas resultará em algo novo, com suas características mais destacadas. Se isso é o que se coloca, o resultado não pode ser outro que um novo tipo de “gente”. Mas essa “gente” ainda está se formando, e estará pronta em um período de “dez, quinze anos”. Pois, se seguimos este argumento, a resposta não pode ser outra senão que o que se produz no cadinho do santuário são as *crianças*, ou melhor, a *juventude*.

Isso explica o porquê de colocar o tempo de formação de uma “cultura própria” iguaçuense no período de uma década e meia, pois é o período que levará, biologicamente, para que as crianças do presente desde o qual se fala tornarem-se adultas. Isso também explica a imagem principal da reportagem, que ilustra a “tolerância racial” brasileira com a fotografia de uma mãe islâmica carregando em seu colo seu ou sua filha.

É uma imagem que diz: *“Os árabes colaboram para o progresso da região, investem aqui. Fazem parte do processo de formação da paz, que se concretizará em nossas crianças, produto do cadinho etnológico em que estamos inseridos, nessa terra que não poderia ser outra coisa senão um santuário, tamanha é sua capacidade não de produzir algo novo e diferente, mas também de guardá-lo como uma relíquia.”*

A “juventude”, como elemento discursivo, dá sentido a todo o resto da narrativa que se monta e é percebida ao longo das reportagens. Explica porque os jovens dizem: “Vim para mostrar que Foz tem futuro” (VENDRAME, 2001B, p. 03) e evidencia qual é a sua “força”. Ou porque, por exemplo, em reportagem posterior, destaca-se que “Além de lideranças estudantis, o evento também contou com a presença de lideranças políticas, religiosas e populares” (VALIENTE, 2003A, p. 09). O destaque que se dá à juventude é central e peça comum em quase todas as reportagens analisadas.

A juventude, por si só, como produto de um passado injuriado e de um presente que se reconstrói, é a própria encarnação do “homem iguaçuense” que está sendo forjado, e no futuro virá a ser uma realidade. Este é o elo que conecta o discurso maior e que dá um sentido a todos os fragmentos que, de uma forma ou de outra, aparecem nos textos.

Por último, a juventude também simboliza a unidade, geradora de paz. E tanto é assim que, nas narrativas, o jovem nunca fala sozinho. A “juventude” se apresenta na figura do casal que diz “Vim”, em vez de “viemos” (VENDRAME, 2001B, p. 03), ou quando se lhes refere como “lideranças estudantis” (VALIENTE, 2003A, p. 09). A unidade é a própria paz, e encarna-se na figura da criança, do jovem, do estudante, enfim, daquele que resulta da forja do que o santuário tem de melhor: sua gente.

3.2.6 “MANIFESTO PELA PAZ REUNE 500 PESSOAS EM FOZ”, 17 DE FEVEREIRO DE 2003³⁶

A presente reportagem, apesar de não fazer referências diretas à comunidade, trata de uma manifestação pela paz em reação à possibilidade dos Estados Unidos iniciarem uma guerra contra o Iraque. Seu conteúdo reforça o

³⁶ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 11, na página 193.

sentido que demos à juventude anteriormente, o que prova que a narrativa do santuário não abrange somente textos diretamente relacionados à comunidade – mas isso não quer dizer que esta não seja um elemento importante dentro do contexto geral.

No último sábado milhões de pessoas foram às ruas participar de manifestos pela paz mundial. Em todo o Brasil a festa tomou ruas e praças, e em Foz do Iguaçu a atividade tomou conta de uma das principais praças da cidade. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

O primeiro parágrafo visa inserir a manifestação de Foz do Iguaçu, da qual participaram quinhentas pessoas, no esforço nacional promovido pela paz mundial. A cada frase, a escala dos “milhões” de pessoas vai diminuindo, passando pelas “ruas e praças” de todo o país, até chegar à cidade, cuja “atividade tomou conta de uma das principais praças da cidade”. O verbo “tomou” passa uma ideia de força e de controle e, nesse sentido, dá legitimidade à ação do evento. Por outro lado, também reforça a participação da cidade, que não se manifestou sozinha: apoiou o esforço do país inteiro em prol da paz.

O segundo parágrafo descreve o início das atividades e justifica seu acontecimento, expondo suas motivações:

A mobilização teve início logo pela manhã com a chegada de grupos e artistas de grupos e artistas que realizaram apresentações. A possibilidade dos Estados Unidos desencadearem uma nova guerra com o Iraque levou pelo menos 500 pessoas à Praça das Nações (do Mitre) para ler atos públicos, poesias e até cantar. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

O primeiro ponto ao qual se chama a atenção é o fato de não se apontar um horário de início, mas indicar-se que a mobilização começou “logo pela manhã”. O advérbio de tempo “logo” indica rapidez, imediatismo. Isso quer dizer que, ao raiar do dia, os grupos já se reuniam para o evento.

Em seguida, após deixar clara a disposição dos participantes de iniciarem as movimentações no primeiro horário possível, indica-se a motivação do acontecimento. Com “possibilidade”, passa-se a ideia de que estes manifestantes, ao menor indício de guerra, já se movimentaram para fazer sua parte. Adiante, ao indicar o número de participantes, a expressão utilizada é “pelo menos”, indicando que o mínimo de militantes envolvidos era de quinhentas pessoas.

O trecho seguinte reproduz as narrativas das reportagens anteriores, especialmente no que se refere às noções de “santuário” e “juventude”:

Entre as 64 etnias existentes da cidade, a maior representatividade era de palestinos. Em perfeita harmonia, católicos, evangélicos, muçulmanos se confraternizavam. Além das lideranças estudantis, o evento também contou com a presença de lideranças políticas, religiosas e populares. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

Destacar as “64 etnias” da cidade, por si só, não indica que estavam presentes do evento. Entretanto, as palavras “entre” e “representatividade” podem passar essa ideia, pois diz-se que de todas, a que estava mais representada numericamente era a palestina. Isto, entretanto, não quer dizer que as outras não estavam presentes, o que torna o trecho ambíguo.

No período seguinte, destaca-se a confraternização religiosa, que se deu em “perfeita harmonia”. Destacar o fato de que houve “harmonia” e, além disso, qualifica-la como “perfeita”, em um período dedicado somente à afirmação, parece tratar-se de algum tipo de resposta ou reação a outro argumento, visto o destaque que recebe a frase. É inserida após uma outra sobre as “64 etnias”, e corrobora a ideia de unidade.

Por fim, o último núcleo destaca a presença das “lideranças estudantis”, colocando as “políticas, religiosas e populares” em segundo plano. Isso é notado na expressão “Além”, que transmite a ideia de separação, diferenciação. Logo, a presença do primeiro grupo tem uma importância diferenciada perante os outros componentes da manifestação.

O próximo período integra e corrobora a inserção do evento em outros níveis, além de manifestar seu caráter pacífico e cultural:

A manhã foi programada com shows artísticos e performances teatrais, além de música e uma exposição com fotos da mostra sobre o III Fórum Social, que aconteceu há 15 dias em Porto Alegre, intitulada “Um outro olhar é possível”. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

Toda a informação inserida mostra que as manifestações pela paz de fato foram pacíficas, uma vez que uma programação cultural foi agendada para a data. A exposição de fotos, por sua vez, reforça a vinculação do evento com outras localidades, evidenciando a abrangência da causa.

O parágrafo seguinte, mais denso, corrobora a ideia de unidade e retoma aquela do santuário, onde todos vivem pacificamente:

O Grupo Katana e atores da Cada do Teatro fizeram apresentações e arrancaram aplausos do público. Como tema a exploração do mundo e a violência causadora da guerra. Aqueles que foram somente para assistir

ainda ficaram surpresos com a quantidade de militantes pela paz. Entre bandeiras e faixas, os manifestantes entoavam palavras de ordem e pediam para que o mundo visse Foz como um exemplo. “Deveríamos com certeza sermos tomados como exemplo de boa convivência. Num local onde tantas etnias se encontram, o clima de harmonia sempre prevaleceu”, comentou o empresário Kamal Osman, da comunidade muçulmana que esteve no ato. “Espero que nossa voz se some a 65%, a 80% das pessoas no mundo que estão contra a guerra e a opressão.” (VALIENTE, 2003A, P. 09)

O primeiro período enaltece a apresentação dos grupos artísticos com a expressão “arrancaram aplausos”. Na frase seguinte, que seria uma continuação da primeira, mas foi destacada de seu núcleo central, informa-se que o tema era “exploração do mundo e violência causadora da guerra”. Com essa frase em destaque é que se inicia a dar o tom do parágrafo que, na verdade, tem como objetivo mostrar Foz do Iguaçu como exemplo. Neste sentido, “arrancaram aplausos” pode ser uma estratégia que demonstra euforia e excitação por parte daqueles que comungam da paz e viram seus ideais refletidos na apresentação em questão.

Na próxima frase, a estratégia é dar ênfase à quantidade de militantes pela paz, cuja quantidade surpreendeu aqueles que não faziam parte do manifesto. Destacar a quantidade de militantes é importante para introduzir a frase seguinte, na qual se introduz a mensagem central do parágrafo. Nesta, reforça-se a ideia de unidade – as “bandeiras” e “faixas” chamam a atenção, destacam-se no meio das pessoas que “entoavam” suas palavras de ordem.

Entre as várias nuances que a palavra apresenta, “entoar” pode referir-se a “fazer soar; fazer ouvir, cantando” (FERREIRA, 1999, p. 768). Repare-se na suavidade que o termo passa, uma vez que o verbo que direciona a ação dos manifestantes não é “gritar”, por exemplo. Neste caso, tem a finalidade de demonstrar o caráter pacífico do evento. Em outra perspectiva, pode também simbolizar a unidade, uma vez que a informação seguinte é a de que os manifestantes como um todo faziam um pedido ao mundo: “tomem-nos por exemplo”.

O conteúdo é corroborado pela declaração de Kamal Osman, personagem presente em outras reportagens também com declarações. Sua recorrente aparição nos textos da amostra, mesmo aquele que não estão diretamente vinculados à acusação da comunidade árabe como financiadora de grupos terroristas, leva a crer que serve como elemento de legitimação dos argumentos apresentados – sua fala sempre sustenta algum ponto de vista nas reportagens.

Sua fala reforça o argumento da harmonia, corroborando o ponto de vista dos militantes com a expressão “com certeza”, a partir da qual se repete o pleito do evento: Foz do Iguaçu deveria ser tomada como exemplo. As “etnias” são colocadas como ponto de tensão que é anulado pelo clima de “harmonia”. Ou seja, “etnias” significa “diferenças evidentes” e, mesmo assim, sempre se manteve a harmonia. O ponto de tensão que as “etnias” representam é anulado, o que reforça a ideia de unidade do “santuário”.

Por fim, conclui-se o parágrafo enquadrando a “voz” dos manifestantes entre os “65%” ou “80%” da população mundial que se posiciona não somente contra a guerra, mas também contra a opressão. Este parágrafo é rico para a interpretação, pois cada palavra leva a um caminho.

Quando se fala em “nossa voz”, refere-se àquela dos manifestantes, que pedem que Foz seja vista como um exemplo. Nesta “voz” projeta-se a expectativa de que venha a somar-se com a de boa parte do mundo. Logo, no contexto do parágrafo, é como se o exemplo de Foz do Iguaçu pudesse se somar ao mundo, e que este pudesse olhar para o que acontece na cidade e reproduzi-lo, tomando-a de fato como um molde a se seguir.

Por outro lado, os números que indicam percentagem servem como elemento para dizer que a maioria do planeta está contra o que acontece, e que somente uma minoria promove “a guerra e a opressão”. Veja-se também, que não é só a “guerra” o motivo de incômodo, mas também a “opressão”. Assim, há uma minoria que não mantém a paz, mas, além disso, também cerceia a liberdade de determinada parcela da sociedade. É preciso estar atento à ideia da “opressão”, pois aí pode residir a manifestação dos “entes obscuros” (C.A., 2001, p. 10) que anteriormente já haviam sido apontados.

O parágrafo seguinte tem o mesmo teor do anterior, com a diferença que a mensagem vem de uma autoridade cristã, corroborando o ponto de vista do empresário que ora representa a comunidade islâmica e mais uma vez reforçando o ideal de união:

Para dom Manuel José da Rosa, bispo da Igreja Católica Brasileira em Foz, a convivência e a harmonia dentro da fronteira são como presentes. “Somos uma única aldeia, filhos do mesmo pai.” Dom Manuel ainda confirmou que o interesse dos brasileiros em relação à guerra deve existir mesmo com a distância dos povos, “afinal não é justo que sejamos indiferentes com a violência que explode lá fora”. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

A primeira coisa que se nota é que as qualidades ressaltadas são delimitadas territorialmente com “dentro da fronteira”. Tais qualidades, quais sejam “convivência” e “harmonia”, são tidas como “presentes”. Não se revela de quem se recebe o presente, mas geralmente o ato de presentear ocorre em ocasiões especiais, ou com pessoas a quem se estima. Além disso, presentes não são dados sem motivos: quem os recebe deve merecê-los. Nesse sentido, coloca-se a Tríplice Fronteira como um espaço privilegiado.

Na frase seguinte, reforça-se a ideia de unidade, tanto com o argumento da “aldeia” quanto com o do “mesmo pai”. Logo, aquele que presenteia a cidade com suas qualidades é o próprio “Deus”, que se insere na narrativa da unidade sob o ponto de vista religioso.

Na sequência, Dom Manuel confirma que devem existir “interesses brasileiros” com relação à guerra mesmo com a distância que separa os povos. A definição do que é o interesse brasileiro só vem no final da declaração, quando se diz que os brasileiros não podem ser indiferentes à violência exterior. Nesse sentido, se o “brasileiro” deve atentar-se à violência fora de seu país, sendo injusto que não o faça, e que isto deriva de um interesse, logo esse interesse só pode ser a paz. Portanto, aqui coloca-se o “brasileiro” como interessado na paz, qualificando qualquer desinteresse como “injusto”.

O parágrafo posterior vem mais uma vez reforçar o caráter de Foz do Iguaçu como exemplo para outras localidades:

O médico José Elias Aiex Neto também compartilhou do bispo ressaltando que a cidade poderia servir de modelo para muitos outros países. “Demos mostras concretas de nossa convivência pacífica e de nossas conquistas nas últimas eleições.” (VALIENTE, 2003A, p. 09)

Dois elementos parecem colaborar para dar credibilidade a quem fala: primeiramente, o destaque à profissão depois do depoimento de duas autoridades religiosas, como a legitimar sua fala por sua “cientificidade”. Além disso, também é válido ressaltar a expressão “mostras concretas”, transmitindo a ideia de que não somente da opinião do médico se tira a conclusão de que “a cidade poderia servir de modelo para muitos outros países”, mas da prova da própria realidade.

A continuação da reportagem se dá dentro de um tópico intitulado “Jovens”, cujo primeiro parágrafo transcreve-se a seguir:

A maioria dos participantes era de jovens que envoltos em bandeiras e cartazes permaneceram durante todo o evento na praça. A força da juventude foi reconhecida por muitas autoridades, e a mobilização feita através de centros acadêmicos e demais entidades obteve o sucesso desejado. “Sabemos que hoje é muito complicado reunirmos as pessoas por um motivo tão simples que é a paz, mas na medida do possível conseguimos a colaboração da comunidade”, disse a militante do PCdoB Paola Fernandes, uma das organizadoras do evento. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

Inicialmente, ressalta-se a participação dos jovens que, “envoltos em bandeiras e cartazes”, faziam dos apelos as próprias vestes, como a comprovar seu envolvimento com a causa. Não há somente “força” nessa juventude, as próprias “autoridades” a reconhecem, o que lhe confere legitimidade. E, ainda assim, a manifestação não foi somente bem sucedida, como se ressalta o envolvimento de espaços estudantis como promotores do evento. É neste parágrafo que se evidencia a centralidade da juventude para o sucesso do movimento, que com sua força consegue congrega as pessoas em torno de um único ideal.

O parágrafo seguinte aprofunda a questão do envolvimento dos jovens no movimento:

Parte da indignação de alguns estudantes como Jefferson Braga Junior, de 22 anos, foi revelada através de cartazes amarrados no próprio corpo. “Dentro dos Estados Unidos 56% das pessoas são contra a guerra, e nós fazemos parte de uma juventude que também vai sentir os terrores desse confronto”, falou. Para ele, durante toda a história do Brasil, os jovens tiveram papel fundamental nas mudanças sociais. “Hoje estamos vivendo em época diferente e o papel do jovem é mais tranquilo, mas acredito que estamos fazendo a nossa parte.” (VALIENTE, 2003A, p. 09)

O substantivo “indignação” abre o parágrafo em tom forte, ao expor que os sentimentos dos estudantes são mais profundos que a simples manifestação pela paz. Essa “indignação” é exposta por meio dos “cartazes amarrados no próprio corpo”. Aqui, não se faz do que se defende a própria roupa, mas a própria pele; o “corpo” aqui simboliza o ser em si, e, nesse caso, estamos falando de uma juventude cujo protesto pela paz faz parte da própria constituição e destino.

Na sequência, o estudante declara que metade da população norte-americana é contra a guerra, e que os conflitos guerra que aquele país promove irão afetar suas vidas, por isso a necessidade de manifestar-se. Por outro lado, evidenciar esse número é também contradizer o ator que promove a guerra – no caso, o Estado norte-americano, cuja população, ou ao menos sua metade, não compactua com os conflitos.

Para legitimar o próximo trecho do depoimento do jovem e sua presença no evento, recorre-se ao argumento histórico do jovem como ator social nas mudanças que ocorreram no Brasil. Por fim, finaliza-se o parágrafo com a declaração de que o jovem tem um papel mais brando no momento, mas que ainda assim colabora fazendo o que lhe cabe. Mais uma vez, evidencia-se o destino ao qual o jovem está fadado: lutar por estabelecer a paz.

O parágrafo seguinte, entretanto, apresenta um argumento que não privilegia a reportagem como um todo, e acaba por ser desautorizado na sequência:

A tecnologia e a *Internet* também foram citadas pelo padre Giuliano Inzis como pontos agravantes da ameaça da guerra. “A *Internet* hoje é responsável pelos relacionamentos interpessoais, e conhecemos o mundo através dela; logo sabemos o que acontece em outros países e vai nos afetar.” (VALIENTE, 2003A, p. 09)

Neste trecho, o padre atribui à *Internet* e à tecnologia o papel de agravantes na percepção que as pessoas têm da guerra. Argumenta que, por ter acesso a vários lugares do mundo por meio do computador, a pessoa pode se “afetar” pelo que encontra. No limite, isto pode levar à conclusão que o isolamento seria a melhor solução, uma vez que, sem ver o que acontece, tampouco pode-se senti-lo. O problema estaria, então, na comunicação.

O parágrafo seguinte claramente refuta este argumento:

Com menos crença nas conversas e mais empenho no trabalho, o professor Ildo Carbonera participou ativamente do encontro, doando livros e cantando para a plateia. “O problema é que não estou preocupado com a guerra, sempre achei que as crises fazem a gente crescer, o problema é a violência.” Carbonera ainda comentou que enxerga a participação popular de maneira preocupada. “As pessoas ainda precisam ser sacudidas, acordadas.” Para ele, a principal alternativa seria o trabalho e a busca por uma identidade nacional. (VALIENTE, 2003A, p. 09)

Desautorizando o caráter da comunicação com “menos crença em conversa”, e substituindo pelo “empenho no trabalho”, como a dizer que é pelo trabalho que se obtém o mérito do evento, introduz-se o professor Ildo Carbonera. Além de iniciar o trecho com uma refutação direta do anterior, afirma-se que o personagem “participou ativamente do encontro”, reiterando o argumento anterior e descreditando o padre.

Ainda no sentido de deslegitima-lo, coloca-se a fala do professor afirmando que o problema não é a guerra, mas sim a violência. Nesse sentido, coloca-se como solução para a preocupação quanto à participação popular a “busca por uma

identidade nacional”. Dentro do contexto da reportagem, pode-se pensar que essa “identidade nacional” pode referir a um “brasileiro” pacífico, que não é afetado pelas penúrias do mundo, mas que ainda assim sente-se solidário com relação aos problemas globais.

O último parágrafo, bastante breve, fecha o texto com o horário de encerramento do evento: “Além dos brasileiros, entidades paraguaias também deram apoio ao movimento, que teve suas atividades encerradas ao meio-dia” (VALIENTE, 2003A, p. 09). A estratégia, utilizada no texto seguinte (VALIENTE, 2003B, p. 09), parece chamar a atenção para a duração do evento.

Esta reportagem é caracterizada pela ênfase na juventude, destacando sua força e possibilidade de mudança. Dentro da narrativa maior, também se enquadra no sentido de que ela compõe o futuro. Entretanto, aqui temos a inserção da juventude no mesmo quadro da educação, tendo os jovens apresentados como estudantes, característica que será vista nas reportagens futuras.

Neste momento, parece que a compreensão de um futuro de paz dentro do cadinho etnológico ainda é possível, mas também por meio da educação. Não parece tratar-se de uma mudança radical no núcleo central da narrativa maior, mas uma nuance do conceito de juventude.

3.2.7 “MIL PESSOAS REÚNEM-SE EM ABRAÇO PELA PAZ”, 09 DE ABRIL DE 2003³⁷

A presente reportagem é a primeira do terceiro marco temporal da amostragem, que compreende os meses de março a junho de 2003. Nela, o papel da juventude também é ressaltado, a começar pela legenda da foto que a ilustra: “Crianças tiveram importante participação no evento pela paz” (VALIENTE, 2003B, p. 09), fato que também é destacado no primeiro parágrafo:

O encontro que teve início às 9h de ontem, reuniu mil crianças, estudantes, autoridades políticas e religiosas, num dos maiores eventos pela paz, no pátio da mesquita islâmica em Foz do Iguaçu. O abraço simbólico à mesquita foi organizado por quatro diferentes líderes religiosos que encontraram na crença um motivo para reunir a comunidade. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

³⁷ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 12, na página 194.

O trecho é iniciado destacando a presença jovem, para depois referir-se às autoridades. Na frase seguinte, um dos elementos mais importantes é a vírgula inserida após a palavra “paz”, que modifica o sentido da frase. Se sem o sinal o evento seria o maior realizado na mesquita, com sua presença o evento torna-se “um dos maiores” pela paz, sem estar necessariamente relacionado aos acontecimentos na mesquita.

A frase que finaliza faz referência à tolerância religiosa e à unidade, uma vez que qualifica os líderes religiosos que organizaram o evento como “diferentes”, encontrando um ponto comum, “a crença”, para “reunir a comunidade”.

Na sequência, evidencia-se não apenas os pedidos de paz, mas o protesto daqueles que são contra a guerra:

O evento, apesar dos apelos pela paz feitos por crianças de mais de cinco escolas da cidade, também contou com desabafo de um grupo de mulheres muçulmanas. Elas clamam por justiça e lembravam de parentes que sofriam com a guerra da capital do Iraque, Bagdá. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Neste caso, parece querer destacar-se a presença das crianças em detrimento do manifesto das mulheres, sem tirar-lhes a atenção. O advérbio “apesar” transmite uma ideia de oposição, enquanto que “mais de cinco escolas da cidade” cumpre a função de aumentar o tamanho que “cinco escolas” teriam. Assim, quando a inquietação das mulheres é introduzida, já se sabe que o apelo de paz feito pelas crianças era maior que o das mulheres que pediam justiça. Tampouco se explicita qual é o desabafo das mulheres, e talvez isso seja uma tentativa de associar o evento a uma imagem positiva com relação à guerra, e não negativa.

O próximo parágrafo corrobora a interpretação realizada, destacando que o posicionamento visto na manifestação não é somente local:

Para as autoridades religiosas o evento serviu para mostrar ao resto do Brasil e do mundo que a cidade onde está localizada a segunda maior colônia árabe do país está em paz e convive, de maneira pacífica, com toda a comunidade. “Estamos aqui para tentar demonstrar o quanto essa cidade nos acolheu bem, e mostrar também que não somos diferentes do resto do mundo”, disse o presidente do Centro Cultural Islâmico, Ali Said Ahal. Para ele, manifestações como a promovida na mesquita podem ser pequenas mas deixam claro o posicionamento de um país inteiro. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Ressaltar o fato de que a “colônia árabe” da região é a segunda maior do país e que “está em paz e convive, de maneira pacífica, com toda a comunidade”, também é uma estratégia para transmitir uma imagem de grandeza e importância da

colônia, mas também mostrar que, em meio a tanta gente, é possível manter a “paz”. Na sequência, com “mostrar também que não somos diferentes do resto do mundo”, parece dar-se uma resposta a algum outro argumento, qual seja: “há neste lugar algo diferente e ameaçador”.

Isso pode ser corroborado pela última afirmação, na qual se diz que a manifestação deixa claro “o posicionamento de um país inteiro”. Ou seja, dizer, por meio da manifestação, que as pessoas da comunidade são pacíficas não somente prova que não são diferentes do resto do planeta, mas também conta com o apoio de um país inteiro que referenda o movimento.

No parágrafo seguinte, prossegue-se com o depoimento de Ahal:

Ali Ahal acredita que o lado positivo da guerra foi ter unido distintas crenças num único objetivo: “Todos estamos aguardando pela paz, não existe guerra limpa, não se separam as cores”. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Este parece ser um dos argumentos centrais do texto: de que a guerra tem um lado positivo e *une* “distintas crenças” em torno de um “único objetivo”. Por este motivo foi necessário atenuar a manifestação das mulheres muçulmanas que “desabafaram” com relação à guerra. Pois o lado positivo dos conflitos é que eles tornam a fronteira mais unida.

Isso é confirmado pela declaração seguinte: “(...) não existe guerra limpa, não se separam as cores”. Ora, se alguém está promovendo a guerra, o resultado desta guerra aqui é que as “cores” não se separaram, como em outras partes acontece com os conflitos. No “santuário”, as “cores” se unem a favor da paz, promovida por meio da juventude, resultado do “cadinho etnológico”.

Como na reportagem anterior, após o depoimento de autoridades religiosas islâmicas, são inseridos os pontos de vista dos cristãos:

Para o presidente do Conselho de Pastores Evangélicos, Sebastião da Silva, as relações entre os religiosos nas mais diferentes crenças começaram a ser intensificadas a partir da guerra: “Queremos deixar bem claro que somos solidários aos iraquianos, mas contra a guerra”, disse. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Aqui, elenca-se a guerra como um marco para a união dos grupos religiosos, ressaltando seu “lado positivo”, mas, além disso, a capacidade das pessoas da Tríplice Fronteira se unirem e, mesmo em uma situação de crise, retirar seu “lado

bom”. Por fim, ressalta-se o apoio ao povo iraquiano, mas, de uma certa forma, um rechaço ao Estado iraquiano, uma vez que se declara “contra a guerra”.

Essa aparente ambiguidade parece esclarecer-se se levamos em consideração o caráter “mágico” da Tríplice Fronteira, exposto em reportagem anterior (C.A., 2001, p. 10), na qual está guardada uma gente “preciosa”, capaz de produzir coisas que em outros lugares não é possível, como “tirar o lado bom” de uma guerra.

“Ser contra a guerra”, também pode significar ser contra o promotor da guerra, os Estados Unidos. Essa hipótese parece mais plausível com a construção textual do parágrafo seguinte:

Para o representante da igreja católica, padre Clodoaldo Frasse, a importância da comunidade com a busca e utilização do senso crítico se faz essencial perante as notícias da guerra. “Dentro do contexto, Foz tem muita expressão, não podemos ficar alheios, todos devemos manifestar e ter senso crítico, não podemos analisar sem saber, essa guerra não tem fundamento”. O padre ainda confirmou que a necessidade de discutir a guerra e **apontar os verdadeiros vilões** já surge de maneira corriqueira dentro da igreja. (VALIENTE, 2003B, p. 09. *Grifo nosso.*)

A primeira coisa que se destaca é a necessidade do “senso crítico” frente os informes da guerra. Se há a necessidade de fazer uma crítica, é porque de algo se discorda, ou porque há um ponto de vista que não pode ser tomado inocentemente. Aqui aparece uma rejeição clara à mídia que noticia os conflitos, e acontece posteriormente ao processo à rede CNN. Dizer que “a guerra não tem fundamento” deslegitima seu propósito, uma vez que não tem razão de acontecer.

Mas a parte mais importante do parágrafo vem na sequência, quando se diz que no âmbito da igreja é necessário “apontar os verdadeiros vilões”. Nesse sentido, se levarmos em consideração a informação do parágrafo anterior, os “verdadeiros vilões” podem ser os Estados Unidos, que promovem uma guerra sem fundamento, e cuja imagem deturpada por uma mídia que faz acusações injustas.

Por isso dizer que “Foz tem muita expressão, não podemos ficar alheios”, pois é necessário reagir a essas investidas contra a fronteira. Nesse sentido, visualiza-se a utilidade dos conceitos que se formulam na narrativa sobre a fronteira: “santuário”, “cadinho etnológico”, “unidade”, “juventude”.

E a evidência disto é a segunda parte do texto, enquadrada dentro do tópico “Importância”. Logo no primeiro parágrafo, ressalta-se a importância da juventude:

A maioria dos presentes era formada por estudantes vindos das escolas do centro da cidade e representantes árabes. Entre cantos ensaiados de “queremos paz” e muitos cartazes, eles pediam não somente pelo fim da guerra, mas por participação mais efetiva dos jovens. “Se o estudante não participa agora, imagina quando for adulto. É nossa obrigação pedir pela paz. Os muçulmanos não são gente diferente, eles pertencem à raça humana”, confirmou a estudante secundarista, Tatiane Baez. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Mais uma vez, o “canto” e os “cartazes” reforçam a ideia da unidade entre os participantes, que se congregam por um mesmo fim. Em seguida, chama a atenção a construção “imagina quando for adulto”. Aqui evidencia-se que é preciso formar jovens que participem da “paz” e sejam seus representantes. Em seguida, agrega-se: “é nossa obrigação pedir pela paz”.

Coloca-se, então, o jovem como essencial no processo de construção dessa “paz”, cujo papel não é somente de colaboração, mas de obrigação. E são eles quem têm de dizer que “muçulmanos” são humanos, como quaisquer outros, uma vez que eles foram criados a partir do cadinho etnológico que misturou todas as raças e criou algo novo. E se é necessário afirmar que “eles pertencem à raça humana”, é que alguém lhes nega essa categoria.

O parágrafo seguinte cumpre a função de sensibilização dentro do texto como um todo, também por meio do elemento “criança”:

O principal pedido das autoridades era voltado para as crianças iraquianas que sofrem com a violência. Além da participação de alunos com orações e cantos, foi pedido um minuto de silêncio em homenagem aos iraquianos mortos durante os mais de 20 dias de guerra no Oriente Médio. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Neste caso, antes de falar dos mortos nos conflitos, destaca-se as crianças que padeciam da “violência”. As crianças da Tríplice Fronteira cantam pelas crianças do Iraque, que estão sendo mortas. “Nosso futuro” canta e pede pelo “futuro de lá”, pois este último sofre com a “violência” que não existe para o “nosso futuro”, criado num “santuário” como foi. Apesar de não afirmar diretamente que “crianças” morrem no conflito, a “violência” contra ela é associada à morte, quando, na frase seguinte, comenta-se sobre o “minuto de silêncio” em homenagem aos falecidos.

O tom de agressividade, evitado durante toda a reportagem, evidencia-se na sequência quando se refere aos “causadores” da guerra:

O tom de revolta e desejo pelo fim da guerra também foi destacado no discurso do sheik, Taleb Jomaa. Durante as orações rezadas em árabe, muita emoção e pedidos não somente pelo fim da guerra, mas também por

punição dos causadores. “Meu desejo é que as forças agressoras se retirem do país para o fim da guerra para que possa reinar a paz. Chega de humilhação e pobreza”, afirmou Jomaa. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

A “revolta” e “desejo pelo fim da guerra” são atribuídos à autoridade religiosa que fez o uso da palavra para expressar-se. Nas duas frases iniciais, o “desejo pelo fim da guerra” mistura-se ao de “punição dos causadores” e “revolta”. Apesar disso, a única referência que aparece no discurso do *sheik* sobre os “causadores” é que se retirem do país, não havendo nenhum sinal claro que evidencie em sua fala alusões a “punição”.

Ele simplesmente pede pelo fim de “humilhação e pobreza”, mas, ao menos no trecho que se destaca para corroborar a informação anterior, não há sinal da “revolta” evidenciada no início. Entretanto, destacar a revolta a apontar um “causador” parece importante para a narrativa, que desde seu início aponta os “entes obscuros”, por alguns momentos intitulados “inimigos”. Fica claro, aqui, a intenção de nomear um inimigo que, pelas informações colhidas em outros excertos, condensa-se na figura dos Estados Unidos e de sua mídia.

O parágrafo seguinte corrobora o anterior, questionando a guerra:

Representantes da colônia questionavam a validade da guerra e a destruição causado no Iraque. “Tudo está sendo destruído, mas minha mágoa é com a afirmativa de que iriam reconstruir o Iraque. Porque então destruir? Existem tantas partes do mundo que precisam ser reconstruídas, porque somente lá? Isso está errado”, sentenciou o presidente do centro. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

O intuito neste excerto é deslegitimar a guerra, evidenciando a emoção e o sofrimento daqueles que protestam. Pode-se notar esta questão nas expressões “mas minha mágoa é” e “Isso está errado”. Entretanto, a palavra que realmente define o sentido do parágrafo é o verbo “sentenciou”, cujo sentido é de julgamento, veredito. O “inimigo” é “sentenciado” por suas ações, mas também pelas pessoas que sofrem sua “violência” indiretamente, seja pelos parentes deixados no Iraque, seja pela “mágoa” que suas ações despertam.

O trecho seguinte aprofunda o caráter do anterior. A reportagem, que no início afastava-se da figura da guerra, ressaltando seu “lado positivo” e atenuando os sentimentos negativos com a figura da “criança”, agora torna cada parágrafo mais profundo no que se refere ao sofrimento e ao rechaço da guerra, enfatizando seu lado negativo:

Em meio a lágrimas e muita emoção, a iraquiana Wawal Alstis protestava com gritos em árabe pedindo por justiça. Residente no Brasil há 20 anos, ela confirmou que teme pela vida de sete familiares residentes em Bagdá. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

Aqui destaca-se a “emoção”, acentuando-a com “muito” e “em meio a lágrimas”. O protesto aqui, em vez de ser feito com “cantos” e “orações”, acontece aos “gritos” que pedem por “justiça”. Já não é a suavidade do primeiro momento do texto, em que os jovens responsáveis pela paz trazem-na por meio de seus pedidos. Aqui, vê-se uma realidade mais bruta e mais sofrida, que irrompe no sofrimento e na intensidade da dor.

É um relato mais triste e mais doloroso, pois a pessoa que “grita” não o faz sem motivos, mas pelo medo que tem com relação ao bem-estar dos “sete familiares” que se encontram em Bagdá. E não somente pelo bem-estar, mas por sua própria existência, pois é a suas “vidas” que correm o risco de deixar de existir.

Por fim, após apontar uma carga emocional pesada, aponta-se a empatia dos brasileiros no momento de dor:

A indignação dos brasileiros também era grande. Para a secretária do Centro de Direitos Humanos, Rosa dos Santos, a guerra é um erro. “Infelizmente aqui em Foz sentimos na pele, devido à nossa colônia árabe, sempre vivemos em paz, e de repente você vê a insegurança”. O abraço simbólico na mesquita foi dado às 10h e durou pouco mais de 15 minutos. (VALIENTE, 2003B, p. 09)

O sentimento dos “brasileiros” não era outro senão também o de “indignação”, cuja representante aponta a guerra como um “erro”. Tanto é assim, que em Foz se sente “na pele” a “insegurança”, por conta da proximidade com a “nossa colônia árabe”, cuja convivência sempre foi pacífica. O pronome possessivo “nossa”, nesse caso, cumpre importante papel, uma vez que não somente inclui a “colônia” em um grupo específico, mas pertence a esse grupo, como se fosse acolhida.

Esta é a primeira vez em todo o texto que se refere ao evento como “abraço simbólico”, justamente no parágrafo em que “brasileiros” demonstram sua “indignação” com a guerra, sentindo “na pele” aquilo que os maiores afetados sentem. É como se o próprio Brasil abraçasse a mesquita, rechaçando a ideia da guerra e acolhendo essa “colônia” com quem pôde-se viver tanto tempo em paz.

No geral, chama a atenção na redação e estilo de escrita do texto os dois momentos em que se divide. No primeiro, ao evidenciar a presença da juventude e a

importância da unidade, tenta-se anular ou diminuir possíveis olhares negativos sobre a guerra. Ela tem, inclusive, um lado positivo, que é unir as pessoas. No segundo, quando se fala dos “verdadeiros vilões” e da “destruição”, o relato passa a ser mais duro, mais acusativo e demonstra emoções que antes não apareciam.

O primeiro momento é narrado com suavidade, inerente à paz que é construída nas crianças. O segundo, com dor, sofrimento, revolta e acusação, advindas das intromissões dos “vilões” e de sua não colaboração pela paz mundial. Na segunda parte, especialmente, é que o papel dos “entes obscuros” fica evidente – como desagregam a vida dos locais a partir do sofrimento que causam.

3.2.8 “UM DIÁLOGO SOBRE A PAZ”, 09 DE ABRIL DE 2003³⁸

Esta pequena reportagem, no que se refere à análise geral, somente confirma o que já foi dito com relação à categoria “juventude”, assim como a texto da sequência (ASSESSORIA, 2003, p. 6). Um traço comum nesta narrativa é a autonomia dos alunos com relação ao conteúdo recebido, explicitada já no subtítulo: “Discussões levam os alunos a concluir que ‘nada melhor que o diálogo e a tolerância para solução dos conflitos’” (S/A, 2003, p. 15). Não se diz que eles aprendem ou que se lhes transmite determinado tipo de mensagem, mas que eles próprios chegam à conclusão sobre “diálogo” e “tolerância” na resolução de conflitos.

Os alunos da Escola Municipal Santa Rita de Cássia (Vila Pérola) estão desenvolvendo, nas aulas de Filosofia, um amplo trabalho sobre a guerra e suas consequências para a humanidade. A proposta, segundo a professora de Iniciação à Filosofia, Luciane Carvalho, é analisar a situação, refletir sobre a importância da paz e principalmente diminuir a ansiedade que a guerra está causando nas crianças. (S/A, 2003, p. 15)

A informação que mais parece relevante deste parágrafo é o fato da guerra estar causando “ansiedade” nas crianças. A inquietação, entretanto, não é revelada neste trecho, mas no segundo:

Na escola, os alunos, entre eles os de ascendência árabe, estão preocupados com as pessoas e crianças que podem ser vítimas inocentes da guerra. Nas discussões já chegaram a uma conclusão: “Nada melhor que o diálogo e a tolerância para solução dos conflitos”. Para as aulas, a professora preparou um cartaz com fotos da guerra retiradas da internet e de jornais. Ela também utiliza o globo terrestre para localizar a região do conflito e a partir daí discute com os alunos sobre os elementos de paz a

³⁸ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 13, na página 195.

exemplo do diálogo, tolerância, respeito “e o quanto o mundo seria melhor com esses ingredientes”, destaca a professora. (S/A, 2003, p. 15)

O trecho afirma que quem se preocupa com a situação de “pessoas e crianças” na guerra são os próprios alunos, o que lhes confere autonomia na narrativa. Por outro lado, destaca que entre eles há “os de ascendência árabe”, mas não coloca a preocupação somente a cargo destes – todos se compadecem da situação dos que estão sob a guerra.

A conclusão a que chegam é colocada entre aspas, como se fosse uma fala. Não se indica o autor, o que leva a crer que esse seria o posicionamento conjunto do corpo estudantil. Aqui já se vislumbra a ideia de unidade unida à de paz, nesses seres que estão sendo formados para compreenderem os benefícios da paz para “toda a humanidade”. O que vem a seguir somente evidencia essa formação em torno de valores como “diálogo”, “tolerância”, “respeito” e o benefício desses “ingredientes” para o mundo.

Os trabalhos, que continuam nas salas de aula, devem culminar com a participação dos pais na Semana da Família na Escola. O trabalho incluiu rodas de discussão, redações e poemas que renderam resultados surpreendentes. Luciane apresentou o trabalho no treinamento de Filosofia, realizado na última sexta, 4. (S/A, 2003, p. 15)

Aqui o resultado dos trabalhos é qualificado como “surpreendente”, o que demonstra a excelência da atividade desenvolvida pelos alunos. Por outro lado, ainda que estejam rendendo bons resultados, ainda não chegaram em seu auge, pois “culminarão” na “Semana da Família da Escola”. Ou seja, ainda há o que se esperar dos estudantes.

O último parágrafo confirma a superação de expectativas que as atividades representaram:

A professora afirmou ter ficado surpresa com o contraponto do poema “No ano 3000”, de Roseana Murray, feito por um aluno da 4ª série. Leia o que Roseana escreveu e o que imaginou o aluno a partir da realidade atual. (S/A, 2003, p. 15)

Encerrando a matéria, é inserido o poema escrito pelo aluno e que causou “surpresa” à professora. O tom da reportagem é evidenciar o potencial da juventude que está sendo criada em um ambiente no qual os “valores” da paz vão forjando o resultado do “cadinho etnológico”.

Se nos primeiros textos isto era um artifício mais abstrato e retórico, vimos nas últimas reportagens sua personificação. O resultado do “cadinho” não tem somente uma obrigação com a paz, mas opera no máximo de seu potencial, “surpreendendo” e ultrapassando as expectativas daqueles que colabora em sua “forja”. O resultado, futuramente, é esperado como promissor.

3.2.9 “HOSPITALIDADE DA COLÔNIA ÁRABE IMPRESSIONA O MINISTRO HARIRI”, 12 DE JUNHO DE 2003³⁹

A última reportagem da amostra selecionada tem duas características principais: ressaltar a importância da cidade e dos jovens que carregam consigo a “hospitalidade” árabe. Essa importância é caracterizada pelo deslocamento do primeiro-ministro do Líbano, Rafik Hariri, a Foz do Iguaçu.

O subtítulo da reportagem indica que a “Comunidade árabe quer representação do Líbano no Paraguai e investimento em agronegócios e em ensino superior” (ASSESSORIA, 2003, p. 6). Entretanto, o agronegócio é citado somente uma vez ao longo do relato, e este detém-se mais em descrever a recepção que em problematizar as demandas da comunidade.

“O primeiro-ministro do Líbano, Rafik Hariri, impressionou-se ontem com a hospitalidade da comunidade árabe da fronteira trinacional entre o Brasil, Paraguai e Argentina” (ASSESSORIA, 2003, p. 6). O primeiro parágrafo abre o texto com a impressão do ministro sobre a comunidade árabe da Tríplice Fronteira, e em especial sua hospitalidade, o que lhe surpreendeu positivamente.

O segundo parágrafo evidencia a pontualidade com que o ministro chegou ao Brasil. A intencionalidade deste parágrafo, entretanto, só poderá ser compreendida ao final do texto, dentro de um contexto mais amplo:

O premiê libanês desembarcou pontualmente às 16h30 no Aeroporto Internacional e foi recebido pelo prefeito Sâmis da Silva (PMDB) e pelo cônsul-geral de São Paulo, José Sayah.

Em seguida, Hariri e seus quatro ministros Fuad Saniora (Fazenda), Ali Hussein Abdala (Turismo), Maruan Himadi (Economia) e Elie Skaf (Produção) foram recepcionados por estudantes e membros da comunidade libanesa do Centro de Convenções. (ASSESSORIA, 2003, p. 6).

³⁹ Para verificar a reportagem na íntegra, consultar ANEXO 14, na página 196.

No terceiro parágrafo, evidencia-se que o ministro não veio sozinho. Explicitar o nome e o cargo de cada ministro pode ser uma estratégia para aumentar a importância da visita. Por outro lado, mais uma vez se dá destaque aos estudantes, destacando-os dos “membros da comunidade” presentes na recepção.

O quarto parágrafo repete a informação, demonstrando a reação do ministro frente as “mais de 15 mil pessoas” que lhe esperavam:

A saudação dos estudantes e de membros da comunidade, formada por mais de 15 mil pessoas, impressionou Hariri, que recebeu presentes, flores e homenagens. No salão, os participantes da manifestação ergueram cartazes com fotos do primeiro-ministro. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

Este trecho reforça a ideia da “hospitalidade” da comunidade, ressaltada em outros momentos durante a amostra (FONTANELLA, 2002, p. 20), mas, em outro sentido, também confere a qualidade aos estudantes, aparentemente dentro da lógica de produto do “cadinho etnológico”. Isto fica claro na utilização que se dá à declaração do ministro, inserida no parágrafo seguinte:

“Vocês são um grande país que acolhe uma parte do futuro do mundo neste universo cujas partes estão ficando cada vez mais próximas. E nós continuaremos a trabalhar para ficar tão perto de vocês quanto a colônia libanesa é de seu país de origem”, disse Hariri a um estudante que declamou uma poesia em homenagem ao primeiro-ministro. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

Primeiramente, o Brasil é enaltecido e qualificado como “grande”. Em seguida, diz-se que “acolhe uma parte do futuro do mundo”, ou seja, que algo no país irá colaborar futuramente com o planeta. Por fim, afirma que suas “partes estão ficando cada vez mais próximas”, em uma referência às diferenças em processo de se dirimirem frente umas às outras. Aqui, claramente faz-se uma referência ao “cadinho etnológico”, cuja contribuição futura surge da “aproximação entre as partes” que compõem a cidade. Se não foi isso que o ministro quis exprimir, ao menos foi a utilização dada pelo argumento do texto.

Dirigindo-se a um estudante, passa-se a imagem de como se o ministro estivesse falando para o próprio jovem que ele faz parte desse futuro a ser construído, legitimando seu discurso.

O resto da reportagem é escrita sob o tópico “Discriminação”, evidenciando o caráter da visita oficial:

Um dos motivos principais da visita de Rafik Hariri foi ratificar a informação de que na região trinacional Brasil-Argentina-Paraguai não existem células terroristas. Segundo o empresário Fouad Fakihi, a visita do premiê libanês reafirma o que consideram os próprios representantes norte-americanos e desmente as notícias infundadas e caluniosas da imprensa internacional. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

Segundo se argumenta, o papel do ministro seria, então, confirmar com sua autoridade e de seu corpo burocrático e, logo, em nome do Estado libanês, a inexistência de células terroristas na região, reafirmando o que as autoridades norte-americanas já concluíram: confirmando a hipótese dos acusadores, traz uma verdade que ilumina as versões sem fundamento e que caluniam a comunidade. Isto é legitimado pelo parágrafo seguinte, onde se expõe o ponto de vista já esclarecido dos Estados Unidos pela voz do empresário Foud Fakihi, legitimando o ponto de vista da comunidade:

“Após meses de discriminação e sofrimento com notícias infundadas, nosso povo recebeu uma boa notícia, onde o coordenador da missão contra o terrorismo do Departamento dos Estados Unidos, J. Cofer Black, confirmou o que nossas autoridades sempre afirmaram: ‘Não existe qualquer célula terrorista na fronteira’ e recomendará seu filho a passar a lua-de-mel neste lugar maravilhoso”, disse Fakihi. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

A primeira célula da frase inicial tem o objetivo de ressaltar os resultados das notícias infundadas sobre a comunidade, evidenciando seu caráter prejudicial e negativo. Posteriormente, faz-se das palavras de J. Cofer Black, norte-americano, as suas próprias, afirmando que já havia-se chegado anteriormente, e, assim, afastando as acusações da Tríplice Fronteira. E tão segura é a região, que a autoridade estadunidense recomenda-a ao próprio filho em uma ocasião bastante especial: sua lua-de-mel.

Afastando das acusações a região, que nesta reportagem aparecem de maneira mais explícita, chega-se ao momento em que se resgata as narrativas sobre a região.

“Hoje, só no Brasil somos mais de nove milhões, nas Américas – da Patagônia ao Alasca – somos próximos de 20 milhões, ou seja, cinco Líbanos. O Brasil tornou-se a nossa segunda pátria, e na região trinacional convivemos em paz numa relação harmoniosa que envolve 65 etnias”, destacou Fakihi. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

De diferente neste parágrafo, somente os dados com relação à quantidade de libaneses na América. O resto retoma a narrativa central sobre a cidade,

englobando dessa vez a fronteira como um todo, dentro da convivência harmoniosa das 65 etnias.

Os dois parágrafos seguintes dedicam-se aos pedidos realizados ao ministro com relação à jurisdição consular libanesa na região. Porém, é mais importante o segundo, no sentido que se coloca o ministro como colaborador da educação:

A comunidade árabe reivindicou ao primeiro-ministro a instalação de uma representação do Líbano no Paraguai. “Pode ser um consulado em Ciudad del Este ou embaixada em Assunção”, sinalizou um comerciante libanês radicado do Paraguai.

Outro pedido diz respeito aos agronegócios com a Região Oeste e que o ministro volte “os olhos às potencialidades do ensino superior na região”. O pedido se justifica. Rafik Hariri tem uma fundação que concede 30 mil bolsas de estudo aos descendentes de libaneses. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

Neste ponto, enfatizar a educação não foge do contexto em questão. Essa afirmação sobre a fundação que o ministro possui tem uma ligação com o parágrafo seguinte. Aqui, evidencia-se seu potencial em auxiliar jovens da fronteira a ter acesso a algum tipo de educação superior e, logo, ajudá-los a se desenvolver. O parágrafo seguinte une a informação ao crescimento da cidade:

“Por esta razão nos orgulha revelar que a nossa cidade é palco de um crescimento surpreendente no ensino superior. Estamos caminhando rumo à consolidação de um pólo universitário, e nosso povo está envolvido e inserido nesse processo”, destacou Fakihi. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

A expressão “nos orgulha revelar” enaltece o crescimento que logo a frente será qualificado como “surpreendente”. Isso acontece na cidade que se consolida como um “pólo universitário”, que terá grande capacidade de formação e logo, colaborará com o desenvolvimento regional. Entretanto, o mais importante vem na sequência, quando se afirma que “nosso povo está envolvido e inserido no processo”.

Este ponto retoma a ideia de que a comunidade está inserida no processo de desenvolvimento da cidade, inclusive conectando Foz do Iguaçu ao primeiro-ministro do Líbano, com potencial para parcerias que venham a beneficiar os estudantes descendentes de libaneses. Assim, a comunidade mostra como sua colaboração para o “progresso” local é factível e concreta.

O último parágrafo fecha a reportagem com o horário de retorno do ministro para o Líbano:

O primeiro-ministro libanês participou ainda de um jantar com convidados e representantes da comunidade árabe no Hotel Mabu. Ele e a comitiva voltaram ontem mesmo, às 23h30, ao Líbano. (ASSESSORIA, 2003, p. 6)

É interessante notar a estratégia com relação à descrição do tempo em contraste com outras reportagens. Enquanto naquelas que descreviam eventos e manifestações sempre se descrevia imprecisamente horários de início e término com expressões como “mais de”, aqui detalha-se com precisão os horários de saída e chegada, como a dar-lhes ênfase.

Se no primeiro caso a intenção é não deixar claro início e fim, aqui é justamente o contrário. Se voltarmos ao início da reportagem, veremos que o ministro chega ao aeroporto “pontualmente às 16h30” e retorna “ontem mesmo, às 23h30”. Tratando-se de uma das autoridades mais importantes do Líbano, é essencial informar que a visita durou exatamente sete horas, para legitimar a importância da visita e, portanto, da cidade de Foz do Iguaçu para o político.

Sair do Oriente Médio para permanecer sete horas em uma cidade na América do Sul exige que a importância da visita seja elevada, ainda mais deslocando consigo quatro ministros e os funcionários de apoio que sempre acompanham essa espécie de delegação.

Assim, o intuito de abrir e fechar a reportagem com os horários exatos de chegada e partida visam aumentar a importância da visita e da cidade, e, principalmente, do motivo do deslocamento: O primeiro-ministro foi a Foz do Iguaçu dizer com as próprias palavras que não há envolvimento da região com o terrorismo internacional.

3.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Sem o objetivo de remontar toda a argumentação construída até o presente momento, é importante que se destaque os principais elementos que surgiram durante a apreciação da amostra selecionada para a presente pesquisa.

De um modo geral, é possível apontar algumas categorias que aparecem e se repetem, implícita ou explicitamente, ao longo dos textos. Elas colocam as narrativas no contexto de um conjunto de ideias maior, que permeia em maior ou

menor medida as formas de persuasão e intencionalidade das reportagens, sendo possível elencar uma sequência lógica entre os argumentos.

Em primeiro lugar, destacam-se as categorias “santuário” e “cadinho etnológico”, que fazem referência à cidade de Foz do Iguaçu. Por outro lado, também é possível notar em diversos pontos dos textos a questão da “unidade”, seja citando-a, seja demonstrando-a por meio das imagens criadas pelas palavras utilizadas. A essas categorias parece se opor o conceito de “entes obscuros”, de alguma forma traz um prejuízo a suas constituições.

Por outro lado, há também a figura do “imigrante” e do “homem cordial”, que juntos têm o papel de criar o “homem iguaçuense”. Como intermediário nesse processo, temos a “juventude”, personificada ora nas “crianças”, ora nos “estudantes”.

Nesse sentido, o próximo capítulo será destinado a organizar e dar um sentido teórico aos conceitos que surgem das reportagens, elencando-os em uma narrativa cujo elementos trazem tanto uma ideia de oposições que os constituem, como um nexos temporal que os conecta em torno de elementos básicos comuns.

4 O DISCURSO COMO RESPOSTA: ANÁLISE DAS CATEGORIAS LEVANTADAS A PARTIR DAS REPORTAGENS

Para Gill (2003, p. 266), a análise de discurso é uma leitura que se encontra entre texto e contexto, verificando a substância, o ordenamento e as funções do discurso. Trata-se de uma interpretação, que se fundamenta no detalhamento, na descrição e na análise do material investigado.

Neste sentido, durante a interpretação que foi feita neste capítulo referente às reportagens selecionadas na amostra, pôde-se chegar a algumas conclusões tanto no que se refere ao quadro geral dos textos quanto ao de uma narrativa maior que lhes dá ordenamento e coesão entre si.

Uma vez ultrapassada a leitura das reportagens, devemos nos deter por ora na apreciação do contexto, como coloca a autora. Nesse sentido, o primeiro passo é entender como o veículo escolhido se apresenta e se encaixa neste meio, e qual é o papel do que transmite enquanto informação.

Para Pocock (2003, p. 64) o discurso é central para entender a história do pensamento político, ou, como prefere chamar, a história do discurso político. Nesse sentido, os atores da história a ser contada estavam pensando, mas principalmente agindo. Para poder atribuir ao seu pensamento uma história, diz o autor, é importante que haja uma “atividade ou continuidade de ação” que se constituiria por ações e *performances*, e as condições sob as quais são realizadas. O campo de estudos em questão, portanto, é constituído por atos de discurso, que podem ser orais, manuscritos ou impressos, e pelas “condições e contextos em que esses atos foram emitidos”.

Realizam-se por um modo de discurso institucionalizado. Isso quer dizer que uma transmissão discursiva de ideias supõe que haja uma linguagem em que possa ser expressa, que determina o que se diz, mas que também é modificada pelo enunciado. O autor nomeia essa dinâmica como as interações entre “*parole*” e “*langue*”

“(…) O historiador deve mover-se de *langue* para *parole*, do aprender as linguagens para o determinar os atos de enunciação que foram efetuados 'dentro' delas. Depois do quê, ele começará a pesquisar em busca dos efeitos desses atos, geralmente com relação às circunstâncias e ao comportamento de outros agentes que usaram ou estavam expostos ao uso dessas linguagens, e mais especificamente 'sobre' as linguagens 'dentro' das quais esses atos foram efetuados.” (POCOCK, 2003, p. 66)

A *langue* seria a linguagem, e a *parole*, os atos de fala proferidos com base nessa linguagem. Admitida a linguagem, os atos de fala podem ser buscados, e mais além disso, pode-se perceber seus reflexos sobre outros “agentes” que utilizaram ou tiveram contato com a linguagem em questão.

O presente trabalho, entretanto, não se preocupa com a linguagem que possa estar por detrás dos atos de discurso, mas tão somente com o conteúdo de atos de discurso específicos contextualizados historicamente. A afirmativa parte da postura epistemológica proposta por Gill (2003), segundo quem aquele que realiza uma análise de discurso deve deter-se ao texto, e não à realidade por detrás do texto. Isso se deve ao fato que, segundo a autora, nenhum indivíduo tem acesso à realidade em si, mas a versões dessa realidade.

Por outro lado, não é possível perder de vista o caráter de prática social do discurso (GILL, 2003, p. 248), “como uma prática em si mesma”. Segundo a autora, os atores sociais se orientam por seu “contexto interpretativo” e arquitetam seu discurso para adaptar-se a seu contexto.

É importante notar que a noção de “contexto interpretativo” não é fechada ou mecanicista. Ele é empregado não simplesmente para se referir aos amplos parâmetros de uma interação, tais como onde e quando ela tem lugar, e a quem a pessoas está falando ou escrevendo, mas também para atingir características mais sutis da interação, incluindo tipos de ações que estão sendo realizadas, e as orientações dos participantes. Como um analista de discurso, a pessoa está envolvida *simultaneamente* em analisar o discurso e em analisar o contexto interpretativo. (GILL, 2003, p. 249)

Entretanto, estar ciente do contexto interpretativo não necessariamente é deter-se sobre os diversos autores que se guiam dentro de seus parâmetros, como propõe Pocock (2003). Tampouco é possível ignorar que o discurso que ora analisamos é dotado de intencionalidade política. Nesse sentido, é necessário saber que a linguagem política tem como gênese grupos que detêm o poder.

É importante que o estudo da linguagem política tome como ponto de partida as linguagens dos grupos governantes, que articulam seus interesses e são tendenciosos a favor deles. Mas é também importante o fato de que, quanto mais institucionalizada for uma linguagem e quanto mais pública ela se tornar, mais ela estará disponível para os propósitos de diversos locutores articulando diversas preocupações. Essa diversificação terá origem no interior do grupo governante, onde comumente há um imenso debate em andamento. Mas ela pode não permanecer confinada aos limites da *intelligentsia*, da profissão ou seja qual for seu grupo de origem. (...) (POCOCK, 2003, p. 68)

Tendo em mente que o discurso é direcionado, é possível enquadrar os atos de discurso que ora se analisa em seu contexto histórico. Como visto no primeiro capítulo, houve um movimento internacional no sentido de caracterizar a Tríplice Fronteira como um local inseguro, ponto de vista segundo o qual os Estados da região pouco conseguiam atuar e que seriam propensos ao crescimento de células terroristas, especialmente no que diz respeito ao financiamento de grupos assim denominados.

Ainda que o esforço deste trabalho não seja deter-se na linguagem em si, não se ignora que ela exista e que este não possa ser o objeto de uma investigação futura. Para Pocock (2003, p. 64), uma linguagem só é possível quando pelo menos dois autores a estão utilizando. A linguagem deve ser encontrada enquanto contexto, e não como texto. Exatamente por este motivo é que não é possível abordar a linguagem em si, nos termos do autor, no presente trabalho.

Não se ignora que ela exista, mas simplesmente não a toma-se como objeto de análise. No presente caso, preocupa-se com o texto, tendo o contexto histórico como referência para o contexto interpretativo, diferentemente do autor, cujo foco é o contexto linguístico, e não o texto em si. Isso tampouco quer dizer que ambos os contextos não se influenciam, porém foge das possibilidades deste trabalho uma análise válida nos termos de Pocock (2003). Isso se deve tanto por conta dos recursos epistemológicos adotados, como já visto, quanto pela limitação de tempo imposta a uma dissertação.

Também não se ignora sua contribuição para o trabalho, uma vez que atenta ao fato dos discursos, nomeados “atos de discurso” ou “parole”, serem direcionados politicamente. As reportagens são escritas como respostas ao argumento que circulava à época atribuindo significados à Tríplice Fronteira que não interessavam politicamente à região.

Como visto no primeiro capítulo, as reações às acusações norte-americanas não partiram necessariamente dos cidadãos da Tríplice Fronteira, mas depararam-se com um palco de articulação política do qual faz parte o periódico em questão. Isso pode explicar a dicotomização que existe nos discursos e que colocam os “Estados Unidos” como inimigos, seja na figura da “mídia”, seja na figura das “acusações”, ou mesmo utilizando declarações dos próprios “norte-americanos” como contra-argumentos, como no caso a seguir.

“Após meses de discriminação e sofrimento com notícias infundadas, nosso povo recebeu uma boa notícia, onde o coordenador da missão contra o terrorismo do Departamento dos Estados Unidos, J. Cofer Black, confirmou o que nossas autoridades sempre afirmaram: ‘Não existe qualquer célula terrorista na fronteira’ e recomendará seu filho a passar a lua-de-mel neste lugar maravilhoso”, disse Fakih. (ASSESSORIA, 2003, P. 6)

Uma vez consciente da importância do papel político do discurso, vendo-o como uma resposta a um dado contexto, mas sem se deter à linguagem em si, é possível passar ao conteúdo dos atos de discurso que foram interpretados neste trabalho.

4.1 O DISCURSO E SUAS ORIENTAÇÕES TEMPORAIS

O primeiro aspecto que se nota após a análise das reportagens selecionadas é que existe uma temporalidade nas categorias levantadas, referindo-se a três tempos: passado, presente e futuro. Todos respondem a um tipo de “desagregação” que se mostra na figura dos “entes obscuros” ou “inimigos”, que dialoga com elementos que chamo aqui de “unificadores”.

No seguinte quadro (TABELA 3) é possível verificar os elementos básicos das narrativas e os modos como são apresentados a depender do tempo a que se referem, segundo a organização que se propõe a partir da análise realizada no Capítulo 2:

TABELA 3 – CATEGORIAS LEVANTADAS A PARTIR DA ANÁLISE DAS REPORTAGENS

	TEMPO ELEMENTOS	EXPERIÊNCIA	PRESENTE	EXPECTATIVA
UNIFICADORES	ESPACIALIDADE	Cidade/Nação	Santuário (passado) Cadinho etnológico (futuro)	Cidade/Unidade/nova identidade
	PERSONIFICAÇÃO	Imigração Homem cordial	Juventude	Homem iguaçuense
	CARACTERÍSTICAS	Tolerância/respeito	Harmonia/ progresso /investimentos	Paz
DESAGREGA DORES	ESPACIALIDADE		Estados Unidos	
	PERSONIFICAÇÃO	Ausência de entes obscuros	Entes obscuros/inimigos/acusações infundadas	Ausência de entes obscuros

	CARACTERÍSTICAS	Violência/guerra/injustiça/
--	-----------------	-----------------------------

FONTE: O AUTOR (2015)

Há dois “núcleos básicos”, nomeados “unificadores” e “desagregadores”, que serão explicados à luz na teoria de Douglas (2012), os quais aproximamos de seu conceito de “sistema de significados”. Dentro de cada “núcleo”, divide-se as categorias nos grupos “espacialidade”, “personificação” e “características”. A primeira faz alusão à referência local do sistema de categorias. A segunda, por sua vez, refere-se às personagens da narrativa. A última, a valores e julgamentos morais das personagens em questão.

Com relação às divisões temporais das categorias, recebem os títulos de “experiência”, fazendo referência àquelas direcionadas ao tempo passado, “presente” àquele tempo que lhe dá título, e “expectativa”, àquelas que são voltadas ao tempo futuro. É possível afirmar que tal dinâmica pode ser aproximada àquelas de constituição temporal nos termos que aponta Koselleck (2006). Nesse sentido, é necessário determo-nos mais profundamente sobre o sentido dos conceitos “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, já problematizados anteriormente.

Passado e futuro, segundo o autor, são conceitos complementares, mas não acontecem ao mesmo tempo.

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais. (KOSELLECK, 2006, p. 311)

Assim, na experiência passada acumulam-se uma quantidade de tempos anteriores que estão simultaneamente todos presentes, sejam eles formados a partir da vivência do próprio indivíduo que pensa sua realidade ou de outras pessoas, plasmados na memória do primeiro. A expectativa, por sua vez, refere-se àquele limite a partir do qual pode haver um novo espaço de experiência, mas que ainda não aconteceu.

Desse modo, as expectativas podem ser modificadas e revisadas, ao passo que as experiências realizadas são recolhidas e armazenadas (KOSELLECK, 2006, p. 311). Mesmo que a expectativa possa ser objeto da experiência, no sentido de

que se espera que no futuro algo aconteça baseado nas experiências passadas e que possivelmente se repetiram, a diferença entre ambas é que a experiência está “saturada de realidade”, enquanto a expectativa é uma história que ainda não aconteceu, e pode ser modificada com o passar da experiência, da mesma forma que a experiência pode ser modificada com a ruptura do horizonte de expectativa.

Assim, é da tensão entre ambas que surge o que o autor nomeia como “tempo histórico”, aquele que é formado tanto pelas experiências do passado quando pelas expectativas do futuro, e direcionam os sentidos e as ações da convergência entre ambos. Este tempo histórico refere-se a um dado presente, e seu conteúdo não é composto por si próprio apenas, mas também pelos elementos dos dois outros tempos.

Insisto: não se trata, pois, de simples conceitos opostos. Pelo contrário, eles indicam maneiras desiguais de ser, e da tensão que daí resulta pode ser deduzido algo como o tempo histórico. (KOSELLECK, 2006, p. 312)

Assim, quando se afirma que da análise das reportagens pôde-se organizar um conjunto de categorias que têm uma orientação temporal, enquadra-se dentro da “tensão” que o autor afirma existir entre passado e futuro. Entretanto, não se fala de experiência e expectativa, dentro da narrativa, como tempos dados, mas constituídos a partir do tempo histórico no qual a narrativa é contada, com sua própria seleção de experiências e projeções de expectativas.

Isso equivale dizer que a narrativa pode ser alterada com o tempo, e que o esforço deste trabalho não é somente deter-se sobre um tipo de discurso específico, mas também localizado temporalmente, no sentido histórico, e com projeções temporais, no sentido do autor ora trabalhado.

Assim, há elementos básicos que podem ser vistos em todos os textos. As categorias, então, não necessariamente referem-se a elementos diferentes, mas sim a tempos diferentes do mesmo elemento. Por exemplo, ao elemento “cidade” referem-se as descrições e argumentações sobre Foz do Iguaçu. Ela aparece de diferentes modos ao longo da narrativa, mas nunca deixa de ser “Foz do Iguaçu”. O que se modifica nas formas em que é retratada é o tempo que se enfoca.

Isso não quer dizer que se esteja realmente falando de um passado ou futuro dados, mas de ideias com relação a ambos os tempos, que formam o que é o presente da narrativa. Ao fim e ao cabo, um não pode existir sem o outro, pois se constroem – e constroem – em conjunto.

Por exemplo, no excerto a seguir, temos concomitantemente ideias sobre passado e futuro constituindo uma mesma narrativa sobre a cidade, e não necessariamente separadas no argumento:

Eu queria, neste domingo, prestar um singelo tributo à gente da Terra das Cataratas, este **santuário** ecológico e espiritual, de tantos contrastes e onde o mal às vezes é tão eloquente quanto o bem. Eu queria mostrar que somos a Terra de Todas as Gentes, de todas as etnias, um **cadinho etnológico** singular com as nossas belezas naturais, esta mesopotâmia encantada é onde as pessoas de todas as plagas se encontram. (C.A.. 2001, p. 10. *Grifo nosso.*)

Aqui, como vimos na análise da reportagem, “santuário” cumpre a função de atribuir uma qualidade mística, talvez sobrenatural, à cidade, uma vez que é local sagrado e guarda uma riqueza: sua gente. Sua principal característica é conseguir congregiar tantas diferenças e tornar o espaço da cidade privilegiado, com dinâmicas que são possíveis somente aí.

O santuário encontra-se no presente, mas seus elementos advêm da experiência, da convivência entre as diferenças possibilitada ao longo do tempo. Portanto, por mais que seja presente, é orientado para o passado e pela experiência, por uma divindade anterior que lhe atribuiu características especiais. Nesse sentido, essa “divindade” pode tanto aparecer na figura de “Deus”, como na figura da própria nação, personificada no “Brasil”:

Deus, como Pai supremo do Universo, **não privilegiaria um determinado povo em detrimento dos outros.**

Assim, independentemente da religião na qual acreditamos e seguimos, mais importante é ter maturidade o suficiente para entender que o **Deus todo-poderoso é único, onisciente e onipresente, e respeitar todas as religiões e seus seguidores.** Em nenhuma delas pregam-se guerras ou perseguições, mas o amor ao próximo e a paz entre os povos (SANTI, 2001, p. 11. *Grifos nossos.*)

Para os imigrantes de origem árabe em Foz do Iguaçu, **o respeito às diferenças e tolerância do brasileiro é uma riqueza do país.** A colônia viu centenas de pessoas saírem [sic] da fronteira em busca de melhores oportunidades de negócios, **a maior parte deles ainda está no Brasil.** Este comportamento é, segundo as lideranças, uma prova de que **a nação conquistou o coração dos imigrantes.** (FONTANELLA, 2002, p. 20. *Grifos nossos.*)

Com menos crença nas conversas e mais empenho no trabalho, o professor Ildo Carbonera participou ativamente do encontro, doando livros e cantando para a plateia. “O problema é que não estou preocupado com a guerra, sempre achei que as crises fazem a gente crescer, o problema é a violência.” Carbonera ainda comentou que enxerga a participação popular de maneira preocupada. “As pessoas ainda precisam ser sacudidas,

acordadas.” Para ele, a principal alternativa seria o trabalho e **a busca por uma identidade nacional**. (VALIENTE, 2003A, p. 09. *Grifo nosso*.)

No primeiro excerto, vemos a descrição de um “Deus” que não é injusto com seus filhos e que não daria a um povo privilégios que não daria a outros – ainda que não acreditem nele e sejam, de certa forma, “inferiores”. Ele é único, e a “maturidade” evocada do texto passa pela sua aceitação e respeito a todas as diferenças.

No parágrafo seguinte, exalta-se o caráter do “brasileiro”, evidenciando o quanto a nação conquistou os imigrantes, estes que são diferentes mas são aceitos pelo “Brasil”. E mesmo aqueles que saíram da cidade não conseguiram deixar o país.

No último, a solução para a preocupação com relação a participação popular é a “busca por uma identidade nacional”. Ora, mesmo sendo uma “busca”, esta não está orientada para o futuro, mas sim à nação, que é anterior.

Os três trechos referem-se a algo superior e que congrega as diferenças, que une. Mas este algo não pode ser concebido como “expectativa”, uma vez que é anterior a todos aqueles que participam da narrativa. Mesmo na “busca pela identidade nacional”, refere-se a um ente superior já existente.

Nesse sentido, para Weber (1999), a nação está associada à ideia de soberania sobre uma unidade política própria:

Sempre encontramos, junto com o conceito de “nação”, a referência à relação com o “poder” político, e evidentemente o “nacional” é, portanto – se for algo homogêneo –, uma espécie particular de comoção que, num grupo humano unido por uma comunidade de língua, de confissão, de costumes ou de destino, se vincula à ideia da organização de uma unidade política poderosa própria, já existente ou ainda aspirada, e que se torna tanto mais específica quanto mais ênfase se põe no “poder”. (WEBER, 1999, p. 277)

Para o autor, portanto, a nação faz referência não somente ao poder político, mas também à ideia de uma unidade política poderosa própria: o Estado. A vinculação de um grupo a essa unidade política gera o que o autor nomeia como “nacional”, que pode congrega indivíduos que, a princípio, não têm uma ligação tão próxima.

A “nacionalidade” em seu sentido “étnico” corrente, comparte com o “povo”, normalmente, a vaga ideia de que aquilo que se sente como “comum” tem sua base numa **comunidade de procedência**, ainda que, na realidade, pessoas que se consideram pertencentes à mesma nacionalidade, não apenas ocasionalmente, mas com muita frequência, estejam muito mais

distantes entre si, no que se refere à sua procedência, do que outras que se consideram pertencentes a nacionalidades distintas ou hostis (WEBER, 1999, p. 277. *Grifo nosso.*)

Assim, ao falar sobre o sentimento nacional, Weber afirma que ele tem como substrato a crença numa “comunidade de procedência”, como uma origem em comum que, atrelada a uma unidade política própria, dá à nação seu corpo e seu espírito. Nesse sentido, a nação faz referência ao passado, ainda que possa ser identificada como algo futuro, pois refere-se a origens, raízes ou algum tipo de tradição, costumes ou línguas que, enfim, são anteriores ao indivíduo.

Ainda em uma nação a se formar, ou em um grupo que pleiteie torna-se uma, existe o apego a ideias que fazem referência a um tempo já cumprido e que pelas experiências que proporcionou, direciona tanto a forma como se enxerga a nação, como aquela que se age relativamente a ela.

Para Anderson (2008, p. 32-34), a nação está também de alguma forma ligada ao passado. O autor a discute dentro do que define como “comunidade imaginada”. Segundo seu ponto de vista, a nação é uma comunidade política imaginada, ao mesmo tempo limitada e soberana.

“Imaginada”, pois a comunhão entre os membros de uma nação não seria real, pois jamais chegam a estabelecer contatos entre si em sua totalidade; “limitada”, pois todo território possui limites, para além dos quais existem outras “nações”; “soberana”, pois o conceito é cunhado na época e por influência do Iluminismo e da Revolução, que acabavam com a legitimidade do sistema “dinástico, hierárquico de ordem divina”; por fim, “comunidade”, imaginada como tal porque, apesar das enormes desigualdades dentro de uma mesma nação, é sempre concebida como uma grande irmandade horizontal.

Veja-se que, por ser “soberana” implica o fim de um sistema de “ordem divina” e, portanto, não deve haver nada acima da nação que a possa controlar ou dirigir. Nesse sentido, a nação também deve ser anterior, pois se algo existir antes da nação, ela de uma certa forma não tem autonomia exclusivamente própria. Em ambos os casos, a orientação passada da nação se dá em relação ao poder, à capacidade de ditar comportamentos e ações mesmo contra a vontade daqueles que participam de seu estatuto.

Assim, chegou-se à conclusão que a ideia de “santuário” refere-se à experiência, ao passado, por ter conexão com a ideia de nação. Uma nação

brasileira que guarda uma riqueza em seu povo, cujas qualidades só podem advir da própria nação, também ligada à ideia do “homem cordial” (HOLANDA, 1995), a ser problematizada posteriormente.

Isso não quer dizer que a cidade seria a representação na nação brasileira, mas que em seu gérmen dormita as características dessa nação – é o que lhe dá o substrato e a essência, mas não são totalmente a mesma coisa. Basta ver alguns trechos em que, apesar da alusão à “brasilidade”, faz uma clara diferenciação entre a cidade e o país. Essa diferenciação não é negativa, mas destaca Foz do Iguaçu do conjunto da nação em alguns momentos.

A situação de miséria e fome hoje no País é preocupante e depende da ajuda de entidades não-governamentais, através da organização da sociedade civil. Contribuindo para eliminar o grande flagelo mundial, a comunidade islâmica de Foz do Iguaçu doou ontem, por 18 entidades da cidade, mais de dez toneladas de alimentos. As milhares de cestas básicas ajudarão também 25 famílias pobres a passar o Natal mais alegre e sem fome.

Através da entrega de alimentos para pessoas carentes, a comunidade islâmica mostra que é parte de uma coletividade e que não se isenta do seu papel social para que as mudanças aconteçam na sociedade. As cestas doadas já são tradição anual dos árabes e muçulmanos **que vivem na fronteira** e acontece há mais de 18 anos. (GESING, 2002, p. 36. *Grifo nosso*)

Para as autoridades religiosas o evento serviu para mostrar **ao resto do Brasil** e do mundo que a cidade onde está localizada a segunda maior colônia árabe do país está em paz e convive, de maneira pacífica, com toda a comunidade. “Estamos aqui para tentar demonstrar o quanto essa cidade nos acolheu bem, e mostrar também que não somos diferentes do resto do mundo”, disse o presidente do Centro Cultural Islâmico, Ali Said Ahal. Para ele, manifestações como a promovida na mesquita podem ser pequenas mas deixam claro o posicionamento de um país inteiro. (VALIENTE, 2003A, p. 09b, p. 09. *Grifo nosso*)

Por outro lado, o santuário não promove transformações. Ele é estático e somente guarda aquilo que é “sagrado”. É a parte mais profunda e primeira da riqueza da cidade. Quando é ameaçado pelos “entes obscuros”, que discutiremos mais adiante, ele se transforma no “cadinho etnológico”, que acontece no tempo histórico da narrativa, e, portanto, é presente.

A função do “cadinho” é forjar algo com as diferentes etnias que estão dentro de si. Portanto, tem uma orientação para o futuro. A ideia de cadinho etnológico ancora-se no conceito de *melting pot* (GREEN, 2008), em que todas as “etnias” se misturam para formar um produto que tem a “paz” como base em sua formação. Por

outro lado, a ideia da “forja”, da “formação”, também é importante e está no centro da dinâmica que ocorre entre os elementos “unificadores” e o “desagregador” – discussão que também será realizada na sequência.

Em alguns momentos, ressaltam-se características semelhantes às do homem cordial brasileiro (HOLANDA, 1995), como a tolerância e o respeito às diferenças. Este homem cordial, no contexto em que falamos, existe e tem origem da experiência, porque se refere à nação. O Brasil guardaria em suas terras uma grande riqueza, cristalizada na figura de seu povo.

De qualquer forma, a cidade enquanto “cadinho etnológico” tem algo de diferente, pois é onde povos de todo o mundo se encontram. Se há um homem cordial brasileiro, ali há outro por forjar-se: o *homem iguaçuense*. Durante os textos pode-se encontrar algumas pistas do que poderia constituir esse ente, como a hospitalidade árabe, a diplomacia chinesa e a cordialidade brasileira (FONTANELLA, 2002, p. 20).

Não é possível afirmar se somente isto comporia o “conteúdo” que carrega, ou quais seriam de fato suas qualidades, mas pode-se afirmar que sua principal característica é representar o futuro da cidade, cuja união das 65 etnias resultará em um produto singular. O homem iguaçuense é a forma futura da juventude, que é forjada no cadinho etnológico no sentido de constituir a unidade da fronteira.

Para explicar o papel do “cadinho” e especialmente do processo que forma o homem iguaçuense por meio da juventude, é importante ressaltar o papel dos “entes obscuros” ou “inimigos” durante os textos. Apesar de muitas vezes não estarem explicitados, são eles que compõem toda a narrativa.

4.2 O DISCURSO COMO SISTEMA DE SIGNIFICADOS

Admitindo-se que estamos diante de um conjunto de ideias coerentes entre si, e que há uma única ideia que desagrega esse todo, é possível afirmar que temos na análise sistema de ideias que dita como a “realidade” (ou a versão de uma realidade) deve ou não ser, ou seja, que pressupõe uma ordem, qual seja, a paz.

Essa ordem é colocada em questão com a presença de entes obscuros ou inimigos. Se não há um elemento que desagregue a ordem que deve ser estabelecida, a ordem não tem como existir. Ele é necessário para que todo o resto

seja formatado nesses moldes. É possível, então, realizar algumas aproximações com as noções de “pureza” e “perigo” concebidas por Mary Douglas (2012).

A autora afirma que se existe uma noção de “pureza”, ou de “higiene”, é porque outra de “sujeira” é identificada (DOUGLAS, 2012, p. 50). Logo, uma não existe sem a outra. Se algum grupo é identificado como prejudicial a uma dada ordem estabelecida, o próprio fato de se pensá-lo “prejudicial” demonstra que o sistema social que o avalia se coloca como padrão de “limpeza”. No caso em questão, tratamos de um grupo de ideias que é “ameaçado” por um outro tipo de ideia específica.

A autora esclarece, deste modo, que a “sujeira” não existe isoladamente: se há sujeira, há também um sistema. Ela é um subproduto de uma dada ordem de classificação da realidade. Esta ordem, portanto, implica na rejeição dos elementos que não se adequem aos seus parâmetros. (DOUGLAS, 2012, p. 50). Assim, ao haver um sistema pelo qual pode-se nomear as “coisas”, aquilo que foge desse sistema pode ser tido como “sujeira”, por conta da descaracterização criada por não conseguir enquadrar-se – para que haja a ideia de algo que foge às regras, é necessário que haja uma regra já estabelecida, mesmo que muitas vezes mostre-se de forma sutil.

Uma ideia de “pureza” como tal remete-se ao campo do simbolismo, em uma conexão com sistemas simbólicos de pureza. Como podemos perceber, o sistema a que se refere nesta análise parece ser aquele que diz respeito à paz, cujo principal elemento é a unidade e, em última instância, a homogeneidade. Seja a unidade passada (referente à nação) ou futura (homem iguaçuense), ambas são retratadas como sinônimo de paz ou, ao menos, de harmonia.

Basta reparar no tom de discurso e expressões utilizadas para descrever os atos e as manifestações pela paz na cidade: “ameniza fome” (GESING, 2002, p. 36); “grande gesto”, “a comunhão mostrada pelos moradores” (VENDRAME, 2001B, p. 03); “para ler atos públicos, poesias e até cantar a paz”, “em perfeita harmonia, católicos, evangélicos, muçulmanos se confraternizavam”, “os manifestantes entoavam palavras de ordem” (VALIENTE, 2003B, p. 09).

Nesses casos, ressalta-se a harmonia e a comunhão, introduzindo elementos que fazem referência ao canto para descrever a forma de manifestação das pessoas da comunidade. Isso está de acordo com a descrição feita

anteriormente sobre a “gente da Terra das Cataratas”, descrita como “poetas, cantadores, loucos e sonhadores, gente da paz e do amor” (C.A., 2001, p. 10).

O tom dessas descrições é sempre suave e harmônico. Ao contrário de quando se fala das guerras e das acusações proferidas pelos “Estados Unidos”, cujo tom é mais agressivo: “como ato de solidariedade às vítimas da *chacina*” (VENDRAME, 2001B, p. 03. *Grifo nosso*); “nós fazemos parte de uma juventude que vai sentir os *terrores* desse confronto” (VALIENTE, 2003A, p. 09. *Grifo nosso*).

O caso mais claro dessa mudança de tom no discurso ocorre na reportagem “Mil pessoas reúnem-se em abraço pela paz” (VALIENTE, 2003B, p. 09), dividida em duas seções. A primeira evidencia o caráter pacífico da manifestação destacando o papel da criança na sua realização. Nesta, há inclusive um parágrafo que tira o destaque do desabafo de mulheres cujos parentes sofriam com a guerra, para enfatizar o papel da juventude com a construção: “apesar dos apelos de paz feitos por crianças de mais de cinco escolas da cidade”.

Na segunda seção, o tom é modificado, mais acusatório e com emoções negativas. Destaca-se a violência sofrida pelas “crianças iraquianas” no mesmo parágrafo em que se fala das orações pelos mortos “durante os mais de 20 dias de guerra”. Fala-se em “tom de revolta”, “punição dos causadores”, “forças agressoras”, “humilhação e pobreza”, “destruição”, “minha mágoa”, “em meio a lágrimas e muita emoção”, “protestava com gritos”, “indignação”.

Além disso, há um parágrafo que retoma a mesma ideia da outra seção: uma mulher muçulmana que estava na manifestação por conta de familiares que sofriam com a guerra. Desta vez, entretanto, não é um “desabafo” “apesar dos apelos de paz feitos por crianças”; é mais bem um protesto aos “gritos em árabe pedindo por justiça”, um temor “pela vida de sete familiares residentes em Bagdá”.

Essa variação do discurso também é vista em trechos menores de outras reportagens, como o seguinte:

Os alunos da Escola Municipal Santa Rita de Cássia (Vila Pérola) estão desenvolvendo, nas aulas de Filosofia, um amplo trabalho sobre a guerra e suas consequências para a humanidade. A proposta, segundo a professora de Iniciação à Filosofia, Luciane Carvalho, é analisar a situação, refletir sobre a **importância da paz** e principalmente **diminuir a ansiedade que a guerra está causando nas crianças**. (S/A, 2003, p. 15. *Grifo nosso*.)

Aqui, a influência dos entes obscuros nas crianças é o surgimento da ansiedade, sentimento combatido por meio da iniciativa da escola. Nesse sentido,

reforça a importância da paz, essencial no processo de formação do homem iguaçuense.

Para Coyles (2010, p. 372) é possível entrever as funções de um discurso por meio da análise de sua “variabilidade”. O autor afirma que, ao se analisar o discurso de diferentes indivíduos sobre um assunto específico, é possível deparar-se com diferenças sobre suas avaliações neste particular, sejam elas negativas ou positivas. Entretanto, essa variação também pode ser encontrada no interior do discurso de uma única pessoa, a depender das intenções para as quais o discurso é proferido.

Este parece ser o caso de nossa amostra, e em especial da reportagem que destacamos acima. Há uma variação no discurso quando o tema a ser proferido é a paz ou o contrário dela – quando se tratam dos elementos unificadores ou desagregadores expostos na TABELA 3. Para cada tipo, há uma variedade de discurso a ser empregada.

Nesse sentido, Douglas (2012, p. 50) fala em “comportamento de poluição”, que seria essa “reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais”. Essas ideias de rejeição e classificação fazem parte do sistema de classificações que determina padrões de pureza.

Num caos de impressões movediças, cada um de nós constrói um mundo estável no qual os objetos têm formas reconhecíveis, são localizados a fundo, e têm permanência. As pistas mais aceitáveis são aquelas que se ajustam mais facilmente ao padrão que está sendo construído. Algumas, ambíguas, tendem a ser tratadas como se se harmonizassem com o resto do padrão. As discordantes tendem a ser rejeitadas. Se elas são aceitas, a estrutura de pressupostos tem que ser modificada. Enquanto a aprendizagem continua, os objetos recebem nome. Seus nomes, então, afetam o modo como são percebidos da próxima vez (DOUGLAS, 2012, p. 51).

O comportamento de poluição seria, desse modo, um modo de agir específico que emerge quando um dado tipo de nomeação do mundo, e por conseguinte, classificação, se vê ameaçado, ou tem suas bases questionadas. No caso de nossa amostra, podemos fazer uma aproximação entre o “comportamento de poluição” que descreve a autora, e a questão da “variabilidade” do discurso elencada por Coyles (2010).

Obviamente que, com “comportamento de poluição” não queremos chegar à realidade do autor e de como se posicionava perante o contexto que interagira. Ao contrário, fazemos esta analogia com o conceito de modo a demonstrar como,

dentro da narrativa, o tom do discurso proferido reage de acordo com os elementos que estão sendo noticiados. Não se trata do comportamento dos autores, mas as mudanças que o próprio discurso apresenta com relação ao sistema de símbolos que o guia.

Para a autora, a percepção é fundamental para a reprodução dessas noções de “puro” e “perigoso”. De modo geral, tudo aquilo de que venhamos a conhecer é pré-selecionado e organizado no momento da percepção (DOUGLAS, 2012, p. 52). Isso equivale dizer que, no instante que algo passa pela racionalização e é apreendido, recebe um nome, uma categoria e é enquadrado em um esquema de realidade pré-concebido, que dá forma à uma dada percepção de mundo.

A importância dessa noção reside na compreensão do momento em que o indivíduo se depara com aquilo que a autora nomeia como “anomalia” (DOUGLAS, 2012, p. 53), à qual estamos sujeitos a nos depararmos em algum momento. Se alguma coisa ou pessoa é classificado “anômalo”, torna-se imediatamente claro o espectro do conjunto do qual não é considerado participante.

No caso de nossa análise, a anomalia se dá por meio daquilo que se nomeou “entes obscuros” ou “inimigos”, que cumpre o papel de desagregar o santuário e o cadinho etnológico, “ocupando” um espaço a que não pertencem.

Eu queria mostrar singelamente, também, que além dos duendes, das fadas e dos entes celestiais, que habitam o Vale Encantado das Cataratas, outros deuses, santos e anjos habitam nossos templos e ouvem as nossas preces e orações. E assim, fomos buscar imagens de alguns das centenas de templos religiosos espalhados pela nossa cidade. **Mostrar a imagem serena de suas arquiteturas na esperança que elas nos estimulem a orar pela paz sem fronteiras, pela ocupação deste espaço, hoje dividido com entes obscuros, por poetas, cantadores, loucos e sonhadores, gente da paz e do amor.** (C.A., 2001, p. 10. *Grifo nosso*)

Portanto, dentro do sistema de símbolos que pautam as narrativas, é preciso “expulsar” os entes obscuros, rejeitar o “inimigo”. Toda a discussão presente passa pelo “como deveria ser” e o “não ser”. Neste particular, há diversas maneiras de se tratar as anomalias de um sistema de classificações (DOUGLAS, 2012, p. 54). É possível ignorá-las, não percebê-las, ou, notando-as, condená-las; ou defrontá-las, ensaiando a criação de um novo modelo de realidade em que possam ter o reconhecimento adequado.

Os entes obscuros são orientados para o presente da narrativa, fazendo parte do sistema de classificações que a compõe. Não há orientação futura, pois o

objetivo é que se afastem dos elementos unificadores. Por outro lado, tampouco há orientação passada, pois os entes obscuros não fazem parte da constituição da cidade, ocupam um lugar que por direito, segundo os textos, não é deles.

Nas narrativas, isto é feito ressaltando o caráter pacífico dos protestos, o papel da juventude e incriminando os conflitos levados a cabo pelo país norte-americano, deslegitimando sempre sua razão e motivações. Isto é feito, por fim, para afastar as acusações de terrorismo contra a Tríplice Fronteira, como evidenciado no primeiro capítulo.

O mais significativo, entretanto, é a noção de que a impureza, ou sujeira, são os elementos da realidade que não podem ser incluídos em um sistema dado, caso o intuito seja a manutenção de um padrão. O perigo que representam reside na ambiguidade que um indivíduo – ou elemento discursivo, em nosso caso – apresenta entre dois sistemas diferentes, e daí o porquê de representarem uma ameaça.

A ambiguidade dos entes obscuros reside no fato de que, em seu sistema, segundo como se lhe descreve nos textos, os valores pelos quais se pauta são antagônicos com relação aos do sistema do santuário/cadinho (TABELA 3). Se no primeiro há guerras, violência e injustiças, no segundo há harmonia e progresso. E o caráter ambíguo reside no fato de que os entes obscuros, também personificados na figura das acusações infundadas, estão ocupando um espaço em que não deveriam estar.

Admitindo-se que a desordem estraga o padrão, ela também fornece os materiais do padrão. A ordem implica restrição; de todos os materiais possíveis, uma limitada seleção foi feita e de todas as possíveis relações foi um usado um conjunto limitado. Assim, a desordem por implicação é ilimitada, nenhum padrão é realizado nela, mas é indefinido seu potencial para padronização. Daí por que, embora procuremos criar ordem, nós simplesmente não condenamos a desordem. Reconhecemos que ela é nociva para os modelos existentes, como também que tem potencialidade. **Simboliza tanto perigo quanto poder.** (DOUGLAS, 2012, p. 117. *Grifo nosso.*)

É nessa ambiguidade que a poluição torna-se perigosa, e, portanto, algo a ser evitado. Assim, existiria um jogo ritual entre formas articuladas e inarticuladas, necessário à compreensão da poluição, que teria como objetivo afastar qualquer tipo de perigo do sistema (DOUGLAS, 2012, p. 118). Nessa dinâmica denominada “ritual”, lida-se com a forma como se estivesse impregnada de poder para manter-se viva, ao mesmo tempo que pode sempre atacar.

Consideraremos agora, como exemplo, as crenças sobre indivíduos que de alguma forma estão em situação marginal – em nosso caso, o imigrante. Eles estão, de certa maneira, excluídos do padrão social, fora de seu local “habitual”. Mesmo que não façam nada que seja moralmente repreensível, seu *status* nunca poderá ser definido.

É a indefinição que carrega o perigo, localizado nos estados de transição, cujo indivíduo alocado (ou deslocado) não se encontra nem no primeiro estado, nem no seguinte, e por isto é indefinível (DOUGLAS, 2012, p. 119). Quem está na passagem de um ao outro está em perigo e o transmite aos demais.

Aqui reside a importância da unidade, pois, segundo o sistema de classificações que surgiu na análise, a paz se reflete na união, ao mesmo tempo que os entes obscuros agem ressaltando as diferenças. Logo, qualquer diferença deve ser dirimida para que tal ameaça possa ser dissipada, pois ela é o meio pelo qual atua.

Para as autoridades religiosas o evento serviu para mostrar ao resto do Brasil e do mundo que a cidade onde está localizada a segunda maior colônia árabe do país está em paz e convive, de maneira pacífica, com toda a comunidade. “Estamos aqui para tentar demonstrar o quanto essa cidade nos acolheu bem, **e mostrar também que não somos diferentes do resto do mundo**”, disse o presidente do Centro Cultural Islâmico, Ali Said Ahal. Para ele, manifestações como a promovida na mesquita podem ser pequenas mas deixam claro o posicionamento de um país inteiro. (VALIENTE, 2003B, p. 09. *Grifo nosso*)

A maioria dos presentes era formada por estudantes vindos das escolas do centro da cidade e representantes árabes. Entre cantos ensaiados de “queremos paz” e muitos cartazes, eles pediam não somente pelo fim da guerra, mas por participação mais efetiva dos jovens. “Se o estudante não participa agora, imagina quando for adulto. É nossa obrigação pedir pela paz. **Os muçulmanos não são gente diferente, eles pertencem à raça humana**”, confirmou a estudante secundarista, Tatiane Baez. (VALIENTE, 2003B, p. 09. *Grifo nosso*.)

“Aqui existe respeito às diferenças culturais, por mais nítidas que seja. No Brasil fazemos negócios com judeus, italianos, gente de várias etnias. Nosso povo vem em busca de riqueza e encontra uma gente preciosa. Agora que há dificuldades, investimos mais ainda, **porque essa é a nossa terra também**”, disse. (FONTANELLA, 2002, p. 20. *Grifo nosso*.)

Ressalta-se aqui não a exclusão, mas a pertença, de modo a dar forma à ideia de unidade. O controle do perigo, desse modo, se daria por um ritual que separa a pessoa de seu status anterior, segregando-a por um tempo, para então declará-la em público como membro do primeiro grupo (DOUGLAS, 2012, p. 120).

Tanto os rituais quanto a transição em si são perigosos, sendo os primeiros considerados pela autora como o período mais ameaçador dos ritos.

O que se deve segregar, dentro do contexto simbólico sobre o qual trabalhamos (TABELA 3), são as diferenças que permitem a atuação dos entes obscuros. Nesse sentido, com relação à cidade, ocorre a mudança do conceito de “santuário” para o de “cadinho etnológico”, no sentido de que a *forja* de algo novo é o ritual que irá isolar os perigos que ameaçam o sistema. Criando a “unidade”, o ritual do cadinho é purificador, e afasta os perigos dos entes malignos.

O centro desse sistema é a “unidade”, enquanto a “diferença” é sua antagonista. O imigrante (SAYAD, 1998), sendo aquele que por si só porta a diferença, por mais que tenha sido agraciado com a potencialidade da cidade de criar harmonia, deve também passar pelo ritual. Apagando-se as diferenças, o homem iguaçuense gerador de paz poderá existir, em um futuro cuja expectativa define o caráter da juventude a ser formada.

É interessante notar que, se em um primeiro momento admite-se que algo novo será formado, com o passar do tempo – e aqui refere-se às datas de publicação das reportagens – a ênfase recai sobre a “educação” e os “estudantes”. Portanto, foi-se inserindo nesse sistema que o elemento “forja” – por mais que não apareça explicitamente – do homem iguaçuense seria por meio da educação.

Esta mudança, entretanto, não altera o horizonte de expectativa da narrativa, somente complementa um dos conceitos formulados para dar-lhe sentido – o de cadinho etnológico. No seguinte parágrafo essa lógica fica evidente, destacando inclusive que a “diferença” está participando do processo:

Na escola, os alunos, **entre eles os de ascendência árabe**, estão preocupados com as pessoas e crianças que podem ser vítimas inocentes da guerra. Nas discussões **já chegaram a uma conclusão**: “Nada melhor que o diálogo e a tolerância para solução dos conflitos”. Para as aulas, **a professora preparou um cartaz com fotos da guerra retiradas da internet e de jornais. Ela também utiliza o globo terrestre para localizar a região do conflito e a partir daí discute com os alunos sobre os elementos de paz a exemplo do diálogo, tolerância, respeito “e o quanto o mundo seria melhor com esses ingredientes”**, destaca a professora. (S/A, 2003, p. 15)

Neste trecho temos tanto a evidência de que a diferença, na figura dos alunos de “ascendência árabe”, está participando do processo do cadinho, aqui personificado na educação. Por outro lado, revela como opera a transmissão dos

valores essenciais para a formação do homem iguaçuense e de um futuro de verdadeira paz, sem intromissões exteriores.

Com relação ao que se menciona sobre a Tríplice Fronteira, quando há possibilidade de que essa tome o lugar de destaque da cidade nas narrativas, trata-se logo de desviá-lo de volta à cidade, seja na mesma frase, no decorrer da argumentação ou na estrutura do texto.

A comunidade árabe de Foz do Iguaçu rezou ontem pelas vítimas da maior ação terrorista de todos os tempos. O presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico, Ali Said Rahal, condenou o atentado aos Estados Unidos e fez orações pedindo pela paz no mundo. **A cidade, que faz fronteira com o Paraguai e a Argentina, carrega o rótulo de triângulo do terror** por abrigar a segunda maior colônia árabe do Brasil, com cerca de 12 mil integrantes. Desde a tragédia em Nova Iorque, a região voltou a ser alvo de especulações. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

Neste parágrafo, é a cidade que carrega o rótulo de triângulo do terror, e não a região de que faz parte. Assim, mesmo admitindo a existência da Tríplice Fronteira, é para a cidade que se volta o foco quando se trata das acusações. Do mesmo modo ocorre nos trechos a seguir, mas, desta vez, o afastamento é feito ao longo do texto:

Mais que um gesto de cidadania, o manifesto pela paz realizado ontem abriu o caminho para uma missão de unidade e integração entre Brasil, Paraguai e Argentina. Ao se encontrarem no gramadão da Itaipu por mais de três horas, cerca de 40 mil pessoas entre brasileiros, argentinos, paraguaios, chineses, árabes, uruguaios, enfim, as mais de **65 etnias** fizeram um único compromisso: “uma prece pela paz”.

(...)

A mesma força pelo compromisso de cultivar a paz era visível tanto nas autoridades que chegavam dos três países: Brasil, Argentina e Paraguai, como na massa humana que ocupou todos os espaços à frente da concha acústica. “Isso mostra que a **cidade é uma terra de paz e não a cidade que estão falando**”, reforçou o casal Domingos Ferreira, 59, e Iracema Ferreira, 50. (...) (VENDRAME, 2001B, p. 03. *Grifos nossos*.)

No primeiro parágrafo diz-se que a missão de integração deve ocorrer entre os três países, “Brasil, Paraguai e Argentina”. Entretanto, no fim do parágrafo faz-se referência às “mais de 65 etnias”, argumento que é recorrente no que se refere à cidade em várias reportagens.

No decorrer do texto também há referências exclusivas à cidade, como no segundo parágrafo selecionado. Isto também é visto na fala do casal jovem no terceiro parágrafo, que admitem ter ido ao evento para “mostrar que Foz tem futuro” (VENDRAME, 2001B, p. 03), e não a Tríplice Fronteira.

Outra forma de refutação da ideia de unidade com a Tríplice Fronteira foi verificado na estrutura da reportagem “Manifesto pela paz reúne 500 pessoas em Foz” (VALIENTE, 2003B, p. 09). Durante todo o texto fala-se da festa que realizou-se por todo o Brasil e em Foz do Iguaçu também, além das referências à harmonia entre as religiões e o papel da juventude. O único elemento destoante, as “entidades paraguaias” que participaram e deram apoio ao evento, é retratado no último e menor dos parágrafos, ao lado do horário de encerramento das atividades.

Com relação às características que são elencadas a cada categoria em sua orientação temporal específica, não se pode afirmar senão que fazem parte da sua constituição e que são a base de valores das personificações de cada uma das categorias. Se a “personificação” é como o “corpo” da categoria, as “características” são seu “conteúdo”.

A comunidade árabe, nesse sentido, foi parte importante no processo de construção da narrativa. Ela participa na figura dos pioneiros, que auxiliaram na construção da cidade, mas também é retratada como um elemento que se dissolve ora na “cultura brasileira”, ora no “cadinho etnológico”.

Essa ambiguidade no que se refere à integração da comunidade ao Brasil ou à cidade também parece enquadrar-se na lógica temporal que propusemos neste trabalho. Quando se refere à nação e seu legado, a comunidade “absorve a cultura brasileira” (FONTANELLA, 2002, p. 20), mas quando o argumento se direciona para o futuro e à formação de algo novo, é enquadrada como um elemento do todo.

Há uma diferença entre a figura do árabe enquanto imigrante (SAYAD, 1998), e a figura dele como local promovendo o cadinho etnológico. Ambas parecem dialogar e dissolver-se no mesmo discurso. Quando visto na experiência, ele é exterior e de outro local; quando olhado sob o ponto de vista da expectativa, ele faz parte de um processo maior conduzido para a geração do homem iguaçuense.

4.3 O DISCURSO COMO RESPOSTA

Não se pode descartar o fato desta narrativa ser uma resposta a um contexto específico, qual seja o dos atentados de 11 de setembro e acusações explícitas, e muitas vezes nominais, contra a comunidade e, logo, contra a Tríplice Fronteira. Nesse sentido, é possível notar que os ataques às Torres Gêmeas

“desencadearam uma nova ordem de correspondência entre as incertezas sociais cotidianas sobre *nós* e *eles* e as inseguranças de um megaestado enfurecido” (APPADURAI, 2009, p. 82). Além disso, o incidente seria um ponto essencial que passou a conectar diferentes pontos da política global que, sob outros prismas, são bastante divergentes.

Essas ingerências, como visto no primeiro capítulo, criaram uma imagem que não era positiva para a Tríplice Fronteira, especialmente no que se refere aos interesses políticos vinculados às atividades realizadas na região. Estando a comunidade árabe no centro da discussão, era necessário criar uma narrativa que tanto a afastasse das acusações, quanto também afastasse da imagem do “árabe terrorista” da Tríplice Fronteira.

Nesse sentido, é possível afirmar que o discurso que sobre o qual se detém a presente análise é uma tentativa de afastar um estigma que recai sobre a Tríplice Fronteira e que envolve a presença da comunidade árabe, motivo pelo qual é necessário não somente incluí-la nas narrativas, mas defender seu caráter pacífico e tolerante.

O estigma, segundo Goffman (2006, p. 160), apesar de ser abordado a partir do âmbito pessoal, não implica necessariamente um conjunto de indivíduos concretos separados em dois grupos. Neste sentido, o autor denomina como “normais” aqueles indivíduos que se adaptam ao padrão estabelecido pela sociedade, e “estigmatizados”, os que sofrem as consequências da “não-adaptação”.

Os autores consultados são unânimes quando se trata de descrever a imagem que se atribui à região, que é incluída nos discursos concernentes à agenda de segurança global no pós-11 de setembro.

(...) La TF se convierte en metáfora de las “zonas grises” y de los amenazantes espacios a los que se atribuye imprevisibilidad, en el marco de discursos relacionados con agendas de seguridad, en la era del “terrorismo global”. Es a partir de ese momento que la TF aparece como soporte de vínculos entre eventos distantes, los atentados al *World Trade Center* de Nueva York, y circunstancias locales, como la concentración de inmigrantes árabes y las imputaciones de escaso control a los flujos comerciales que allí operan. La TF también fue construida por informes del Departamento de Estado de los Estados Unidos, por el discurso de funcionarios de los sucesivos gobiernos de Argentina, sin nunca perder su

impronta de “espacio transnacional”. (...) (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 17)⁴⁰

Nota-se a “TF” como uma construção realizada por atores políticos distantes, que viria a influenciar a forma de se enxergar a região. A própria escrita da nomenclatura “Tríplice Fronteira”, cujas iniciais maiúsculas a diferencia de tantas outras “tríplices fronteiras”, já demonstra a construção realizada em torno da região.

A utilização dessa primeira fórmula [tríplice fronteira] como substantivo próprio para nomear aquela tríplice fronteira específica ocorre paulatinamente após o atentado à *Asociacion de Mutuales Israelitas Argentinas*, em 1994. De modo distinto às outras formas de denominação em minúscula, a categoria Tríplice Fronteira é proposta e imposta por atores externos à região, estando associada à determinada forma de conceber a área, caracterizada pela falta de controle do movimento através dos limites internacionais que favoreceu o desenvolvimento de uma ampla gama de atividades ilícitas. Ao pressupor a existência de uma área particular caracterizada de determinada maneira, esta forma de denominação participa da criação desta área, possibilitando a emergência de um lugar (a partir de então, com um nome próprio que o identifica), ali onde estão em contato mais de três cidades, inseridas em tramas políticas, culturais, econômicas e demográficas interligadas, mas diferentes. (RABOSSI, 2011, p. 40-41)

A categoria “Tríplice Fronteira”, então, seria uma criação política e já traria em si própria elementos negativos que marcam a categorização da região enquanto local propício a atividades ilícitas. Pinheiro-Machado (2011, p. 127) corrobora esse ponto de vista ao afirmar que existe uma imagem depreciativa explorada de forma ampla por meios de comunicação hegemônicos. Nota ainda a utilização recorrente de termos como “terroristas”, “mafiosos” e “marginais” relacionados à região.

Macagno (2011) já havia notado as discrepâncias no que se refere à maneira pela qual os discursos sobre a Tríplice Fronteira são realizados, havendo alguns em tom mais acusatório, e outros que ressaltam visões harmônicas e pacíficas da região.

Como têm mostrado alguns dos trabalhos elaborados recentemente sobre a TF, enquanto as manchetes dos principais jornais produzem, acerca da região, notícias sobre terrorismo, narcotráfico, pirataria, evasão impositiva, violência urbana, máfias internacionais e tráfico de pessoas, outros meios –

⁴⁰ “(...) A TF se converte em metáfora da “zonas cinzas” e dos ameaçadores espaços aos que se atribui imprevisibilidade, no marco de discursos relacionados com agendas de segurança, na era do ‘terrorismo global’. É a partir desse momento que a TF aparece como suporte de vínculos entre eventos distantes, os atentados ao *World Trade Center* de Nova Iorque, e circunstâncias locais, como a concentração de imigrantes árabes e as acusações escasso controle dos fluxos comerciais que ali operam. A Tríplice Fronteira também foi construído por informes do Departamento de Estado dos Estados Unidos, pelo discurso de funcionários dos sucessivos governos da Argentina, sem nunca perder o rótulo de “espacio transnacional. (...)” (*Tradução nossa*)

estaduais e não estaduais – constroem narrativas de tolerância, celebração de diversidade, multiculturalidade, convivência interétnica e beleza tropical. (...) Por que o “inferno” e o “paraíso” podem sobrepor-se, sem que isto cause, aparentemente, alguma estranheza? (MACAGNO, 2011, p. 25)

O autor argumenta que há uma “conciliação imaginária” destes polos opostos na Tríplice Fronteira, enquanto produção e reprodução, e que isso se deveria a uma tensão entre o “nacional” e o “transnacional”. No caso de nosso estudo, não se trata de uma conciliação, mas uma construção discursiva que visa opor-se aos argumentos que compõem o primeiro bloco descrito pelo autor – aquele de notícias sobre “terrorismo”, “narcotráfico” e outros.

No presente trabalho, como já mencionamos, não se trata de analisar a interação entre indivíduos específicos ou entre os autores que redigiram os textos. Tampouco desconsideramos que os discursos são realizados por atores sociais (GILL, 2003) que respondem a determinado ao contexto em que se inserem e se movem no sentido de defender seus pontos de vista.

A partir da análise das reportagens e dos autores que compõem o primeiro capítulo, é possível afirmar que os discursos são respostas que também têm em sua formulação características que podem ser aproximadas do conceito de estigma de Goffman (2006).

O autor defende que existe um processo social em que os indivíduos participam dos dois papéis, ao menos em determinados contextos ou certas fases da vida. “Normais” e “estigmatizados” não são pessoas específicas, na acepção comum da palavra, mas sim *perspectivas*, criadas em situações sociais durante contatos mistos, em virtude de normas não verificadas que influenciam essa interação.

Contudo, ao mesmo tempo em que o estigmatizado se identifica e promove esforços para ser visto como “não diferente”, sabe que é definido como marginalizado. Essa autocontradição, afirma o autor, sugere que o indivíduo esforce-se para encontrar uma doutrina que dê um sentido consistente à situação com que se depara, elaborando, então, um código que pautará suas ações, resultante da própria estigmatização.

Los códigos que se presentan a los individuos estigmatizados, tanto explícita como implícitamente, tienden a cubrir determinadas cuestiones corrientes. Se les sugieren las pautas deseables de la revelación y el ocultamiento. (...) Otras cuestiones corrientes son: las fórmulas para manejar situaciones difíciles; el apoyo que debería prestar a sus iguales; el tipo de

fraternización que deberá mantener con los normales; cuáles son los prejuicios contra sus iguales que tiene que atacar abiertamente, y cuales ignorar; hasta qué punto debe presentarse como una persona tan normal como cualquiera otra, y hasta dónde aceptar un tratamiento ligeramente diferente; cuáles son los hechos relacionados con sus iguales de los que debe enorgullecerse; como debe “enfrentarse” con su propio estigma. (GOFFMAN, 2006, p. 130).⁴¹

Neste esforço por negar algumas diferenças, é criado um sistema de significados (DOUGLAS, 2012) que afasta ambos, comunidade e cidade, do rótulo de espaço propício ao desenvolvimento de atividades terroristas. Isso fica mais claro quando os argumentos são direcionados no sentido de afirmar que Foz do Iguaçu se manifesta, por exemplo, para “provar ao resto do Brasil e do mundo” (VALIENTE, 2003A, P. 09b, p. 09) que a comunidade árabe local está em paz e convive bem com o povo iguaçuense.

Criar uma narrativa que isente Foz do Iguaçu de envolvimento com atividades ilícitas, especialmente o terrorismo, passava por incluir a comunidade na narrativa, elemento sem o qual não faria sentido negar qualquer envolvimento com a violência em um momento que uma grande potência, como são os Estados Unidos, acusavam a Tríplice Fronteira, na figura de sua comunidade árabe de estar envolvida de alguma forma no que foram os atentados.

Isto explica porque nomear as acusações, ou mesmo os Estados Unidos, como “entes obscuros” e considera-lo “inimigo”. Explica também porque a diferença, para além da imigração que a evidencia, é um fator tão incômodo na narrativa, e porque a unidade então passa a ser o conteúdo daquilo que se chama “paz”.

Pois, segundo a narrativa, além de ser uma comunidade árabe em uma tríplice fronteira específica, é um grupo que não é mais como os que promovem a guerra no Oriente Médio, mas que já são brasileiros, de certa forma, e por isso já não pensam mais em violência. Como já trabalhado nesta dissertação, pauta-se também em uma visão orientalizada (SAID, 2007) do que é “ser árabe” e, de uma certa forma, também essencializa o que é “ser brasileiro”, na figura da cordialidade.

⁴¹ “Os códigos que se apresentam aos indivíduos estigmatizados, tanto explícita como implicitamente, tendem a cobrir determinadas questões correntes. É-lhes sugerida as pautas desejáveis da revelação e do ocultamento. (...) Outras questões correntes são: as fórmulas para manipular situações difíceis; o apoio que deveria prestar a seus iguais; o tipo de confraternização que deverá manter com os normais; quais são os preconceitos contra seus iguais que deve atacar abertamente, e quais ignorar; até que ponto deve apresentar-se como uma pessoa tão normal como qualquer outra, e até onde aceitar um tratamento ligeiramente diferente; quais são os fatos relacionados com seus iguais de que deve orgulhar-se; como deve “encarar” seu próprio estigma” (*Tradução nossa*).

Assim como em outros textos, pode-se citar como exemplo a seguinte passagem:

O empresário Abdul Rahal nasceu no Líbano, mas vive em Foz do Iguaçu há 42 anos. Ele reconhece que em seu país de origem há muitas diferenças culturais. Por isso, ainda que o Brasil tenha enfrentado crises econômicas graves, ele prefere ficar e apostar na região. (FONTANELLA, 2002, p. 20)

Como já visto no segundo capítulo, aqui se faz uma oposição entre “país de origem” e “Brasil”, na qual o primeiro é portador de “muitas diferenças” e o Brasil não. Ao colocar o Líbano desta forma, e identificar o Brasil como um local de tolerância e respeito, o primeiro acaba por se tornar o local da intolerância e da falta de respeito, pois foram as “características” deste segundo que levaram o empresário a optar por permanecer no país.

Essa visão orientalizada também pode ser vista no seguinte trecho:

As suspeitas, que recaem sobre os árabes como autores do atentado terrorista nos Estados Unidos, preocupam libaneses e palestinos que vivem na região de fronteira. A maior parte mora em Foz e tem negócios no Paraguai. A colônia apoia a causa palestina, mas se manifesta contra a violência. Cerca de 90% dos árabes e descendentes da região têm parentes no Líbano, onde Israel mantém sob controle um território denominado Sabáa. (IUNOVICH, 2001, p. 29)

Ao colocar “árabes” como suspeitos, evidencia-se que todo indivíduo cuja identidade possa ser classificada como tal seja suspeito dos atentados. Ao falar daqueles que se preocupam na fronteira, não se lhes nomeia como “árabes”, mas como “libaneses” e “palestinos”, afastando-os deste rótulo.

Portanto, é possível afirmar que um dos elementos a que a narrativa analisada responde é a associação da fronteira com essa visão de um “árabe violento e distante”, suspeitos dos atentados. Por outro lado, não é um discurso que tenta desconstruir essa imagem, mas a corrobora, uma vez que insere o elemento “árabe” no cadinho etnológico e o transforma, a partir da mistura com o “brasileiro”, em algo pacífico. Em conclusão, em vez de afastar-se desta imagem, a confirma.

Appadurai (2009), assim como Said (2007), também é crítico com relação à visão que se tem do Oriente, e especialmente do Islã. A partir dos ataques, com a atribuição dos ataques ao grupo Al-Qaeda, para o governo dos Estados Unidos, a imagem do Islã passou a ser fortemente associada ao terrorismo internacional. O autor ressalta que diversos outros casos de minorias associadas à violência já vieram à tona:

O mundo está cheio de minorias raivosas com o potencial para se organizar em células. Já observamos essa capacidade entre militantes sikhs, bascos, curdos, tâmile de Sri Lanka e outras minorias feridas que se tornaram comunidades diaspóricas globais. Assim, **não podemos nos permitir supor que existe algo no DNA do Islã que tem a capacidade de tornar minorias submissas em apavorantes.** (APPADURAI, 2009, p.85. *Grifos nossos*)

Assim, verifica-se um discurso que, para afastar da cidade uma imagem negativa, necessita afastá-la também de um grupo específico e, para isso, elabora um conjunto de significados que guia a reprodução dos acontecimentos relacionados a ambos, dentro de um contexto específico.

A “versão” que surge, então, tem uma orientação temporal, em que se visualiza um tempo presente na narrativa, e cujo passado e futuro sustentam-no conceitualmente, e sem os quais não seria possível criar um posicionamento, por exemplo, com relação a “inimigos”.

Por fim, está enquadrado em um sistema de significados que presume a existência de um padrão, a partir do qual se pode apresentar elementos destoantes do teor da narrativa, mas que também servem de sustentáculo a sua constituição. E, com isso, a narrativa visa deslegitimar esse “ente obscuro”, qual seja, as acusações de envolvimento com terrorismo na Tríplice Fronteira, elencando-o como algo errado e a ser evitado.

Nesse particular, Douglas (2012, p. 139) afirma que o indivíduo que polui, e, neste caso, a categoria, está a todo momento em erro. Estabeleceu-se em alguma condição pela qual não deveria passar ou ultrapassou algum limite que não deveria ter sido ultrapassado, o que o torna um ser desviante.

Esta categoria desviante, dotada de poder, portanto, submete a um perigo de poluição alguma categoria que não esteja prevenida contra suas capacidades. É um poder próprio da estrutura das ideias, por meio do qual a estrutura tenta proteger a si mesma (DOUGLAS, 2012, p. 140). Nesse sentido, o mundo simbólico é de suma importância para entender quem polui, quem está exposto à poluição e os medos que são gerados a partir dessa contingência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta inicial de investigação, a presente dissertação visava analisar a forma pela qual a comunidade árabe da Tríplice Fronteira foi retratada do jornal A Gazeta do Iguaçu, quando dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Nossa hipótese era a de que o discurso elaborado pelo periódico traria elementos de defesa à comunidade.

Entretanto, para além de advogar a favor da comunidade, chegou-se à conclusão de que o discurso em questão visava atenuar a imagem da própria cidade, que passava por uma abordagem da comunidade que refutasse os rótulos que a relacionavam com “terrorismo”, “financiadores de grupos terroristas” e outros.

Com um fluxo migratório contínuo que está quase por completar sessenta anos, a comunidade viu-se retratada, no período posterior aos atentados que abalaram a política mundial, como vinculada a ilicitudes e ao terrorismo internacional. Em resposta a esse contexto, uma mobilização política massiva foi posta em prática para frear a desabono ora observado.

Neste contexto, cria-se um discurso que não somente designa traços específicos da imigração árabe a Foz do Iguaçu, mas cria um sistema de significados que irá conduzir toda a retratação das manifestações favoráveis ao grupo, bem como os próprios “retratos” que dele foram feitos.

Tal sistema de significados pauta-se numa noção de pureza e de perigo, nos termos de Douglas (2012), em que há um elemento poluente que desagrega o caráter pacífico da cidade, e, por conseguinte, da comunidade. Retratado ora como “entes obscuros”, ora como “inimigos” – e esta última forma é a mais comum na amostra analisada –, refere-se às acusações então circulantes, que tomam a forma, mesmo que implicitamente, da “diferença” e da “desunião”.

Esse sistema também é orientado temporalmente, no sentido de que constrói um espaço de experiências e um horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006) da própria narrativa, que acabam por dar sentido ao argumento em seu “tempo histórico”, ou, para melhor definir, em seu tempo presente.

Dentro deste sistema, Foz do Iguaçu é caracterizada tanto como um “santuário”, quanto como um “cadinho etnológico”. O primeiro, que compõe o tempo presente da cidade, mas se orienta ao passado, retoma elementos relacionados à

nação brasileira. Nesse sentido, refere-se à cidade como um local sagrado, que guarda uma riqueza personificada em sua “gente”. Esta relíquia é incomum e não se encontra em outros lugares, e tal é assim que vive em perfeita harmonia com aqueles que marcam uma diferença, os imigrantes.

Tal convivência que é construída ao longo do tempo constitui Foz do Iguaçu, em seu presente, como um local singular, cujas peculiaridades são desbotadas por inimigos que desagregam seu caráter pacífico.

O cadinho etnológico, por sua vez, também situado no tempo presente, faz referência ao futuro. Enquanto o primeiro é estático e não sofre modificações, somente a intrusão dos entes obscuros, o segundo refere-se ao processo de “expulsão” desses seres malignos. Fazendo referência ao conceito de *melting pot*, a cidade seria o local onde as diferenças se misturam e forja algo novo para o futuro: sua juventude.

Essa juventude seria caracterizada pela paz intrínseca a sua criação, e representaria uma unidade em que as diferenças não teriam espaço para manifestar-se, e, portanto, na qual o inimigo não teria espaço para atuação. Sendo uma mistura do “brasileiro” com o “imigrante”, traria um caráter pacífico e consciente de seu papel no mundo: ser um exemplo para a paz.

Chama-se aqui esse futuro pela alcunha de “homem iguaçuense” esse produto da Terra das Cataratas, em referência ao homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda (1995), cujos traços também são notados ao longo da narrativa, especialmente no que se refere ao santuário.

Ambos, passado e futuro, experiência e expectativa, compõem o presente da cidade, cujos habitantes já demonstram sinais de unidade e que servem como exemplo para o resto do Brasil e do mundo, tanto por terem convivido longamente em harmonia, quando por estarem compondo algo novo e transformador para o futuro. Em vez de dois blocos separados e distantes, na verdade os dois aparecem difusos nos textos, que ora explicita um, ora o outro, e em alguns momentos coloca-os mesclados.

Ressalta-se o caráter do “brasileiro” como tolerante e respeitoso, e do “imigrante” (SAYAD, 1998) como aquele que se assimila ao primeiro para promover a paz, formando a unidade. Se no passado é tolerado, no presente absorve o “Brasil” e, no futuro, já não existe mais, restando somente o seu melhor. O “brasileiro” também não existe no futuro, mas dá a base para a mistura.

Aqui mostra-se o outro lado da narrativa. É necessário *fundir* o imigrante para dissipar as diferenças que lhe são inerentes, e permitem a atuação dos inimigos em solo iguaçuense. Trata-se de uma visão orientalizada (SAID, 2007) do que é ser árabe, associando à violência, intolerância e falta de respeito, e da qual se deve afastar os “árabes locais”, que “já absorvem a cultura brasileira” (FONTANELLA, 2002, P. 20).

Existiriam então os “árabes de lá” e os “árabes daqui”, cujas diferenças residiriam na distância temporal entre ambos, visto que os últimos já chegaram há muito tempo às terras brasileiras, e, principalmente, no fato de que os “daqui” já não são tão “árabes” por serem “brasileiros”.

Está é, portanto, uma narrativa orientada politicamente para defender não somente a comunidade árabe, mas a cidade de Foz do Iguaçu, independentemente da Tríplice Fronteira, que é discursivamente afastada da cidade. Eximir a comunidade das acusações e também isentar a cidade. Mas, note-se, que o que se diz sobre a cidade não ocorre em função da comunidade, mas o que se diz da comunidade é sim elaborado em função da primeira.

Em um contexto em que lutava-se argumentativamente contra as marcas que a Tríplice Fronteira carregava (GOFFMAN, 2006), quais sejam, a de um lugar em que os olhos do Estado não conseguiam enxergar direito, e que proporcionava então um ambiente propício a ilicitudes como o terrorismo, é circulado um discurso que se contrapõe a uma visão construída exteriormente à região.

Se demonstra um posicionamento discursivo contra os Estados Unidos, também revela uma gama de significados referentes ao que é a cidade de Foz do Iguaçu, ao que são as pessoas que vivem nessa cidade, e quais são seus atributos essenciais. É uma narrativa que se pergunta: “como responder a ameaças?”, mas também que se questiona: “o que somos antes de responder a qualquer ameaça?”.

O estudo que ora realizamos não se pretende conclusivo no sentido de fechar uma única questão referente ao assunto, mas se coloca como uma das interpretações possíveis dentre as tantas que podem ser elaboradas a partir do material colhido e do momento estudado. Clareá-lo não é somente responder a um problema de pesquisa, mas abrir uma série de caminhos futuros que podem ser tomados.

Muitas questões restam sem resposta: o discurso que se observou se preservou-se em outros momentos em que o tema “terrorismo” voltou às pautas

jornalísticas? O que terá permanecido e o que terá sido modificado? Algum outro meio chegou a reproduzir tal versão?

E, permanecendo, terá afetado a forma como a comunidade se enxerga? Terá afetado a forma como é enxergada? Se, como Fredrik Barth (1998, p. 194) afirma, os grupos étnicos são caracterizados tão somente pelas diferenças que os atores consideram significantes, terá algum argumento desta narrativa influenciado algum tipo de sentimento étnico específico? Ou será que foi influenciada por alguma dessas diferenças relevantes?

Estas são apenas algumas das questões que dançavam em nossa mente durante o processo de investigação e de escrita do relatório final. Não podendo, por ora, satisfazer-nos com qualquer resposta imediata, deixamos com este singelo esforço de pesquisa questões que têm, em nosso horizonte de expectativa, a possibilidade de se tornarem-se parte de nosso espaço de experiência, em algum dia de um futuro que se vislumbra tão instigante quanto as palavras que ainda não aprendemos para descrevê-lo.

REFERÊNCIAS

FONTES

CENSO 2010: Foz do Iguaçu, População residente por religião. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa>. Acesso em: 16/01/2014.

CENSO 2010b: Paraná - Foz do Iguaçu: Informações completas. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410830a>>. Acesso em: 07/09/2014.

DEPARTMENT OF STATE (Estados Unidos da América). **Patterns of Global Terrorism 2002**. 2003.

DEPARTMENT OF STATE (Estados Unidos da América). **Patterns of Global Terrorism 2003**. 2004.

DEPARTMENT OF STATE (Estados Unidos da América). **Country Report on Terrorism 2011**. 2012.

DEPARTMENT OF STATE (Estados Unidos da América). **Country Report on Terrorism 2013**. 2014.

ASSESSORIA. Hospitalidade da colônia árabe impressiona o ministro Hariri. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 12. Jun. 2003. Caderno 1, p. 6.

S/A. Um diálogo sobre a paz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu 9. Apr. 2003. Caderno 2, p. 15.

BEVERVANSO, M. Comerciantes árabes têm contas bloqueadas. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 10. Out. 2001. Caderno 1, p. 27. (2001a)

BEVERVANSO, M. Treinamento envolve 150 reservistas. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 20. Oct. 2001. Caderno 1, p. 32. (2001b)

C.A. Foz do Iguaçu de todas as crenças. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 16. Dec. 2001. Caderno 1, p. 10.

CAVALCANTE, R. Dois ingleses e o Oriente Médio. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 16. Dec. 2001. Caderno 1, p. 10.

FOLCH, C. Recessão “legaliza” Tríplice Fronteira. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 setembro 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,recessao-legaliza-triplice-fronteira-,934529,0.htm>>. Acesso em: 15/03/2014.

FOLHA, A. Moradores da “tríplice fronteira” realizam ato pela paz em Foz do Iguaçu. **Folha de São Paulo**, 11 novembro 2011. São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u40351.shtml>>. Acesso em: 15/03/2014.

FONTANELLA, J. Árabes já se integraram aos costumes brasileiros. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 24. dez. 2002. Caderno 2, p. 20.

GESING, L. Comunidade islâmica ameniza fome em Foz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 14 e 15. dez. 2002. Caderno 2, p. 36.

IUNOVICH, P. Árabes rezam por vítimas do terror, Foz do Iguaçu, 15. set. 2001. Caderno 1, p. 29.

LIMA, J. Encontro termina em samba e capoeira. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 15. dez. 2001. Caderno 1, p. 03.

LIMA, J. Cerca de 14 mil estrangeiros vivem em Foz do Iguaçu. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 23. Oct. 2012, p. a4.

PARO, D. Parlamentares dos EUA visitam Tríplice Fronteira. **Jornal A Gazeta do Iguaçu**, Agosto 2012. Curitiba. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=1284545&tit=Parlamentares-dos-EUA-visitam-Triplice-Fronteira>>. Acesso em: 15/03/2014.

PIMENTEL, R. Folha destaca campanha alternativa de Foz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 25. Mar. 2003. Caderno 1, p. 07.

SANTI, C. E. DE. A intolerância religiosa. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 16. dez. 2001. Caderno 1, p. 11.

SOUZA, J. A. Barakat condena perseguição a árabes. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 25. Oct. 2001. Caderno 1, p. 11.

VALIENTE, D. Manifesto pela paz reúne 500 pessoas em Foz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 17. fev. 2003. Caderno 1, p. 09. (2003A)

VALIENTE, D. Mil pessoas reúnem-se em abraço pela paz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 9. abr. 2003. Caderno 1, p. 09. (2003B)

VENDRAME, S. I. Fronteira inicia mobilização pela paz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 20. Oct. 2001. Caderno 1, p. 11. (2001A)

VENDRAME, S. I. Cerca de 40 mil pedem paz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 12. Nov. 2001. Caderno 1, p. 03. (2001B)

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, A. B. **A Tríplice Fronteira e a Guerra ao Terror**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, A. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, 2009.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. (Orgs.). **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p.187–227.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, H. A Escola de Chicago. **Maná**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177–188, 2006.

BUZAN, B. *et al.* **Security**: a new framework for analysis. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

CHAPOULIE, J. M. La tradition de Chicago et l'étude des relations entre les races. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, Online (Poitiers), v. 18, n. 3, 2002.

COYLES, A. Análise de discurso. In: BREAKWELL, G. *et al* (Orgs.). **Métodos de pesquisa em psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 362-381.

CUNHA, C. L. M. **Terrorismo internacional e a política externa brasileira após o 11 de setembro**. 216 f. Dissertação (Mestrado em Diplomacia) - Instituto Rio Branco, Brasília, 2009.

DESLAURIERS, J.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. *et al.* (Orgs.); **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p.127–153.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização - volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N. **Escritos e Ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Munique: Edições 70, 2008.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EUFRASIO, M. A. O surgimento da ciência social e da sociologia nos Estados Unidos. In: _____. **Estrutura Urbana e Ecologia Humana**: a escola sociológica de Chicago (1915-1940). São Paulo: Editora 34, 1999, p. 18-44.

FAIRCLOUGHT, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, M. A. F. S. **A política de segurança dos Estados Unidos e a Tríplice Fronteira no pós 11 de setembro**: uma análise dos interesses norteamericanos e o posicionamento brasileiro. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) -

Departamento de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GATTAZ, A. **Do Líbano ao Brasil**: historia oral de imigrantes. 2 ed. Salvador: Editora Pontocom, 2012.

GERMANI, G. La inmigración masiva y su papel en la modernización del país. In: _____. **Política y sociedade en una época de transición**: de la sociedad tradicional a la sociedad de masas. Buenos Aires: Paidós. 1962, p.179–216.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 244-270.

GOFFMAN, E. **Estigma**: la identidad deteriorada. 1 ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

GREEN, N. Tempo e estudo da assimilação. Tradução Marcelo Teixeira de Oliveira. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, 2008, p. 23–48.

HAJJAR, C. F. **Imigração árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo, 1985.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIRSCHMAN, C. America's melting pot reconsidered. **Annual Review of Sociology**, [S.l.], v. 9, 1983, p. 397-423.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KARAM, J. T. Atravessando as Américas: a “guerra ao terror, os árabes e as mobilizações transfronteiriças em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.” In: MACAGNO, L. (Org.); **A Tríplice Fronteira**: Espaços nacionais e Dinâmicas locais. 22 ed. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 203–231.

KNOWLTON, C. S. **Sírios e libaneses**: mobilidade social e espacial. São Paulo, 1960.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LARAIA, R. DE B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LENOIR, R. O objeto sociológico e o problema social. In: CHAMPAGNE, P. *et al.* (Orgs.); **Iniciação à prática sociológica** Petrópolis: Vozes, 1998, p.59–106.

MACAGNO, L. Representações (trans)nacionais e trajetórias: uma reflexão reliminar. In: MACAGNO, L. *et al.* (Orgs.). **A Tríplice Fronteira**: Espaços nacionais e Dinâmicas locais. 22 ed. Curitiba: Editora UFPR. 2011, p.39–61.

MONTENEGRO, S. Imigrantes árabes na fronteira sul-americana: narrativas de trabalho, religião e futuros imaginados. **Rever**, n. 1, 2013, p. 9–29.

MONTENEGRO, S.; BÉLIVEAU, V. G. **La Triple Frontera**: Globalización y construcción social del espacio. 1 ed. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006.

PINHEIRO-MACHADO, R. Caminhos del contrabando: la fiscalización en el Puente de la Amistad y sus efectos en la cotidianeidad de la Triple Frontera. In: BÉLIVEAU, V. G.; MONTENEGRO, S. (Orgs.). **La triple frontera**: dinámicas culturales y procesos transnacionales. 1 ed. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010, p.99–117.

PINHEIRO-MACHADO, R. Caminhos do descaminho: Etnografia da fiscalização na Ponte da Amizade e seus efeitos no cotidiano da Tríplíce Fronteira. In: MACAGNO, L. *et al.* (Orgs.). **A Tríplíce Fronteira**: Espaços nacionais e Dinâmicas locais. 22 ed. Curitiba: Editora UFPR. 2011, p. 127-146.

PINTO, P. G. H. R. As comunidades Muçulmanas na Tríplíce Fronteira: Significados Locais e Fluxos Transnacionais na Construção de Identidades Étnico-Religiosas. In: MACAGNO, L. *et al.* (Orgs.); **A Tríplíce Fronteira**: Espaços nacionais e Dinâmicas locais. 22 ed. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p.36–61.

POCOCK, J. G. A. O conceito de linguagem e o métier d'historien. In: _____. **Linguagem do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 63-82.

RABOSSI, F. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma reinterpretação. In: SEYFERTH, G. *et al.* (Orgs.); **Mundos em movimento**: Ensaios sobre migração. Santa Maria: Editora UFSM, 2007, p.287–312.

RABOSSI, F. Como pensamos a Tríplíce Fronteira? In: MACAGNO, L. *et al.* (Orgs.). **A Tríplíce Fronteira**: Espaços nacionais e Dinâmicas locais. 22 ed. Curitiba: Editora UFPR. 2011, p.39–61.

REA, A.; TRIPIER, M. **Sociologie de l'immigration**. Paris: La Découverte, 2003.

SAID, E. W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, R. C. M. E. Reordenação de identidade de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 2, 2008, p. 357–373. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 4/8/2013.

TANNO, G. A contribuição da escola de Copenhague aos estudos de segurança internacional. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2003, p. 47-80.

TRUZZI, O. M. S. **Patrícios**: Sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997.

WAEVER, O. Securitization and Desecuritization. In: LIPSCHUTZ, R. (Org.); **On Security**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1998.

WEBER, M. Relações Comunitárias Étnicas. In: _____. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 267-277.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - <i>CORPUS</i> DE REPORTAGENS CLASSIFICADO POR TÓPICOS, MARCOS TEMPORAIS E MESES	180
APÊNDICE 2 - LISTA DE REPORTAGENS SELECIONADAS.....	181

TÓPICOS	MESES POR MARCO TEMPORAL (MT)														TOTAL TÓPICOS	%TÓPICOS
	SET/01 A DEZ/01				NOV/02 A FEV/03				MAR/03 A JUN/03							
	set/01	out/01	nov/01	dez/01	nov/02	dez/02	jan/03	fev/03	mar/03	abr/03	mai/03	jun/03				
Comunidade	1	0	1	2	0	4	0	3	0	1	1	2	15	12,5%		
Segurança	7	12	3	0	0	5	1	0	2	0	0	0	30	25,0%		
Movimentos e atos públicos	2	5	9	3	1	1	0	3	5	4	0	0	33	27,5%		
Declarações políticas	2	2	6	0	2	2	1	0	7	0	0	0	22	18,3%		
Prisões e investigações	2	5	3	0	1	2	0	0	1	0	0	1	15	12,5%		
Mídia	0	0	1	1	1	0	0	0	2	0	0	0	5	4,2%		
TOTAL MENSAL	14	24	23	6	5	14	2	6	17	5	1	3	120	100%		
	TOTAL/MT				TOTAL/MT				TOTAL/MT				TOTAL/MT			
	67				27				27				26			
	%/MT				%/MT				%/MT				%/MT			
	55,80%				22,10%				22,10%				22,10%			

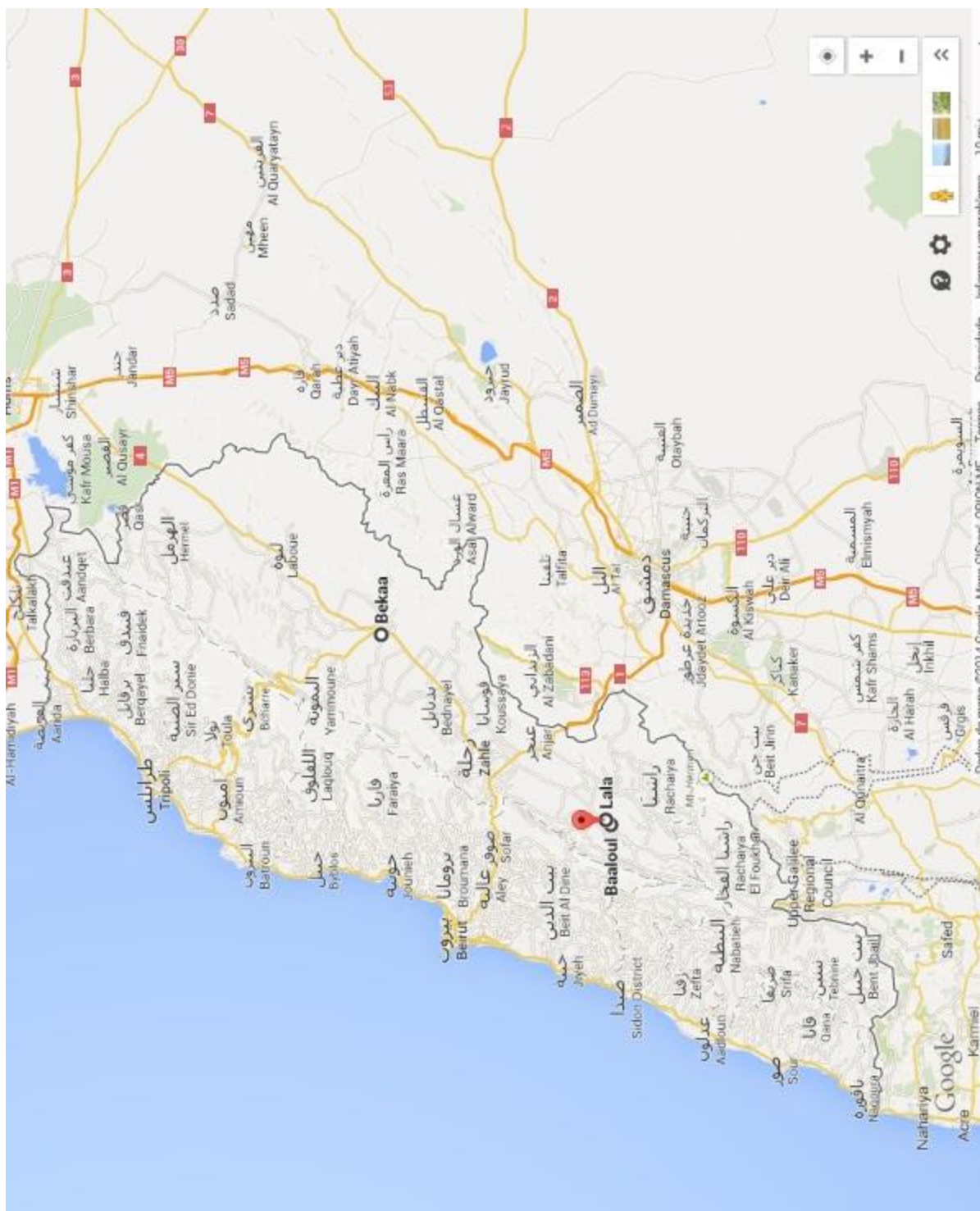
APÊNDICE 1 – CORPUS DE REPORTAGENS CLASSIFICADO POR TÓPICOS, MARCOS TEMPORAIS E MESES – FOZ DO IGUAÇU – PR
 FONTE: O AUTOR (2015)

	TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO	SEÇÃO	JORNALISTA
COMUNIDADE	Árabes rezam por vítimas do terror	15/09/2001	Cidade	Patrícia Lunovich
	Foz do Iguaçu de todas as crenças	16/12/2001	Cidade	C.A.
	A intolerância religiosa	16/12/2001	Cidade	Carlos E. de Santi
	Comunidade islâmica ameniza fome em Foz	14 e 15/12/2002	Cidade	Leila Gesing
	Árabes já se integraram aos costumes brasileiros	24/12/2002	Imobiliário	Juliana Fontanella
	Um diálogo sobre paz	09/04/2003	Discussão	Não consta
MOVIMENTOS E ATOS PÚBLICOS	Hospitalidade da colônia árabe impressiona o ministro Hariri	12/06/2003	Cidade	Da assessoria
	Cerca de 40 mil pedem paz	12/11/2001	Cidade	Sonia I. Vendrame
	Manifesto pela paz reúne 500 pessoas em Foz	17/02/2003	Cidade	Daniela Valiente
	Mil pessoas reúnem-se em abraço pela paz	09/04/2003	Cidade	Daniela Valiente

APÊNDICE 2 – LISTA DE REPORTAGENS SELECIONADAS – FOZ DO IGUAÇU – PR
 FONTE: O AUTOR (2015)

ANEXOS

ANEXO 1 - MAPA DO LÍBANO.....	183
ANEXO 2 - PEÇA PUBLICITÁRIAS DA CAMPANHA “FOZ, TODO MUNDO QUER VER” I	184
ANEXO 3 - PEÇA PUBLICITÁRIAS DA CAMPANHA “FOZ, TODO MUNDO QUER VER” II	185
ANEXO 4 - PEÇA PUBLICITÁRIAS DA CAMPANHA “FOZ, TODO MUNDO QUER VER” III	186
ANEXO 5 - “ÁRABES REZAM POR VÍTIMAS DO TERROR”	187
ANEXO 6 - “CERCA DE 40 MIL PEDEM PAZ”	188
ANEXO 7 - “FOZ DO IGUAÇU DE TODAS AS CRENÇAS”	189
ANEXO 8 - “A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA”	190
ANEXO 9 - “COMUNIDADE ISLÂMICA AMENIZA FOME EM FOZ”	191
ANEXO 10 - “ÁRABES JÁ SE INTEGRAM AOS COSTUMES BRASILEIROS” ..	192
ANEXO 11 - “MANIFESTO PELA PAZ REÚNE 500 PESSOAS EM FOZ”	193
ANEXO 12 - “MIL PESSOAS REÚNEM-SE EM ABRAÇO PELA PAZ”	194
ANEXO 13 - “UM DIÁLOGO SOBRE A PAZ”	195
ANEXO 14 - “HOSPITALIDADE DA COLÔNIA ÁRABE IMPRESSIONA O MINISTRO HARIRI”	196



ANEXO 1 – MAPA DO LÍBANO – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: GOOGLE MAPS

www.gazeta.com.br

FOZ DO IGUAÇU,
TODO MUNDO QUER VER,
INCLUSIVE ELES.




FOZ, TODO MUNDO QUER VER
O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AÍ,
QUE AINDA NÃO VEIO?

A GAZETA
DO IGUAÇU

ANEXO 2 – PEÇA PUBLICITÁRIA DA CAMPANHA “FOZ, TODO MUNDO QUER VER” I – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

www.compete

QUANDO ELES
ESTÃO DE FOLGA
DEIXAM O QUEIXO CAIR
EM FOZ DO IGUAÇU.



FOZ, TODO MUNDO QUER VER
O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AÍ,
QUE AINDA NÃO VEIO?

A GAZETA
DO IGUAÇU

ANEXO 3 – PEÇA PUBLICITÁRIA DA CAMPANHA “FOZ, TODO MUNDO QUER VER” II – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

20 • QUARTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2003

A GAZETA

www.computbras.com.br

www.gazeta.inf.br

QUANDO NÃO ESTÁ
DETONANDO O MUNDO
OSAMA BIN LADEN
CURTE A PAZ DE
FOZ DO IGUAÇU



FOZ, TODO MUNDO QUER VER
O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AÍ,
QUE AINDA NÃO VEIO?

A GAZETA
DO IGUAÇU

CAMPANHA PARA SALVAR O TURISMO, UMA DAS VÍTIMAS DO TERRORISMO SENSACIONALISTA.

GLIMA
Mata
Moradores
Romero Sa
Fotos: Robson S

As frequente
umadas ao foru
foz do Iguaçu
conocer o capim
na periferia e a
que acaba prej
opulação, q
do aumento da
casos, raios
além de répti
partos e até i
As recla
corriqueiras
Parque Pres
gão da Av
Rio, Jardir
Jardim Fes
pos do Ig
Central, i
"Tem até o
susta-se a
Leonilda L
to no Jard
que viu i
primeira
ficou ap
avistou a
residência
coral. A
também

ANEXO 4 – PEÇA PUBLICITÁRIA DA CAMPANHA “FOZ, TODO MUNDO QUER VER” III – Foz do Iguaçu – PR
FONTE: ARQUIVOS D’A GAZETA DO IGUAÇU

A GAZETA
CIDADE

SÁBADO, 15 DE SETEMBRO DE 2001 # 29

www.computbras.com.br

ORações em Foz

Árabes rezam por vítimas do terror

Eles incluíram os americanos mortos pelos terroristas nas orações na mesquita

patricia lunovich
Fotos: Robson Meireles

A comunidade árabe de Foz do Iguaçu rezou ontem pelas vítimas da maior ação terrorista de todos os tempos. O presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico, Ali Said Rahal, condenou o atentado aos Estados Unidos e fez orações pedindo pela paz no mundo. A cidade, que faz fronteira com o Paraguai e Argentina, carrega o rótulo de triângulo do terror por abrigar a segunda maior colônia árabe do Brasil, com cerca de 12 mil integrantes. Desde a tragédia em Nova Iorque, a região voltou a ser alvo de especulações.

As suspeitas, que recaem sobre os árabes como autores do atentado terrorista nos Estados Unidos, preocupam libaneses e palestinos que vivem na região de fronteira. A maior parte mora em Foz e tem negócios no Paraguai. A colônia apóia a causa palestina, mas se manifesta contra a violência. Cerca de 90% dos árabes e descendentes da região têm parentes no Líbano, onde Israel mantém sob controle um território denominado Sabáa.

Os primeiros imigrantes chegaram à região ain-

Árabes incluem vítimas do terror nas orações na Mesquita

da na década de 50, quando Foz não passava de um pequeno vilarejo. Hoje, ao lado dos chineses, os árabes dominam a maior parte do comércio paraguaio da fronteira. Líderes da comunidade argumentam que a Palestina é uma nação esquecida pela Organização das Nações Unidas, que teria dividido o País a partir de critérios racistas. Os árabes de Foz lamentam que o Estado de Israel tenha sido criado pela ONU, no dia 15 de maio de 1948, com

o voto do brasileiro Oswaldo Aranha.

O líder árabe disse que repudia e está chocado com o atentado terrorista sofrido pelos Estados Unidos. Ele lamentou ainda que a região e a comunidade sejam apontadas como suspeitas de abrigar integrantes de grupos radicais. "Nossa colônia existe em Foz há mais de 50 anos e nunca tivemos problema", ressaltou. Rahal lembrou ainda que a maior parte da comunidade é nacionalizada brasileira e ajudou a construir o progresso na região. Desde o episódio, os árabes temem ser alvo de xenofobia.

O presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico explica que há um equívoco quando se fala em aumentar a segurança na região por causa da grande presença árabe. Um dia antes, o ministro de Relações Exteriores do Brasil, Celso Lafer, disse

em Brasília (DF) que essa região merece cuidados especiais no setor de segurança. A declaração teria sido feita por causa das suspeitas de existência de células terroristas na região.

Os árabes de Foz e Ciudad del Este refutam as insinuações de que estariam apoiando grupos radicais. As suspeitas, que nunca passaram disso, de que células do Hezbollah e do Hamas estejam infiltradas na triplíce fronteira cresceram desde os dois atentados contra entidades judaicas em Buenos Aires, em 1992 e 1994, que deixaram 140 mortos. A região seria propícia para abrigar as lideranças terroristas porque suas fronteiras são vulneráveis à penetração clandestina de agentes, armas e explosivos. Contudo, nunca houve na região fatos associados ao terrorismo.

■ INICIATIVA

Campanha pela paz

Há cerca de três semanas, os árabes lançaram em Foz do Iguaçu uma campanha pela paz no Oriente Médio. Eles espalharam outdoors por toda a cidade com mensagens pedindo o fim dos conflitos étnicos. As placas de propaganda serão mantidas por um mês, a um custo de R\$ 6 mil para o empresário Kamal Osman. A comunidade árabe gostou da iniciativa e se prontificou a pagar metade das despesas. As placas publicitárias revelam que palestinos e israelenses optaram pelo caminho da harmonia em Foz do Iguaçu.

Kamal acredita que os árabes da Palestina e os is-

WORDPRINT INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Uruguai, 574- Jd. América - Foz - 573-6254

COMPRA DE CARTUCHOS DE TINTAS USADOS

HP 600 PRETO	R\$ 10,00
HP 600 COLOR	R\$ 10,50

RECARGA DE CARTUCHOS DE TINTA

HP 600/800 PRETO	R\$ 15,00
HP 600/800 COLOR	R\$ 20,00

Fabricamos todos os tipos de Fitas Matriciais
Consulte nossos preços (45) 573-6254

■ PARAGUAI

Prédio da Itaipu sob ameaça de bombas

O prédio da Itaipu Binacional, em Assunção, parou por alguns momentos por causa de duas ameaças anônimas de bomba. Tudo não passou de especulação. Mesmo assim, por precaução, a segurança foi reforçada no prédio, temendo ações terroristas. Desde o atentado, a direção da Binacional decidiu suspender as visitas à usina por medida de segurança.

Por causa das ameaças, o prédio foi rastreado pela polícia paraguaia, a pedido do diretor paraguaio da usina, Frederico Zayas. Um atentado contra a represa, construída por Brasil e Paraguai, na região entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu, teria consequências inimagináveis, indicaram especialistas. Após uma minuciosa inspeção do local por agentes especializados da polícia, a rotina voltou ao normal.

BioNova

Soluções médicas para seus problemas de estética

Celulite? Flacidez?

Soluções terapêuticas:

Bio-Laser Endermologia

Rui Barbosa 778 - quinto and

Fone: 523-770

ANEXO 5 – “ÁRABES REZAM POR VÍTIMAS DO TERROR” – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

CADERNO 1
#DIA DA PRECE

A GAZETA CIDADE

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 2001 # 03

Cerca de 40 mil pedem paz

Mais que um compromisso pela cidadania, população começou ontem a caminhada pela paz

Sônia Inês Vendrame
Fotos: Robson Meireles

Mais que um gesto de cidadania, o manifesto pela paz realizado ontem abriu o caminho para uma missão de unidade e integração entre Brasil, Paraguai e Argentina. Ao se encontrarem no gramado da Itaipu por mais de três horas, as cerca de 40 mil pessoas entre brasileiros, argentinos, paraguaios, chineses, árabes, uruguaios, enfim, as mais de 65 etnias fizeram um único compromisso: "uma prece de fé pela paz".

O primeiro passo de um grande gesto foi marcado por música, apresentações, soltura de balões e pronunciamentos de repúdio à guerra e pedidos de unidade. O evento, o maior de todos os tempos, também foi marcado pela assinatura do convênio trinacional para o desenvolvimento turístico da fronteira (ver matéria na página 5), e show do conjunto nacional Roupas Nova.

A comunhão mostrada pelos moradores acabou sendo testemunhada também pelo sol – fator decisivo para levar ao gramado que ainda temia pela chuva do final de semana. “Vim para mostrar que Foz tem futuro”, resumiu o casal de namorados, Cristina Martins, 16, e Eder Freitas, 19.

A mesma força pelo compromisso de cultivar a paz era

visível tanto nas autoridades que chagavam dos três países: Brasil, Argentina e Paraguai, como na massa humana que ocupou todos os espaços em frente à concha acústica. “Isso mostra que a cidade é uma terra de paz e não a cidade que estão falando”, reforçou o casal Domingos Ferreira, 59, e Iracema Ferreira, 50.

Quando os primeiros corais subiram ao palco, a cidade recebia as primeiras sombras da noite. A música ecoava e ganhava o coro de vozes de cerca de 40 mil pessoas – segundo estimativa da Polícia Militar. “Desde o início até agora, às 20h40, já passaram 40 mil”, estimou um policial. “Estive com toda a família e já levei as crianças para casa e voltei”, atestava o comerciante Márcio Francisco, 36.

Os pronunciamentos das autoridades foram de repúdio à hipótese de a fronteira estar abrigando terroristas. “Podemos ser acusados de uma única coisa, de trabalharmos”, disse o governador de Alto Paraná, Jovino Urunga (PC). O governador do Paraná, Jaime Lerner (PFL), foi recebido com vaias. Apesar do constrangimento ele também repudiou o processo de retaliações, ele assegurou que a unidade da fronteira “é mais forte do que qualquer tentativa de estigma”.

Bandeira da paz ganhou unidade entre os três países

Em entrevista, o governador disse não poder entender o motivo das vaias e deduziu que o protesto teria sido como autores “descontentes com a greve no setor de educação”. O prefeito de Foz do Iguaçu, Sâmias da Silva (PMDB), foi taxativo. “Nesta terra o único sentimento é o de paz.” A mensagem foi reiterada pelos seus colegas vizinhos, os prefeitos, Timóteo Lleria, de Puerto Iguazú, e Alicia Martinez, de Ciudad del Este.

Oração – As proclamações mais claras e diretas contra a guerra e injustiças sociais vieram dos representantes das 23 religiões. Eles foram unânimes em recriminar o ataque dos Estados Unidos contra o Afeganistão. Consideraram que o proces-

so de represália aos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono deveriam ter como critério de sanção, a justiça e não as armas.

Como ato de solidariedade às vítimas da chacina foi realizado um minuto de silêncio. Como gesto para os mais de cinco mil mortos, todos os presentes rezaram a oração do “Pai Nosso”. Era possível ouvir entre a multidão a prece sendo rezado em diversas línguas. Foz, considerada o berço das etnias, abriga 65 nacionalidades.

Elas foram mostradas através dos trajes típicos e das bandeiras de cada país. Os símbolos desfilarão até o palco principal, trazidos por seus representantes. Como demonstração de unidade, uma bandeira de mais

de 12 metros quadrados – símbolo do “Paz Sem Fronteiras” – foi hasteada no palco. No bico do pombo, folhas nas cores das bandeiras dos três países.

A festa, de mais de três horas, emocionou o público. O choro era um sentimento partilhado por muitos diante do espetáculo de cores provocados pelos fogos e das ginastas que vieram especialmente de Toledo para colorir o encerramento com o canto “Amigos Para Sempre”, orquestrado pelos corais da Itaipu brasileira e paraguaia.

“Iniciamos um grande passo para um gesto permanente”, resumiu o coordenador do movimento “Paz Sem Fronteiras”, empresário Faissal Saleh. O movimento já ganhou força, podendo ser repetido todos os anos. “Uma ideia nasceu e ganhou adesão permanente. O poder de mobilização da fronteira tem sido maior que as críticas e acusações feitas sobre a fronteiras”, estimou Saleh.

Mais uma conquista da Gazeta

A consolidação de A Gazeta do Iguaçu, comprovada no transcurso de mais este aniversário, engrandecida a imprensa paranaense e é motivo de justa homenagem.

Fazendo do respeito à ética e da busca permanente da verdade a sua pauta diária, a equipe de A Gazeta do Iguaçu oferece aos leitores do jornal as notícias que escrevem a história do Paraná e do Brasil.

Parabéns a todos os jornalistas, gráficos, funcionários e diretores de A Gazeta do Iguaçu por mais esta conquista.

Jaime Lerner Governador do Paraná

Um toque de glamour em sua cerimônia

Existem momentos únicos, onde a elegância é indispensável e primordial. Pensando nisso, a AcquaTur Turismo trouxe uma linda Limusine Cascom com muito conforto e comodidade para: Casamentos - Debutantes - Bodas - Eventos Empresariais

Consulte-nos.

Fone: (45) 529-95

Foz do Iguaçu Região.

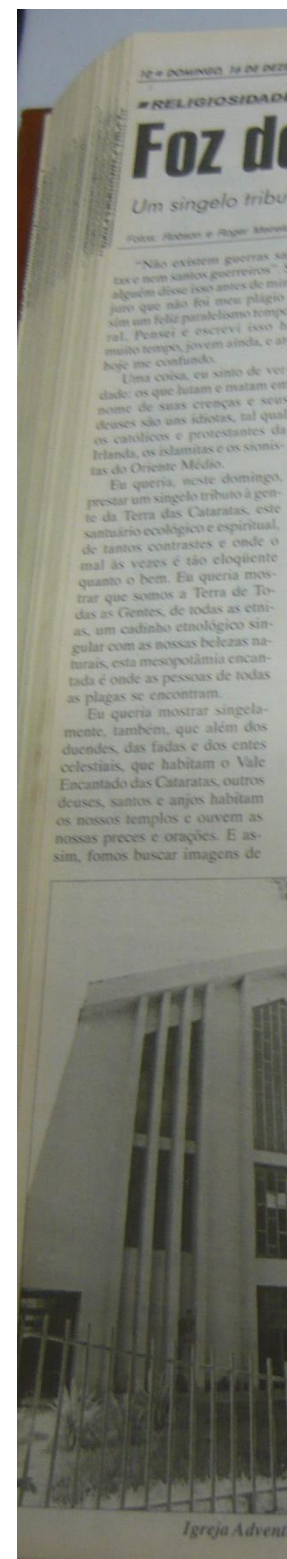
As mais de 65 etnias desfilaram com trajes e símbolos típicos de cada país

Brasil, Paraguai e Argentina unidos em um mesmo sentimento

UAU! TODA LINHA DE VEÍCULOS 2001 COM TAXA 0%

0%
DE JUROS

522-2348
Autoes
Home Page: www.autoes.com.br
E-mail: autoes@autoes.com.br



ANEXO 7 – “FOZ DO IGUAÇU DE TODAS AS CRENÇAS” – FÓZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

A GAZETA CIDADE DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO DE 2001 # 11

A intolerância religiosa

Carlos Eduardo de Santi

Dentre os maiores tabus da humanidade, a religião é, sem dúvida, a que suscita maior desconfiança, reflexão e expectativa. Quem nunca quis saber o que acontece com as pessoas após a morte? Ou, quando será o dia do juízo final? Ou, ainda, se é possível comunicar-se com os mortos e reencarnar?

Na verdade, a resposta a essas e outras perguntas somente Deus pertence. A fé é o alimento que nutre de esperança e devoção o culto aos dogmas religiosos.

Se voltarmos no tempo e analisarmos a conjuntura geopolítica da Idade Antiga, veremos que havia pouca interação dos povos mais distantes. Assim, suas culturas se limitavam a áreas geográficas restritas. O Império Romano, por exemplo, que deu origem ao que chamamos de "história da cultura ocidental", ocupou "ape-

nas" parte da Europa e do Oriente Médio, além de regiões do norte da África. Na visão do Ocidente, os costumes, as crenças, são todos baseados na linhagem romana, da qual surgiu o Cristianismo.

Mas em outros cantos do mundo, como no sul da Ásia, na China ou na África Subsaariana, haviam culturas totalmente distintas, monoteístas (que cultuavam um único deus) como os judeus e os muçulmanos, ou politeístas (que acreditavam em vários deuses) como os xintoístas, hinduístas e budistas, além das diversas crenças de tribos africanas, indígenas (Américas) e aborígenes (Oceania e Ásia Menor).

Como na época não havia intercâmbio cultural, era impossível os índios americanos tomarem conhecimento dos milagres de Cristo ou os aborígenes australianos seguirem os mandamentos de Moisés.

Na realidade, Deus enviou aos diversos e diferentes povos instrumentos para que cada um deles pudesse chegar até Ele. Desde os profetas, mensageiros da palavra de Deus – sempre as melhores pessoas de sua comunidade, moral e intelectualmente –, até elementos da natureza que retratam dádivas divinas nas religiões politeístas, o fundamento essencial da crença é venerar o Criador acima de tudo.

Deus, como Pai supremo do Universo, não privilegiaria um determinado povo em detrimento dos outros.

Assim, independente da religião na qual acreditamos e seguimos, mais importante é ter maturidade o suficiente para entender que o Deus todo-poderoso é único, onisciente e onipresente, e respeitar todas as religiões e seus seguidores. Em nenhuma delas pregam-se guerras ou perseguições, mas o amor ao próximo e a paz entre os povos.

**Carlos Eduardo de Santi, médico veterinário*

Igreja Metodista

Fotos: Robson Meireles

Centro Espírita "Os Mensageiros"

Igreja Luterana

Capela de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmon)

Mesquita Islâmica

34+ SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15 DE DEZEMBRO DE 2003

A GAZETA CIDADÊ

AJUDA HUMANITÁRIA

Comunidade islâmica ameniza fome em Foz

18 entidades e 250 famílias pobres receberam cestas básicas; foram distribuídas 10 toneladas de alimentos

Leila Gesing
Fotos: Roberto Marinho

A situação de miséria e fome hoje no País é preocupante e depende da ajuda de entidades não-governamentais, através da organização da sociedade civil. Contribuindo para eliminar o grande flagelo mundial, a comunidade islâmica de Foz do Iguaçu doou ontem, para 18 entidades da cidade, mais de dez toneladas de alimentos. As milhares de cestas básicas ajudarão também 25 famílias pobres a passar um Natal mais alegre e sem fome.

Através da entrega de alimentos para pessoas carentes, a comunidade islâmica mostra que é parte de uma coletividade e que não se isenta do seu papel social para que as mudanças aconteçam na sociedade. As cestas doadas já são tradição anual dos árabes e muçulmanos que vivem na fronteira e acontece há mais de 18 anos.

Durante o mês de jejum (Ramadã), árabes e muçulmanos fazem diversas doações espontâneas. O Centro Cultural Islâmico, por sua vez, organiza a ação para alcançar o maior número possível de famílias em situação de extrema miséria na cidade.

Segundo a autoridade máxima, sheik Taleb Jomaa – representante do mufti da República Libanesa no Brasil –, depois de passar 30 dias de jejum fazendo esforço e sacrifícios, abstendo-se de qualquer conforto ou coisas supérfluas, vem a bonança espiritual e o homem se torna mais humanitário.

"A comunidade islâmica faz as doações por amor e solidariedade. Mais do que qualquer palavra, as ações falam por si", declarou o sheik Jomaa. Para a diretora da entidade Bom Pastor, Elizabete Mendes, o presente de Natal veio em boa hora. "Fazemos o possível para atender mais 50 famílias. Mas mais de 200 nos procuram, por isso a iniciativa do Centro Islâmico é um exemplo."

Outra entidade que também recebeu ajuda foi a Nossa Canto, que trabalha hoje com 125 crianças, a maioria carente. Segundo a representante Enaide Avelar Gusbert, a data próxima ao Natal desperta o espírito de solidariedade nas pessoas e isso deve ser seguido para que todos tenham direito a um Natal mais justo, sem fome e em paz. "Só quem sente na pele a fome vivida nos bolsões de pobreza é que sabe o quanto fará diferença esta ajuda. As famílias sem dúvida agradecem."

Famílias que terão um Natal sem fome

ESPIRITO NATALINO

Coca-Cola traz carreata de Natal a Foz na terça

A Carreata de Natal da Coca-Cola chega nesta terça-feira, dia 17, a Foz do Iguaçu. A partir das 20h30, com saída em frente ao Posto do Beto, na Vila A, os caminhões e demais veículos deixarão um rastro de magia e solidariedade para a comunidade de Foz do Iguaçu.

O roteiro da Carreata de Natal será o seguinte: saída do Posto do Beto, na Vila A, passando pelo centro, Boicy, Maracanã, Cohapar I, Jardim Panorama e Morumbi. Serão feitas duas paradas: uma em frente à Igreja do Morumbi e outra no Gramadão da Vila A. Participe e lembre: "Neste Natal, a magia é para todos".

Carreata de Natal percorre várias ruas

Arapuka
Conflitos e labirintos do paraíso
um livro de ROGERIO BONATO
Reserve seu exemplar!
523-3606
Rua Almirante Barroso, 1273

Elizabete: "Ajuda é muito bem-vinda"

Enaide: "Só quem vê a pobreza nas favelas sabe o que é a fome"

Show ao vivo com **Beppi e seus Solistas**
Início às 23:00 horas
INFORMAÇÕES: 521-3000
www.carima.com.br
carima@brazilcarima.com.br
Bristol Carima

ANEXO 9 – "COMUNIDADE ISLÂMICA AMENIZA FOME EM FOZ" – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

20ª TERÇA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 2002

A GAZETA
IMOBILIÁRIO

COMPORTAMENTO

Árabes já se integraram aos costumes brasileiros

Imigrantes e descendentes que ficaram em Foz após a crise já absorvem cultura brasileira; paixão pelo País nasceu do respeito às diferenças

Juliana Fontanella
Fotos: Roberto Moreira

Para os imigrantes de origem árabe em Foz do Iguaçu, o respeito às diferenças e tolerância do brasileiro é uma riqueza do País. A colônia viu centenas de pessoas saírem da fronteira em busca de melhores oportunidades de negócios, a maior parte deles ainda está no Brasil. Este comportamento é, segundo as lideranças, uma prova de que a nação conquistou o coração dos imigrantes.

De acordo com Mohamed Ismail, presidente da Associação Árabe Brasileira e diretor da Assopartes, as pessoas que ficaram em Foz do Iguaçu depois da crise não querem sair do Brasil. Por isso, ainda que a quantidade de famílias a deixar a cidade este ano tenha sido grande, aquelas



Fouad: "Não somos mais estrangeiros"

que ficaram já adotaram a região da fronteira como residência permanente.

"Nós escolhemos esta terra para a próxima geração, investimos aqui. Hoje, há uma grande expectativa em relação à fronteira. Hoje, estamos nós reerguendo e, se pudermos

contar com o apoio do poder público, em breve vamos colher os frutos deste esforço coletivo".

Desde o início dos conflitos na Palestina, os pioneiros de origem árabe e seus descendentes assistem à violência à distância. As atrocidades da guerra, levam a comunidade às lágrimas. Esse é mais um motivo para que aqueles que vieram há duas, três décadas, terem escolhido Foz do Iguaçu como segundo lar.

Escolhas

O empresário Abdul Rahal nasceu no Líbano, mas vive em Foz do Iguaçu há 42 anos. Ele reconhece que em seu país de origem há muitas diferenças culturais. Por isso, ainda que o Brasil tenha enfrentado crises econômicas graves, ele prefere ficar e apostar na região.

"Aqui existe respeito às diferenças culturais, por mais nítidas que sejam. No Brasil fazemos negócios com judeus, italianos, gente de várias etnias. Nosso povo vem em busca de riqueza e encontra uma gente preciosa. Agora que há dificuldades, investimos mais ainda, porque essa é nossa terra também", disse.

A integração está acontecendo de forma rápida, as novas gerações já incorporaram valores locais, sem perder a referência de suas origens. Este é um dos aspectos que segundo o empresário Fouad Mohamad



Comunidade adotou o Brasil pela tolerância racial

Fakih está promovendo a permanência das famílias em Foz.

Ele acredita que a mudança acontece silenciosamente, ano a ano. Assim como a globalização, o processo é inevitável e trará

contribuições para os dois lados. Um exemplo seria a adoção de costumes de outros povos. Por exemplo, unir a hospitalidade árabe, à cordialidade brasileira e à diplomacia chinesa.

"Tudo isso hoje se mes-

cla, mas daqui a dez, quinze anos, serão aspectos de uma cultura própria da gente de Foz do Iguaçu. Os patrios que ficaram, não sentem-se mais estrangeiros. Somos um povo só", concluiu.



Integração de culturas, como a chinesa, é benéfica para todos



ASSOCIAÇÃO DE CORRETORES
DE IMÓVEIS DE FOZ DO IGUAÇU
Av. Olímpio Rafagnin, 2635 sala 11

CORRETOR RESPONSÁVEL: JOSÉ ANTERO DA SILVA
CRECI Nº 9276 F

016 Terreno c/ 408m² - Campos do Iguaçu
017 Terreno c/ 450m² - Portal da Foz
019 Terreno c/ 360m² - Jd. Panorama
022 Terreno c/ 490m² - Pq. Presidente
025 Terreno c/ 612m² - Jd. Eliza
030 Terreno c/ 383m² - Parque Presidente
032 Terreno c/ 616m² - Jd. Festugato
021 Área c/ 5.531m² - Jd. Guarapuava
037 Área c/ 1.960m² - Vila Yolanda
033 Área c/ 2.036m² - Centro

013 Chácara c/ 6.000m² - B. Carimã
023 Chácara c/ 40.042m² - Prox. Iate Clube
034 Chácara c/ 1.440m² - B. Carimã
036 Chácara c/ 2.269m² - B. Carimã
001 Chácara c/ 4.919m² - R. Teodoro Riden
008 Chácara c/ 4.925m² - R. Teodoro Riden
031 Chácara 24.000m² - Prox. Albergue Juv.
026 Loteamento Santa Terezinha - Parcelado
043 Terreno c/ 1.570m² - B. Carimã
044 Terreno c/ 442,56m² - Jd. Guarapuava
045 Salas comerciais c/ 450m² - centro
053 Ter. R. Francisco L. Gomes - Jd. Panorama

010 Sobrado c/ 300m² - Vila Yolanda
004 Casa c/ 60m² - R. das Palmas
014 Casa c/ 3 quartos - Campos do Iguaçu
027 Casa c/ 150 m² - Conjunto Libra III
029 Prédio 2 pisos - Centro
035 Casa c/ 2 quartos - Campos do Iguaçu
038 Casa - Jd. Elisa
039 Sobrado c/ 122,78 m² - Jd. Central
041 Casa c/ 3 quartos - Watisslarf Boarski
042 Casa no centro - Rui Barbosa
040 Barracão 700m² - Vila Yolanda
007 Área com 16.295m² - Portal da Foz
002 Terreno c/ 490m² - Pq. Presidente
003 Terreno c/ 490m² - Pq. Presidente
005 Terreno c/ 786m² - R. Epitácio Pes
006 Terreno c/ 680m² - R. Epitácio Pes
020 Terreno c/ 420m² - Jd. Panorama I
009 Terreno c/ 627m² - Centro
011 Terreno c/ 577 m² - Jd. Lindóia
012 Terreno Jardim São Paulo
046 Sobrado c/ 118,30m² - V. Adriana
051 Casa de Alvenaria - 3 qtos Jd. Naci
052 Apto c/ 50m² Pilar Parque (quitado

LIGUE PARA UM DE NOSSOS CORRETORES

Alzira	526-6730	Estevam	525-3627	Dalva	522-6
Eder	9975-6264	Elza	574-4231	Antero	526-6
Larry	523-9199	Sotti	523-1003	Odair	541-1
Oswaldo	572-4596	Paulo	9963-7744	Raul	523-1
Sirlei	523-6656	Sissimara	523-1892	Tibiriça	523-1

CORRETO!

Um plano de consórcio certo para v



"O Imóvel que você
acha DIFÍCIL,
a ZUK acha fácil!"

Se VOCÊ está interessado em comprar, vender, trocar, alugar ou
avaliar o SEU imóvel, VISITE-NOS.

Em nosso sistema de cadastro interativo clientes especiais
aguardam o registro de SEU imóvel para negociá-lo.

*Desejamos a todos um Natal de muita
Paz, Lux e um próspero Ano Novo*

Rua Mal. Floriano Peixoto, 1640 - centro
Foz do Iguaçu - PR

(45) 574-5587

ANEXO 10 – "ÁRABES JÁ SE INTEGRAM AOS COSTUMES BRASILEIROS" – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

CONTENIDO 1

A GAZETA
CIDADE

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 2003 # 09

EVENTO

Manifesto pela paz reúne 500 pessoas em Foz

Elaborado a partir do Fórum Social, manifesto acontece em mais de 530 localidades

Daniela Valiente
Fotos: Roger Meireles

No último sábado milhares de pessoas foram às ruas para participar de manifestos pela paz mundial. Em Foz do Iguaçu a festa tomou as ruas e praças, e em Foz do Iguaçu a atividade tomou conta de uma das principais praças da cidade.

A mobilização teve início logo pela manhã com a chegada de grupos e artistas que realizaram apresentações. A possibilidade dos Estados Unidos desencadear uma nova guerra com o Iraque levou pelo menos 500 pessoas à Praça das Nações (do Mitrê) para ler atos públicos, poesias e até cantar a paz.

Entre as 64 etnias existentes na cidade, a maior representatividade era de palestinos. Em perfeita harmonia, católicos, evangélicos, muçulmanos se confraternizavam. Além das lideranças estudantis, o evento também contou com a presença de lideranças políticas, religiosas e populares.

A manhã foi programada com shows artísticos e

Movimento levou 500 pessoas à Praça das Nações, onde ocorreram várias manifestações artísticas

performances teatrais, além de música e uma exposição com fotos da mostra sobre o III Fórum Social, que aconteceu há 15 dias em Porto Alegre, intitulada "Um outro olhar é possível".

O Grupo Katana e atores da Casa do Teatro fizeram apresentações e arrancaram aplausos do público. Como tema a exploração do mundo e a violência causadora da guerra. Aqueles que foram somente para assistir ainda ficaram surpresos com a quantidade de militantes pela paz. Entre bandeiras e faixas, os manifestantes entoavam palavras de ordem e pediam para que o mundo visse Foz como um exemplo. "Deveríamos com certeza sermos tomados como exemplo de boa convivência. Num local onde tantas etnias se encontram, o clima de harmonia sempre prevaleceu", comentou o empresário Kamal Osman, da comunidade muçulmana que esteve no ato. "Espero que nossa voz se some a 65%; a 80% das pessoas no mundo que estão contra a guerra e a opressão."

Para dom Manuel José da Rosa, bispo da Igreja Católica Brasileira em Foz, a convivência e a harmonia dentro da fronteira são como presentes. "Somos uma única aldeia, filhos do mesmo pai." Dom Manuel ainda confirmou que o interesse dos brasileiros em relação à guerra deve existir mesmo com a distância dos povos, "afinal não é justo que sejamos indiferentes com a vio-

lência que explode lá fora".

O médico José Elias Aiex Neto também compartilhou a opinião do bispo ressaltando que a cidade poderia servir de modelo para muitos outros países. "Demos mostras concretas da nossa convivência pacífica e de nossas conquistas nas últimas eleições."

Jovens

A maioria dos participantes era de jovens que envoltos em bandeiras e cartazes permaneceram durante todo o evento na praça. A força da juventude foi reconhecida por muitas autoridades, e a mobilização feita através de centros acadêmicos e demais entidades obteve o sucesso desejado. "Sabemos que hoje é muito complicado reunirmos as pessoas por um motivo tão simples que é a paz, mas na medida do possível conseguimos a colaboração da comunidade", disse a militante do PCdoB Paola Fernandes, uma das organizadoras do evento.

Parte da indignação de alguns estudantes como Jefferson Braga Júnior, de 22 anos, foi revelada através de cartazes amarrados no próprio corpo. "Dentro dos Estados Unidos 56% das pessoas são contra a guerra, e nós fazemos parte de uma juventude que também vai sentir os terrores desse confronto", falou. Para ele, durante toda história do Brasil, os jovens tiveram papel fundamental nas mudanças sociais. "Hoje estamos vivendo em época diferente e o papel do jovem é mais tranquilo, mas acredito que estamos fazendo a nossa parte."

A tecnologia e a Internet também foram citadas pelo padre Giuliano Inziz como pontos agravantes da ameaça de guerra. "A Internet hoje é responsável pelos relacionamentos interpessoais, e conhecemos o mundo através dela; logo sabemos o que acontece em outro país e vai nos afetar."

Com menos crença nas conversas e mais empenho no trabalho,

o professor Ildo Carbonera participou ativamente do encontro, doando livros e cantando para a plateia. "O problema é que não estou preocupado com a guerra, sempre achei que as crises fazem a gente crescer, o problema é a violência." Carbonera ainda comentou que enxerga a participação popular de maneira preocupada. "As pessoas ainda precisam ser sacudidas, acordadas." Para ele, a principal alternativa seria o trabalho e a busca por uma identidade nacional.

Além dos brasileiros, entidades paraguaias também deram apoio ao movimento, que teve suas atividades encerradas ao meio-dia.

Evento preparou surpresas como o sobrevôo de um parapente

Paraguaios também participaram do manifesto

Dom Manuel: "Aldeia global"

Braga: "Participação ativa"

LANÇAMENTO

NOVA NXR 125 BROS

TODOS OS TERRENOS EM UMA SÓ HONDA.

O CONFORTO QUE AS SUAS COSTAS PEDIRAM.

VENHA CONHECER.

Motec HONDA

Av. Jorge Schimmpfeng, 362
NOVO fone (45) 521 9900

ANEXO 11 – "MANIFESTO PELA PAZ REÚNE 500 PESSOAS EM FOZ" – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

CADERNO 7

A GAZETA
C I D A D E

QUARTA-FEIRA, 09 DE ABRIL DE 2003 # 99

SOLIDARIEDADE

Mil pessoas reúnem-se em abraço pela paz

Mesquita Islâmica no Pólo Centro foi local escolhido para protestos e abraço simbólico num pedido pela paz mundial

Daniela Valiente
Fotos: Robson Meireles

O encontro que teve início às 9h de ontem, reuniu mil crianças, estudantes, autoridades políticas e religiosas, num dos maiores eventos pela paz, no pólo da mesquita islâmica em Foz do Iguaçu. O abraço simbólico à mesquita foi organizado por quatro diferentes líderes religiosos que encontraram na crença um motivo para reunir a comunidade.

O evento, apesar dos apelos pela paz feitos por crianças de mais de cinco escolas da cidade, também contou com desabafo de um grupo de mulheres muçulmanas. Elas clamavam por justiça e lembravam de parentes que sofriam com a guerra da capital do Iraque, Bagdá.

Para as autoridades religiosas o evento serviu para mostrar ao resto do Brasil e do mundo que a cidade onde está localizada a segunda maior colônia árabe do país está em paz e convive, de maneira pacífica, com toda a comunidade. "Estamos aqui para tentar demonstrar o quanto essa cidade nos acolheu bem, e mostrar também que não somos diferentes do resto do mundo", disse o presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico, Ali Said Ahal. Para ele, manifestações como a promovida na mesquita podem ser pequenas mas deixam claro o posicionamento de um país inteiro.

Ali Ahal acredita que o lado positivo da guerra foi ter unido distintas crenças num único objetivo: "Todos estamos aguardando pela paz, não existe guerra limpa, não se separam as cores".

Para o presidente do Conselho de Pastores Evangélicos, Sebastião da Silva, as relações entre os religiosos nas mais diferentes crenças começaram a ser intensificadas a partir da guerra. "Queremos

deixar bem claro que somos solidários aos iraquianos mas contra a guerra", disse.

Para o representante da igreja católica, padre Clodoaldo Frasse, a importância da comunidade com a busca e utilização do senso crítico se faz essencial perante as notícias da guerra. "Dentro do contexto, Foz tem muita expressão, não podemos ficar alheios, todos devemos manifestar e ter senso crítico, não podemos analisar sem saber, essa guerra não tem fundamento". O padre ainda confirmou que a necessidade de discutir a guerra e apontar os verdadeiros vilões já surge de maneira corriqueira dentro da igreja.

A maioria dos presentes era formada por estudantes vindos de escolas do centro da cidade e representantes árabes. Entre cantos ensaiados de "queremos paz" e muitos cartazes, eles pediam não somente pelo fim da guerra, mas por participação mais efetiva dos jovens. "Se o estudante não participa agora, imagina quando for adulto. É nossa obrigação pedir pela paz. Os muçulmanos não são gente diferente, eles pertencem à raça humana", confirmou a estudante secundarista, Tatiane Baez.

O principal pedido das autoridades era voltado para as crianças iraquianas que sofrem com a violência. Além da participação de alunos com orações e cantos, foi pedido um minuto de silêncio em homenagem aos iraquianos mortos durante os mais de 20 dias de guerra no Oriente Médio.

O tom de revolta e desejo pelo fim da guerra também foi destacado no discurso do sheik, Taleb Jomaa. Durante as orações rezadas em árabe, muita emoção e pedidos não somente pelo fim da guerra, mas também por punição dos causadores. "Meu desejo é que as forças agressoras se retirem do país para o fim da guerra para

que possa reinar a paz. Chega de humilhação e pobreza", afirmou Jomaa.

Representantes da colônia questionavam a validade da guerra e a destruição causada no Iraque. "Tudo está sendo destruído, mas a minha mágoa é com a afirmativa de que iriam reconstruir o Iraque. Por que então destruir? Existem tantas partes do mundo que precisam ser reconstruídas, por que somente lá? Isso está errado", sentenciou o presidente do centro.

Em meio a lágrimas e muita emoção, a iraquiana Wawal Alstis protestava com gritos em árabe pedindo por justiça. Residente no Brasil há 20 anos, ela afirmou que teme pela vida de sete familiares residentes em Bagdá.

A indignação dos brasileiros também era grande. Para a secretária do Centro de Direitos Humanos, Rosa dos Santos, a guerra é um erro. "Infelizmente aqui em Foz sentimos isso na pele, devido à nossa colônia árabe, sempre vivemos em paz, e de repente você vê a insegurança". O abraço simbólico na mesquita foi dado às 10h e durou pouco mais de 15 minutos.

Importância

que possa reinar a paz. Chega de humilhação e pobreza", afirmou Jomaa.

Representantes da colônia questionavam a validade da guerra e a destruição causada no Iraque. "Tudo está sendo destruído, mas a minha mágoa é com a afirmativa de que iriam reconstruir o Iraque. Por que então destruir? Existem tantas partes do mundo que precisam ser reconstruídas, por que somente lá? Isso está errado", sentenciou o presidente do centro.

Em meio a lágrimas e muita emoção, a iraquiana Wawal Alstis protestava

CONFLITO

EUA bombardeiam prédio onde estaria Saddam

Um bombardeiro americano atacou um complexo residencial em Bagdá anteontem após agentes de inteligência americanos terem recebido informações de que Saddam Hussein, seus filhos e outros líderes iraquianos estariam no local, afirmaram militares dos EUA citados pela agência de notícias Associated Press (AP) e pelas TVs americanas CNN e NBC.

Até o fechamento desta edição ontem, não foram fornecidas informações sobre mortos no ataque, mas as autoridades dos EUA disseram que o alvo foi destruído.

Uma fonte no Departamento da Defesa dos EUA afirmou que um único bombardeiro B-1B realizou o ataque, jogando "menos de cinco bombas de 907 quilos" no alvo. Segundo o major Brad Bartelt, porta-voz do Comando Central no Qatar, o ataque ocorreu às 16h de segunda-feira (9h em Brasília) no bairro residencial de Al Mansur, em Bagdá. "Estamos confirmando que um alvo de liderança foi, de fato, atingido muito fortemente", disse Bartelt. Ele não falou sobre os resultados do ataque.

Três casas geminadas no bairro de Al Mansur foram destruídas em um ataque na tarde de anteontem, por um míssil da coalizão anglo-americana.

Segundo autoridades americanas citadas pela AP, agentes de inteligência americanos receberam a informação ontem de manhã de que uma reunião de cúpula entre funcionários do serviço secreto iraquiano e, possivelmente, Saddam e seus dois filhos, Qusay e Uday, estava ocorrendo.

As informações foram passadas então ao Comando Central dos EUA, que enviou ao local um avião militar, com ordens para jogar no alvo bombas capazes de penetrar em bunkers. (Agência Folha)



Crianças tiveram importante participação no evento pela paz mundo", disse o presidente do Centro Cultural Beneficente Islâmico, Ali Said Ahal. Para ele, manifestações como a promovida na mesquita podem ser pequenas mas deixam claro o posicionamento de um país inteiro.



Árabes contaram com solidariedade de brasileiros



Ali e o sheik Jomaa: pedidos pela paz

TROQUE SUA TITAN USADA POR UMA NOVA

PAGUE TUDO EM APENAS UM ANO

Motoc HONDA

Ex: * ENTRADA: TITAN 2000 + 12x R\$ 154,45

Ex: * ENTRADA: TITAN 2001 + 12x R\$ 133,55

* SUPER-AVALIAÇÃO DE SUA TITAN USADA

Promoção válida até 31/03/2003. Preço R\$ 4.779,00 à vista, de R\$ 4.779,00. Taxa de 3,50% a.m. e 51,45% a.a. * Entrada à partir de 20%. Ex. Entrada mínima R\$ 1.000,00. Em parcelas de R\$ 100,00. Validade 12/03/2003.

ANEXO 12 – “MIL PESSOAS REÚNEM-SE EM ABRAÇO PELA PAZ” – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

CADERNO 3

A GAZETA
DISCUSSÃO

QUARTA-FEIRA, 09 ABRIL DE 2003 #15

Um diálogo sobre a paz

Discussões levam os alunos a concluir que "nada melhor que o diálogo e a tolerância para solução dos conflitos"



Os alunos da Escola Municipal Santa Rita de Cássia (Vila Pérola) estão desenvolvendo, nas aulas de Filosofia, um amplo trabalho sobre a guerra e suas consequências para a humanidade. A proposta, segundo a professora de iniciação à Filosofia, Luciane Carvalho, é analisar a situação, refletir sobre a importância da paz e principalmente diminuir a ansiedade que a guerra está causando nas crianças.

Na escola, os alunos, entre eles os de ascendência árabe, estão preocupados com as pessoas e crianças que podem ser vítimas inocentes da guerra. Nas discussões já chegaram a uma conclusão: "Nada melhor que o diálogo e a tolerância para solução dos conflitos". Para as aulas, a professora preparou um cartaz com fotos da guerra retiradas da internet e de jornais. Ela também utiliza o globo terrestre para localizar a região do conflito e a partir daí discute com os alunos sobre os elementos de paz a exemplo do diálogo, tolerância, respeito "e o quanto o mundo seria melhor com esses ingredientes", destaca a professora.

Os trabalhos, que continuam nas salas de aula, devem culminar com a participação dos pais na Semana da Família na Escola. O trabalho incluiu rodas de discussão, redações e poemas que renderam resultados surpreendentes. Luciane apresentou o trabalho no treinamento de Filosofia, realizado na última sexta, 4.

Contraponto

A professora afirmou ter ficado surpresa com o contraponto do poema "No ano 3000", de Roseana Murray, feito por um aluno da 4ª série. Leia o que Roseana escreveu e o que imaginou o aluno a partir da realidade atual.

Autora: Roseana Murray, escritora

"No ano 3000"
Os homens já vão ter se cansado de máquinas e as casas serão novamente românticas. O tempo vai ser usado sem pressa, gerânios enfeitarão as janelas, amigos escreverão longas cartas, cientistas inventarão novamente a charrete, pianos de cauda encherão as tardes de música. E a terra flutuará no céu, muito mais leve, muito mais leve...

Autor: Eros Rodrigues, 4ª série

No ano 3000 os homens vão andar amedrontados, pois sair de casa será arriscar a própria vida. As casas serão como prisões com grades, alarmes e cercas elétricas, o tempo será usado com muita pressa, pois o mundo vai girar como um foguete. E as pessoas enfeitarão as janelas de segurança máxima. Alguns perderão amigos para sempre, cientistas inventarão casas no espaço, pois na terra não terá como viver. A música da tarde será o choro das crianças morrendo. E a terra flutuará bem pesada, muito mais triste, muito mais triste...



DR. SABBI
CRIMP 7093
ONCOLOGIA CIRÚRGICA, MASTOLOGIA,
GINECOLOGIA ONCOLÓGICA
Rua Rui Barbosa, 778 - Conjunto: 11 - Tel. 372-0044
Foz do Iguaçu - PR (De frente a W. Paraguçu)

Sente-se, fique à vontade

Promoção de Cadeiras

Mais de 50 modelos de cadeiras

Promoção em todo mês de Abril, ou enquanto durar o estoque.

Rui Barbosa 884

Pr. Parand
Personalizando Ambientes
(45) 523-3131

ANEXO 13 – "UM DIÁLOGO SOBRE PAZ" – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

06 • QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2003

A GAZETA
CIDADE

Caixa Preta
Carlinhos Carvalho
carlinhos@compubras.com.br

idade turística, sim! Abri o e-mail abaixo do leitor Marcos Affonli e liço na íntegra, pois achei pertinente ao momento que vivemos, defendendo os atrativos da cidade. O amigo leitor o clima comunitário das pessoas está envolvido com o Prodeoz (Projeto de desenvolvimento de Foz do Iguaçu), que merece a sua importância, do governador do Estado, em recente visita à cidade.

inhos,
tana da Páscoa, recebi em minha casa amigos e s que vieram passar a feriado em Foz e, como lena ser diferente e considerando o orgulho que r minha cidade, levei-os ao Paraguai, à Itaipu, s, Mocico Safari, Parque das Aves, entre outros. Todos ficaram maravilhados. erar, fomos à Churrascaria Rafain e do todo aquele buffet ficamos maravilhados w apresentada, sem falar da variedade e do dos pratos servidos. s atrás, observei em sua coluna os seus ss sobre o show apresentado na Churrascaria omente com minha esposa a sua oportunidade e tirata-se de um grande espetáculo e que rendo nada a qualquer cidade turística. Isso a tortura de pratos colocados à disposição

Natal na final do mês de maio, e como omas assistir ao famoso inado Zas-tras. Trata-se de um grande e conta toda a história de Natal e de ses do Nordeste. No entanto, e como eu já tículo apresentado pelo Rafain em nada Muito pelo contrário. Em Natal, somente o va de mesa custaram R\$ 35,00 por ida, ao preço de R\$ 20,00 por pessoa, lente nem à metade do que é oferecido

guacense tem de valorizar a sua lho de morar numa cidade turística que vinda a qualquer outra. sua observação.

Vitorassi entrou em contato com a ar a não-inclusão do PPS em sua ria no texto original. o PPS é um partido importante neste ssão no texto foi involuntária.

ende chegar a 200 mil eleitores já leito. rá ser deflagrada em breve. passar Cascavel e acima de tudo aulação da importância da colha dos nomes que irão cidade.

leer dois acidentes na tarde/noite do vo ao aniversário da cidade na ns moradores apelam, através retor-presidente do Foztrans, Rui a realizado um estudo que permita um redutor de velocidade no local

aqui na Gazetinha.



VISITA

Hospitalidade da colônia árabe impressiona o ministro Hariri

Comunidade árabe quer representação do Líbano no Paraguai e investimentos em agronegócios e em ensino superior

Da Assessoria

O primeiro-ministro do Líbano, Rafik Hariri, impressionou-se ontem com a hospitalidade da comunidade árabe da fronteira trinacional entre o Brasil, Paraguai e Argentina.

O premiê libanês desembarcou pontualmente às 16h30 no Aeroporto Internacional e foi recebido pelo prefeito Sâmias da Silva (PMDB) e pelo cônsul-geral de São Paulo, José Sayah.

Em seguida, Hariri e seus quatro ministros Fuad Saniora (Fazenda), Ali Hussein Abdala (Turismo), Maruan Himadi (Economia) e Elie Skaf (Produção) foram recepcionados por estudantes e membros da comunidade libanesa no Centro de Convenções.

A saudação dos estudantes e de membros da comunidade, formada por mais de 15 mil pessoas, impressionou Hariri, que recebeu presentes, flores e homenagens. No salão, os participantes da manifestação ergueram cartazes com fotos do primeiro-ministro.

“Vocês são um grande país que acolhe uma parte do futuro do mundo neste universo cujas partes estão ficando cada vez mais próximas. E nós continuaremos a trabalhar para ficar tão perto de vocês quanto a colônia libanesa é de seu país de origem”, disse Hariri a um estudante que declamou uma poesia em homenagem ao primeiro-ministro.



A comunidade árabe prestou homenagem ao ministro Hariri

Discriminação

Um dos motivos principais da visita de Rafik Hariri foi ratificar a informação de que na região trinacional Brasil-Argentina-Paraguai não existem células terroristas. Segundo o empresário Fouad Fakih, a visita do premiê libanês reafirma o que constataram os próprios representantes norte-americanos e desmentem as notícias infundadas e caluniosas da imprensa internacional.

“Após meses de discriminação e sofrimento com notícias infundadas, nosso povo recebeu uma boa notícia, onde o coordenador da missão contra o terrorismo do Departamento dos Estados Unidos, J. Cofer Black, confirmou o que nossas autoridades sempre afirma-

ram: ‘Não existe qualquer célula terrorista na triplíce fronteira’ e recomendará seu filho a passar a lua-de-mel neste lugar maravilhoso”, disse Fakih.

“Hoje, só no Brasil somos mais de nove milhões, nas Américas – da Patagônia ao Alasca – somos próximos de 20 milhões, ou seja, cinco Libanos. O Brasil tornou-se a nossa segunda pátria, e na região trinacional convivemos em paz numa relação harmoniosa que envolve 65 etnias”, destacou Fakih.

A comunidade árabe reivindicou ao primeiro-ministro a instalação de uma representação do Líbano no Paraguai. “Pode ser um consulado em Ciudad del Este ou uma embaixada em Assunção”, sinalizou um comerciante libanês radicado no Paraguai.

Outro pedido diz res-

peito aos agronegócios com a Região Oeste e que o ministro volte “os olhos às potencialidades do ensino superior na região”. O pedido se justifica. Rafik Hariri tem uma fundação que concede 30 mil bolsas de estudos aos descendentes de libaneses.

“Por essa razão nos orgulha revelar que a nossa cidade é palco de um crescimento surpreendente no ensino superior. Estamos caminhando rumo à consolidação de um pólo universitário, e o nosso povo está envolvido e inserido nesse processo”, destacou Fakih.

O primeiro-ministro libanês participou ainda de um jantar com convidados e representantes da comunidade árabe no Hotel Mabu. Ele e comitiva voltaram ontem mesmo, às 23h30, ao Líbano.



ANEXO 14 – “HOSPITALIDADE DA COLÔNIA ÁRABE IMPRESSIONA O MINISTRO HARIRI” – FOZ DO IGUAÇU – PR
FONTE: ARQUIVOS D'A GAZETA DO IGUAÇU

